RIMAS
DE LVIS DE CAMÕES

Accreſcentadas neſta ſegunda impreſſaõ.

Dirigidas a D. Gonçalo Coutinho.

Impreſſas com licença da ſancta Inquiſição.

EM LISBOA:
Por Pedro Crasbeeck, Anno de M. D. XCVIII.
A cuſta de Eſteuão Lopez mercador de libros.
Com Priuilegio.

T. NORTON

NEste liuro não ha couſa algũa contra a fé ou bõs coſtumes.

Fr. Antonio Tarrique.

VIſta a informação podeſe imprimir eſte liuro, intitulado Rimas de Luis de Camões, & os Sonetos juntos a elle, & depois de impreſſos tornem a eſte conſelho, pera ſe conferirem com o proprio, & ſe dar licença pera correrem. Em Lisboa 8. de Mayo de 1597.

Diogo de Souſa. Marcos Texeira.

Cam
1 H

EV EL RÊY Faço saber aos que este meu aluará virẽ, ey por bem, & me praz q̃ por tempo de dez annos, nenhũ imprimidor, nem liureiro algũ, nẽ outra pessoa de qualquer qualidade q̃ seja, não possa imprimir, nẽ vẽder em todos estes Reynos & Senhorios de Portugal, nem trazer de fora delles os ditos liuros, senão aquelles liureiros, & pessoas que pera isso tiuerem licença do dito Esteuão Lopez. E qualquer imprimidor, liureiro, ou pessoa que durando os ditos dez annos, imprimir, ou vender os ditos liuros de Varias Rimas, & o das Luziadas de Luis de Camões, nos ditos Reynos, & Senhorios, ou os trouxer de fora delles sem licẽça do dito Esteuão Lopez, perderá para ella todos os volumes que assi imprimir, vender, ou de fora trouxer: & alem disso encorrerá em pena de vinte cruzados, a metade pera minha Camara, & a outra a metade para quem o acusar. E mando a todas minhas justiças, officiaes, a que o conhecimento disto pertencer, que lhe cumprão, guardẽm, & façam inteiramente comprir, & guardar este aluara, como se nelle contem: o qual me praz que valha, & tenha força & vigor, posto que o effeito delle aja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do segundo liuro, titulo vinte, que o contrario dispoem. Belchior Pinto o fez em Lisboa a trinta do Dezembro, de mil & quinhentos & nouenta & cinco. Ioão da Costa o fez escreuer.

REY.

DVAS razões, Senhor, me moverão a tirar de novo a luz esta parte das obras do admirauel Luis de Camões Principe dos Poetas. A primeira serē ellas taes, q̄ merece o autor este nome. A segūda ter eu a v. m. por meu senhor, para me valer de seu emparo nos casos a que se arrisca quem sae a publico, & ambas me obrigam a offerecellas a v. m. nesta segunda impressaō como o fiz na primeira, porque tambem não quis defraudar ao poeta do fauor que em v.m. tinha recebido, estando desenganado que com nenhūa outra pessoa lhe podia melhorar seu partido, & pedirlhe que sofra arrimallas a seu nome. Porque se me render louuor de bom juyzo a escolha que fiz do tão alta poēsia para a imprimir, quero ficar de todo acreditado, na eleiçaō do padroeyro que tomo para a defender. Quam alta, & quam excellente obra seja esta, bē posso escusar de o encarecer, pois a ponho no theatro do mundo, na mais pura, & emendada impressam que pude auer. Nella estā retratado, antes viuo aquelle admirauel engenho, de quem affirmo q̄ se viuera, pudera fazer immortal o nome Portugues, & ainda das feridas de nossas calamidades, em que tantos falsos escrittores tão pesadamēte nos magoarão, soubera tirar louuores, & tropheos. Não posso declarar como espanta a agudeza de seus cōceitos, como obriga a propriedade das palauras, como enleua o encarecimento das razões. Que alteza tem de sentēças, que metaphoras, que hiperboles, que figuras tā Poēticas? Admirauel he a grauidade dos Sonetos, a graça das Odes, &

Can-

Canções, a malenconia, tam mussa das Elegias, a brandura tam namorada das Eclogas. Que direi da policia & facilidade do verso? da elegancia dos termos? da riqueza da lingoa? Por hũa parte me parece q̃ tira a todo homẽ a esperança de ser Poeta; por outra, todava disculpa aos que vão mendigando lingoages estrangeiras para cõ por nellas, & tachão a nossa de esteril: defeito seria, mais q̃ culpa della. Apontei estas cousas, que v. m. não ignora, porque quero que entenda q̃ sei conhecer o preço do que dou. Por onde me hei por muy obrigado a minha ventura, por me apresentar occasião, em que desejando muito seruir a v. m., quasi igualei a vontade com a obra. Mas tambem confesso q̃ lhe não deuerei nunca poder mostrar cousa que iguale ao merecimẽto de v. m. Em cujos louuores não quero entrar, porq̃ vejo diante o mar Oceano muito mais largo, & estendido do que na verdade he. Baste que se fiz algum seruiço a v. m. com as poesias de Camões, muito mayor o fiz a elle em as entregar a v. m. do que se sabe que em dotes de animo, he mayor que todos seus iguaes, & nas do corpo igual a todos os mayores do mundo. Porque quanto á isto que menos importa a casa dos Coutinhos, he hũa das muy poucas, que começarão com o Reyno em Portugal, & com ella permanecerão. Mas que digo começarão? No mesmo tempo do primeiro Rey Afonso consta por escritturas antiguas, que auia Coutinhos, que erão conquistadores per si. Para o que era necessario ter cõ o sangue illustre pera obrigar o pouo, & riqueza para o pagar; que são os dous esteos que conseruão a nobreza. De como se continuou por estes quatrocentos annos por virtude propria, mais q̃ fauor alheo, não teste munho todos os lugares, em que Portugueses

fizerão feitos de valor, semeados de ossos de Coutinhos. E como a virtude per si mesmo sem outra valia se sustẽta, deu a este Reyno doze, & mais casas, que oje cõ esplẽdor illustre se continuã, liberaes de valerosos peitos para a guerra, & não a varas de profundos juyzios para a administração da paz. Entre estas deu, dous Cõdados, dos quaes, & do mais antigo, & verdadeiro desta familia (inda que oje extincto por se juntar com a casa Real, pelo casamento do Infante dom Fernando, yrmão de Rey dom Ioão o terceyro, com a senhora dona Guimar, vltima possuydora delle) he v.m. descendente per linha ligitima masculina. Quãto as partes do animo de que Deos dotou, o bom indicio nos deu v.m. dellas na sua empresa da oliueyra, que tanto tempo ha que vsa em suas armas. Porque esta he aquella q̃ engeitou o Reinado das outras aruores, que dignamente lhe offereciaõ. E esta he aquella que he Symbolo da paz, & brãdura cortesãa de que v.m. he dotado. Esta he a aruore de Pallas, que mestura cõ as armas todas as boas sciẽcias, & disciplinas, cõ tal cõcerto, q̃ reciprocamẽte se cõmunicaõ admirauel lustre, como as vemos em v.m. na letra, MIHI TAXVS. Estou contemplando o queixume geral dos grandes entendimentos, que sentenciosamente se descobre nellas, os quaes hũa vez por naõ serẽ conhecidos daquelles a quẽ elles faltão, & outra por serẽ dos mesmos enuejados, nunca alcançaõ o que merecẽ. De maneira, que o saber pella oliueira, significado, que lhes ouuera de ser occasiaõ de sobirem a grandes estados, lhes causa effeitos de contradição & odio, entendidos no veneno do rexo. Outras muitas aplicações se pode descubrir nesta empresa; assi ao sentido moral, como ao namorado, que todos me dão

certos

certos penhores do profundo juyzo de v. m. das quaes nã trate, pollas não danar cõ a pobreza de meu estillo, & por deixar q̃ especular aos bõs engenhos. E bẽ mostra v. m. nellas as partes excellentes de seu animo, de q̃ não direy mais, porq̃ sey que não bastão liuros inteiros, quanto mais prologo curto. Mas como não ey de exalçar atê o ceo a magnifica, & mui heroica obra q̃ v. m. fez em dar sepultura hõrada aos ossos deste admirauel varão, q̃ pobre & plebeiamente jazião no mosteiro de S. Anna. Pomou v. m. a sua cõta a obrigação cõmua, não deste Reino só, mas de toda Espanha: & assi recolheo pera si toda a gloria q̃ a toda esta prouincia viera, se para tão deuida obra se ajuntara. Bastante razão era esta para suas poesias serẽ dedicadas ao nome de v. m. & não conhecerẽ outro. Aceiteas v. m. defendaas, hõreas, q̃ se v. m. o fizer entre os estrangeiros, elle lhe pagara cõ honrar seu nome entre os estrãgeiros & naturaes. Porq̃ a verdadeira patria dos altos engenhos, não he o lugar q̃ conhecẽ por nascimento, he só o entendimento claro & perfeito, q̃ sabe estimar as cousas grandes, & leuantadas. E assi o emparo q̃ v. m. lhe der entre juizos pobres q̃ o perseguẽ, como estrangeiro, pagará cõ fazer enuejado o nome de v. m. entre os ricos & excellentes que o estimão como natural. E bẽ he razão, q̃ pois elle por meyo de v. m. começa oje a viuer noua vida per gloria de seus escritos, fique a memoria de v. m. pello seu liure das leis da morte, & do esquecimento, cõforme a antiga, & bẽ prouada profecia Poetica. Por maneira que se v. m. lhe for Achilles entre aquelles, seja elle para v. m. Homero entre hũs & outros. Nosso Senhor guarde a v. m. De Lisboa a 16. de Ianeiro de 1598.

Estellão Lopez.

IN LAVDEM LVDOVICI CAmonij Principis Poetarum.

Emanuelis Sousæ Coutigni Epigramma.

QVod Maro sublimi, quod suaui Pindarus, alto
Quod Sophocles, tristi Naso, quod ore canit.
Mœstitiam, casus, horrentia prælia, amores,
Iuncta simul, cantu sed grauiore damus.
Quis nam author? Camonius. Vnde hic? Protulit illum
Lysia in Eoas imperiosa plagas.
Vnus tanta dedit? Dedit, & maiora daturus,
Ni celeri fato corriperetur, erat.
Vltimus hic choreis Musarum præfuit, illo
Plenior Aonidum est, nobiliorq; chorus.
Flos veteris, virtusq. nouæ fuit ille Camœnæ,
Debita iure sibi sceptra poësis habet.
In Lusitanos Heliconis culmina tractus
Transtulit, antra, Lyras, serta, fluenta, Deas.
Cernere Castalios nostra de rupe liquores,
Iussit ab inuito prata virere solo.
Cernes per incultos Tempe meliora recessus,
Cernes fatas sterili cespite veris opes.
Omnibus Occidui tibi rident floribus horti:
Non ego iam Lysios credo, sed Elysios.

Orpheus

Orpheus attonitas dulci modulamine cautes,
Traxit & ab Stygio squallida monstra foro.
Thessalicos, Lodoice, sacro cum flumine montes,
Pieridûmq. trabit, cælituûmq. choros.
Sunt maiora tuæ Orphœis miracula vocis.
Attica, quid faceres, si tibi lingua foret?

ALIVD EIVSDEM.
Ad Dominum Gondisaluum Coutignum.

Nominibus gentis, donis, Coutigne, Mineruæ,
Nobilitatis honos, Pieridûmq. decus.
Victa situ in tenebris Camonij Musa iacebat,
Quo nihil in toto grandius orbe sonat.
Per te squallentem cultum deponit, & audet
Obsita Lysiacæ plectra ferire Lyræ.
Ac velut Orphæo reuocasti munere amicum,
Orphœus existet nominis ille tui.
Sic vos alterno viuetis munere, & Orphœus
Alter erit Musæ, nominis alter erit.

D. LEONARDO TVRRICA-no a Luis de Camões.

SONETO.

CEleſte ligno de i gran fatti egregi
Del popol Luſitano ardito e forte,
Che in alto canto, ad onta della morte
Et del tempo gli auuiui, & anco infregi;
Se in gli alti Eliſij, di ſtellati fregi,
L'heroico Vaſco orna le tempie accorte,
Per te dal baſſo Occaſo à l'alte porte
Del Oriente ha i più lodati pregi.
A lui la palma, à te il lauro ſi deue
Luigi degno Apollo, & degno Homero,
E degne ſol della tua penna iſteſſa:
Vini per lei fra mille lingue, & in breue
Riuolge queſto & quello altro Emiſpero
In vine carte la tua fama impreſſa.

Sonetto di Torquato Tasso, in lode de Luigi di Camois. Parte 6. fol. 47.

VAsco, le cui felici, ardite antenne
Incontro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colà ritorno,
Ne egli par, che di cadere accenno;
Non piu di te per afpro mar foftenne
Quel, che fece al Ciclope oltraggio, & fcorno:
Nè chi turbò l'Arpie nel fuo foggiorno,
Nè diè più bel fubietto à colte penne.
Et hor quella del colto, e buon Luigi
Tant'oltre ftende il glorioſo volo,
Che i tuoi fpalmati legni andarmen lunge.
Ond'à quelli, a cui s'alza il noſtro polo,
E achi ferma incontra i fuoi veſtigi,
Per lui del corſo tuo la fama aggiunge.

Soneto do Licenciado, Gaſpar Gomez Pontino.

AQui da gra Minerua ſe deſcobre
O theſouro qu'os homẽs mais ſublima,
Que quantos Phebo moſtra lâ de cima;
E a may d'Anthẽo no ſeo auaro encobre.
Aqui pode tirar outro do cobre
Quem de Pallas prouar a ſotil lima,
E no ſaber que Apollo mais eſtima
Por arte virá a ſer rico, de pobre.
Aquí da illuſtre Muſa, & heroyca vea
Do inclyto Poeta Luſitano
Que de louuor eterno a patria arrea,
Se pode ver bem claro hum deſengano,
Qu'em quanto o Sol abraça, & o mar rodea
Nunqua ſubio mais alto engenho humano

Diogo Bernardes, em louuor de Luis de Camões.

SONETO.

QVem louuará Camões qu'elle não seja?
Quẽ não vẽ q̃ cansa em vão engenho, & arte?
Elle se louua a si sò, em toda parte,
E toda parte, elle sò enche d'enueja.
Quem juntos n'hum sprito ver deseja
Quantos dões, entre mil Phebo reparte.
(Quer elle d'amor cante, quer de Marte,)
Por mais não desejar; elle sò veja.
Honrou a patria em tudo: imiga sorte
A fez com elle sò, ser encolhida,
Em premio d'estender della a memoria.
Mas se lhe foy fortuna escassa em vida
Não lhe podẽ tirar despois da morte
Hum riço emparo de sua fama & gloria.

De Francisco Lopez, a Luis de Camões.

SONETO.

EStá o pintor famoso atento & mudo,
Pintando, & recebendo mil louuores,
Pello que retratou de varias cores,
Com engenho sutil; viuo, & agudo.
Quem he este que fala, & pinta tudo,
O ceo, a terra, o mar, o campo, as flores,
Aues, & animais, Nymphas, pastores,
Co diuino pincel do grande estudo?
O Principe será do gran Parnasso,
Ou o Grego excellente, & soberano,
Ou Torçato tambem qu'em verso canta,
E se não he Virgilio, Homero, ou Tasso.
E hè como parece Lusitano,
He Luis de Camões, qu'o mundo espanta.

AO AVTOR,

De Diogo Tauora da Leitão.

SONETO.

SPirito, que ao Empyreo ceo voaſte,
Das Muſas cà na terra tão chorado,
Quanto milhor terâs ja la cantado,
Do muito que tão bem cânos cantaſte?
Partiſtete de nôs, sôs nos deixaſte,
A ſer la doutro lauro laureado,
Differente daquelle que te hão dado
Os que cà com teus verſos tanto honraſte.
Lâ Hymnos, Odes, cantos mais ſuaues
Pòdes cantar na Angélica Hierarchia;
Onde eſſa voz de ciſne mais ſe apura.
Nem te podem faltar materias graues,
Em que occupes melhor a fantaſia;
Qu'em fim o de cà paſſa, o de là dura.

Ao Autor por hum seu amigo.
Ao qual respondeo com o Soneto 62. que começa.

De tão diuino attento, & voz humana.

SONETO.

Q Vem he este que na harpa Lusitana
Abate as Musas Gregas & Latinas?
E faz que ao mundo esqueção as plautinas
Graças, com graça, & alegre, lira vsana?
Luis de Camões he, que a soberana
Potencia lhe influio partes diuinas,
Por quem espiraõ as flores & boninas,
Da Homerica Musa & Mantuana.
Se tu (triumphante Roma) este alcançaras
No teu theatro, & Scena luminosa,
Nunca do gran Terentio te admiraras,
Mas antes sem contraste, curiosa
Estatua d'ouro alli lhe leuantaras,
Contente de ventura tam ditosa.

DEPOIS de gastada a primeira impressão das Rimas deste excellente poeta, determinando dallo segunda vez à estampa, procurei que os erros, q̃ na outra por culpa dos originaes se cometerão, nesta se emmendassem de sorte, que ficasse merecendo conhecerse de todos por digno parto do grande engenho de seu autor. Verdade he, que o immenso trabalho que leuei nisto, se paga somente com o amor da patria que me moueo, & eu tiue por principal causa, para perdoar às difficuldades, que se me offerecião, porque vendo as estrangeiras nações, em obras tão fermosas algũas nodoas que as afeauão, que a condição do tẽpo lhe imprimira, & não a sufficiencia do poeta, julgarão com razaõ por indignos de o terem entre si, homẽs que não sabião com sua diligencia, restituirlhe o preço que elles com seu descuido lhe roubarão: porque certo em muitas fabulas que toca o Autor em diuersas partes, & textura dos versos, assi se introdusirão os erros de quẽ os tresladaua, que ja quasi na opinião do vulgo se tinhão por proprios de Luis de Camões. & se ainda assi não ficarem na realidade de sua primeira composição, baste que em quanto pude o cõmuniquei com pessoas que o entendião, conferindo varios originaes, & escolhendo delles o que vinha mais proprio ao que o Poeta queria dizer, sem lhe violar a graça, & termo particular seu, que nestas cousas importa muto. Nem foi sò este o beneficio

cio (se assi he licito dizello) que tecebeo de mim a memoria de Luis de Camões, porque muitas poesias que o tempo gastara, cauei a pesar do esquecimento em que ja esta tão sepultadas, acrescentando a esta segunda impressão quasi outros tantos Sonetos, cinco Odes, algũs Tercetos; & tres cartas em prosa, que bem mostrão não desmerecerem o titulo de seu dono. Na vontade com q̃ se aceite so quero que tirando os olhos de mim, se ponha no que dou, & acharão merecer o agradecimento, com que este meu trabalho espero ser recebido. Vale.

RIMAS
DE LVIS DE CAMÕES.

SONETO 1.

EM quanto quis fortuna que tiuesse
Esperança d'algum contentamento,
O gosto de hum suaue pensamento
Me fez que seus effeitos escreuesse:
Porem temendo amor que auiso desse
Minha escriptura a algum juyzo isento,
Escureceome o engenho co tormento,
Para que seus enganos não disesse.
Ô vós qu'Amor obriga a ser sogeitos
A diuersas vontades, quando lerdes
Num breue liuro casos tão diuersos,
Verdades puras saõ, & não deseitos:
E sabey que segund'o amor tiuerdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

A Soneto

SONETO 2.

EV cantarei d'amor tão docemente,
Por hũs termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.
Farei qu'amor a todos auiuente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, soſpiros magoados,
Temeroſa ouſadia, & pena auſente.
Tambem ſenhora do deſprezo honeſto
De voſſa viſta branda & riguroſa,
Contentarm'hei dizendo a menos parte.
porem pera cantar de voſſo geſto
A compoſiçam alta & milagroſa,
Aqui falta ſaber, engenho, & arte.

SONETO 3.

COm grandes eſperanças ja cantei
Com qu'os Deoſes no Olimpo conquiſtara,
Deſpois vim a chorar porque cantara,
E agora choro ja porque chorei.
Se cuido nas paſſadas que ja dei,
Cuſtame eſta lembrança ſo tão cara,
Qu'a dor de ver as magoas que paſſara,
Tenho pola mor magoa que paſſei.
Pois logo s'eſtá claro que hum tormento
Dá cauſa qu'outro n'alma s'acreſcente,
Ja nunqua poſſo ter contentamento.
Mas eſta fanteſia ſe me mente?
O ocioſo & cego penſamento!
Ainda eu imagino em ſer contente?

Soneto

SONETO 4.

DEspois que quis Amor qu'eu só passasse
Quanto mal ja por muitos repartio,
Entregeume á fortuna, porque vio
Que nã tinha mais mal qu'em mim mostrasse.
Ella, porque do Amor se auentejasse
No torniento que o Ceo me permitio,
O que para ninguem se consentio,
Para mim só mandou que s'inuentasse.
Eism'aqui vou com vario som gritando
Copioso exemplario para a gente
Que destes dous tyrannos he sogeita
Desuarios em versos concertando.
Triste quem seu descanso tanto estreita,
Que deste taõ pequeno está contente.

SONETO 5.

EM prisões baixas fuy hum tempo atado
Vergonhoso castigo de meus erros:
Ind'agora arrojando leuo os ferros
Qu'a morte a meu pesar tem já quebrado.
Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
Qu'Amor não quer cordeiros, nem bezerros:
Vi magoas, vi miserias, vi desterros
Pareceme qu'estaua assi ordenado.
Contenteime com pouco, conhecendo
Qu'era o contentamento vergonhoso,
So por ver que cousa era viuer ledo.
Mas minha estrella qu'eu j'agora entendo,
A morte cega, & o caso duuidoso,
Me fizerão de gostos auer medo.

SONETO 6.

Illustre,& dino ramo dos Meneses
Aos quaes o prudente, & largo ceo
(Qu'errar não sabe)em dote concedeo
Rompesse os Mauricos arneses:
Desprezando a fortuna,& seus reueses,
Ido paraonde o fado vos moueo,
Erguei flammas no mar alto Erithreo,
E sereis noua luz aos Portugueses.
Opprimi com tão firme & forte peito
O Pirata insolente,que s'espante,
E treina Trapobana,& Gadrosia.
Day nouacausa à cordo Arabo estreito
Assi qu'o roxo mar daqui em diante
O seja só co sangue de Turquia.

SONETO 7.

NO tempo que d'Amor viuer soya
Nem sempre andaua ao remo ferrolhado,
Antes agora liure, agora atado
Em varias flammas variamente ardia.
Qu'ardesse n'hum só fogo, não queria
O ceo,porque tiuesse experimentado;
Que nem mudar as causas ao cuidado,
Mudança na ventura me faria.
E se algum pouco tempo andaua isento,
Fuy como quem co peso descansou
Por tornar a cansar com mais alento.
Louuado seja Amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu tão cansado soffrimento.

SONETO 8.

AMor qu'o geſto humano n'alma eſcreue,
Viuas faiſcas me moſtrou hum dia,
Donde hum puro criſtal ſe derreria
Por entre viuas roſas,& alua neue.
A viſta qu'em ſi meſma não s'arreue,
Por ſe certificar do qu'ali via,
Foy conuertida em fonte,que fazia
A dor ao ſuffrimento doce,& leue.
Iura Amor, que brandura de vontade
Cauſa o primeiro effeito: o penſamento
Endoudece, ſe cuida qu'he verdade.
Olhay como Amor gêra num momento,
De lagrimas de honeſta piedade,
Lagrimas d'immortal contentamento.

SONETO 9.

TAnto de meu eſtado m'acho incerto,
Qu'em viuo ardor tremendo eſtou de frio,
Sem cauſa juntamente choro,& rio,
O mundo todo abarco,& nada aperto.
He tudo quanto ſinto, hum deſconcerto:
D'alma hum fogo me ſae,da viſta hum rio,
Agora eſpero, agora deſconfio,
Agora deſuario, agora acerto.
Eſtando em terra,chego ao ceo voando,
Num'hora acho mil annos,& he de geito
Qu'em mil annos não poſſo achar hum'hora,
Se me pregunta alguem porque aſsi ando,
Reſpondo que não ſey: porem ſoſpeito
Que ſò porque vos vi,minha ſenhora.

SONETO 10.

TRansformase o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar,
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.
Se nella estâ minh'alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente pode descansar,
Pois consigo tal alma estâ liada.
Mas esta linda & pura semidea
Que como o accidente em seu sogeito,
Assi coa alma minha se conforma;
Estâ no pensamento como idea
O viuo & puro amor de que sou feito,
Como a materia simplez busca a forma.

SONETO 11.

PAsso por meus trabalhos tão isento
De sentimento, grande nem pequeno,
Que só polla vontade com que peno
Me fica amor deuendo mais tormento.
Mas vayme amor matando tanto a tento,
Temperando a triaga co veneno;
Que do penar a ordem desordeno,
Porque não mo consente o soffrimento.
Porem se esta fineza o amor sente,
E pagarme meu mal com mal pretende,
Tornarme com prazer como ao sol neue.
Mas se me vè cos males tão contente,
Faz se auaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deue.

Soneto

SONETO 12.

EM flor vos arrancou de então crescida
(Ah senhor dom Antonio) a dura sorte,
Donde fazendo andaua o braço forte
A fama dos antigos esquecida;
Hũa só razão tenho conhecida,
Com que ramanha magoa se conforte,
Que pois no mundo auia honrada morte,
Que não podieis ter mais larga a vida.
Se meus humildes versos podem tanto,
Que co desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis.
E celebrado em triste,& longo canto
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes viuireis.

SONETO 13.

NVm jardim adornado de verdura,
A que esmaltão por cima varias flores,
Entrou hum dia a Deosa dos amores,
Com a Deosa da caça, & da espessura:
Diana romou logo hũa rosa pura,
Venus hum roxo lirio dos melhores,
Mas excediáo muito às outras flores
As violas, na graça,& fermosura.
Preguntão a Cupido qu'alli estaua
Qual daquellas tres flores tomaria,
Por mais suaue,pura, & mais fermosa?
Sorrindose o menino lhe tornaua,
Todas fermosas saõ, mas eu queria,
Viol'antes que lirio, nem que rosa.

SONETO 14.

TOdo o animal da calma repousaua,
Só Liso o ardor della não sentia,
Qu'o repouso do fogo em que ardia
Consistia na Nympha que buscaua.
Os montes parecia que abalaua
O triste som das magoas que dezia,
Mas nada o duro peito commouia,
Que na vontade d'outrem posto estaua.
Cansado ja de andar pola espessura,
No tronco d'hũa faya por lembrança
Escreue estas palauras de tristeza;
Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Somente em ser mudauel tem firmeza.

SONETO 15.

BVsque amor nouas artes, nouo engenho
Para mattarme, & nouas esquiuanças,
Que não pode tirarmo as esperanças,
Que mal me tirará o qu'eu não tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho,
Vede que perigosas seguranças,
Que não temo contrastes, nem mudanças
Andando em brauo mar perdído o lenho.
Mas com quanto não pode auer desgosto
Onde esperança falta, la m'esconde
Amor hum mal, que matta, & não se vê:
Que dias ha que n'alma me tem posto
Hum não sey que, que nasce não sey onde,
Vem não sei como, & doe não sey porque.

Soneto

SONETO 16.

QVem vè senhora claro & manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Se não perder a vista sô em vellos,
Ia não paga o que deue a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto,
Mas eu por de ventagem merecellos
Dei mais a vida & alma por querellos
Donde ja me não fica mais de resto.
Assi qu'a vida, & alma, & esperança
E tudo quanto tenho, tudo he vosso,
E o proueito disso eu sô o leuo:
Porqu'he tamanha bemauenturança
O daruos quanto tenho, & quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos deuo.

SONETO 17

QVando da bella vista, & doce riso,
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão enleuado sinto o pensamento
Què me faz ver na terra o parayso.
Tanto do bem humano estou diuiso,
Que qualquer outro bem, julgo por vento
Assi qu'em caso tal, segundo sento
Assaz de pouco faz quem perde o siso.
Em vos louuar senhora não me fundo,
Porque quem vossas cousas claro sente
Sentirà, que não pode conhecellas
Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não he d'estranhar dama excellente
Que quem vos fez, fizesse ceo & estrellas.

Soneto

SONETO 18.

DOcès lembranças da passada gloria,
Que me tirou fortuna roubadora,
Deixai me repousar em paz hum'ora,
Que comigo ganhais pouca victoria.
Impressa tenho n'alma larga historia
Deste passado bem que nunca fora,
Ou fora, & não passara, mas ja agora
Em mim não póde auer mais qu'a memoria.
Viuo em lembranças, mouro d'esquecido
De quem sempre deuera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente:
ô quem tornar podera a ser nascido,
Soubera me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

SONETO 19.

ALma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no ceo eternamente,
E viua eu cá na terra sempre triste;
Se la no assento Ethereo, onde subiste
Memoria desta vida se consente,
Não t'esqueças daquelle amor ardente
Que ja nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merecerte
Alguã cousa a dor que me ficou
Da magoa sem remedio de perderte,
Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leue a verte,
Quam cedo de meus olhos te leuou.

Soneto

SONETO 20.

NVm bosque que das Nymphas se habitaua
Sybila Nympha sinda andaua hum dia,
E Subida nũa aruore sombria,
As amarellas flores apanhaua:
Cupido que alli sempre costumaua
A vir passar a festa â sombra fria.
N'hum ramo o arco & setras que trazia,
Antes que adormecesse pendураua.
A Nympha como idoneo tempo vira
Para tamanha impresa, não dilata,
Mas com as armas foge ao moço esquiuo.
As settas traz nos olhos, com que tira:
ô pastores fugi, que à todos matta,
Senão a mim, que de matar me viuo.

SONETO 21.

OS Reinos, & os imperios poderosos
Que em grãdeza no mundo mais crescerão
Ou por valor de esforço florecerão,
Ou por varões nas letras espantosos.
Teue Grecia Themistocles, famosos
Os Scipiões a Roma engrandecerão,
Doze Parés a França gloria derão,
Cides a Espanha, & Laras bellicosos.
Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tão differente de seu ser primeiro)
Os vossos derão honra & liberdade.
E em vos grão successor, & nouo herdeiro
Do Braganção estado, ha mil estremos
Iguaes ao sangue, & mores que a idade.

Sone

SONETO 30.

DE vos m'aparto(ô vida)em tal mudança,
Sinto viuo da morte o sentimento,
Não sei pera qu'he ter contentamento,
: Se mais ha de perder quem mais alcança?
Mas douuos esta firme segurança,
Que posto que me matte meu tormento
Pollas agoas do eterno esquecimento
Segura passará minha lembrança
Antes sem vos meus olhos se entristeção,
Que com qualquer cous'outra se contentem,
Antes os esqueçaes,que vos esqueção.
Antes nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereção
A gloria que em soffrer tal pena sentem.

SONETO 23.

CHara minha enemiga,em cuja mão
Pos meus contentamentos a ventura,
Faltoute ati na terra sepultura,
Porque me falte a mim consolação.
Eternamente as agoas lograrão
A tua peregrina fermosura,
Mas em quanto me a mim a vida dura,
Sempre viua em minh'alma t'acharão;
E se meus rudos versos podem tanto,
Que possão prometerte longa historia
Daquelle amor tão puro & verdadeito;
Celebrada seras sempre em meu canto,
Porque em quanto no mundo ouuer memoria,
: Serâ minha escrittura teu letreiro.

Sono

SONETO 24.

AQuella triste & leda madrugada,
Chea toda de magoa,& de piedade,
Em quanto ouuer no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.
Ella sô, quando amena & marchetada
Saia,dando ao mundo claridade,
Vio apartarse d'hũa outra vontade,
Que nunca poderâ verse apartada.
Ella sô vio as lagrimas em fio,
Que d'hus & d'outros olhos diriuadas
S'accrescentarão em grande &largo rio.
Ella vio as palauras magoadas,
Que poderão tornar o fogo frio,
E dar descanso ãs almas condenadas.

SONETO 25.

SE quando vos perdi minha esperança
A memoria perderá juntamente,
Do doce bem passado,& mal presente,
Pouco sentirá a dor de tal mudança.
Mas amor em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi leido & contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.
De cousas de que não auia final,
Por as ter postas ja em esquecimento,
Destas me vejo agora perseguido,
Ah dura estrella minha! ah grão tormento!
Que mal pode ser mor,que no meu mal
Ter lembrança do bem que he ja perdido?

Soneto

SONETO 26.

EM fermosa Lethea se confia,
Por onde á vaydade tanta alcança,
Que tornada em soberba a confiança
Com os Deoses celestes competia.
Porque não fosse auante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança)
Em effeito puserão á vingança,
Que tamanha doudice merecia.
Mas Oleno perdido por Lethea,
Não lhe soffrendo amor que soppportasse
Castigo duro tanta fermosura,
Quis padecer em si a pena alhea,
Mas porque a morte amor não apartasse,
Ambos tornados são em pedra dura.

SONETO 27.

MAles que contra mim vos conjurastes,
Quanto ha de durar tão duro intento?
Se dura porque dura meu tormento,
Basteuos quanto ja me atormentastes.
Mas se assi perfines, porque cuidastes
Derrubar meu tão alto pensamento?
Mais pode a causa delle em qu'o sostento
Que vos que della mesma o ser tomastes.
E pois vossa tenção com minha morte
Ha de acabar o mal destes amores,
Dai ja fim a tormento tão comprido.
Porque d'ambos contente seja a sorte,
Vos porque me acabastes, vencedores,
E eu porque acabei, de vos vencido.

Soneto

SONETO 28.

Estase a Primaucra trasladando
Em vossa vista deleitosa,& honesta,
Nas lindas faces,olhos, boca,& testa,
Boninas, lyrios, rosas debuxando.
De sorte vosso gesto matizando
Natura quanto pode manifesta,
Qu'o monte,o campo,o rio,& a floresta,
Se estão de vos senhora namorando.
Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fruito destas flores,
Perderão toda a graça vossos olhos.
Porque pouco aproueita linda dama,
Que semeasse amor em vos amores,
Se vossa condição produze abrolhos.

SONETO 29.

Sete annos de pastor Iacob seruia
Labão,pay de Rachel,serrana bella:
Mas não seruia ao pai, seruia a ella,
Qu'ella só por premio pretendia.
Os dias na esperança de hum só dia
Passaua,contentandose com vella:
Porem o pay vsando de cautella,
Em lugar de Rachel, lhe daua Lya.
Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi negada a sua pastora,
Como se a não tiuera merecida:
Começa de seruir outros sete annos,
Dizendo: Mais seruira,se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida.

SONETO 30.

EStá o lasciuo & doce passarinho
Com o bisquinho as penas ordenando,
O verso tem medida alegre, & brando,
Espedindo no rustico ramilho.
O cruel caçador (que do caminho
Se vem calado & manso, desuiando)
Na pronta vista a seta endereitando,
Em morte lhe conuerte o charo ninho.
Dest'arte o coração, que liure andaua,
(Posto que ja de longe destinado)
Onde menos temia foi ferido.
Porque o frecheiro cego m'esperaua,
Pera que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

SONETO 31.

PEdc o desejo (dama) que vos veja,
Não entende o que pede, está enganado,
He este amor tão fino, & tão delgado,
Que quem o tem não sabe o que deseja.
Não ha cousa a qual natural seja,
Que não queira perpetuo seu estado,
Não quer logo o desejo, o desejado,
Porque não falte nunca onde sobeja.
Mas este puro affeito em mim se danna,
Que como a graue pedra tem por arte
O centro desejar da natureza.
Assi o pensamento (polla parte
Que vay tomar de mim terreste humana)
Foy senhora pedir esta baixeza,

Soneto

SONETO 32.

POrque quereis senhora que offereça
A vida a tanto mal como padeço?
Se vos nasce do pouco que mereço,
Bem por nascer está quem vos mereça.
Sabey que em fim por muito que vos peça,
Que posso merecer quanto vos peço,
Que não consent'amor qu'em baixo preço
Tão alto pensamento se conheça.
Assi que a paga igual de minhas dores,
Com nada se restaura, mas deueis ma,
Por ser capaz de tantos disfauores.
E se o valor de vossos seruidores
Ouuer de ser igual conuosco mesma,
Vos só conuosco mesma andai d'amores.

SONETO 33.

SE tanta pena tenho merecida
Em pago de soffrer tantas durezas,
Prouay senhora em mim vossas cruezas,
Que aqui rendes hũa alma offerecida.
Nella experimentay se sois seruida,
Desprezos, disfauores, & asperezas,
Que mores soffrimentos, & firmezas
Sustentarei na guerra desta vida.
Mas contra vossos olhos quaes serão?
Forçado he que tudo se lhe renda,
Mas porei por escudo o coração.
Porque em tão dura & aspera contenda,
He bem que pois não acho defensão,
Com me meter nas lanças me defenda.

SONETO 34.

QVando o Sol encuberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta & duuidosa,
Ao longo d'hũa praya deleitosa,
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi os cabellos concertando,
Ali co a mão na face, tam fermosa,
Aqui falando alegre, ali cuidosa,
Agora estando queda, agora andando.
Aqui esteue sentada, ali me vio,
Erguendo aquelles olhos tam isentos,
Aqui mouida hum pouco, ali segura,
Aqui se entristeceo, ali se rio,
Em fim nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vam, que sempre dura.

SONETO 35.

HVm mouer d'olhos brando & piadoso,
Sem ver de que, hũ riso brando, & honesto,
Quasi forçado, hum doce, & humilde gesto,
De qualquer alegria duuidoso:
Hum despejo quieto, & vergonhoso,
Hum repouso grauissimo, & modesto,
Hũa pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo, & gracioso:
Hum encolhido ousar, hũa brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ar sereno,
Hum longo, & obediente soffrimento,
Esta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, & o magico veneno
Que pode transformar meu pensamento.

Soneto

SONETO 36.

TOmoume voſſa viſta ſoberana
Adonde tinha as armas mais â mão,
Por moſtrar que quem buſca defenſaõ
Contra eſſes bellos olhos, que s'engana.
Por ficar da victoria mais vfana,
Deixoume armar primeiro da razão:
Cuidei de me ſaluar, mas foi em vão,
Que contra o ceo não val defenſa humana.
Mas porem ſe vos tinha prometido
O voſſo alto deſtino eſta victoria,
Seruos tudo bem pouco, eſtâ ſabido.
Que poſto que eſtiueſſe apercebido,
Não leuais de vencerme grande gloria,
Mayor a leuo eu de ſer vencido.

SONETO 37.

NAõ paſſes caminhante: Quem me chama?
Hũa memoria noua, & nunca ouuida,
D'hum que trocou finita & humana vida,
Por diuina, infinita, & clara fama,
Quem he que tão gentil louuor derrama?
Quem derramar ſeu ſangue não duuida
Por ſeguir a bandeira eſclarecida
D'hum capitão de Chriſto, que mais ama,
Ditoſo fim, ditoſo ſacrificio,
Que a Deos ſe fez, & ao mundo juntamente,
Apregoando direi tão alta ſorte.
Mais poderâs contar a toda a gente,
Que ſempre deu ſua vida claro indicio
De vir a merecer tão ſanta morte.

SONETO 38.

FErmosos olhos,que na idade nossa
Mostrais do ceo certissimos sinais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhaime a mim,que sou feitura vossa,
Vereis que de viuer me desaposса
Aquelle riso com que a vida dais,
Vereis como de amor não quero mais,
Por mais que o tempo corra,& o dãno possa
E se dentro nest'alma ver quiserdes
Como n'hum claro espelho,alli vereis
Tambem a vossa angelica & serena:
Mas eu cuido que só por não mo verdes
Veuos em mim senhora não quereis:
Tanto gosto leuais de minha pena.

SONETO 39.

O Fogo que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil qu'eu n'alma vejo,
Se acendeo d'outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.
Como de dous ardores se encendia,
Da grande impaciencia fez despejo,
E remerendo com furor sobejo
Vos foi beijar na parte onde se via.
Ditosa aquella flamma que se atreue
Apagar seus ardores & tormentos,
Na vista de que o mundo tremer deue.
Namoraõse senhora os Elementos,
De vos,& queima o fogo aquella neue,
Que queima corações & pensamentos.

Soneto

SONETO 40.

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras & frescas agoas de cristal,
Qu'em vos os debuxais ao natural,
Descorrendo da altura dos rochedos:
Silvestres montes, asperos penedos,
Compostos em concerto desigual,
Sabei que sem licença de meu mal
Ia não podeis fazer meus olhos ledos.
E pois me já não vedes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem agoas que correndo alegres vem,
Semearei em vos lembranças tristes,
Regando vos com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

SONETO 41.

Quantas vezes do fuso s'esquecia
Daliana, banhando o lindo seo,
Tantas vezes d'hum aspero receo
Salteado Laurenio, a cor perdia.
Ella que a Syluio mais que a si queria,
Pera podello ver não tinha meo:
Ora como curára o mal alheo
Quem o seu mal rão mal curar sabia?
Elle que vio tão clara esta verdade,
Com sollúços dezia (qu'a espessura
Commouia de magoa, a piedade)
Como pode a desordem da Natura,
Fazer tão differentes na vontade
A quem fez tão conformes na ventura?

SONETO 42.

LIndo & ſutil trançado, que ficaſte
Em penhor do remedio que mereço,
Se ſó contigo vendote endoudeço,
Que fora cos cabellos qu'apertaſte?
Aquellas tranças d'ouro que ligaſte
Qu'os rayos do ſol tem em pouco preço,
Não ſei ſe para engano do que peço
Se para me atar, os deſataſte?
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por ſatisfação de minhas dores
Como quem não tem outra, ey de tomarte,
E ſe não for contente meu deſejo,
Dirlh'ei que neſta regra dos amores
Pello todo tambem ſe toma á parte.

SONETO 43.

OCiſne quando ſente ſer chegada
A hora que poem termo á ſua vida,
Muſica com voz alta & mui ſubida
Leuanta pola praya inhabitada.
Deſeja ter a vida prolongada,
Chorando do viuer a deſpedida,
Com grande ſaudade da partida,
Celebra o triſte fim deſta jornada.
Aſsi ſenhora minha quando via
O triſte fim que dauão meus amores,
Eſtando poſto já no eſtremo fio,
Com mais ſuaue canto & armonia
Diſcantei pellos voſſos diſfauores
La vueſtra falſa fé, y el amor mio.

SONETO 44.

PElos estremos raros que mostrou
Em saber Pallas, Venus em fermosa,
Diana em casta, Iuno em animosa,
Africa, Europa, & Asia, as adorou:
Aquelle saber grande que ajuntou
Espirito & corpo em liga generosa,
Esta mundana machina lustrosa,
De só quatro Elementos fabricou.
Mas mòr milagre fez a natureza
Em vos senhòras, pondo em cada hũa
O que por todas quatro repartio
A vos seu resplandor deu Sol & Lũa,
A vos com viua luz, graça, & pureza,
Ar, fogo, terra, & agoa, vos seruio.

SONETO 45.

TOmaua Deliana por vingança
Da culpa do pastor que tanto amaua,
Casar com Gil vaqueiro, & em si vingaua
O erro alheo, & perfida esquiuança.
A descrição segura a confiança,
As rosas que seu rosto debuxaua,
O descontentamento lhas secaua,
Que tudo muda hũa aspera mudança.
Genil planta disposta em secca terra,
Lindo fruito de dura mão colhido,
Lembranças d'outro amor, & se perjura,
Tornàrão verde prado em dura serra,
Interesse engànoso, amor fingido,
Fizerão delirosa a fermosura.

SONETO 46.

GRam tempo ha ja que soube da ventura,
A vida que me tinha destinada,
Que a longa experiencia da passada,
Me daua claro indicio da futura.
Amor fero, cruel, fortuna escura,
Bem tendes vossa força exprimentada,
Assolai, destrui, não fique nada,
Vingaiuos desta vida, qu'inda dura.
Soube amor da ventura que a não tinha,
E porque mais sentisse a falta della,
Do imagẽs impossiueis me mantinha.
Mas vos senhora, pois que minha estrella
Não foi melhor, viuei nesta alma minha,
Que não tem a fortuna poder nella.

SONETO 47

SE algũa hora em vos a piedade
De tam longo tormento se sentira,
Não consentira amor que me partira
De vossos olhos, minha saudade.
Aparteime de vos, mas a vontade,
Que pello natural n'alma vos tira,
Me faz crer que esta ausencia he de mentira,
Mas inda mal porem porque he verdade.
Irm'ey senhora, & neste apartamento,
Tomarão tristes lagrimas vingança.
Nos olhos de quem fostes mantimento.
E assi darei vida a meu tormento,
Qu'emfim cá me achará minha lembrança,
Sepultado no vosso esquecimento.

Soneto

SONETO 48.

O Como se me alonga d'anno em anno
A peregrinação cansada minha!
Como s'encurta, & como ao fim caminha,
Este meu breue & vão discurso humano;
Vayse gastando a idade, & cresce o danno,
Perdese me hum remedio, que inda tinha
Se por experiencia se adeuinha,
Qualquer grãde esperança; he grand'engano.
Corro apos este bem, que não se alcança,
No meo do caminho me fallece,
Mil vezes cayo, & perco a confiança.
Quando elle foge, eu tardo, & na tardança
Se os olhos ergo a ver se inda parece,
Da vista se me perde, & da esperança.

SONETO 49.

TEmpo he ja que minha confiança
Se deça de hũa falsa opinião,
Mas amor não se rege por razão,
Não posso perder logo a esperança:
A vida si, que hũa aspera mudança,
Não deixa viver tanto hum coração;
E eu na morte tenho a saluação?
Si: mas quem a deseja não a alcança.
Forçado he logo qu'eu espere & viua,
Ah dura ley d'amor, que não consente
Quieração'n'hũa alma qu'he cattiua!
Se hei de viuer em fim forçadamente
Pera que quero a gloria fugitiua,
D'hũa esperança vãa que m'atormente?

Soneto

SONETO 50.

AMor, co a esperança ja perdida
Teu soberano templo visitei,
Por final do naufragio que passei
Em lugar dos vestidos pus a vida.
Que quetes mais de mim, que destruida
Me tẽs a gloria toda que alcancei?
Não cuides de forçarme, que não sei
Tornar a entrar onde não ha saida.
Ves aqui alma, vida, & esperança,
Despojos doces de meu bem passado,
Em quanto quis aquella em quem eu móro:
Nella podes tomar de mim vingança,
E s'inda não estâs de mim vingado,
Contentate co as lagrimas que choro.

SONETO 51.

APollo, & as nóue Musas, discantando
Com a dourada lyra, me influião
Na suaue armonia que faziam,
Quando tomei a pena começando,
Ditoso seja o dia & hóra quando
Tão delicados olhos me feriáo,
Ditosos os sentidos que sentião
Estarse em seu desejo trasportando.
Assi cantaua, quando amor virou
A roda, a esperança que corria,
Tão ligeira, que quasi era inuisiuel.
Comuerteuse me em noite o claro dia.
E se algũa esperança me ficou,
Sera de mayor mal, se for possiuel.

Soneto

SONETO 52.

LEmbranças saudosas, se cuidais
De me acabar a vida neste estado,
Não viuo com meu mal tão enganado,
Que não espere delle muito mais!
De muito longe ja me costumais,
A viuer d'algum bem desesperado,
Ia tenho coa fortuna concertado!
De soffrer os trabalhos que me dais.
Atado ao remo tenho a paciencia,
Pera quantos desgostos der a vida;
Cuide em quanto quiser o pensamento.
Que pois não ahi outra resistencia,
Pera tão certa queda de subida,
Apararlh'ei debaixo o soffrimento.

SONETO 53.

APartauase Nise de Montano,
Em cuja alma partindose ficaua,
Que o pastor na memoria a debuxaua,
Por poder sustentarse deste engano.
Pellas prayas do Indico Occeano
Sobre o curuo cajado s'encostaua,
E os olhos pellas agoas alongaua
Que pouco se doião de seu danno.
Pois com tamanha magoa & saudade
(Dezia) quis deixarme a em qu'eu móro,
Por testemunhas tomo ceo & estrellas;
Mas se em vos ondas móra piedade,
Leuai tambem as lagrimas que chôro,
Pois assi me leuais a causa dellas.

Soneto

SONETO 54.

QVando vejo que meu destino ordena
Que por me experimentar de vos m'aparte,
Deixando de meu bem tão grande parte,
Qu'a mesma culpa fica grauo pena:
O duro disfauor, que me condena
Quando pella memoria se reparte,
Endurece os sentidos de tal arte
Qu'a dor d'ausencia fica mais pequena.
Pois como pode ser que na mudança
Daquillo que mais quero esté tão fora
De me não apartar tambem da vida?
Eu refrearei tão aspera esquiuança
Porque mais sentirei partir senhora
Sem sentir muito a pena da partida.

SONETO 55.

DEpois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos soſpiros vãos, vãmente dados.
Como não sois vos ja desenganados,
(Desejos) que de cousas esquecidas
Quereis remediar mortais feridas,
Qu'amor fez sem remedio, o tempo, os fados?
Se não tiuereis ja experiencia
Das sem razões d'amor a quem feriſtes,
Fraqueza fora em vos a resistencia.
Mas pois por vosso mal seus males viſtes,
Que tempo não curou, nem longa ausencia.
Que bem delle esperais, desejos triſtes?

Sono

SONETO 56.

NAyades, vos que os rios habitais
Que os saudosos campos vão regando,
De meus olhos vereis estar manando,
Outros que quasi aos vossos sam iguais:
Dryades, vos que as settas atirais,
Os fugitiuos ceruos derrubando,
Outros olhos vereis que triumphando
Derrubam corações, que valem mais.
Deixai as aljauas logo, & as agoas frias,
E vinde Nymphas minhas, se quereis
Saber como d'hũs olhos nascem magoas,
Vereis como se passaõ em vão os dias,
Mas não vireis em vão, que cá acharéis
Nos seus as settas, & nos meus as agoas.

SONETO 57.

MVdãose os tempos, mudãose as vontades,
Mudase o ser, mudase a confiança,
Todo o mundo he composto de mudança,
Tomando sempre nouas qualidades,
Continuamente vemos nouidades,
Differentes em tudo da esperança,
Do mal ficão as magoas na lembrança,
E do bem (se algum ouue) as saudades:
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que ja cuberto foi de neue fria,
E em mim conuerte em choro o doce canto.
E a fora este mudarse cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que não se muda ja como soia.

Sone

SONETO 58.

SE as penas com que amor tão mal mé tratta
Quíser que tanto tempo viua dellas,
Que veja escuro o lume das estrellas,
Em cuja vista ò meu se acende & matta:
E se o tempo que tudo desbarata,
Secca as frescas rosas sem colhellas,
Mostrandome a linda cor das tranças bellas
Mudada de ouro fino em bella prata:
Vereis senhora então tambem mudado
O pensamento, & aspereza vossa,
Quando não sirua ja sua mudança:
Suspirareis então pello passado,
Em tempo, quando executar se possa
Em vosso arrepender minha vingança.

SONETO 59.

QVem jaz no grão sepulchro, que descreue
Tão illustres sinais no forte escudo?
Ninguem, que nisso em fim se torna tudo,
Mas foi quem tudo pode, & tudo teue.
Foi Rey: fez tudo quanto a Rey se deue,
Pos na guerra & na paz deuido estudo,
Mas quão pesado foi ao Mouro rudo,
Tanto lhe seja agora a terra leue.
Alexandre será? Ninguem se engane
Que sustentar, mais que adquirir se estima.
Será Adriano grão senhor do mundo?
Mais obseruante foy da ley de cima.
He Numa? Numa não, mas he Ioanne,
De Portugal Terceiro, sem segundo.

Sono

SONETO 60.

QVem pôde viure ser gentil senhora,
Vendouos com juizo sossegado,
Se o minino que d'olhos he priuado,
Nas mininas dos vossos olhos mora?
Alli manda, alli reina; alli namora,
Alli viue das gentes venerado,
Qu'o viuo lume, & o rosto delicado,
Imagens saõ d'amor em tod'a hora.
Quem vè qu'em branca neue nascem rosas,
Que fios crespos d'ouro vão cercando,
Se por antre esta luz a vista passa:
Rayos d'ouro verâ, qu'as duuidosas
Almas estão no peito traspassando
Assi como hum crystal o sol traspassa.

SONETO 61.

COmo fizeste Porcia tal ferida?
Foy voluntaria, ou foy por innocencia?
Mas foy fazer amor experiencia
Se podia soffrer tirarme a vida.
E com teu proprio sangue te conuida
A não pores â vida resistencia?
Andome acostumando â paciencia,
Porque o temor a morte não impida.
Pois porque comes logo fogo ardente,
Se a ferro te costumas? Porque ordena
Amor, que morra, & pene juntamente.
E tés a dor do ferro por pequena?
Si: que a dor costumada não se sente,
E eu não quero a morte sem a pena.

Sone

SONETO 62.

DE tão diuino accento & voz humana,
De tão doces palauras peregrinas,
Bem sei que minhas obras não saõ dinas,
Que o rudo engenho meu me desengana.
Mas de vossos escrittos corre & mana,
Licor que vence as agoas Cabalinas,
E conuosco do Tejo as flores finas
Farão enueja â copia Mantuana:
E pois a vos de si não sendo auaras
As filhas de Mnemosine fermosa,
Partes dadas vos teuao mundo caras,
A minha Musa & a vossa tão famosa,
Ambas posso chamar ao mundo raras,
A vossa d'alta, a minha d'enuejosa.

SONETO 63.

DEbaixo desta pedra está metido
Das sanguinosas armas descansado,
O capitão illustre, afsinalado,
Dom Fernando de Castro esclarecido:
Por todo o Oriente tão temido,
E da enueja da fama tão cantado:
Este pois sô agora sepultado
Está aqui ja em terra conuertido.
Alegrate ò guerreira Lusitania
Por este Viriato que criaste,
E chorao perdido eternamente.
Exemplo toma nisto de Dardania,
Que se a Roma co elle anichilaste,
Nem por isso Carthago está contente.

Soné

SONETO 64.

QVe vençais no Oriente tantos Reys,
Que de nouo nos deis da India o estado,
Que escureçais a fama que ganhado
Tinhão os que ganharão tantos reis:
Que do tempo tenhais vencido as leys,
Que tudo em fim vençais co tempo armado,
Mais he vencer na patria desarmado,
Os monstros, & as chimeras que venceis.
E assi sobre vencerdes tanto imigo,
E por armas fazer que sem segundo
Vosso nome no mundo ouuido seja,
O que nos dá mais nome inda no mundo,
He vencerdes senhor no Reyno amigo,
Tantas ingratidões, tão grande inueja.

SONETO 65.

VOssos olhos senhora que competem
Co sol em formosura & claridade,
Enchem os meus de tal suauidade,
Que em lagrimas de vellos se derretem.
Meus sentidos vencidos se sometem
Assi cegos a tanta magestade,
E da triste prisão, da escuridade,
Cheos de medo por fugir remetem.
Mas se nisto me vedes por acerto,
O aspero desprezo com que olhais
Torna a espertar a alma onfraquescida,
ô gentil cura, & estranho desconcerto,
Que fará o fauor que vos não dais,
Quando o vosso desprezo torna a vida?

SONETO 66.

FErmosura do ceo a nós descida;
Que nenhum coração deixas isento;
Satisfazendo a todo o pensamento,
Sem seres de nenhum bem entendida:
Que lingoa auerà tão atreuida,
Que tenha de louuarte atreuimento,
Pois a parte melhor do entendimento,
No menos que em ti ha se vè perdida?
Se teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo que abre na terra hum paraiso,
O engano me falta, o espirito mingoa;
Mas o que mais me tolhe inda louuarte.
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando te não vejo perco o siso.

SONETO 67.

POis meus olhos não cansaõ de chorar
Tristezas que não cansaõ de cansarme,
Pois não abranda o fogo em que abrasarme,
Pode quem eu jamais pude abrandar,
Não canse o cego amor de me guiar
A parte donde não saiba tornarme,
Nem deixe o mundo todo de escutarme,
Em quanto me a voz fraca não deixar.
E se nos montes, rios, ou em valles,
Piedade mora, ou dentro mora amor
Em feras, aues, prantas, pedras, agoas,
Oução a longa historia de meus males
E curem sua dor com minha dor,
Que grandes magoas podem curar magoas.

SONETO 68.

DAyme hũa lei senhora de quereruos
Que a guarde, sopena de enojaruos;
Que a fé que m'obriga à tanto âmaruos,
Fara que fique em ley de obedeceruos.
Tudo me defendei, senão só veruos;
E dentro na minha alma contemplaruos,
Que se assi não chegar a contentaruos;
Ao menos que não chegue âborreceruos.
E se essa condição cruel & esquiua
Que me deis ley de vida não consente,
Daime senhora ja, seja de morte.
Se nem essa me daes, he bem que viua
Sem saber como viuo tristemente;
Mas contente porem de minha sorte.

SONETO 69.

FErido sem ter cura perecia
O forte, & duro Telepho temido,
Por aquelle que n'agoa foy metido,
A quem ferro nenhum cortar podia.
Ao Apollineo Oraculo pedia
Conselho para ser restituido,
Respondeo que tornasse a ser ferido
Por quem o já ferira, & fararia.
Assi (senhora) quer minha ventura
Que ferido de veruos claramente,
Com vos tornar a ver, Amor me cura.
Mas he tão doce vossa fermosura,
Que fico como hydropico doente;
Que co beber lhe crescer mór secura.

SONETO 70.

NA metade do Ceo subido ardia
O claro Almo pastor, quando deixauão
O verde pasto as cabras, & buscauão
A frescura suaue d'agoa fria.
Co a folha da aruore sombria
Do rayo ardente as aues s'emparauão,
O modulo cantar de que cessauão
Só nas roucas Cigarras se sentia.
Quando Liso pastor, n'hum campo verde
Nateroia crua Nimpha só buscaua
Com mil soſpiros tristes que derrama.
Porque te vás de quem por ti se perde.
Para quem pouco t'ama? (suſpiraua)
O Ecco lhe responde, pouco te ama.

SONETO 71.

IA a saudosa Aurora deſtoucaua
Os seus cabellos d'ouro delicados,
E as flores nos campos esmaltados
Do crystallino orualho borrifaua.
Quando o fermoso gado s'espalhaua
De Siluio, & de Laurente pellos prados,
Pastores ambos, & ambos apartados
De quem o meſmo Amor não se apartaua.
Com verdadeiras lagrimas, Laurente
Não sey (dizia) ó Nympha delicada,
Porque não morre já quem viuo ausente,
Pois a vida sem ti não presta nada?
Responde Siluio, Amor não o consente
Que offende as esperanças da tornada.

Soneto

SONETO 72.

Quando de minhas magoas já comprida
Maginação, os olhos m'adormece;
Em sonhos aquell'alma m'aparece
Que para mim foy sonho nesta vida:
Là nũa soydade, onde estendida
A vista pello campo desfalece,
Corro para ella: & ella então parece
Que mais de mim se alonga, compellida:
Brado, não me fujaes sombra benigna:
Ella (os olhos em mim c'hum brando pejo,
Como quem diz que já não pode ser)
Torna a fugir-me: & eu gritando, Dina!
Antes que diga Mene, acordo, & vejo
Que nem hum breue engano posso ter.

SONETO 73.

Suspiros inflamados, que cantais
A tristeza com qu'eu viuy taõ ledo,
Eu mouro, & naõ vos leuo, porque ey medo
Qu'ao passar do Lethe vos percaes.
Escritos para sempre já ficaes
Onde vos mostraraõ todos co dedo
Como exemplo de males, qu'eu concedo
Que para auiso d'outros estejaes.
Em quem, pois, virdes falsas esperanças
D'Amor, & da Fortuna, cujos danos
Alguns teraõ por bem aueturanças,
Dizeilhe, qu'os seruistes muitos annos;
E que em Fortuna tudo saõ mudanças,
E qu'em Amor naõ ha senaõ enganos.

SONETO 74.

AQuella fera humana, qu'enriquece
Sua presumptuosa tyrania,
Destas minhas entranhas, onde cria
Amor hum mal que falta quando crece,
Se nella o ceo mostrou (como parece)
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida s'injuria?
Porque de minha morte s'ennobrece?
Hora em fim sublimai vossa victoria
Senhora, com vencerme, & captiuarme,
Fazei disto no mundo larga historia.
Que por mais que vos veja mal tratarme,
Ia me fico logrando desta gloria
De ver que tendes tanta de matarme.

SONETO 75.

DItoso seja aquelle que sómente
Se queixa d'amorosas esquiuanças,
Pois por ellas não perde as esperanças
De poder n'algum tempo ser contente.
Ditoso seja quem estando absente
Não sente mais que a pena das lembranças,
Porque ainda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dor quando se sente.
Ditoso seja (em fim) qualquer estado
Onde enganos, desprezos, & isenção
Trazem o coração atormentado.
Mas triste quem se sente magoado
D'erros em que não póde auer perdão,
Sem ficar n'alma a magoa do peccado.

Sone

SONETO 76.

Quem fosse acompanhando juntamente
Por essas verdes campos a Auezinha
Que despois de perder hum bem que tinha,
Não sabe mais que cousa he ser contente!
Quem fosse apartandosse da gente
Ella por companheira,& por vizinha
M'ajudasse a chorar a pena minha,
Eu a ella o pesar que tanto sentê.
Ditosa Aue,qu'ao menos se a natura
A seu primeiro bem não dá segundo,
Dalhe o ser triste a seu contentamento.
Mas triste quem de longe quis ventura
Que para respirar lhe falte o vento,
E para tudo,em fim,lhe falte o mundo.

SONETO 77.

O Culto diuinal se celebraua
No templo donde toda a criatura
Louua o Feitor diuino,que a feitura
Com seu sagrado sangue restauraua.
Ali Amor,que o tempo m'aguardaua
Onde a vontade minha mais segura,
N'hũa celeste,& Angelica figura
A vista da rezaõ me salteaua.
Eu crendo qu'o lugar me defendia,
E seu liure costume naõ sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia,
Deixeime catiuar,mas ja qu'entendo
Senhora,que por vosso me queria,
Do tempo que fuy liure m'arrependo.

SONETO 78.

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra hum paraiso,
Entre rubis, & perlas doce riso;
Debaixo d'ouro, & neue, cor de rosa:
Presença moderada, & graciosa
Onde ensinando estão despejo, & siso,
Que se pode por arte, & por auiso
Como por Natureza ser fermosa:
Falla de quem a morte, & a vida pende
Rara, suaue, em fim senhora vossa,
Repouso nella alegre, & comedido:
Estas as armas são com que me rende,
E me captiua Amor, mas não quo possa
Despojarme da gloria de rendido.

SONETO 79.

Bem sei Amor que he certo o que receo
Mas tu porque com isso mais te apuras,
De manhoso tho negas, & mo juras
No teu dourado arco, & eu to creo.
A mão tenho metida no teu seo,
E não vejo meus danos às escuras,
E tu com tudo tanto m'asseguras,
Que me digo que minto, & que m'enleo.
Não somente consinto neste engano,
Mas inda to agardeço, & a mim me nego
Tudo o que vejo, & sinto de meu dano.
O poderoso mal a que m'entrego
Que no meyo do justo desengano,
Me possa inda cegar hum moço rego.

SONETO 80.

COmo quando do mar tempestuoso
O Marinheiro lasso & trabalhado
D'hum naufragio cruel já saluo anado,
Só ouuir falar nelle o faz medioso;
E jura qu'em que veja bonançoso
O violento mar, & sossegado,
Nam entre nelle mais: mas vay forçado
Pello muito interesse cubiçoso:
Assi, senhora, eu, queda tormenta
De vossa vista fujo, por saluarme,
Iurando de não mais em outra verme,
Minh'alma que de vos nunqua s'ausenta,
Dâme por preço verûos, faz tornarme
Dondé fugi tão perto de perderme.

SONETO 81.

AMor he hum fogo qu'arde sem se ver,
He ferida que doe, & não se sente,
He hum contentamento descontente,
He dor que desatina sem doer.
He hum não quèrer mais que bem quèrer,
He hum andar solitario entre a gente,
He nunqua contentarse de contente,
He hum cuidar que ganha em se perder.
He querer estar preso por vontade,
He seruir a quem vence o vencedor,
He ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar pode seu fauor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrario â si he o mesmo Amor?

Sone

SONETO 82.

SE pena por amaruos se merece,
Quem della liure està? ou quem isento?
Que alma, que rezão, qu'entendimento
Em veruos senão rende, & obedece?
Que mòr gloria na vida s'offerece
Que occuparse em vós o pensamento?
Toda a pena cruel, todo o tormento
Em veruos se não sente, mas esquece.
Mas se merece pena quem amando
Contino vos està; se vos offende,
O mundo matareis, que todo he vosso;
Em mim podèis, senhora, yr começando
Que claro se conhece, & bem s'entende
Amaruos quanto deuo, & quanto posso.

SONETO 83.

QVe leuas cruel morte? Hum claro dia.
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
Entendes o que leuas? Não o entendo.
Pois quem to faz leuar? Quem o entendia.
Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou sua luz? Anoitecendo
Lusitania que diz? Fica dizendo
Em fim não mereci Dona Maria.
Mataste quem a vio? Ia morto estaua
Que diz o crû Amor? Falar não ousa,
E quem o faz calar? Minha vontade.
Na corte que ficou? Saudade braua
Que fica là que ver? Nenhũa cousa,
Mas fica que chorar sua beldade.

Sono

SONETO 84.

ONdados fios d'ouro reluzente
Qu'agora damão bella recolhidos,
Agora sobre as rosas estendidos
Fazeis que sua belleza s'acrecente:
Olhos que vos moueis tão docemente
Em mil diuinos rayos encendidos,
Se de cá me leuaes alma,& sentidos,
Que fora se de vos não fora ausente?
Honesto riso,qu'entre a mor fineza
De perlas,& coraes nasce, & parece
Se n'alma em doces ecos não o ouuisse
S'imaginando só tanta belleza
De si, em noua gloria a alma s'esquece,
Que será quando a vir? ah quem a visse!

SONETO 85.

FOy ja num tempo doce cousa amar
Em quanto m'enganaua a esperança,
O coração com esta confiança
Todo se desfazia em desejar.
O vão,caduco,& debil esperar,
Como se desengana hũa mudança!
Que quanto he mór a bemauenturança,
Tanto menos se crê que ha de durar.
Quem ja se vio contente,& prosperado
Vendose em breue tempo em pena tanta,
Rezão tem de viuer bem magoado.
Porem quem tem o mundo experimentado,
Não o magoa a pena, nem o espanta,
Que mal se estranhará o costumado.

SONETO 86.

DOs illustres antigos que deixaram
Tal nome, qu'igualou fama à memoria,
Ficou por luz do tempo alarga historia
Dos feitos em que mais s'assinalaram.
Se se com cousas destes corejaram
Mil vossas cada hũa tam notoria,
Vencera a menor dellas a mòr gloria
Qu'elles em tantos annos alcançaram.
A gloria sua foy; ninguem lha tome
Seguindo cada hum varios caminhos,
Estatuas leuantando no seu templo.
Vos honra Portuguesa, & dos Coutinhos,
Illustre Dom Ioaõ com melhor nome
A vos encheis de gloria, & a nós d'exemplo.

SONETO 87.

COnuersaçaõ domestica affeiçoa
Hora em forma de boa, & saã vontade,
Hora d'huã amorosa piedade
Sem olhar qualidade de pessoa.
Se despois, por ventura, vos magoa
Com desamor, & pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando Amor, que tudo em si perdoa.
Não saõ isto que falo conjecturas
Qu'o pensamento julga na aparencia,
Por fazer delicadas escrituras.
Metido renho a maõ na consciencia,
E nisto fallo semaõ verdades puras
Que m'ensinou a viua experiencia,

Soneto

SONETO 88.

Esforço grande igoal ao pensamento,
Pensamentos em obras diuulgados,
E não em peito timido encerrados,
E desfeitos despois em chuua, & vento:
Animo da cobiça baixa isento,
Digno por isso só, d'altos estados;
Fero açoute dos nunqua bem domados
Pouos do Malabar sanguinolento:
Gentileza de membros corporaes
Ornados de pudica continencia,
Obra por certo rara de natura:
Estas virtudes, & outras muitas mais
Dignas todas da Homerica eloquencia,
Iazem debaixo desta sepultura.

SONETO 89.

NO mundo quis hum tempo que s'achasse
O bem que por acerto, ou sorte vinha;
E por experimentar que dita tinha,
Quis qu'a fortuna em mim s'experimentasse.
Mas porque meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me conuinha,
Nunqua nesta tão longa vida minha
Cousa me deixou ver que desejasse.
Mudando ander costume, terra, & estado
Por ver se se mudaua a sorte dura,
A vida pus nas mãos d'hum leue lenho:
Mas (segundo o qu'o ceo me tem mostrado)
Ia sey que doste meu buscar ventura,
Achado tenho ja, que não atenho.

Sone

SONETO 90.

A Perfeição,a graça,o doce geito,
A primauera cheã de frescura
Que sempre em vos florece,a que auentura,
E a rezão entregarão este peito:
Aquelle cristalino,& puro aspeito
Qu'em si compende toda a formosura,
O resplandor dos olhos,& a brandura
De qu'o amor a ninguem quis ter respeito:
S'isto qu'em vos se vê,ver desejaes
Como digno de verse claramente,
Por mais que de mor vos isentaes:
Traduzido o vereis tam fielmente
No meyo deste spirito onde estais,
Que vendouos sintqis o qu'elle sente.

SONETO 91.

VOs que d'olhos suaues,& serenos
Com justa causa a vida captiuais,
E qu'os outros cuidados condenais
Por indiuidos,baixos,& pequenos:
Sainda do Amor domesticos venenos
Nunqua prouastes: quero que saibais
Qu'he tanto mais o amor despois que amais,
Quanto saõ mais as causas de ter menos.
E não cuide ninguem qu'algum defeito
Quando na cousa amada s'apresenta,
Possa deminuir o amor perfeito,
Ah-es o dobra mais, & se atormenta,
Pouco,& pouco o desculpa o brando peito
Qu'Amor com seus contraitos s'acrecenta.

Sone

SONETO 92.

QVe poderei do mundo ja querer?
Que naquillo em que pus tamanho amor,
Não vi senão desgosto, & desamor,
E morte em fim, que mais não pode ser.
Pois vida me não farta de viuer,
Pois ja sei que não mata grande dor,
Se cousa hay que magoa de mayor,
Eu a verei; que tudo posso ver.
A morte a meu pesar m'assegurou
De quantos mal me vinha, ja perdi
O que perder o medo m'ensinou.
Na vida desamor somente vi,
Na morte, a grande dor que me ficou:
Parece que para isto só nasci.

SONETO 93.

PEnsamentos que agora nouamente
Cuidados vãos em mim resuscitais,
Dizeime, ainda não vos contentais
De terdes, quem vos tem, tão descontente?
Que fantasia he esta, que presente
Cad'hora ante meus olhos me mostrais?
Com sonhos, & com sombras atentais
Quem nem por sonhos pode ser contente?
Vejouos, pensamentos, alterados
E não quereis d'esquiuo, declararme
Qu'he isto que vos traz tão enleados,
Não me negueis, s'andais para negarme,
Que se contra mim estais aleuantados,
Eu vos ajudarey mesmo a matarme.

Sone

SONETO 94.

SE tomar minha pena em penitencia
Do erro em que cahio o pensamento,
Naõ abranda, mas dobra meu tormento,
A isto, & a mais obriga a paciencia.
Es hũa cor de morto na apparencia,
Hum espalhar sospiros vãos ao vento,
Em vos naõ faz senhora, mouimento,
Fique meu mal em vossa consciencia.
E se de qualquer aspera mudança
Toda a vontade isenta Amor castiga,
(Como eu vi bem no mal que me condena)
E S'em vos naõ s'entende auer vingança,
Será forçado (pois Amor m'obriga)
Qu'eu so de vossa culpa pague a pena.

SONETO 95.

AQuella que de pura castidade
De si mesma tomou cruel vingança,
Por hũa breue, & subita mudança
Contraria a sua honra & qualidade:
Venceo à fermosura a honestidade,
Venceo no fim da vida a esperança,
Porque ficasse viua tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
De si, da gente, & do mundo esquecida,
Ferio com duro ferro o brando peito,
Banhando em sangue à força do tyranno
Estranha ousadia, estranho feito,
Que dando morte breue ao corpo humano,
Tenha sua memoria larga vida.

Sone

SONETO 96.

OS vestidos Elisa recolhia
Que lh'Eneas deixara por memoria,
Doces despojos da passada gloria,
Doces quando seu fado o consentia.
Entr'elles a formosa espada via
Que instrumento foy da triste historia,
E como quem de si tinha a victoria,
Falando sô com ella, assi dizia.
Formosa, & noua espada, se ficaste
Sò pera executares os enganos
De quem te quis deixar, em minha vida,
Sabe que tu comigo t'enganaste,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobejame a trísteza da partida.

SONETO 97.

O quam caro me custa o entenderte,
Molesto Amor, que sô por alcançarte,
De dor em dor me tês trazido a parte
Onde em ti odio, & ira se conuerte.
Cudei que para em tudo conhecerte,
Me não faltasse experiencia, & arte,
Agora vejo n'alma acrecentarte
Aquillo qu'era causa de perderte.
Estauas taõ secreto, no meu peito
Qu'eu mesmo que te tinha, não sabia
Que me senhoreauas deste geito.
Descubriste t'agora, & foi por via
Que teu descubrimento, & meu defeito
Hum me enuergonha, & outro m'injuria.

SONETO 98.

SE despois d'esperança taõ perdida,
Amor polla ventura consentisse,
Qu'ainda algũa hora breue alegre visse
De quantas tristes vio tão longa vida,
Hũa alma ja tão fraca, & tão caida
Por mais alto qu'a sorte me subisse,
Não tenho para mim que consentisse
Alegria tão tarde consentida.
Não tão sòmente Amor me não mostrou
Hum hora em que viuesse alegremente
De quantas nesta vida me negou;
Mas inda tanta pena me consente,
Que co contentamento me tirou
O gosto d'algum hora ser contente.

SONETO 99.

ORayo cristalino s'estendia
Pello mundo, da Aurora marchetada,
Quando Nise pastora delicada
Donde a vida deixaua, se partia.
Dos olhos com que o Sol escurecia,
Leuando a vista em lagrimas banhada,
De si, do fado, & tempo magoada,
Pondo os olhos no ceo, assi dizia:
Nasce sereno Sol, puro, & luzente
Resplandece formosa, & roxa Aurora
Qualquer alma alegrando descontente:
Qu'a minha, sabe tu que desd'agora
Iamais nũa vida a podes ver contente,
Nem tão triste nenhũa outra pastora.

SONETO 100.

NO mundo poucos annos,& cansados
Viui,cheos de vil miseria dura;
Foime tão cedo à luz do dia escura,
Que não vi cinco lustres acabados.
Corri terras,& mares apartados,
Buscando à vida algum remedio,ou cura,
Mas aquillo qu'em fim não quer ventura,
Não o alcanção trabalhos arriscados.
Crioume Portugal na verde,& chara
Patria minha Alanquer,mas âr corrupto
Que neste meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peixes,em ti bruto
Mar,que bares na Abazia fera,& auara
Tão longe da ditosa patria minha.

SONETO 101.

QVe me quereis perpetuas saudades?
Com que esperança ainda m'enganais?
Qu'o tempo que se vay,não torna mais,
E se torna,não tornão as idades:
Rezão hè já o annos,que vos vades,
Porqu'estes tão ligeiros que passais,
Nem todos para hum gosto saõ iguais,
Nem sempre saõ conformes as vontades.
Aquillo a que ja quis,he tão mudado,
Que quasi he outra cousa,porqu'os dias
Tem o primeiro gosto ja danado.
Esperanças de nouas alegrias
Não mas deixa a fortuna,& o tempo errado
Que do contentamento saõ espias.

SONETO 102.

VErdade,amor,rezão,merecimento
Qualquer alma farão ſegura,& forte:
Porem fortuna,caſo,tempo,& ſorte
Tem do confuſo mundo o regimento.
Effeitos mil reuolue o penſamento,
E não ſabe a que cauſa ſe reporte:
Mas ſabe qu'o que he mais que vida,&morte,
Que não o alcança humano entendimento.
Doctos varões darão rezões ſubidas,
Mas ſaõ experiencias mais prouadas,
E por iſto he melhor ter muito viſto.
Couſas hai que paſſaõ ſem ſer cridas,
E couſas cridas ha,ſem ſer paſſadas,
Mas o melhor de tudo he cret em Chriſtó.

SONETO 103.

FIouſe o coração de muito iſento
De ſi, cudando mal,que tomaria
Tão illicito amor tal ouſadia,
Tal modo nunqua viſto de tormento.
Mas os olhos pintaraõ raõ a tento
Outros que viſto tem na fanteſia,
Qu'a rezaõ temeroſa do que via,
Fugio, deixando o campo ao penſamento.
O Hypolito caſto,que de geito
De Phedra tua madraſta foſte amado,
Que não ſabia ter nenhum reſpeito:
Em mim vingou o amor teu caſto peito,
Mas eſtá deſſe agrauo tão vingado,
Que s'arrepende ja do que tem feito.

Sone

SONETO 104.

Q Vem quiser verd'Amor hũa excellencia
Onde sua fineza mais se appura,
Attente onde me poem minha ventura,
Por ter de minha fe experiencia.
Onde lembranças mi tão a longa ausencia
Em temeroso mar, em guerra dura,
Alli a saudade está segura,
Quando mor risco corre a paciencia.
Mas ponhame fortuna, & o duro fado
Em nojo, morte, dano, & perdição,
Ou em sublime, & prospera ventura:
Ponhame em fim em baixo, ou alto stado,
Qu'até na dura motte m'acharão
Na lingoa o nome, n'alma a vista pura.

SONETO 105.

V Os Nymphas da Gangetica espessura
Cantai suauemente em voz sonóra
Hum grande Capitão, que a roxa Aurora
Dos filhos defendeo da noite escura.
Ajuntouse a caterua negra, & dura
Que na Aurea Chersoneso affouta môra,
Para lançar do charo ninho fora
Aquelles que mais podem qu'a ventura.
Mas hum forte Leão com pouca gente,
A multidão tão fera, como nescia,
Destruindo castiga, & torna fraca.
Pois ô Nymphas cantay, que claramente
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leonis fez em Malaca.

CANÇÕES
DE LVIS DE CAMÕES.

Canção primeira.

FErmoſa, & gentil dama, quando vejo
A teſta douro, & neue; o lindo aſpeito,
A boca gracioſa, o riſo honeſto,
O colo de criſtal, o branco peito,
De meu não quero mais que meu deſejo,
Nem mais de vos que ver tão lindo geſto,
Alli me manifeſto
Por voſſo a Deos, & ao mundo: alli m'inflamo
Nas lagrimas que choro,
E de mim que vos amo,
Em ver que ſoube amaruos, me namoro:
E fico por mim só perdido de arte
Qu'ei ciumes de mim por voſſa parte.

Se por ventura viuo deſcontente
Por fraqueza d'eſprito padecendo,
A doce pena qu'entender não ſey,
Fujo de mim, & acolhome correndo
A voſſa viſta, & fico tão contente,
Que zombo dos tormentos que paſſei:

De

De quèm me queixarei
Se vos me dais a vida deste geito,
Nos males què padeço;
Senão de meu sogeito,
Que não cabe com bem de tanto preço?
Mas ainda isso de mim cudar não posso,
D'estar muito soberbo com ser vosso.

Se por algum acerto amor vos erra
Por parte do desejo, cometendo
Algum nefando & torpe desatino,
Se ainda mais que ver em fim pretendo,
Fraquezas sāo do corpo, qu'he de terra,
Mas não do pensamento, que he diuino:
Se tão alto imagino
Que dé vista me perco, ou pecco nisto,
Desculpame o que vejo,
Que se em fim resisto
Contra tão atreuido & vão desejo,
Façome forte em vossa vista pura,
E armome de vossa fermosura.

Das delicadas sombrancelhas pretas,
Os arcos com que fere amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos.

E porque de vos tudo lhe quadrou,
Dos rayos desses olhos fez as settas,
Com que fere quem alça os seus a vellos:
Olhos que sam tão bellos,
Dão armas de ventagem ao amor,
Com que as almas destrue;
Porem se he grande a dor
Coa alteza do mal, a restitue,
E as armas com que mata sam de sorte,
Que ainda lhe ficais deuenda a morte.

Lagrimas, & fuspiros, pensamentos,
Quem delles se queixar, fermosa dama,
Mimoso está do mal que por vos sente;
Que mayor bem deseja quem vos ama
Qeu estar desabafando seus tormentos,
Chorando, imaginando docemente?
Quem viue descontente
Não ha de dar alivio a seu desgosto,
Porque se lhe agradeça;
Mas com alegre rosto
Soffra seus males pera que os mereça:
Que quem do mal se queixa que padece,
Fallo porque esta gloria não conhece.

De

De modo que se cae o pensamento,
Em algũa fraqueza de contente,
He porque este segredo não conheço:
Assi que com razões não tão somente
Desculpo ao Amor de meu tormento,
Mas ainda a culpa sua lh'agradeço:
Por esta fé mereço
A graça que esses olhos acompanha.
O bem do doce riso,
Mas porem não se ganha
C'hum paraiso outro paraiso:
E assi de enleada a esperança,
Se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remedio,
Sabe canção qu'é porque não vejo,
Engano com palauras o desejo.

Canção segunda.

A Instabilidade da fortuna,
Os enganos suaues d'amor cego,
Suaues (se durarão longamente)
Direi, por dar â vida algum sossego;
Que pois a graue pena me importuna,

Impor-

Importunẽ meu canto a toda gente.
E se o passado bem co mal presente
Me endurece a voz no peito frio,
O grande desuario
Darâ de minha pena sinal certo,
Que hum erro em tantos erros he concerto.
E pois nesta verdade me confio,
(Se verdade se achar no mal que digo)
Saiba o mundo d'amor o desconcerto,
Que ja co a razão se fez amigo,
Sô por não deixar culpa sem castigo.

Ia amor fez leys, sem ter comigo algũa,
Ia se tornou de cego arrazoado;
Sò por vsar comigo sem razões:
E se em algũa cousa o tenho errado,
Com siso grande dor não vi nenhũa;
Nem elle deu sem erros affeições,
Mas por vsar de suas isenções
Buscou fingidas causas por matarme,
Que pera derrubarme
No abismo infernal de meu tormento,
Não foy soberbo nunca o pensamento,
Nem pretende mais alto aleuantarme
Daquillo que elle quis, & se elle ordena

Que

Que eu pagueſſe ũ ouſado atreuimento,
Saiba qu'o meſmo amor que me condena
Me fez cayr na culpa, & mais na pena.

Os olhos qu'eu adoro, aquelle dia
Que decerão ao baixo penſamento,
N'alma os apoſentei ſuauemente,
E pretendendo mais, como auarento,
O coração lhe dei por iguaria,
Qu'eu a meu mandado tinha obediente:
Porem como ante ſi lhe foy preſente,
Qu'entenderão o fim de meu deſejo,
Ou por outro deſpejo,
Qu'a lingoa deſcubrio por deſuario,
De ſede morto eſtou poſto num rio,
Onde de meu ſeruiço o frutto vejo;
Mas logo ſe alça ſe a colhelo venho,
E fogeme a agoa, ſe beber porfio;
Aſſi que em fome & ſede me mantenho,
Não tem Tantalo a pena qu'eu ſoſtenho.

Depois que âquella em quem minh'alma viue
Quis alcançar o baixo atreuimento,
Debaixo deſte engano a alcancei,
A nauem do contino penſamento

Ma

M'afigurou nos braços, & aſsi a tiue,
Sonhando o que acordado deſejei.
Porque a meu deſejo me gabei
De alcançar hum bem de tanto preço:
Alem do que padeço,
Atado em hũa roda eſtou penando,
Qu'em mil mudanças me anda rodeando,
Onde ſe a algum bem ſubo, logo deco,
E aſsi ganho, & perco a confiança,
E aſsi de mĩ fugindo, tras mĩ ando;
E aſsi me tem atado hũa vingança,
Como Ixião, tão firme na mudança.

Quando a viſta ſuaue & inhumana
Meu humano deſejo de atreuido
Cometeo, ſem ſaber o que fazia,
Que de ſua fermoſura foy naſcido,
O cego moço, que co a ſetta inſana
O peccado vingou deſta ouſadia;
Afora eſte mal qu'eu merecia,
Me deu outra maneira de tormento,
Que nunqua o penſamento
(Que ſempre voa d'hũa a outra parte)
Deſtas entranhas triſtes bem ſe farte,
Imaginando como o famulento,

Que

Quẽ come mais, e a fome vai crecendo,
Porquẽ d'atormentarme não se aparte,
Aſsi que para a pena ſtou viuendo,
Sou outro nouo Ticio, & não m'entendo.

De vontades alheas qu'eu roubaua,
E qu'enganoſamente recolhia,
Em meu fingido peito me mantinha,
De maneira o engano lhe fingia,
Que depois qu'a meu mando as ſogigaua,
Com amor às mattaua, qu'eu não tinha:
Porem logo o caſtigo que conuinha
O vingatiuo amor me fez ſentir,
Fazendome ſubir
Ao monte d'aſpereza qu'em vos vejo,
Co peſado penedo do deſejo,
Que do cume do bem me vay cair;
Torno a ſubillo ao deſejado aſſento,
Torna a cayrme, embalde emfim pelejo,
Não te eſpantes Siſipho deſte alento,
Qu'às coſtas o ſubido ſofrimento.

Deſt'arte o ſummo bem ſe m'offerece
Ao faminto deſejo porque ſinta
A perda de perdello mais penoſa,

Como

Como o auaro a quem o ſonho pinta
A char theſouro grande, onde enriqueſce,
E farta ſua ſede cobiçoſa?
E acòrdando com furia preſuroſa,
Vay cauar o lugar onde ſonhaua:
Mas tudo o que buſcaua,
Lhe conuerte em cauão a deſuentura;
Alli ſua cobiça mais ſe appura,
Por lhe faltar aquillo que ſperaua;
Deſt'arte amor me faz perder o ſiſo,
Porque aquelles que eſtão na noite eſcura,
Nunqua ſentirão tanto o triſte abyſo,
Se ignorarem o bem do parayſo.

Canção nomais, que ja não ſei que digo?
Mas porque a dor me ſeja menos forte,
Diga o pregaõ a cauſa d'eſta morte.

Canção terceira.

IA a roxa manhã clara
Do Oriente, as portas vinha abrindo,
Dos montes deſcubrindo
A negr'a eſcuridão da luz auara,

O ſol

O sol que nunqua para,
De sua alegre vista saudosa,
Tras ella pressuroso,
Nos cauallos enfadados do trabalho,
Que respirão nas heruas fresco orualho,
S'e estende claro, alegre, & luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando,
E com suaue & doce melodia
O claro dia stão manifestando.

A manhã bella & amena
Seu rosto descubrindo, a spessura
Se cobre de verdura,
Clara, suaue, angelica, serena.
ô deleitosa pena,
ô effeito d'amor alto & potente
Que permitte, & consente
Que onde quer que me ache, & onde steja,
Seraphim sempre veja,
Por quem de viuer triste sou contente!
Mas tu Aurora pura
De tanto bem dà gracas à ventura,
Pois as foi pôr em ti tão excellentes,
Que representes tanta fermosura

A luz ſuaue & leda
A meus olhos me moſtra por quem mouro,
E os cabellos d'ouro
Não igoala os que vi, mas arremeda:
Eſt'a he a luz qu' arreda
A negra eſcuridão do ſentimento
Ao doce penſamento:
O orualho das flores delicadas,
São nos meus olhos lagrimas canſadas,
Qu'eu choro co prazer de meu tormento:
Os paſſaros que cantão
Meos ſpiritos ſam qu'a voz leuantão
Manifeſtando o geſto peregrino,
Cõ tão diuino ſom qu' o mundo ſpantão.

Aſſi como acontece
A quem a chara vida ſta perdendo.
Qu' em quanto vay morrendo
Alguã viſaõ ſanta lhe aparece:
A mim em quem ſallece
A vida, que ſois vos minha ſenhora,
A eſta alma que em vos mora,
(Em quanto da priſaõ ſe ſtâ apartando)
Vos eſtais juntamente apreſentando,
Em forma da fermoſa & roxa Aurora,

O di-

ô ditosa partida,
ô gloria soberaõ, alta, & subida,
Se mo não impedir o meu desejo,
Porqu'o que vejo em fim me torn'a vida.

Porem a natureza
Que nesta vista pura se mantinha,
Me falta tão asinha,
Quão asinha o Sol falt'a redondeza:
S'ouuerdes qu'he fraqueza
Morrer em tão penoso & triste stado,
Amor serâ culpado,
Ouvos, ond'elle viue tão isento,
Que causastes tão largo apartamento,
Porque perdess'a vida co cuidado,
Que se viuer não posso,
Homem formado sô de carn', & osso,
Esta vida que perc'amor ma deu,
Que não sou meu: se mour'o danno he vosso.

Canção de cisne feit'em hora estrema,
Na dura pedra fria
Da memoria, te deixo em companhia
Do letreiro de minha sepultura,
Qu'a sombra oscura ja m'impede o dia.

Canção quarta.

VÃo as ſerenas agoas
Do Mondego deſcendo,
Manſamente, qu'ate o mar não parão,
Por onde minhas magoas
Pouc'a pouco creſcendo,
Para nunc'acabarſe começarão:
Alli s'ajuntarão
Neſte lugar ameno,
Aond'agora mouro,
Teſta de neu'& ouro,
Riſo brand', & ſuau', olhar ſereno.
Hum geſto delicado,
Que ſempre n'alma m'eſtarâ pintado.

Neſta florida terra,
Leda, freſc', & ſerena,
Led'& contente para mim viuia
Em paz com minha guerra,
Contente com a pena
Que de tão bellos olhos procedia:
Hum dia n'outro dia
O ſperar m'enganaua,
Longo tempo paſſei,

Com

Com a vida folguei,
Sò porqu'em bem tamanho m'empregaua,
Mas que me presta ja
Que taõ fermosos olhos não os ha.

O quem m'alli dissera
Que d'amor tão profundo
O fim podesse ver ind'algum'hora,
O quem cudar podera
Qu'ouuesse ahi no mundo
Apartarm'eu de vos minha senhora,
Para que desd'agora
Perdess'a esperança,
E o vão pensamento,
Desfeit'em hum momento,
Sem me poder ficar mais qu'a lembrança,
Que sempre starâ firme
At'o derradeiro despedirme.

Mas a môr alegria
Què daqui leuar posso,
Com a qual defenderme triste spero,
E, que nunqua sentia
No tempo que fuy vosso
Quererdesme vos quanto vos eu quero,

+ *Porqu'o tormento fero*
De vossa apartamento
Não vos dará tal pena,
Como a que me condena:
Que mais sentirey vosso sentimento,
Qu'o que minh'alma sente
Morr'eu senhora, & vós ficay contente.

Canção tu staras
Aqui acompanhando,
Estes campos, & estas claras agoas,
E por mim ficaras
Chorando & suspirando,
E ao mundo mostrando tantas magoas,
Que de tão larg'historia,
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Canção quinta.

+ *S'Este meu pensamento*
Como he doce & suaue,
D'alma podesse vir gritando fora,
Mostrando seu tormento,
Cruel, aspero, & graue,
Diante de vós sô minha senhora,

Podera

Podera ſer qu'agora
O voſſo peito duro
Tornara manſo & brando:
E eu que ſempr'ando
Paſſaro ſolitario humild',oſcuro,
Tornad'hum ciſne puro,
Brand'& ſonoro pello ar voando,
Com canto manifeſto,
Pintara meu torment',& voſſo geſto.

Pintar'os olhos bellos
Que trazem nas mininas
O minino qu'os ſeus nelles cegou,
E os dourados cabellos
Em tranças d'ouro finas
A quem o ſol ſeus rayos abaixou,
A teſta qu'ordenou
Natura tão fermoſa,
O bem proporcionado,
Nariz lind'afilado,
Que cada parte tem da frèſca roſa,
A boca gracioſa,
Que querella louuar be'ſcuſado:
Em fim he hum theſouro,
Perolas dentes,& palauras ouro.

Viraſe claramente
ô dama delicada,
Qu'em vos s'eſmerou mais a natureza,
E eu de gent'em gente
Trouxera traſladada
Em meu tormento voſſa gentileza,
Somẽt'a aſpereza
De voſſa condição,
Senhora não diſſera,
Porque ſe não ſoubera
Qu'em vos podia auer algum ſenão:
E s'alguem com razão
Porque morres diſſeſſe, reſpondera
Mouro porqu'he tão bella
Qu'inda não ſou pera morrer por ella.

E ſe polla ventura
Dama vos offendeſſe
Eſcreuendo de vos o que não ſento:
E voſſa fermoſura
Tanto a terra deſceſſe,
Qu'a alcançaſſe humild'entendimento:
Seria o fundamento
Daquillo que cantaſſe,
Todo de puro amor,

Porque

Porque vosso louuor
Em figura de magoas se mostrasse:
E onde se julgasse
A causa pello effeito, minha dor
Diria alli sem medo
Quem me sentir vera, de quem procedo.

Então amostraria
Os olhos saudosos,
E o suspirar que traz a'lma consigo,
A fingid' alegria,
Os passos vagarosos,
O fallar, & esquecerme do que digo,
Hum pelejar comigo,
E logo disculparme,
Hum recear ousando,
Andar meu bem buscando,
E de poder achallo acouardarme:
Em fim aueriguarme
Qu' o fim de tudo quanto stou fallando,
São lagrimas & amores,
São vossas isenções, & minhas dores.

Mas quem terâ senhora
Palauras com qu'iguale

Com vossa formosura minha pena:
Qu'em doce voz de fora
Aquella gloria falle
Que dentro na minh'alm'amor ordena?
Não pode tão piquena
Força d'engenho humano,
Com carga tão pesada,
Se não for ajudada
D'hum piados' olhar, d'hum doc'engano:
Que fazendom'o danno
Tão deleitos', & a dor tão moderada,
Em fim se conuertesse
Nos gostos dos louuores qu'escreuesse.

Cancão não digas mais, & se teus versos
A' pena vem pequenos,
Não queirão de ti mais; que diras menos.

Canção seista.

COm força desusada
A quent'o fog'eterno
Hum'ilha, lâ nas partes d'Oriente,
D'estranhos habitada,
Aond'o duro inuerno
Os campos reuerdesc'alegremente:

A Lusitana gente
Por armas sanguinosas,
Tem dell'o senhorio:
Cercad'está d'hum rio
De meritimas agoas saudosas;
Das heruas qu'aqui nascem
Os gados juntament', & os olhos pascem.

Aqui minha ventura
Quis qu'hũa grande parte
Da vida que não tinha se passasse,
Para qu'a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangu' & de lembranças matizasse;
S'amor determinasse
Qu'a troco desta vida.
De mim qualquer memoria
Ficasse com'historia,
Que d'hũs fermosos olhos fosse lida,
A vida & alegria,
Por tão doce memoria trocaria.

Mas este fingimento
Por minha dura sorte
Com falsas esperanças me conuida,

Não

Não cuida o pensamento
Que pode achar na morte
O que não pode achar tão longa vida,
Está já tão perdida
A minha confiança,
Que de desesperado
Em ver meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança,
Mas ô que s'algum dia
Desesperar podesse, viuiria.

De quanto tenho visto
I'agora não m'espanto,
Qu' ate desesperar se me defende;
Outrem foy causa disto,
Qu' eu nunqua pude tanto,
Que causasse este fogo que m'encende:
Se cudão que m'offende
Temor d' esquecimento,
Ouxala meu perigo
Me fora tão amigo,
Qu' algum temor deixara ao pensamento,
Quem vio tamanho enleo,
Qu' ouue s' abi esperança sem receo?

Quem

Quem tem que perder possa
Se pode recear,
Mas triste quem não pode ja perder;
Senhora a culpa he vossa,
Que pera me matar
Bastara hum' hora só de vos não ver:
Posestesm'em poder
De falsas esperanças,
E do que mais m' espanto
Que nunqua vali tanto
Que visse tanto bem com' esquiuanças;
Valia tão pequena
Não pode merescer tão doce pena.

Ouues' amor comigo
Tão brando, & pouco irado,
Quant' agora em meus males se conhesce,
Que não ha môr castigo
Pera quem tem errado,
Que negarlh' o castigo que meresce;
E bem com' aconteśce
Qu' assi como ao doente
Da cura despedido,
O medico sabido
Tudo quanto deseja lhe consente,

Assi

Aſsi me conſentia
Eſperança, deſejo, & ouſadia.

E agora venho a dar
Conta do bem paſſado,
A eſta triſte vida, & long'auſencia
Quem pod'imaginar
Qu'ouueſs'em mi peccado
Que mereſca tão graue penitencia?
Olhay qu'he conſciencia
Por tão pequeno erro
Senhora tanta pena:
Não vedes qu'he onzena?
Mas ſe tão longo & miſero deſterro
vos dâ contentamento,
Nunca m'acabe nelle meu tormento.

Rio fermos', & claro,
E vos ô arnoredos,
Qu'os juſtos vencedores coroais,
E ao cultor auaro,
Continuamente ledos,
D'hum tronco ſô diuerſos frutos dais,
Aſsi nunqua ſintais,
Do tempo injuri'alguma

Qu'em

Qu'em vos achem abrigo
As magoas qu'aqui digo;
Em quanto der o sol virtude â lũa:
Porque de gent'em gente
Saibão que já não mata a vid'ausente.

Canção neste desterro viuirás,
Voz nua & descuberta,
Ate qu'o tempo em ecco te conuerta.

Canção setima.

Mandam'amor que cante docemente,
O qu'elle ja em minh'alma tem impresso,
Com prosuppoſto de desabafarme:
E porque com meu mal seja contente,
Diz que ser de tão lindos olhos preso
Contallo bastaria a contentarme;
Est'excellente modo d'enganarme
Tomara eu sô d'amor por interesse,
Se não s'arrependesse
Com a pena o engenho escurescendo.
Porem a mais m'atreuo,
Em virtude do gesto de qu'escreuo,
E se he mais o que canto qu'o qu'entendo,

Innoco

Innoc'o lind'aſpeito,
Que pode mais qu'amor em meu defeito.

Sem conhecer amor viuer ſoia,
Seu arco & ſeus enganos deſprezando,
Quando viuendo delles me mantinha
O amor enganoſo, que fingia
Mil vontades alheas enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha:
No touro entraua Phebo, & Progne vinha,
O corno d'Acheloo Flora entornaua,
Quand'o amor ſoltaua
Os fios d'ouro, as tranças encreſpadas,
Ao doce vent'eſquiuas,
Os olhos rutilando chamas viuas,
E as roſas entr'a neue ſemeadas,
Co riſo tão galante,
Qu'hum peito deſfizera de diamante.

Hum não ſey que ſuaue reſpirando,
Cauſaua hum admirado & nouo ſpanto,
Qu'as couſas inſenſiueis o ſentião:
E as garrulas aues leuantando
Vozes deſordenadas em ſeu canto,
Como no meu deſejo s'encendião,

As fontes cryſtallinas não corrião,
Inflammadas na linda viſta pura,
Floreſcia a verdura
Qu'andando cos diuinos pês tocaua,
Os ramos s'abaixauão,
Ou d'inueja das heruas que piſauão,
Ou porque tud'ant'ella s'abaixaua
Não ouue cous'em ſim
Que não paſmaſſe d'ell', & eu de mim:

Porque quando vi dar entendimento
As couſas qu'o não tinhão, o temor
Me fez cudar, qu'effeit'em mim faria
Conhecime não ter conhecimento,
E niſto ſó o tinte, porqu'amor
Mo deixou, porque viſſ'o que podia:
Tanta vinganç'amor de mim queria,
Que mudau'a humana natureza
Nos montes, & a dureza
Delles em mim por troca traſpaſſaua:
ô que gentil partido,
Trocar o ſer do monte ſem ſentido,
Pello que n'hum juyzo humano ſta'a!
Olhay que doc'engano,
Tirar commum proueito de meu dano!

Aſſi

Assi qu'indo perdendo o sentimento
A parte racional m'entristecia,
Vell'a hum appetite sometida,
Mas dentro n'alma o fim do pensamento
Por tão sublime causa me dezia
Qu'era razão ser a razão vencida.
Assi que quando a via ser perdida,
A mesma perdição a restaurava,
E em mansa paz estava
Cad'hum com seu contrario n'hum sogeito,
Ô gran concerto este:
Quem será que não julgue por celeste
A causa donde vem tamanh'effeito,
Que faz n'hum coração
Que venha o appetite a ser razão?

Aqui senti d'amor a môr fineza,
Como foy ver sentir o insensiuel,
E o ver a mim de mim mesmo perderme:
Em fim senti negarsa natureza,
Por onde cri que tud'era possiuel
Aos lindos olhos seus, senão quererme,
Despois que ja senti desfallecerme,
Em lugar do sentido que perdia
Não sey quem m'escrevia

Dev

Dentro n' alma co as letras da memoria,
O mais deste processo
Co claro gesto juntamente impresso,
Que foy a causa de tão longa historia,
Se bem a declarey
Eu não a escreuo, d'alma a trasladey.

Canção se quem te ler
Não crer dos olhos lindos o que dizes,
Pello qu'em ti s'esconde,
Os sentidos humanos lhe respõde
Não podem dos diuinos ser juyzes,
Senão d'hum pensamento
Que a falta supra a fe do entendimento.

Canção oitaua.

TOmei a triste pena
Ia de desesperado
De vos lembrar as muitas que padeço:
Vendo que me condena
A ficar eu culpado
O mal que me tratais, & o qu'eu mereço.
Confesso que conheço
Qu'em parte a causa dei
O mal em que me vejo,

Pois sempre meu desejo
A tão largas promessas entreguei,
Mas não tiue-sospeita
Que seguisseis tenção tão imperfeita.

S'em vosso esquecimento
Tão condemnado stou
Com os sinais demostrão que mostrais,
Viuo neste tormento,
Lembranças mais não dou
Qu'as que d'esta razão tomar queirais:
Olhay que me trattais
Assi de dia em dia
Com vossas esquiuanças:
E as vossas esperanças
De que vãmente eu m'enriquescia,
Renouão a memoria
Pois com tela de vos só tenho gloria.

E s'isto conheceisseis
Ser verdade pura,
Mais que de Arabia o ouro reluzente,
Inda que não quisesseis
A condição tão dura
Mudareis n'outra muito differente,

E eu como innocente
Que ſtou em eſte caſo,
Iſto em mãos poſera
De quem ſentença dera
Que ficaſſe o direito juſto & raſo.
Se não arreceàra
Qu'a vos por mim, & a mim por vos matara.

Em vos eſcritta vi
Voſſa grande dureza,
E n'alma eſcritta ſtâ, que de vos viue,
Não qu'acabaſſe alli
Sua grande firmeza
O triſte deſengano qu'então tiue;
Porqu'antes qu'a dor priue
De todo meus ſentidos,
Ao grande tormento
Acode o entendimento,
Com dous fortes ſoldados, guarneſcidos
De rica pedraria,
Que ficão ſendo minha luz & guia.

Deſtes acompanhado
Eſtou poſto ſem medo
A tudo o qu'o fatal deſtino ordene,

Pode ſer que cauſado,
Ou ſeja tarde, ou cedo,
Com pena de penarme me deſpene?
E quando me condene
(Q'iſto he o qie mais eſpero)
Inda a mayores dores
Perdidos os temores
Por mais que venha, não direi não quero,
Com tudo eſtou tão forte
Que nem mudar me pode a meſma morte.

Cançõ ſe ja não queres
Ver tanta crueldade,
La vas onde veras minha verdade.

Cançõ nona.

IVnto d'hum ſeco, fero, & ſteril monte,
Inutil, & deſpido, caluo, informe,
Dá natureza em tudo aborreſcido,
Onde nem aue voa, ou fera dorme,
Nem rio claro corre, ou ferue fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido,
Cujo nome do vulgo introduzido
He felix por antiphraſi infelice

O qual

O qual a natureza
Situou junto â parte
Onde hum braço de mar alto reparte
Abaßia, d'Arabica aßpereza,
Onde fundada ja foy Berenice,
Ficando â parte donde
O ſol que nella ferue ſe lh'eſconde.

Nelle aparece o cabo com qu'a coſta
Africana, que vem d'Auſtro correndo,
Limite faz, Aromata chamado,
Aromata outro tempo, que correndo
O tempo a ruda lingoa mal compoſta
Dos proprios outro nome lhe tem dado:
Aqui, no mar que quer apreſſurado
Entrar polla garganta deſte braço,
Me troüxe hum tempo & teue
Minha fera ventura,
Aqui neſta remot', aſpera, & dura
Parte do mundo, quis qu'a vida breue
Tambem de ſi deixaſſe hum breue eſpaço,
Porque ficaſſe a vida
Pello mundo em pedaços repartida.

Aqui m'achei gaſtando hũs triſtes dias,

Tristes, forçados, maos, & solitarios,
Trabalhosos, de dor, & d'ira cheos,
Não tendo tão somente por contrarios
A vida, o sol ardente, & agoas frias,
Os ares grossos, feruidos, & feos,
Mas os meus pensamentos que sam meos
Para enganar a propria natureza.
Tambem vi contra mi,
Trazendome â memoria
Alguma ja passada, & breue gloria,
Qu'eu ja no mundo vi quando viui,
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por me mostrar qu'auia
No mundo muitas horas d'alegria.

Aqui estiu'eu com estes pensamentos
Gastando o tempo & a vida, os quais tão alto
Me subião nas asas, que caya,
(E vede se seria leue o salto,
De sonhados & vãos contentamentos,
Em desesperação de ver hum dia)
Aqui o imaginar se conuertia
Num subito chorar, & nũs sospiros,
Que rompião os ares:
Aqui a alma cattiua

Chagada toda estaua em carne viua,
De dores rodeada, & de pesares,
Desamparada & descuberta aos tiros
Da soberba fortuna,
Soberba, inexoraúel, & importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança algũa ond'a cabeça
Hum pouco reclinasse por descanso,
Tudo dor lh'era, & causa que padeça,
Mas que pereça não, porque passasse
O que quis o destino nunca manso:
Ô qu'este irado mar gritando amanso,
Estes ventos da voz importunados
Parece que s'enfreão;
Somente o ceo seuero,
As estrellas & o fado sempre fero
Com meu perpetuo danno se recreão,
Mostrandose potentes & indignados,
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, & tão pequeno.

Se de tantos trabalhos sô tirâsse
Saber inda por certo qu'algum'hora
Lembraua a hũs claros olhos que ja vi,

E se esta triste voz rompendo fora
As orelhas angelicas tocasse
Daquella em cuja vista ja vini;
A qual tornada hum pouco sobre si,
Revoluendo na mente pressurosa
Os tempos ja passados
De meus doces errores,
De meus suaues males, & furores
Por ella padecidos & buscados,
Tornada (inda que tarde) piadosa,
Hum pouco lhe pesasse,
E comsigo por dura se julgasse:

Isto só que soubesse, me seria
Descanso par'a vida, que me fica,
Com isto afagaria o sofrimento:
Ah senhora senhora, & que tão rica
Estais, que cá tão longe d'alegria
Me sustentais c'hum doce fingimento;
Em vos affigurando o pensamento
Foge todo o trabalho, & toda a pena:
Só com vossas lembranças
M'acho seguro & forte
Contra o rosto feroz da fera morte:
E logo se m'ajuntão as esperanças

Com

Com qu'a fronte tornada mais ſerena
Torna os tormentos graues
Em ſaudades brandas, & ſuaues.

Aqui com elles fico preguntando
Aos ventos amoroſos que reſpirão
Da parte donde ſtais, por vos ſenhora;
As aues que alli voão ſe vos virão,
Que fazieis, que ſtaueis praticando;
Onde, como, com quem, que dia, & qu'ora:
Alli a vida cançada, ſe melhora
Toma ſpiritos nouos, com que vença,
A fortuna, & trabalho,
Sô por tornar a veruos,
Sô por ir a ſeruiruos, & quereruos,
Dizme o tempo qu'a tudo dará talho,
Mas o deſejo ardente, que detença
Nunca ſoffreo, ſem tento
M'abre as chagas de nouo ao ſoffrimento.

Aſſi viuo, & ſ'alguem te preguntaſſe
Cançaõ, como não mouro,
Podeslhe reſponder, que porque mouro.

Canção decima.

Vinde quâ meu tão certo secretario,
Dos queixumes que sempre ando fazendo;
Papel; com quem a pena desafogo:
Ás sem razões digamos que viuendo
Me faz o inexorauel, & contrario
Destino surdo á lagrimas, & á rogo:
Deitemos agoa pouca em muito fogo,
Acendaſe com gritos hum tormento,
Qu'a todas as memorias seja estranho,
Digamos mal tamanho
A Deos, ao mundo, á gente, & em fim ao vento;
A quem ja muitas vezes o contei
Tanto debalde como o conto agora:
Mas ja que para errores fuy nacido,
Vir este a ser hum delles não duuido;
Que pois ja d'acertar estou tão fora,
Não me culpem tambem se nisto errei;
Se quer este refugio só terei,
Fallar, & errar sem culpa liuremente,
Triste quem de tão pouco stá contente.

Ia me desenganei que de queixarme,
Não s'alcança remedio, mas quem pena

For-

Forçado lh'è gritar, s'a dor he grande:
Gritarei, mas he debil & pequena
A voz para poder desabafarme;
Porque nem com gritar a dor s'abrande:
Quem mè darâ se quer que fora mande
Lagrimas, & sospiros infinitos,
Iguais ao mal que dentro n'alma mora?
Mas quem pode algum'hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Em fim direi aquillo que m'ensinão
A ira, a magoa, & dellas a lembrança;
Qu'he outra dor por si mais dura & firme,
Chegai desesperados para ouuirme,
E fujão os que viuem d'esperança,
Ou aquelles que nella s'imaginão,
Porqu'amor & fortuna determinão
De lhe darem poder para entenderem
A medida dos males que teuerem.

Quando vim da materna sepultura
De nouo ao mundo logo me fizerão
Estrellas infelices obrigado:
Com ter liure aluedrio mo não derão,
Que eu conheci mil vezes na ventura
O milhor, & o pior segui forçado:

E pe-

E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade; quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandão que diligente
Hum menino sem olhos me ferisse:
As lagrimas da infancia ja manauão
Com huma saudade namorada;
O som dos gritos que no berço daua
Ia como de sospiros me soaua
Coa idade & sido staua concertado;
Porque quando por caso m'embalauão
Se versos d'amor tristes me cantauão
Logo m'adormecia a natureza
Que tão conforme staua com a tristeza.

Foy minh'ama hũa fera, q'o destino
Não quis que molher fosse a que teuesse
Tal nome para mim, nem a aueria:
Assi criado fuy, porque bebesse
O veneno amoroso de menino,
Que na mayor idade beberia:
E por costume não me mataria.
Logo então vi a imagem & semelhança
D'aquella humana fera tão fermosa,
Suaue, & venenosa,

Que

Que me criou aos peitos da ſperança,
De quem eu vi deſpois o original;
Que de todos os grandes deſatinos
Faz a culpa ſoberba & ſoberana;
Pareceme que tinha forma humana,
Mas ſcentillaua ſpiritos diuinos,
Hum meneo & preſença tinha tal,
Que ſe vangloriaua todo o mal
Na viſta della; a ſombra coa vinueza
Excedia o poder da natureza.

Que genero tão nouo de tormento
Teue amor, que não foſſe, não ſomente
Prouado em mim, mas todo executado?
Implacaueis durezas, qu'o feruente
Deſejo que dâ força ao penſamento,
Tinhão de ſeu propoſito aballado;
E de ſe ver corrido & injuriado
Aqui ſombras phantaſticas, trazidas
D'algũas temerarias eſperanças,
As bemauenturanças,
Nellas tambem pintadas & fingidas;
Mas a dor do deſprezo recebido,
Qu'a phantaſia me deſatinaua,
Eſtes enganos punha em deſconcerto;

Aqui

Aqui o adeuinhar, & o ter por certo
Q'era verdade quanto adeuinhaua,
E logo o desdizerme de corrido,
Dar âs cousas que via outro sentido,
E pera tudo em fim buscar razões,
Mas erão muitas mais as sem razões.

Não sey como sabia star roubando
Cos rayos as entranhas, que fogião
Por ella pellos olhos subtilmente
Pouco a pouco inuencioeis me saião
Bem como do veo humido exhalando
Estâ o sotil humor o sol ardente,
Em fim o gesto puro & transparente,
Para quem fica baixo & sem valia
Deste nome de bello, & de fermoso
O doce, & piadoso,
Mouer d'olhos, qu'as almas sospendia
Forão as heruas magicas, que o ceo
Me fez beber, as quais por longos annos
Noutro ser me tiuerão transformado;
E tão contente de me ver trocado
Qu'as magoas enganaua cos enganos
E diante dos olhos punha o veo
Que m'encobrisse o mal qu'assi creceo

Como

Como quem com afagos se criaua
Daquelle para quem crescido staua.

Pois quem pode pintar a vida ausente
Com hum descontentarme quanto via,
E aquelle star tão longe donde staua,
O fallar sem saber o que dizia;
Andar sem ver por onde, & juntamente
Sospirar, sem saber que sospiraua;
Pois quando aquelle mal m'atormentaua:
E aquella dor que das Tartareas agoas
Saio ao mundo, & mais que todas doe,
Que tantas vezes soe
Duras iras tornar em brandas magoas,
Agora co furor da magoa irado,
Querer & não querer deixar d'amar,
E mudar noutra parte por vingança
O desejo priuado de sperança,
Que tão mal se podia ja mudar:
Agora a saudade do passado
Tormento, puro, doce, & magoado,
Fazia conuerter estes furores
Em magoadas lagrimas d'amores.

Que desculpas comigo so buscaua!

Quan-

Quando o ſuaue amor me não ſofria
Culpa na couſa amada, & tão amada,
Em fim erão remedios que fingia,
O medo do tormento, qu'enſinaua
A vida ſoſtentarſe d'enganada,
Niſto hũa parte della foy paſſada:
Na qual ſe tiue algum contentamento
Breue imperfeito, timido, indecente,
Não foy ſenão ſemente:
D'hum cumprido, & amariſſimo tormento;
Eſte curſo continuo de triſteza,
Eſtes paſſos tão vãmente eſpalhados,
Me forão apagando o ardente goſto,
Que tão de ſiſo n'alma tinha poſto,
D'aquelles penſamentos namorados,
Em qu'eu criei a tenra natureza,
Que do longo coſtume d'aſpereza
Contra quem força humana não reſiſte,
Se conuerteo no goſto de ſer triſte.

Deſt'arte a vida noutra fui trocando,
Eu não, mas o deſtino fero, irado,
Qu'eu inda aſſi por outra a não trocara;
Fezme deixar o patrio ninho amado,
Paſſando o longo mar, qu'ameaçando

Tantas

Tantas vezes m'esteue a vida chara;
Agora experimentando a furia rara
De Marte, que cos olhos quis que logo
Visse & tocasse o acerbo fruto seu,
E neste escudo meu,
A pintura verão do infesto fogo;
Agora peregrino vago, & errante,
Vendo nações, lingoages, & costumes,
Ceos varios, qualidades differentes,
Sô por seguir com passos diligentes
A ti fortuna injusta, que consumes
As idades, leuandolhe diante
Hum'esperança em vista de diamante,
Mas quando das mãos cae se conhece
Que he fragil vidro aquillo qu'apparece.

A piadade humana me faltaua,
A gente amiga ja contraria via,
No primeiro perigo & no segundo
Terra em que pôr os pês me fallecia,
Ar pera respirar se me negaua,
E faltauame emfim o tempo & o mundo:
Que segredo tão arduo, & tão profundo,
Nacer para viuer, & para á vida
Faltarme quanto o mundo tem para ella:

E não poder perdella,
Estando tantas vezes ja perdida?
Em fim não ouue trance de fortuna,
Nem perigos, nem casos diuidosos,
(Injustiças daquelles, qu'o confuso
Regimento do mundo antigo abuso
Faz sobre os outros homens poderosos)
Qu'eu não passasse atado â fiel coluna
Do sofrimento meu, qu'a importuna
Perfiguição de males em pedaços
Mil vezes fez â força de seus braços.

Não conto tantos males como aquelle,
Que depois da tormenta procellosa,
Os casos della conta em porto ledo;
Qu'ind'agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar hum só passo tenho medo;
Ia de mal que me venha não m'arredo,
Nem bem que me falleça ja pretendo,
Que para mi não val astucia humana,
De força soberana,
Da prouidencia em fim diuina pendo,
Isto que cuido, & vejo às vezes tomo
Para consolação de tantos danos:

Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre, & não alcança,
Senão memoria dos passados annos;
As agoas qu'então bebo, & o pão que como
Lagrimas tristes são, qu'eu nunca domo,
Senão com fabricar na fantasia
Fantasticas pinturas d'alegria.

Que se possiuel fosse que tornasse
O tempo para tras como a memoria,
Pellos vestigios da primeira idade,
E de nouo tecendo a antiga historia
De meus doces errores me leuasse
Pellas flores que vi da mocidade,
E a lembrança da longa saudade
Então fosse mayor contentamento,
Vendo a conuersação leda & suaue,
Ond'hum' & outra chaue
Esteue de meu nouo pensamento,
Os campos, as passadas, os sinais,
A fermosura, os olhos, a brandura,
A graça, a mansidão, a cortesia,
A singell'amizade, que desuia
Toda a baixa tenção, terrena, impura,
Como a qual outr'alguma não vi mais,

Ah vãs memorias, onde me leuais
O fraco coração? qu'inda não posso
Do mar este tão vão desejo vosso.

Nomais canção nomais, qu'irey fallando
Sem o sentir mil annos, & s'a caso
Te culparem de larga, & de pesada,
Não pode ser (lhe dize) limitada
A agoa do mar em tão pequeno vaso,
Nem eu delicadezas vou cantando
Co gosto do louuor, mas explicando
Puras verdades ja por mim passadas,
Oxalâ forão fabulas sonhadas.

Odes
DE LVIS DE CAMÕES.

Ode primeira, á Lũa.

DEtem hum pouco minha o largo pranto,
Qu'amor t'abre do peito,
E vestida de rico, & ledo manto
Demos honra & respeito
A aquella, cujo objeito
Tod'o mundo alumia,

E quan-

Trocando a noit'escur'em claro dia.

ô Delia, qu'a pesar da neuoa grossa
Cos teus rayos de prata
A noit' escura fazes que não possa
Encontrar o que tratta,
E o que n' alma retrata
Amor por teu diuino
Rosto; por que endoudeço, & desatino:

Tu que de fermosissimas estrellas,
Coroas & rodeas
Teus cabellos de prata, & faces bellas,
E os campos fermoseas,
Co as rosas que semeas,
Co as boninas que gera,
O teu celeste amor na primauera.

Pois Delia dos teus cèos vendo stas quantos
Furtos de puridades,
Suspiros, magoas, ais, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Humas por saudades,
Outras por crus indicios,
Fazem das proprias vidas sacrificios.

Ia veo Endimião por eſtes montes,
O cêo ſuſpenſo olhando
E teu nome cos olhos feitos fontes,
Em vão ſempre chamando,
Pedindo & ſuſpirando
Merces á tua beldade,
Qu'ache em ti huni'ahora piedade.

Por ti feito paſtor de branco gado,
Nas ſeluas ſolitarias
Sô de ſeu penſamento acompanhado,
Conuerſa as alimarias,
De tod'amor contrarias,
Mas não como ti duras,
Onde lamenta & chora deſuenturas.

Para ti goarda o ſitio freſco d'Ilio
Suas ſombras fermoſas,
Para ti no Erymantho o lindo Epilio
As mais purpureas roſas:
E as drogas cheiroſas
D'eſte noſſo Oriente,
Goard'a felice Arabia mais contente.

De que panthera, tigre, ou leopardo,

As asperas entranhas,
Não temerão o agudo & fero dardo,
Quando pellas montanhas
Muy remotas, & estranhas,
Ligeira atraueſſauas
Tão fermoſa, qu'amor d'amor matauas?

Das caſtas virgẽs ſempre os altos gritos
Clara Luçina ouuiſte,
Renouandolhe a força & os eſpritos:
Mas os daquelle triſte
Ia nunca conſentiſte
Ouuillos hum momento,
Para ſer menos graue ſeu tormento.

Não fujas de mim aſſi, nem aſſi t'eſcondas,
D'hum tão fiel amante,
Olha como ſoſpirão eſtas ondas,
E como o velho Atlante,
O ſeu collo arrogante,
Moue piadoſamente
Ouuindo a minha voz fraca & doente.

Triſte de mim que m'he pior queixarme,
Pois minhas queixas digo,

A quem ja ergui a mão para matarme,
Como a cruel imigo;
Mas eu meu fado sigo,
Q'a isto me destina,
E sô isto pretende, & sô m'ensina.

O quanto ha ja qu'o cêo me desengana:
E eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana;
Tendo liure aluedrio
Não fujo o desuario,
E este qu'em mi vejo,
Engana co a sperança meu desejo.

ô quanto melhor fora que dormissem
Hum sono perennal,
Estes meus olhos tristes, & não vissem
A causa de seu mal;
Fugira hum tempo tal,
Mais que d'antes proterua,
Mais cruel que vssa, mais fugaz que cerua.

Ay de mi que m'abraso em fogo viuo,
Com mil mortes ao lado,
E quando mouro mais então mais viuo,

Porque

Porqu'assi me ha ordenado
Meu infelice ſtado,
Que quando me conuida
A morte par'à morte tenha vida.

Secreta noite amiga, a qu'obedeço,
Eſtas roſas (por quanto
Meus queixumes ouuiſtes) t'offereço
Eſte freſco Amarantho
Inda humido do pranto
E lagrimas da ſpoſa
Do cioſo Tithão branca & fermoſa.

Ode ſegunda.

TAõ ſuaue, tão freſca, & tão fermoſa,
Nunqua no ceo ſahio,
A Aurora no principio do verão,
As flores dando a graça coſtumada,
Como a fermoſa manſa fera, quando
Hum penſamento viuo m'inſpirou,
Por quem me deſconheço.

Bonina pudibunda, ou freſca roſa,

Nun-

Nunqua no campo abrio,
Quando os rayos do sol no Touro stão,
De cores differentes esmaltada
Como esta flor, que os olhos inclinando
O sofrimento triste costumou
A pena que padeço.

Ligeira, bella Nympha, linda, iosa,
Não creo que seguio
Satyro, cujo brando coração
D'amores commouesse fera irada,
Que assi fosse fugindo, & desprezando
Este tormento, onde amor mostrou
Tão prospero começo.

Nunqua em fim cousa bella, & rigurosa
Natura produzio,
Que igualе âquella forma & condição,
Que as dores em que viuo estima em nada:
Mas com tão doce gesto, irado, & brando
O sentimento, & a vida me enleuou
Que a pena lhe agradeço.

Bem cudei de exaltar em verso, ou prosa,
Aquillo qu'a alma vio,

Antre a doce dureza & manſidão,
Primores de belleza deſuſada,
Mas quando quis voar ao ceo cantando,
Entendimento, & engenho, me cegou,
Luz de tão alto preço.

Naquella alta pureza deleitoſa,
Que ao mundo ſe encubrio
E nos olhos angelicos, que ſam
Senhores deſta vida deſtinada,
E naquelles cabellos que ſoltando
Ao manſo vento a vida me enredou,
Me alegro, & entriſteço.

Saudade & ſoſpeita perigoſa,
Qu'amor conſtituyo,
Por caſtigo daquelles que ſe vão.
Temores, penas d'alma deſprezada,
Fera eſquiuança, que me vay tirando
O mantimento que me ſuſtentou,
A tudo m'offereço.

Ode

Ode terceira.

SE de meu penſamento
Tanta razão tiuera d'alegrarme,
Quanta de meu tormento
A tenho de queixarme,
Poderas triſte lyra conſolarme.

E minha voz canſada.
Que noutro tempo foy alegre & pura,
Não fora aſsi tornada,
Com tanta deſuentura
Tão rouca, tão peſada, nem tão dura.

A ſer como ſobia
Podera leuantar voſſos louuores,
Vós minha Hierarchia
Ouuireis meus amores,
Que exemplo ſaõ ao mundo ja de dores.

Alegres meus cudados,
Contentes dias, horas, & momentos,
ô Quam bem alembrados
Sois de meus penſamentos,
Reinando agora em mim duros tormentos.

Ay gostos fugitiuos,
Ay gloria já acabada, & consumida,
Crueis males esquiuos,
Qual me deixais a vida
Quam chea de pesar; quam destruida!

Mas como não he morta
A triste vida jâ, que tanto dura?
Como não abre a porta
A tanta desuentura,
Qu'em vão co seu poder o tempo cura.

Mas para padecella
Se esforça meu sogeito, & conualece,
Que sô pera dizella
A força me fallece,
E de todo me canſa, & m'enfraquece.

ô bem afortunado
Tu qu'alcançaste com lyra toante
Orpheo ser escutado,
Do fero Rhadamante,
E cos teus olhos ver a doce amante.

As infernais figuras

Moueſte com teu canto docemente.
As tres furias eſcuras,
Implacaueis á gente,
Quietas ſe tornarão de repente.

Ficou como paſmado
Todo o Stygio Reino co teu canto,
E quaſi deſcanſado
De ſeu eterno pranto,
Ceſſou de alçar Siſipho o graue canto.

A ordem ſe mudaua
Das penas qu'ordenaua alli Plutão,
Em deſcanſo tornaua
A roda de Ixião,
E em gloria quantas penas alli ſaõ.

Pello qual admirada
A Rainha infernal, & commouida
Te deu a deſejada
Eſpoſa que perdida,
De tantos dias ja tiuera auida.

Pois minha deſuentura
Como ja não abranda hum'alma humana,

Que

Que he contra mim mais dura,
E muy mais desbumana,
Que o furor de Calirõe profana.

ô crua, esquiua, & fera,
Duro peito, cruel, impedernido,
De algũa tigre fera,
Da Hyrcania nacido,
Ou dantre as duras rochas produzido.

Mas que digo coitado
E de quem fio em vão minhas querellas?
Sô vos (ô do salgado
Humido Reyno) bellas
E claras Nymphas, condoeyuos dellas.

E d'ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças, leuantando
Sobol' agoa erguidas,
As tranças gottejando,
Sahi alegres todas, ver qual ando.

Sahi em companhia
Cantando & colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia

Ouuireis meus amores,
Assentareis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido
E mais mofino corpo que he gerado,
Que está ja conuertido
Em choro, & neste stado
Somente viue nelle o seu cudado.

Ode quarta.

FErmosa fera humana,
Em cujo coração soberbo & rudo
A força soberana
Do vingatiuo amor, que vence tudo
As pontas amoladas
De quantas settas tinha tem quebradas.

Amada Circe minha,
(Posto que minha não) com tudo amada,
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho inda entregarei.

Pois natureza iroſa
Da razão te deu partes tão contrarias,
Que ſendo tão fermoſa
Folgues de te queimar em flámas varias,
Sem arder em nenhũa,
Mais qu' em quanto alumia o mundo a lũa.

Pois triumphando vas
Com diuerſos deſpojos de perdidos,
Que tu priuando ſtâs
De razão, de juizo, & de ſentidos,
E quaſi a todos dando,
Aquelle bem qu'a todos vas negando.

Pois tanto te contenta
Ver o nocturno moço em ferro enuolto
Debaixo da tormenta
De Iupiter em agoa, & vento ſolto,
A porta qu'impedido
Lhe tem ſeu bem de magoa adormecido.

Porque não tens receo
Que tantas inſolencias, & eſquiuanças,
A Deoſa que poem freo
A ſoberbas, & doudas eſperanças,

Caſtigue com rigor
E contra ti s'acenda o fero Amor.

Olha a fermoſa Flora
De deſpojos de mil ſoſpiros rica,
Pello capitão chora
Que là em Theſſalia em fim vencido fica:
E foy ſublime tanto
Qu'altares lhe deu Roma, & nome ſanto.

Olha em Lesbos aquella
No ſeu Pſalteiro inſigne conhecida
Dos muitos, què por ella
Se perderão, perdeo a chara vida
Na rocha que ſe infama
Com ſer remedio eſtremo de quem ama.

Pello moço eſcolhido,
Onde mais ſe moſtrauão as tres graças,
Que Venus eſcondido
Para ſi tene hum tempo antre as alfaças,
Pazou coa morte fria
A mâ vida que a muitos ja daria.

E vendoſe deixada

Daquelle por quem tantos ja deixára,
Se foy desesperada
Precipitar da infame Rocha chara;
Qu'o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.

Tomaime brauos mares,
Tomaime vos, pois outrèm me deixou,
E assi dos altos ares,
Pendendo com furor se arremessou,
Acude tu suaue,
Acude poderosa, & diuina aue.

Toma a nas asas tuas
Minino pio illesa, & sem perigo,
Antes que nessas cruas
Agoas caindo, apague o fogo antigo,
He digno amor tamanho
De viuer, & ser tido por estranho.

Não; que he razão que seja
Para as lobas isentas qu'amor vendem
Exemplo, onde se veja
Que tambem ficão presas as que prendem:
Assi deu por sentença
Nemesis, qu'amor quis que tudo vença.

Ode quinta.

NVnqua manhã ſuaue
Eſtendendo ſeus rayos pello mundo,
Deſpois de noite graue,
Tempeſtuoſa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nao, que ja no fundo
Se vio em mares groſſos,
Com'a luz clara a mim dos olhos voſſos.

Aquella fermoſura
Que ſò no virar delles reſplandece,
Com que a ſombra oſcura
Clara ſe faz, & o campo reuerdece,
Quando meu penſamento s'entriſtece,
Ella & ſua viueza
Me desfazem a nuuem da triſteza

O meu peito onde ſtais,
He pera tanto bem peqùeno vaſo,
Quando a caſo virais
Os olhos que de mim não fazem caſo,
Todo gentil ſenhora então me abraſo
Na luz que me conſume,
Bem como a borbòleta faz no lume.

Se

Se mil almas tiuera
Qu'a tão fermosos olhos entregara,
Todas quantas pudera
Pollas peſtanas delles pendurara,
E enleuadas na viſta pura & clara,
(Poſto que diſſo indignas,)
Se andarão ſempre vendo nas mininas.

E vos que deſcuidada
Agora viuireis de tais querellas,
D'almas minhas cercada
Não podeſſeis tirar os olhos dellas,
Não pode ſer que vendo a voſſa entr'ellas
A dor que lhe moſtraſſem
Tantas, hum'alma ſô não abrandaſſem.

Mas pois o peito ardente
Hũa ſô pode ter, fermoſa dama,
Baſta qu'eſta ſomente
Como ſe foſſem duas mil vos ama:
Para que a dor de ſua ardente flama
Conuoſco tanto poſſa,
Que não queiras ver cinza hũa alma voſſa.

Ode seista.

POde hum desejo immenso
Arder no peito tanto,
Qu'abranda, & a viua alma, o fogo intenso
Lhe gaste as nodoas do terreno manto:
E purifique em tanta alteza o spirito
Com olhos immortais,
Que faz que lea mais do que vê escrito.

Que a stama que s'acende
Alto tanto alumia,
Que s'o nobre desejo ao bem s'estende
Que nunqua vio, à sente claro dia,
E lá vé do que busca o natural,
A graça, a viua cor
Noutra specie melhor qu'a corporal.

Pois vos ô claro exemplo,
De viua fermosura
Que de tão longe cá noto, & contemplo
N'alma, qu'este desejo sobe, & apura,
Não creais que não vejo aquella imagem
Qu'as gentes nunqua vem,
Se d'humanos não tem muita ventagem.

Que

Que s'os olhos ausentes
Não vem acompassada
Proporção, que das cores excellentes
De pureza, & vergonha he variada,
Da qual a Poesia que cantou
Atè qui sô pinturas
Com mortais fermosuras igualou:

Senão vem os cabellos
Qu'o vulgo chama d'ouro,
E se não vem os claros olhos bellos
De quem cantão que são do Sol thesouro;
E se não vem do rosto as excellencias,
A quem dirão que deue
Rosa, cristal, & neue as apparencias?

Vem logo a graça pura,
A luz alta, & serena
Qu'he rayo da diuina fermosura
Que n'alma imprime, & fora reuerbera
Assi como cristal do sol ferido
Que por fora derrama
A recebida flama, esclarecido.

E vem a grauidade

Com a viua alegria
Que mesturada tem, de qualidade
Qu'hũa da outra nunqua se desuia,
Nem deixa hũa de ser arreceada
Por leda, & por suaue,
Nem outra por ser graue, muito amada.

E vem do honesto siso
Os altos resplandores
Temperados co doce, & ledo riso
A cujo abrir abrem no campo as flores:
As palauras discretas, & suaues
Das quaes o mouimento
Fará deter o vento, & as altas aues.

Dos olhos o virar
(Que torna tudo raso)
Do qual não sabe o engenho diuisar
Se foy por artificio, ou feito a caso:
Da presença os meneos, & a postura,
O andar, & o mouerse
Donde pode aprenderse formosura.

Aquelle não sey que
Qu'aspira não sey como

Qu'in-

Qu'inuiſtuel ſaindo, a viſta o vee,
Mas pera o comprender não lh'acha tomo,
O qual toda a Toſcana poeſia
Que mais Phebo reſtaura,
Em Beatriz, nem em Laura nuiqua via.

Em vos a noſſa idade
Senhora, o pôde ver,
S'engenho, & ſciencia, & habilidade
Igual â fermoſura voſſa der.
Como eu vi no meu longo apartamento
Qual em auſencia a vejo;
Tais aſas dâ o deſejo ao penſamento.

Pois ſe o deſejo affina
Hum'alma aceſa tanto,
Que por vos vſe as partes da diuina;
Por vos leuantarei não viſto canto
Qu'o Bethis m'ouça, & o Tibre me leuante
Qu'o noſſo claro Tejo,
Enuolto hum pouco o vejo, & diſſonante.

O campo não o eſmaltão
Flores, mas sô abrolhos
O fazem feo, & cuido que lhe faltão

Ou-

Ouuidos para mim, para vos olhos:
Mas faça o que quiser o vil costume,
Qu'o sol qu'em vos está
Na oscuridão dará mais claro lume.

Ode settima.

A Quem darão de Pindo as moradoras
Tão doutas, como bellas,
Floreſcentes capellas
Do triumphante louro, ou myrtho verde,
Da glorioſa palma, que não perde
A preſumção ſublime,
Nem por força de peſo algum s'opprime?

A quem trarão na fralda
Roſas, a roxa Cloris
Conchas, a branca Doris,
Eſtas flores do mar, da terra aquellas
Argenteas, ruiuas, brancas, & amarelas
Com danças, & coréas
De fermoſas Nereydas, & Napeas?

A quem farão os Hymnos, Odes, Cantos
Em Thebas Amphion,

Em

Em Lesbos Arion
Senão a vos, por quem reſtituida
Se vé da Poeſia ja perdida
A honra, & gloriá igual
Senhor Dom Manoel de Portugal?

Imitando os eſpritos ja paſſados
Gentis, altos, reais,
Honra benigna dais
A meu tão baixo, quão zeloſo engenho:
Por Mecenas a vos celebro, & tenho,
E ſacro o nome voſſo
Farei, s'algũa couſa em verſo poſſo.

O rudo canto meu que reſuſcita
As honras ſepultadas,
As palmas ja paſſadas
Dos bellicoſos noſſos Luſitanos,
Para theſouro dos futuros annos,
Comuoſco se defende
Daley lethea, â qual tudo serende.

Na voſſa aruore ornada d'honra & gloria
Achou tronco excellente
Alhêa floreſcente

Para

Para a minha, atéqui debaixa eſtima,
Na qual para trepar ſ'encoſta, & arrima,
E nella ſubireis
Tão alto, quanto aos ramos eſtendeis.

Sempre forão engenhos peregrinos
Da fortuna enuejados:
Que quanto leuantados
Por hum braço, nas aſas ſaõ da fama,
Tanto por outro, a ſorte qu'os deſama,
Co peſo & grauidade
Os opprime da vil neceſsidade.

Mas altos coraçõẽs dignos d'imperio
Que vencem a fortuna,
Forão ſempre coluna
Da ſciencia gentil: Octauiano,
Scipião, Alexandre, & Graciano
Que vemos immortais,
E vos que noſſo ſeculo dourais.

Pois logo em quanto a cythara ſonora
S'eſtimar pello mundo,
Com ſom douto, & jocundo,
E em quanto produzir o Tejo, & o Douro

Pei-

Peitos de Marte, & Phebo crespo, & louro,
Tereis gloria immortal
Senhor Dom Manoel de Portugal.

Ode outaua.

Aquelle vnico exemplo
De fortaleza heroyca, & ousadia,
Que mereceo no templo
Da fama eterna ter perpetuo dia,
O gram filho de Thetis, que dez annos
Flagello foy dos miseros Troyanos:

Não menos ensinado
Foy nas heruas, & medica pollicia,
Que destro, & costumado
No soberbo exercicio da milicia:
Assi qu'as mãos qu'a tantos morte derão,
Tambem a muitos vida dar puderão.

E não se desprezou,
Aquelle fero, & indomito mancebo
Das artes qu'ensinou
Para o languido corpo, o intenso Phebo:

Que só o timido Hector matar podia,
Tambem chagas mortais curar sabia.

Tais artes aprendeo
Do semiuiro mestre, & douto velho,
Onde tanto creceo
Em virtude, sciencia, & em conselho,
Que Thelepho por elle vulnerado
Sò delle podè ser depois curado.

Pois a vos ô excellente
E illustrissimo Conde do ceo dado,
Para fazer presente
D'altos Heroes, o seculo passado,
Em quem bem trasladada està a memoria
De vossos ascendentes, honra, & gloria:

Posto qu'o pensamento
Occupado tenhais na guerra infesta,
Ou co sanguinolento
Taprobano, ou Achêm qu'o mar molesta,
Ou co Cambayo occulto imigo nosso
Que qual quer delles teme o nome vosso:

Fauorecei a antiga

Scien-

Sciencia que ja Achiles estimou;
Olhay que vos obriga
Verdes qu'em vosso tempo rebentou
O frutto daquell'horta, onde florecem
Plantas nouas, qu'os doutos não conhecem.

Olhay qu'em vossos annos
Hũa horta produze varias hervas
Nos campos Indianos,
Ás quaes aquellas doutas, & proteruas
Medea, & Circe nunqua conhecerão
Posto qu'a ley da Magica excederão.

E vede carregado
D'annos, & tras a varia experiencia
Hum velho, qu'ensinado
Das Gangeticas musas na sciencia,
Podaliria sutil, & arte syluestre
Vence o velho Chiron d'Achiles mestre.

Garcia de Horta que escreveo das Plantas da India onde foi Fisico Mor

O qual está pedindo
Vosso fauor, & ajuda ao grão volume
Qu'impresso a luz saindo
Dará da medicina hum viuo lume,
E descubrirnosha segredos certos

A todos os antigos encubertos.

Assi que não podeis
Negár (como vos pede) benigna aura,
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca, & Maura,
Ajuda, quem ajuda contra a morte,
E sereis semelhante ao Grego forte.

Ode nona.

Imitação da Ode do liuro 4. de Horacio.

Fogem as neues frias
Dos altos montes, quando reuerdecem
As aruores sombrias,
As verdes heruas crecem,
E o prado ameno de mil cores tecem.

Zephiro brando spira,
Suas setas Amor afia agora,
Progne triste suspira,
E Philomela chora,
O ceo da fresca terra s'enamora.

Vay Venus cytharea
Com os coros das Nymphas rodeada,

da 4ª Liu. 4

A lin-

A linda Panopea
Despida, & delicada
Com as duas irmãs acompanhada.

Em quanto as officinas
Dos Cyclopes, Vulcano stá queimando,
Vão colhendo boninas
As Nymphas, & cantando
A terra co ligeiro pê tocando.

Dece do duro monte
Diana, ja cansada d'espessura,
Buscando a clara fonte
Onde por sorte dura
Perdeo Acteon a natural figura.

Assi se vay passando
A verde primauera, & seco estio,
Tras elle vem chegando
Depois o inuerno frio,
Que tambem passara por certo fio.

Irseha embranquecendo
Com a frigida neue, o seco monte,
E Iupiter chouendo

Turbarâ a clara fonte,
Temerâ o marinheiro o Orizonte.

Porque em fim tudo passa:
Não sabe o tempo ter firmeza em nada,
E nossa vida escassa
Foge tão apressada,
Que quando se começa he acabada.

Que forão dos Troyanos
Hector temido, Eneas piadoso?
Consumirãote os annos
ô Cresso tão famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento
Crias qu'estaua em ter thesouro vfano:
ô falso pensamento
Qu'â custa de teu dano
Do douto Solon creste o desengano.

O bem qu'aqui s'alcança
Não dura por possante, nem por forte,
Qu'a bemauenturança
Duranel, d'outra sorte

Se ha d'alcançar na vida pera a morte.

Porqu'em fim nada baſta
Contra o terribel fim da noit'eterna,
Nem pode a Deoſa caſta
Tornar â luz ſuperna
Hypolito da eſcura noite Auerna.

Nem Theſeo eſforçado
Com manha, nem com força riguroſa
Liurar pode o ouſado
Pirithoo da eſpantoſa
Priſaõ Lethea, eſcura, & tenebroſa.

Ode decima.

Aquelle moço fero
Na Peletronia coua doutrinado
Do Centauro ſeuero,
Cujo peito eſforçado
Com tutanos de tigres foy criado

N'agoa fatal menino
O Laua a mãy preſaga do futuro,
Para que ferro fino

Não passo o peito duro,
Que desi mesmo a si se tem por muro:

A carne lh'endurece
Que ser não possa d'armas offendida:
Cega que não conhece
Que pode auer ferida
N'alma, que menos doe perder a vida.

Que aonde o braço irado
Dos Troyanos passaua arnes, & escudo,
Ali se vio passado
D'aquelle ferro agudo
Do menino, qu'em todos pôde tudo.

Alli se vio cattiuo
Da cattiua gentil, que serue, & adora;
Alli se vio, que viuo
Em viuo fogo môra,
Porque de seu senhor se ve senhora.

Ia toma a branda lyra
Na mão qu'a dura Pelias meneara;
Alli canta, & suspira
Não como l'hensinara

O velho, mas o moço que ocegara.

Pois logo, quem culpado
Sera ſe de pequeno offereçido
Foi logo a seu cuydado,
No berço inſtituido
A não poder deixar de ſer ferido

Quem logo fraco infante
D'outro mais poderoſo foi sogeito,
Que para cego amante
Foi de principio feito
Com lagrimas banhando o brando peito?

S'agora foy ferido
Da penetrante ſetta, & força d'herua,
E ſe Amor he ſeruido
Que ſirua a linda ſerua,
Para que minha eſtrella me reſerua.

O geſto bem talhado
O airoſo meneo, & a poſtura,
O roſto delicado
Que na viſta affigura,
Que ſe enſina por arte a fermoſura.

Como pode deixar
De cattiuar quem tenha entendimento?
Que quem não penetrar
Hum doce geſto atento,
Não lh'he nenhum louuor viuer iſento.

Qu'aquelles cujos peitos
Ornou d'altas ſciencias o deſtino,
Eſſes forão ſogeitos
Ao cego, & vão menino,
Arrebatados do furor diuino.

O Rey famoſo Hebreo
Que mais que todos ſoube, mais amou;
Tanto, que a Deos alheo
Falſo ſacrificou,
Se muito ſoube, & teue, muito errou.

E o grão ſabio qu'enſina
Paſſeando, os ſegredos da Sophia,
A baixa concubina
Do vil eunucho Hermia
Aras ergueo, qu'aos Deoſes ſô deuia.

Aras ergue á quem ama

O Philoſopho inſigne namorado,
Doeſſe a perpetua fama,
E grita, que culpado
Da leſa diuindade he accuſado.

Ia foge donde habita,
Ia paga a culpa enorme com deſterro;
Mas ô grande deſdita
Bem moſtra tamanho erro,
Que doutos corações não ſaõ de ferro.

Antes naltiuamente,
No ſotil ſangue, & engenho mais perfeito,
Ha mais conueniente
E conforme ſogeito
Onde s'emprima o brando & doce affeito.

SEXTINAS.

FOgeme pouco a pouco a curta vida,
(Se por caso he verdade qu'inda viuo)
Vayseme o breue tempo d'ante os olhos,
Choro pello passado, & em quanto fallo
Se me passão os dias passo & passo:
Vaiseme em fim a idade, & fica a pena.

Que maneira tão aspera de pena
Que nunqua hum'hora vio tão longa vida,
Em que possa do mal mouerse hum passo,
Que mais me monta ser morto, que viuo?
Para que choro em fim? para que fallo?
Se lograrme não pude de meus olhos?

ô fermosos, gentis, & claros olhos
Cuja ausencia me moue a tanta pena,
Quanta se não comprende em quanto fallo,
Se no fim de tão longa & curta vida
De vos m'inda inflamasse o rayo viuo,
Por bem teria tudo quanto passo.

Mas bem sey, que primeiro o estremo passo
Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,

Que

Qu'amor me moſtre aquelles porque viuo.
Teſtemunhas ſerão à tinta & pena,
Que eſcreuerão de tão moleſta vida,
O menos que paſſei, & o mais que fallo.

Ô que não ſei qu'eſcreuo, nem que fallo:
Que ſe d'hum penſamento n'outro paſſo,
Vejo tão triſte genero de vida,
Que ſe lhe não valerem tantos olhos,
Não poſſo imaginar, qual ſeja a pena
Que traſlade eſta pena com que viuo.

N'alma tenho contino hum fogo viuo
Que ſe não reſpiraſſe no que fallo,
Eſtaria ja feita cinza a pena.
Mas ſobr'a mayor dôr que ſofro, & paſſo,
Me temperão as lagrimas dos olhos,
Com que fugindo não s'acaba a vida.

Morrendo eſtou na vida, & em morte viuo,
Vejo ſem olhos, & ſem lingoa fallo,
E juntamente paſſo gloria, & pena.

Ele-

ELEGIAS DE LVIS DE CAMÕES.

Elegia primeira.

O Poeta Simonides fallando
Co capitão Themiſtocles hum dia
Em couſas de ſciencia praticando,
Hum'arte ſingular lhe prometia,
Qu'então compunha, com que lh'enſinaſſe
A ſe lembrar de tudo o que fazia.
Onde tão ſutis regras lhe moſtraſſe
Que nunqua lhe paſſaſſe da memoria
Em nenhum tempo as couſas que paſſaſſe.
Bem merecia certo fama & gloria,
Quem daua regra contra o eſquecimento,
Qu'enterra em ſi qualquer antiga hiſtoria.
Mas o capitão claro cujo intento
Bem differente ſtaua, porque auia
As paſſadas lembranças por tormento.
ô illuſtre Simonides (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que moſtras â memoria noua via.

Se

Se me desses hum'arte qu'em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
ô quanto melhor obra me farias.
S'este excellente ditto ponderado
Fosse, por quem se visse star ausente
Em longas esperanças degradado,
ô como bradaria justamente
Simonides inuenta nouas artes
Não meças o passado co presente.
Que se he forçado andar por varias partes
Buscando â vida algum descanso honesto,
Que tu fortuna injusta mal repartes,
E se o duro trabalho he manifesto
Que por graue que seja ha de passarse
Com animoso sprito, & ledo gesto,
De que serue âs pessoas alembrarse
Do que se passou ja, pois tudo passa
Senão d'entristecerse, & magoarse?
Se n'outro corpo hum'alma se trasplassa,
Não, como quis Pythagoras na morte,
Mas como manda Amor na vida escassa,
E s'este amor no mundo estâ de sorte
Que na virtude sô d'hum lindo objecto
Tem hum corpo sem alma viuo & forte,
Ond'este objecto falta, que he defecto

Ta-

Tamanho pera a vida, que ja nella
M'eſtâ chamando â pena a dura Alecto:
Porque me não criâra minha eſtrella
Seluatico no mundo, & habitante
Na dura Scythia, ou na aſpereza della?
Ou no Caucaſo horrendo fraco infante,
Criado ao peito d'algũa tigre Hyrcana,
Homem fora formado de diamante.
Porque a ceruiz ferina & inhumana
Não ſommettera ao jugo & dura ley
Daquelle que dâ vida quando engana:
Ou em pago das agoas qu'eſtilley
As que do mar paſſei forão de Lethe,
Para què ni'eſquecera o que paſsei.
Qu'o bem que a ſperança vãa promete,
Ou a morte o eſtorua, ou a mudança,
Qu'he mal que hum'alma em lagrimas derrete.
Ia ſenhor cairâ como a lembrança
No mal do bem paſsado, he triſte, & dura,
Pois nace aonde morre a ſperança.
E ſe quiſer ſaber como s'apura
Num'alma ſaudoſa, não ſe enfade
De ler tão longa & miſera eſcrittura.
Soltaua Eolo a redea & liberdade
Ao manſo Fauonio brandamente,

E eu

E eu ja a tinha solta â saudade:
Neptuno tinha posto o seu Tridente,
A proa a branca escuma diuidia,
Coa gente maritima contente.
O coro das Nereidas nos seguia,
Os ventos namorada Galathea,
Consigo sossegados os mouia.
Das argenteas conchinhas Panopea
Andaua pello mar fazendo molhos
Melanto, Diamene, com Legea.
Eu trazendo lembranças pòr antolhos
Trazia os olhos na agoa sossegada,
E a agoa sem sossego nos meus olhos.
A bemauenturança ja passada
Diante de mim tinha tão presente,
Como se não müdasse o tempo nada.
E com o gesto immoto, & descontente,
Chum sospiro profundo, & mal ouuido,
Por não mostrar meu mal à toda gente:
Dizia, ô claras Nymphas, se o sentido
Em puro amor tiuestes, & inda agòra
Da memoria o não tendes esquecido,
Se por ventura sordes algum'hora
Aonde entra o gran Tejo a dar tributo
A Thetis, que vos tendes por senhora,

Ou por verdes o prado verde enxuto
Ou por colherdes ouro rutilante,
Das Tagicas areas rico frutto:
Nellas em verſo heroico, & elegante,
Eſcreuei c'hũa concha o qu'em mim viſtes,
Pode ſer qu'algum peito ſe quebrante.
E contando de mim memorias triſtes,
Os paſtores do Tejo que me ouuião
Oução de vos as magoas que me ouuiſtes.
Ellas que ja no geſto me entendião,
Nos meneos das ondas me moſtrauão
Qu'em quanto lhe pedia conſentião.
Eſtas lembranças que me acompanhauão
Polla tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta graue me deixauão.
Porque chegando ao cabo da ſperança,
Começo da ſaudade que renoua,
Lembrando a longa, & aſpera mudança.
Debaixo eſtendido já da eſtrella noua,
Que no nouo Hemiſpherio reſplandece,
Dando do ſegundo axe certa proua.
Eis a noite com nuues eſcurece
Do ar ſupitamente foge o dia,
E o largo Oceano s'embraueee:
A machina do mundo parecia

Que

Qu'em tormenta se vinha desfazendo,
Em serras todo o mar se conuertia.
Lutando Boreas fero, & Noto horrendo,
Sonoras tempestades leuantauão,
Das naos as velas concauas rompendo.
As cordas co ruido assuuiauão,
Os marinheiros ja desesperados
Com gritos pera o ceo o ar coalhauão.
Os rayos por Vulcano fabricados
Vibraua o fero & aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos d'assombrados.
Alli amor mostrandose possante
E que por nenhum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho mais constante,
Vendo a morte diante, em mim dezia,
S'algũa ora senhora vos lembrasse
Nada do que passei me lembraria.
Em fim nunca ouue cousa que mudasse
O firme amor intrinsico daquelle
Em cujo peito hũa vez de siso entrasse.
Hũa cousa senhor por certo asselle,
Que nunqua amor se affina, nem s'apura
Em quanto está presente a causa delle.
Dest'arte me chegou minha ventura
A esta desejada & longa terra,

De todo o pobre honrado ſepultura.
Vi quanta vaidade em nos s'encerra,
E dos proprios quam pouca, contra quem
Foy logo neceſſario termos guerra.
Que hum'ilha qu'o Rey de Porcâ tem
Que o Rey da Pimenta lhe tomâra,
Fomos tomarlha, & ſucedenos bem.
Com hum'armada groſſa, qu'ajuntára
O Viſorei de Goa, nos partimos
Com toda a gente darmas que s'achâra,
E com pouco trabalho deſtruimos
A gente no curuo arco exercitada.
Com mortes com incendios os punimos.
Era a ilha com agoas alagada,
De modo que s'andaua em almadias,
Em fim outra Veneza traſladada,
Nella nos detiuemos sôs dous dias,
Que forão para algũs os derradeiros,
Que paſsârão de Styge as agoas frias.
Qu'eſtes ſaõ os remedios verdadeiros
Que para a vida ſtão apparelhados
Aos que a querem ter por caualleiros,
ô lauradores bemauenturados,
Se conheceſſem ſeu contentamento,
Como viuem no campo ſoſſegados.

Da-

Dalhes a justa terra o mantimento,
Dalhes a fonte clara a agoa pura,
Mungem suas ouelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente,
Não temem o furor da guerra dura.
Viue hum com suas aruores contente,
Sem lhe quebrar o sono sossegado
O cudado do ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da fermosa cor Assyria tinto,
E dos torçaes Atalicos laurado:
Se não tem as delicias de Corintho,
E se de Pario os marmores lhe faltão,
O Piropo, a Esmeralda, & o Iacinto,
Se suas casas d'ouro não s'esmaltão,
Esmaltaselhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltão.
Alli amostra o campo varias cores,
Vem se os ramos pender co fruto ameno,
Alli se affina o canto dos pastores.
Alli cantara Tityro, & Sileno,
Em fim por estas partes caminhou
A saã justiça pera o céo sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou

Poder viuer na doce companhia
Das mansas ouelhinhas que crioù.
Este bem facilmente alcançaria
As causas naturais de toda a cousa,
Como se gera a chuua & neue fria.
Os trabalhos do sol que não repousa,
E porque nos dà a lũa a luz allea,
Se tolhermos de Phebo os rayos ousa.
E como tão de presa o cêo rodea,
E como hum sô os outros traz consigo,
E se he benigna ou dura Scytharea.
Bem mal pode entender isto que digo,
Quẽ ha de andar seguindo o fero Marte
Que traz os olhos sempre em seu perigo.
Porem seja senhor de qualquer arte,
Que posto que a fortuna possa tanto,
Que tão longe de todo o bem me aparte,
Não poderà apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, em quanto a morte
Me não entrega ao duro Rhadamanto,
Se pera tristes ha tão leda sorte.

Ele-

Elegia segunda.

Aquella que d'amor descomedido
Pello fermoso moço se perdeo,
Que sô por si de amores foy perdido.
Despois que a Deosa em pedra a conuerteo,
De seu humano gesto verdadeiro,
A vltima voz sô lhe concedeo.
Assi meu mal do proprio ser primeiro
Outra cousa neinhũa me consente,
Qu'este canto qu'escreuo derradeiro,
E s'algũa pouca vida estando ausente
Me deixa amor, he porque o pensamento
Sinta a perda do bem d'estar presente.
Senhor se vos espanta o sentimento
Que tenho em tanto mal para escreuelo,
Furto este breue tempo a meu tormento.
Porque quem tem poder para sofrello
Sem se acabar a vida co cuidado,
Tambem terâ poder pera dizello.
Nem eu escreuo mal tão costumado,
Mas n'alma minha triste, & saudosa
A saudade screue, & eu traslado.
Anlo gastando a vida trabalhosa,

Espalhando a continua saudade,
Ao longo d'hũa praya saudosa.
Vejo do mar a instabilidade,
Como com seu ruido impetuoso,
Retumba na mayor concauidade.
E com sua branca escuma furioso,
Na terra a seu pesar lhe stâ tomando
Lugar onde s'estenda cauernoso.
Ella como mais fraca lhe stâ dando
As concauas entranhas ond'esteja
Suas salgadas ondas espalhando.
A todas estas cousas tenho inueja
Tamanha, que não sei determinarme,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal desesperarme,
Não posso, porque amor, & saudade,
Nem licença me dão para matarme,
Ás vezes cuido em mim se a nouidade
E estranheza das cousas, coa mudança,
Se poderão mudar hũa vontade.
E com isto afiguro na lembrança
A noua terra, o nouo tratto humano,
A estrangeira gente, & estranha vsança.
Subome ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe diuidio,

Dan-

Dando caminho ao mar Mediterraneo.
Dalli estou tenteando aonde vio
O pomar das Hesperidas, mattando
A serpe qu'a seu passo resistio.
Em outra part'estou afigurando
O poderoso Antheo, que derrubado
Mais força se lhe est au'acrecentando.
Mas do Herculeo braço sojugado
No ar deixou a vida, não podendo
Da madre terra ja ser ajudado.
Nem com isto em fim qu'estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
De lembranças passadas me defendo.
Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Qu'estejão de firmeza acompanhadas.
Vi ja qu'a Primauera de contente
De mil cores alegres reuestia
O monte, o rio, o campo alegremente.
Vi ja das altas aues a armonia,
Qu'ate aos montes duros conuidaua
A hum modo suaue d'alegria.
Vi ja que tudo em fim me contentaua,
E que de muito cheo de firmeza
Hum mal por mil prazeres não trocaua.

Tal me tem a mudança & estranheza,
Que se vou pellos campos, a verdura
Parece que se secca de tristeza.
Mas isto he ja costume da ventura,
Que aos olhos que viuem descontentes,
Descontente o prazer se lh'afigura.
Ô graue & insuffriueis accidentes
De fortuna & d'amor, que penitencia
Tão graue dais aos peitos innocentes.
Não basta exprimentarme a paciencia,
Com temores, & falsas esperanças,
Sem que tambem m'attente o mal d'ausencia?
Trazeis hum brando animo em mudanças,
Para que nunca possa ser mudado,
De lagrimas, suspiros, & lembranças.
E s'estiuer ao mal acostumado,
Tambem no mal não consentis firmeza,
Para que nunqua viua descansado.
Viuia eu sossegado na tristeza,
E alli não me faltaua hum brando engano,
Que tirasse os desejos da fraqueza.
E vendome enganado estar vfano,
Deu â roda fortuna, & deu comigo
Onde de noue choro o nouo danno.
Ia deue de bastar o qu'aqui digo,

Para

Para dar a entender o mais que callo,
A quem ja vio tão aſpero perigo.
E ſe nos bravos peitos faz aballo
Hum peito magoado, & deſcontente,
Qu'obriga a quem o ouue a conſolallo,
Não quero mais ſenão que largamente
Senhor me mandeis nouas deſſa terra,
Ao menos poderei viuer contente.
Porque s'o duro fado me deſterra,
Tanto tempo do bem, qu'o fraco eſprito
Deſampare a priſaõ onde s'encerra:
Ao ſom das negras agoas de Cocito
Ao pé dos carregados arvoredos
Cantarei o que n'alma tenho eſcritto.
E por entr'eſſes horridos penedos,
A quem negou natura o claro dia,
Entre tormentos aſperos & medos:
Com a tremula voz, canſada, & fria,
Celebrarei o geſto claro & puro,
Que nunqua perderei da fantaſia.
E o muſico de Thracia ja ſeguro
De perder ſua Eurydice tangendo,
M'ajudara ferindo o ar eſcuro.
As namoradas ſombras reuoluendo
Memorias do paſſado m'ouuirão,

E com seu choro o rio irâ crecendo.
Em Salmoneo as penas faltarão,
E das filhas de Bello juntamente
De lagrimas os vasos s'encherão.
Que se amor não se perde em vida ausente,
Menos se perderâ por morte escura;
Porqu'em fim a alma viue eternamente,
E amor h'effeito d'alma, & sempre dura.

Elegia terceira.

O Sulmonense Ouidio desterrado
Na aspereza do Pontho, imaginando
Verse de seus parentes apartado:
Sua chara molher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento;
De sua patria os olhos apartando:
Não podendo encubrir o sentimento,
Aos montes, & ás agoas se queixaua
De seu escuro & triste nascimento.
O curso das estrellas contemplaua,
E como por sua ordem discurria
O cêo, o ar, & a terr'adonde staua.
Os peixes pello mar nadando via,
As feras pello monte, procedendo

Como seu natural lhes permittia.
De suas fontes via estar nacendo
Os saudosos rios de cristal,
A sua natureza obedecendo.
Assi sô, de seu proprio natural,
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Sô sua doce Musa o acompanha,
Nos versos saudosos qu'escreuia,
E lagrimas com qu'alli o campo banha.
Dest'arte me afigura a fantasia
A vida com que viuo desterrado,
Do bem que noutro tempo possuia.
Alli contemplo o gosto ja passado,
Que nunqua passará polla memoria,
De qúem o tem na mente debuxado.
Alli vejo a caduca & debil gloria,
Desenganar meu erro, coa mudança
Que faz a fragil vida transitoria:
Alli me representa esta lembrança
Quam pouca culpa tenho, & m'entristece,
Ver sem razão a pena que m'alcança.
Qu'a pena que com causa se padece
A causa tira o sentimento della,
Mas muito doe a que se não merece.

Quan-

Quando a roxa manhã, fermoſa, & bella
Abre as portas ao ſol, & eac o orualho,
E torna a ſeus queixumes Philomela.
Eſte cudado que co ſono atalho
Em ſonhos me parece, qu'o qu'a gente
Por ſeu deſcanſo tem; me dâ trabalho.
E depois d'acordado cegamente
(Ou por melhor dizer deſacordado,
Que pouco acordo tem hum deſcontente)
Dalli me vou com paſſo carregado,
A hum outeiro erguido, & alli m'aſſento,
Soltando a redea toda a meu cudado.
Depois de farto ja de meu tormento,
D'alli eſtendo os olhos ſaudoſos
A parte aonde tinha o penſamento.
Não vejo ſe não montes pedregoſos.
E os campos ſem graça, & ſeccos vejo,
Que ja floridos vira, & gracioſos.
Vejo o puro, ſuaue, & brando Tejo,
Com as concauas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito ſeu deſejo.
Hũas co brando vento nauegando,
Outras cos leues remos brandamente
As criſtallinas agoas apartando.
Dalli fallo coa agoa que não ſente,

Com

Com cujo ſentimento a alma ſay
Em lagrimas desfeita claramente.
ô fugitiuas ondas eſperay,
Que pois me não leuais em companhia,
Ao menos eſtas lagrimas leuai.
Ate que venha aquelle alegre dia,
Qu'eu va onde vos bis contente & ledo,
Mas tanto tempo quem o paſſaria?
Não pode tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabarâ,
Que s'acabe tão aſpero degredo.
Mas eſta triſte morte que virâ,
S'em tão contrario ſtado me acabaſſe,
A alma impaciente adonde irâ?
Que ſe âs portas Tartareas chegaſſe
Temo que tanto mal pella memoria
Nem ao paſſar de Lethe lhe paſſaſſe.
Que s'a Tantalo & Tycio for notoria
A pena com que vay qu'a atormenta,
A pena què lâ tem terão por gloria.
Eſta imaginação me acrecenta
Mil magoas no ſentido, porqu'a vida
D'imaginações triſtes ſe ſuſtenta.
Que pois de toilo viue conſumida,
Porqu'o mal que poſſue ſe reſuma

Imagina na gloria possuida.
Ate qu'a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado,
Em que fortuna faça o que costuma,
Se nella hahi mudar hum triste stado.

A DOM LIONIS PEREIRA, SOBRE O LIuro que Pero de Magalhães lhe offereceo do descubrimento da terra sancta Cruz.

DEspois que Magalhães teue tecida
A breue historia sua, qu'illustrasse
A terra Sancta Cruz, pouco sabida;
Imaginando a quem a dedicasse,
Ou com cujo fauor defenderia
Seu liuro d'algum Zoylo que ladrasse:
Tendo nisto occupada a fantasia,
Lhe sobreueo hum sono repousado
Antes qu'o Sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lh'aparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa:
Com que fez quem o vio todo enfiado;
Dizendo em voz pesada, & temerosa:

Não

Não he justo qu'a outrem s'offereça
Nenhũa obra que possa ser famosa,
Senão a quem por armas resplandeça
No mundo todo, com tal nome, & fama;
Que louuor immortal sempre mereça.
Isto assi dito, Apollo que da flamma
Celeste guia os carros, d'outra parte
Se lhe apresenta, & por seu nome o chama
Dizendo: Magalhães, posto que Marte
Com seu terror t'espante, todauia
Comigo deues sô d'aconselharte.
Hum varão sapiente, em quem Talia
Pôs seus thesouros, & eu minha sciencia,
Defender tuas obras poderia.
He justo qu'a Escrittura na prudencia
Ache sô defensaõ, porque a dureza
Das armas, he contraria da eloquencia;
Assi disse. E tocando com destreza
A cythara dourada, começou
De mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercurio que sempre costumou
A despartir porfias duuidosas,
Co Caduceo na mão que sempre vsou,
Determina compor as perigosas
Opiniões dos Deoses inimigos,

Com

Com razões boas, justas, & amorosas;
E disse: bem sabemos dos antigos
Heroes, & dos modernos, que prouarão
De Bellona os grauissimos perigos,
Que tambem muitas vezes ajuntarão
Ás armas eloquencia, porqu'as Musas
Mil capitães na guerra acompanharão.
Nunqua Alexandre, ou Cesar, nas confusas
Guerras, deixarão o estudo em breue spaço;
Nem armas da sciencia saõ escusas,
N'hũa mão liuros, n'outra ferro, & aço,
A hũa rege, & ensina, a outra fere
Mais co saber se vence, que co braço.
Pois logo varão grande, se requere
Que com teus dões Apollo illustre seja,
E de ti Marte palma, & gloria espere.
Este vos darei eu, em que se veja
Saber, & esforço no sereno peito
Qu'he Dom Lionis, que faz ao mundo enueja.
Deste as irmãs em vendo o boni sogeito,
Todas noue nos braços o tomarão
Criandoo co seu leite no seu leito.
Ás artes, & sciencia lh'ensinarão,
Inclinação diuina lh'influirão,
Ás virtudes moraes qu'o logo ornarão.

Da-

Daqui os exercicios o seguirão
Das armas no Oriente, onde primeiro
Hum soldado gentil instituirão.
Ali taes prouas fez de caualleiro,
Que de Christão magnanimo, & seguro,
A si mesmo venceo por derradeiro.
Depois ja capitão forte, & maduro,
Gouernando toda Aurea Chersoneso,
Lhe defendeo co braço o debil muro.
Porque vindo a cercala todo o peso
Do poder dos Achens, que se sostenta
Do sangue alheo, em furia todo aceso,
Este só qu'ati Marte representa
O castigou de sorte, qu'o vencido
De ter quem fique vino se contenta.
Pois tanto qu'o grão reino defendido
Deixou; segunda vez com mayor gloria,
Para o ir gouernar foy elegido.
E não perdendo ainda da memoria
Os amigos o seu gouerno brando,
Os inigos o danno da victoria;
Hũs com amor intrinseco, esperando
Estão por elle, & os outros congelados
O vão com temer frio receando.
Pois vede se serão desbaratados

De todo por seu braço, se tornasse,
E dos mares da India degradados:
Porqu'he justo que nunqua lhe negasse
O conselho do Olympo alto & subido,
Fauor, & ajuda com que pelejasse.
Pois aqui certo está bem dirigido
De Magalhães o liuro, este sô deue
De ser de vos, ô Deoses escolhido.
Isto Mercurio disse: & logo em breue
Se conformarão nisto Apollo, & Marte,
E voou juntamente o sono leue.
Acorda Magalhães, & ja se parte
A vos offerecer, senhor famoso
Tudo o que nelle pos sciencia, & arte.
Tem claro estillo, engenho curioso
Para poder de vos ser recebido
Com mão benigna d'animo amoroso.
Porque sô de não ser fauorecido
Hum claro sprito, fica baixo, & escuro:
Pois seja elle comuosco defendido
Como o foy de Malaca o fraco muro.

CAPITVLO

Aquelle mouer d'olhos excellente,
Aquelle viuo ſpirito inflamado
Do criſtallino roſto tranſparente,
Aquelle geſto immoto & repouſado,
Que ſtando n'alma propriamente ſcritto,
Não pode ſer em verſo traſladado,
Aquelle parecer qu'he infinito
Pera ſe comprender d'engenho humano,
O qual offendo em quanto tenho ditto;
M'inflamma o coração, d'hum doce engano
M'enleua, & engrandece a fantaſia,
Que não vi mayor gloria que meu danno.
ô bemauenturado ſeja o dia,
Em que tomei tão doce penſamento,
Que de todos os outros me deſuia:
E bemauenturado o ſoffrimento,
Que ſoube ſer capaz de tanta pena,
Vendo qu'o foy da cauſa o entendimento.
Façame quem me matta, o mal qu'ordena,
Tratteme com enganos, deſamores,
Qu'então me ſalua, quando me condena.
E ſe de tão ſuaues diſfauores

Penando viue hum'alma consumida,
ô que doce penar, que doces dores!
E se hũa condição endurecida,
Tambem me nega a morte por meu danno,
ô que doce morrer, que doce vida!
E se me mostra hum gesto brando & humano,
Como que de meu mal culpada s'acha,
ô que doce mintir, que doce engano!
E s'em querer lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
ô que doce fingir, que doce cacha!
Assi que ponho ja no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem sô na memoria
De vos ver, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a vittoria?
Se tanto vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merecervos,
Que quero eu mais, que ternos por senhora?
Se procede este bem de conhecervos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais senhora, que quervervos?
S'em meu proueito faz qualquer partido,
Sô na vista d'hũs olhos tão serenos,

Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?
Se meus baixos spritos de piquenos
Ainda não merecem seu tormento,
Que quero eu mais qu'o mais não seja menos?
A causa em fim m'esforça o soffrimento,
Porqu'a pesar do mal que me resiste
De todos os trabalhos me contento,
Qu'â razão faz a pena alegre ou triste.

OVTAVAS
DE LVIS DE CAMÕES.

A DOM ANTONIO DE NOronha, sobre o desconcerto do mundo.

QVem pôde ser no mundo tão quieto?
Ou quem terâ tão liure o pensamento?
Quèm tão exprimentado, & tão discreto,
Tão fora em fim d'humano entendimento?
Qu'ou com publico effeito, ou com secreto,
Lhe não reuolua, & espante o sentimento,
Deixandolhe o juyzo quasi incerto,
Ver, & notar do mundo o desconcerto?

Quem ha que veja aquelle que viuia
De latrocinios, mortes, & adulterios,
Qu'ao juyzo das gentes merecia
Perpetua pena, immenſos vituperios?
S'a fortuna em contrario o leua, & guia,
Moſtrando em fim que tudo ſaõ myſterios,
Em alteza d'eſtados triumphante,
Que por liure que ſeja não s'eſpante.

Quem ha que veja aquelle que tão clara
Teue a vida, qu'em tudo por perfeito
O proprio Momo ás gentes o julgara,
Ainda que lhe vira aberto o peito?
S'a má fortuna ao bem sómente auara,
O reprime, & lhe nega ſeu direito,
Que lhe não fique o peito congelado
Por mais, & mais que ſeja exprimentado.

Democrito dos Deoſes proferia
Qu'erão sós dous, a pena, & beneficio,
Segredo algum ſerá da fantaſia,
De qu'eu àchar não poſſo claro indicio:
Que ſe ambos vem por não cudada via,
A quem os não merece, he grande vicio
Em Deoſes ſem juſtiça, & ſem rezão:
Mas Democrito ò diſſe, & Paulo não.

Dir-

Dirm'eis que s'este estranho desconcerto
Nouamente no mundo se mostrasse,
Que por liure que fosse, & muy experto,
Não era d'espantar se m'espantasse:
Mas que seja de Socrates foy certo
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente, ou de constante,
Que tome exemplo delle, & não m'espante.

Parece a razão boa, mas eu digo
Qu'este vso da fortuna tão dannado,
Que quanto & mais vsado, & mais antigo
Tanto & mais estranhado, & blasphemado:
Porque s'o céo das gentes tão amigo
Não dá á fortuna tempo limitado,
Não he para causar muy grande spanto,
Que mal tão mal olhado dure tanto.

Outro spanto mayor aqui m'enlea,
Que com quanto fortuna tão profana
Com estes desconcertos senhorea,
A nenhũa pessoa desengana:
Não ha ninguem qu'assente, nem que crea
Este discurso vão da vida humana,
Por mais que philosophe, nem qu'entenda,
Qu'algum pouco do mundo não pretenda.

Diogenes piſaua de Platão
Com ſeus ſordidos pês o rico ſtrado;
Moſtrand'outra mais alta preſunção,
Em deſprezar o fauſto tão prezado:
Diogenes não ves qu'eſtremos ſaõ
Eſſes que ſegues de mais alto ſtado,
Que ſe de deſprezar te prezas muito,
Ia pretendes do mundo fama & fruito.

Deixo agora reys grandes, cujo ſtudo
He fartar eſta ſede cubiçoſa,
De querer dominar, & mandar tudo
Com fama larga, & pompa ſumptuoſa:
Deixo aquelles que tomão por eſcudo
De ſeus vicios, & vida vergonhoſa,
A nobreza de ſeus anteceſſores,
E não cudão de ſi que ſaõ peores.

Deixo aquelle a quem o ſono eſperta
O graõ fauor do rey que ſerue & adora,
Que ſe mantem d'eſta aura, falſa, incerta,
Que de coraçõeſ tantos he ſenhora.
Deixo aquelles que ſtão coa boca aberta
Por s'encher de theſouros d'hora em hora,
Doentes deſta falſa hydropeſia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem não ha ninguem que contradiga,
Nem doutra cousa alguma he sojugado
Que d'huma opinião, & vsança antiga:
Mas pregunto ora a Cesar esforçado,
Ou a Platão diuino, que me diga
Este das muitas terras em qu'andou,
Estoutro de vencellas, qu'alcançou?

Cesar dirâ, sou dino de memoria,
Vencendo varios ponos esforçados,
Fuy Monarcha do mundo, & larga historia
Ficarâ de meus feitos sublimados:
He verdade, mas ese mando & gloria
Lograste o muito tempo? os conjurados
Bruto & Cassio o dirão, que se vencesté
Em fim em fim âs mãos dos teus morreste.

Dirâ Platão por ver o Ethna & o Nilo
Fuy a Cicilia, ao Egypto, & a outras partes,
Sô por ver & screuer em alto estillo
Da natural sciencia em muitas artes:
O tempo he breue, & queres consumillo,
Platão, todo em trabalhos; & repartes
Tão mal de teu studo as breues horas,
Qu'em fim do falso Phebo o filho adoras.

Pois depois que do mundo ſtá apartada
A alma deſta priſaõ terreſte & oſcura,
Eſtâ em tamanhas couſas occupada,
Que da fama que fica nada cura:
Pois s'o corpo terreno ſinta nada
O Synico o dirâ, ſe por ventura
No campo onde deitado morto ſtaua
De ſi os cães, & as aues enxotaua.

Quem tão baixa tiueſſe a fantaſia
Que nunqua em môres couſas a meteſſe,
Qu'em só leuar ſeu gado á fonte fria,
E mungirlhe do leite que bebeſſe,
Quão bemauenturado que ſeria,
Que por mais que fortuna reuolueſſe,
Nunqua em ſi ſentiria mayor pena,
Que peſàrlhe da vida ſer pequena.

Veria erguer do ſol a roxa face,
Veria correr ſempre a clara fonte,
Sem imaginar a agoa donde naſce,
Nem quem a luz eſconde no Orizonte:
Tangendo a frauta donde o gado paſce,
Conheſceria as heruas do alto monte,
Em Deos creria ſimples & quieto,
Sem mais eſpecular nenhum ſecreto.

D'hum certo Trasilao se lê & screue
Entr'as cousas da velha antiguidade,
Que perdido hum grã tempo o siso teue
Por causa d'huma grande infirmidade:
E em quanto de si fora doudo steue
Tinha por teima, & cria por verdade
Qu'erão suas as naos que nauegauão,
Quantas no porto Pirèo anchorauão.

Por hum senhor muy grande se teria
(Alem da vida alegre que passaua)
Pois nas que se perdião não perdia,
E das que vinhão saluas s'alegraua,
Não tardou muito tempo, quando hum dia
Hincrito seu irmão, qu'ausente staua,
A terra chega, & vendo o irmão perdido,
Do fraternal amor foy commouido.

Aos medicos o entrega, & com auiso
O faz estar â cura refusada,
Triste, que por tornarlhe o charo siso,
Lhe tira a doce vida descansada:
As heruas Apollineas d'improuiso
O tornão á saude atras passada,
Sesudo Trasilao, ao charo irmão
Agradece a vontade, a obra não.

Por-

Porque depois de verſe no perigo
Dos trabalhos qu'o ſiſo lh'obrigaua,
E depois de não ver o ſtado antigo
Qu'a vã opinião lh'apreſentaua,
ô inimigo irmão com cor d'amigo,
Para que me tiraſte(ſuſpiraua)
Da mais quieta vida, & liure em tudo,
Que nunqua pode ter nenhum ſeſudo.

Porque rey, porque duque me trocâra?
Porque ſenhor de grande fortaleza?
Que me daua qu'o mundo s'acabâra?
Ou qu'a ordem mudaſſe a natureza?
Agora he me peſada a vida chara.
Sei que couſa he trabalho, & que triſteza,
Torname a meu ſtado, qu'eu t'auiſo
Que na doudice ſô conſiſte o ſiſo.

Vedes aqui ſenhor, muy claramente
Como fortuna em todos tem poder,
Senão ſô no que menos ſabe & ſente
Em quem nenhum deſejo pode auer:
Eſte ſe pode rir da cega gente,
Neſte não pôde nada acontecer,
Nem eſtarâ ſuſpenſo na balança
Do temor mao da perfida ſperança.

Mas s'o sereno cêo me concedera
Qualquer quieto, humilde, & doce ſtado,
Onde com minhas muſas sô viuera,
Sem verme em terra alhea degradado:
E alli outrem ninguem me conhecera
Nem eu conhecera outro mais honrado,
Senão a vos tambem, como eu, contente,
Que bem ſey qu'o ſericis facilmente.

E ao longo d'huma clara & pura fonte,
Qu'em burbulhas naſcendo conuidaſſe
Ao doce paſſarinho que nos conte
Quem da clara conſorte o apartaſſe:
Depois cubrindo a neue o verde monte
Ao gaſalhado o frio nos leuaſſe,
Auiuando o juizo ao doce ſtudo,
Mais certo manjar d'alma em fim què tudo.

Cantáranos aquelle que tão claro
O fez o fogo d'aruore Phebea,
A qual elle em eſtillo grande & raro,
Louuando, o criſtallino Sorga enfrea:
Tangeranos na frauta Sannazaro,
Hora nos montes, hora pella area,
Paſſara celebrando o Tejo vfano
O brando & doce Laſſo Caſtelhano.

E com-

E comnoſco tambem ſ'achará aquella
Cuja lembrança, & cujo claro geſto
N'alma ſomente vejo: porque nella
Eſtá em eſſencia, puro & manifeſto,
Por alta influição de minha eſtrella,
Mitigando o firme peito honeſto,
Entreteſcendo roſas nos cabellos
De que tomaſſe a luz o ſol em vellos.

E alli em quanto as flores acolheſſe,
Ou pello inuerno ao fogo accommodado,
Quanto de mim ſentira nos diſſeſſe
De puro amor o peito ſalteado,
Não pedira eu então qu'amor me deſſe
De Traſilao o inſano, & doudo ſtado,
Mas qu'então me dobraſſe o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas para onde me leua a fantaſia,
Porqu'imagino em bemauenturanças
Se tão longe a fortuna me deſuia,
Qu'inda me não conſente as eſperanças?
S'hum nouo penſamento amor me cria,
Onde o lugar, o tempo, as eſquiuanças
Do bem me fazem tão deſamparado,
Que não pode ſer mais qu'imaginado.

Fortuna em fim co amor se conjurou
Contra mim, porque mais me magoasse,
Amor a hum vão desejo m'obrigou,
Sô para qu'a fortuna mo negasse,
O tempo a este stado me chegou,
E nelle quis qu'a vida s'acabasse,
Se ha em mim acabarse, o qu'eu não creo,
Qu'até da muita vida me receo...

OVTAVAS

A DOM CONSTANTINO,

Visorey na India.

COmo nos vossos ombros tão constantes
(Principe illustre & raro) sustenteis
Tantos negocios arduos & importantes,
Dignos do largo imperio, que regeis:
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar, & a terra segureis
Do pirata insolente, & do tyranno,
Iugo do potentissimo Ottomano.

E co-

E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juyzo alheo,
A desordem do vulgo temeraria
Na santa paz ponhaes o duro freo:
Se com minha scrittura longa & varia
Vos occupasse o tempo, certo creo
Que com ridiculosa fantasia
Contra o commum proueito peccaria.

E não menos seria reputado
Por doce adulador, sagaz & agudo,
Que contra meu tão baixo, & triste stado
Busco fauor em vos, que podeis tudo:
Se contra a opinião do vulgo errado
Vos celebrasse verso humilde & rudo;
Dirão que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.

Porèm porqu'a virtude pode tanto
No liure arbitrio (como disse bem
A Dario rey, o moço sabio & santo,
Que foy reedificar Hierusalem)
Esta ni'obriga qu'em humilde canto
Contra a tenção qu'a plebe ignara tem,
Vos faça claro a quem vos não alcança,
E não de premio algum vil esperança.

Romulo, Bacco, & outros, qu'alcançarão
Nomes de Semideoses soberanos,
Em quanto pello mundo exercitarão
Altos feitos, & quasi mais qu'humanos:
Com justissima causa se queixarão
Que não lhe responderão os mundanos
Fauores do rumor justos & iguoaes,
A seus merecimentos immortaes.

Aquelle quẽ nos braços poderosos
Tirou a vida ao Tingitano Antheo,
A quem os seus trabalhos tão famosos
Fizerão cidadão do alto cẽo:
Achou qu'a mâ tenção dos enuejosos
Não se doma senão despois qu'o véo
Se rompe corporal, porque na vida,
Ninguem alcança a gloria merecida.

Pois logo se varoẽs tão excellentes
Forão do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudes gentes
Em louuor dos reais, & sublimados,
Quem no lume dos vossos accedentes,
Poderâ por os olhos, qu'abalados
Lhe não fiquem da luz vendo os mayores
Vossos passados reis & emperadores.

Quem

Quem verâ aquelle pay da patria ſua,
Açoute do ſoberbo Caſtelhano,
Qu'o duro jugo sô coa ſpada nua
Remoueo do peſcoço Luſitano,
Que não diga ô gran Nuno a eterna tua
Memoria cauſará (ſe não m'engano)
Que qualquer teu menor tanto s'eſtime,
Que nunqua poſſas ſer, ſenão ſublime?

Niſto não fallo mais, porque conheço,
Que da materia ſe m'abaixa o engenho;
Mas pois qu'a dizer tudo m'offereço,
Que dias ha que no deſejo o tenho:
Sendo vos de tão alto & illuſtre preço,
A vida foſtes pôr n'hum fraco lenho,
Por largo mar, & vndoſa tempeſtade,
Sô por ſeruir a regia mageſtade.

E depois de tomar a redea dura
Na mão, do pouo indomito, que ſtaua
Coſtumado â largueza, & â ſoltura
Do peſado gouerno qu'acabaua:
Quem não terâ por ſanta & juſta cura,
Qual de voſſo conceito s'eſperaua,
A tão deſenfreada infirmidade
Applicarlhe contraria qualidade.

Não he muito senhor, s'o moderado
Gouerno se blasphenia, & se desama,
Porqu'o pouo a largueza acostumado
A ley serena & justa, dura chama:
Pois o zello em virtude sô fundado
De saluar almas da Tartarea flamma
Co'a goa salutifera de Christo,
Poderá por ventura ser mal quisto?

Quem quisesse negar tão grão verdade
Qual he o seu effeito sancto & pio,
Negue tambem ao sol a claridade,
E certifique mais qu'o fogo he frio:
Qu'o succesſo he contrario da vontade,
As obras que são boas, & o desuio;
Estâ nas mãos dos homẽs comettellas,
E nas de Deos estâ o succesſo dellas,

Sey eu, & sabem todos qu'os futuros
Verão por vos o estado acrecentado,
Serão memoria vossa os fortes muros
Do Cambaico Dâmão bem sustentado:
Da ruina mortal serão seguros,
Tendo todo o alicerse seu fundado
Sobre orfãs emparadas cõm maridos,
E pagos os seruiços bem deuidos.

Camanha infamia ao principe he perderse
Ponto do ſtado ſeu, qu'inteiro herdou,
Por tão celebre gloria pôde terſe
S'acrecentado & proſpero o deixou:
Nunqua conſintio Roma emnobrecerſe
Com triumpho ninguem, ſe não ganhou
Prouincia, qu'o imperio acrecentaſſe,
Por mayores vittorias qu'alcançaſſe.

Pôde tomar o voſſo nome dino
Damão por honra ſua clara & pura,
Como ja do primeiro Conſtantino
Tomou Bizancio aquelle qu'inda dura:
E tu rey que no reyno Neptunino
La no ſeo Gangetico a natura
T'apoſentou, de ſercs inimigo
D'eſte ſtado, não ficas ſem caſtigo.

Bem viſte contra ti nadantes aues,
Cortar a ſpumoſa agoa nauegando,
Ouuiſte o ſom das tubas não ſuaues,
Mas com temor horrifero ſoando:
Sentiſte os golpes aſperos & graues
Do braço Luſitano nunqua brando,
Não ſoffreſte o grão brado penetrante
Qu'os troões imitaua do Tonante.

Mas antes dando as costas, & a vittoria
A Bargances ventura não corrido,
Disto vens a entender camanha gloria
He de tal vencedor seres vencido:
Quem fez obras tão dignas de memoria
Sempre será famoso & conhecido,
Onde os juyzos altos s'estimarem,
Qu'estes sôs têm poder de fama darem.

Não vos temais senhor do pouo ignaro
E ingrato a quem tanto fez por elle,
Mas sabei, qu'he final de serdes claro,
Serdes agora tão mal quisto delle:
Themistocles da patria sua emparo,
O sorte liberal Cimon, & aquelle
Que leys ao pouo deu d'Esparta antigo,
Testemunhas serão disto que digo.

Pois ao justo Aristides hum robusto
Votando no Oracismo costumado,
Lhe disse claro assi porqu'era justo
Desejaua que fosse desterrado:
Pachitas por fugir do pouo injusto,
Calumnioso, dando no senado
Conta de Lesbos, qu'elle ja mandara,
Se tirou com sua espada a vida chara,

Demoſthenes deitado das tormentas
Populares, a Pallas foy dizendo
De que tres monſtros grandes te contentas,
Do Drago, Emocho, & do vil pouo horrendo?
Que glorias immortaes oune, qu'iſentas
Do veneno vulgar foſſem viuendo?
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
E vos tambem ſois hum dos Luſitanos.

OVTAVA RIMA,

A SETTA QVE O PAPA mandou a el Rey Dom Sebaſtião.

MVy alto Rey, a quem os céos em ſorte
Derão o nome Auguſto, & ſublimado,
Daquelle caualleiro que na morte
Por Chriſto foy de mil ſettas paſſado:
Pois delle o fiel peito, caſto, & forte
Co nome imperial tendes tomado,
Tomay tambem a ſetta veneranda,
Qu'a vos o ſucceſſor de Pedro manda.

Ia por ſorte do cêo, qu'o conſentio,
Tendes o braço ſeu, reliquia chara,
Defenſor contra o gladio que ferio
O pouo que Dauid contar mandara.
No qual, pois tudo em vos ſe permittio,
Preſagio temos, & eſperança clara
Que ſereis braço forte & ſoberano,
Contra o ſoberbo gladio Mauritano.

Eo qu'eſte preſagio agora encerra,
Nos faz ter por mais certo & verdadeiro
A ſetta que vos dá quem he na terra
Das reliquias celeſtes diſpenſeiro:
Qu'as voſſas ſettas ſaõ na juſta guerra
Agudas, & entrarão por derradeiro,
Caindo a voſſos pés pouo ſem ley
Nos peitos que inimigos ſaõ do Rey.

Quando voſſas bandeiras deſpregaua
Albuquerque fortiſſimo com gloria,
Pollas prayas de Perſia, & alcançaua
De nações tão remotas a vittoria,
As ſettas embebidas que tiraua
O arco Armuſiano, he larga hiſtoria,
Que no ar, Deos querendo ſe virauão.
Pregan loſe nos peitos qu'as tirauão.

O querido de Deos por quem peleja
O ar tambem, & o vento conjurado,
Ao atambor acode por que veja
Que quem a Deos ama, he de Deos amado,
Os contrarios reueis â madre Igreja
Atroarão co tom do ceo irado,
Que assi deu ja fauor mayor que humano,
A Iosue Hebreo, a Theodosio Hispano.

Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si sô nociuas são,
Que farão Rey as vossas, que tem liga
Com a que ja tocou Sebastião?
Tinta vem do seu sangue, com qu'obriga
A leuantar a Deos o coração,
Crendo qu'as que vos atirareis
No sangue Sarraceno as tingireis.

Ascanio (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rey do largo imperio conhecido,
Romano, & sô reliquia do Troyano,
Vingou com setta & animo atreuido
As soberbas palauras de Numano,
E logo foi dalli remunerado,
Com louuores d'Appollo celebrado.

Assi vos Rei, que fostes segurança
De nossa liberdade, & que nos dais
De grandes bẽs certissima sperança,
Nos costumes & aspeito que mostrais
Concebemos segura confiança
Que Deos a quem seruis & venerais
Vos fará vingador dos seus reueis,
E os premios vos dará que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
Saõ destes vossos Reinos com verdade,
Recebei com humilde & leda mão,
Pois he deuido a Reys benignidade,
Tenhão (se naõ merecem galardão)
Fauor se quer da Regia Magestade,
Assi tenhais de quem ja tendes tanto
Com o nome & reliquia fauor santo.

ECLOGAS

morte de D. Antonio de Noronha, que morreo em Africa, & á morte de dom Ioão Principe de Portugal, pay del Rey D. Sebastião.

ECLOGA I.

Vmbrano, & Frondelio, pastores.

VMBRANO.

QVe grande variedade vão fazendo
Frondelio amigo, as oras apreßadas,
Como se vão as cousas conuertendo,
Em outras cousas varias, & insperadas:
Hum dia a outro dia vay trazendo,
Por suas mesmas horas ja ordenadas,
Mas quaõ conformes saõ na quantidade,
Taõ differentes saõ na qualidade.

Eu vi ja deste campo as varias flores
As estrellas do ceo fazendo inueja,
Vi andar adornados os pastores
De quanto pollo mundo se deseja:
E vi co campo competir nas cores
Os trajos de obra tanta, & taõ sobeja,
Que se a rica materia não faltaua,
A obra de mais rica sobejaua.

E vi perder seu preço ás brancas rosas,
E quasi escurecerse o claro dia
Diante d'hũas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunqua engrandecia:
Em fim vi as pastoras tão formosas
Qu'o amor de si mesmo se temia;
Mas mais temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo está tão differente,
Que moue os corações a grande spanto,
E parece que Iupiter potente
S'enfada ja d'o mundo durar tanto,
O Tejo corre turuo & descontente,
As aues deixão seu suaue canto,
E o gado em ver qu'a herua lhe fallece
Mais que de a não comer nos emmagrece.

Frõ. *Vmbrano irmão, decreto he da natura*
Inuiolauel, fixo, & sempiterno,
Qu'a todo o bem succeda desuentura,
E não aja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noit'escura,
Ao verão suaue, o duro inuerno,
E se habi quem sayba ter firmeza,
He sõmente esta ley de natureza.

Toda

Tod'alegria grande & ſumptuoſa
A porta abrindo, vem ao triſte ſtado;
Se hũa hora vejo alegre & deleitoſa,
Temendo eſtou do mal aparelhado:
Não vés que mora a ſerpe venenoſa
Entr'as flores do freſco & verde prado?
Não t'engane nenhum contentamento,
Que mais inſtauel he q'o penſamento.

E praza a Deos q'o triſte & duro fado
De tamanhos deſaſtres ſe contente,
Que ſempre hum grande mal inopinado
He mais do q'o eſpera a incauta gente:
Que vejo eſte carualho, que queimado
Tão grauemente foi do rayo ardente,
Não ſeja ora prodigio que declare
Q'o Barbaro cultor meus campos are.

Vmb. Em quanto do ſeguro azambugeiro
Nos paſtores de Luſo ouuer cãjados,
E o valor antigo que primeiro
Os fez no mundo tão aſſinalados:
Não temas tu Frondelio companheiro,
Q'em nenhum tempo ſejão ſojugados,
Nem q'a ceruiz indomita obedeça
A outro jugo algum que ſe offereça.

E posto qu'a soberba se leuante
Do inimigo, a torto, & a direito,
Não creas tu qu'a força repugnante
Do fero, & nunca ja vencido peito,
Que desde quem possue o monte Athlante,
Ate onde bebe o Hidaspe tem sogeito,
O possa nunqua ser de força alhea,
Em quanto o sol a terra & o céo rodea.

Frõ. Vmbrano, a temeraria segurança
Qu'em força, ou em rezão não s'assegura,
He falsa, & vã, qu'a grande confiança
Não he sempre ajudada da ventura,
Que là junto das aras da sperança
Nemesis moderada justa & dura
Hum freo lh'està pondo, & ley terribel,
Qu'os limites não passe do possiuel.

E s'attentas bem os grandes dannos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freo tambem a esses enganos
Que t'està afigurando a ousadia:
Tu não ves como os lobos Tingitanos
Apartados de toda a couardia,
Matão os cães do gado guardadores,
E não sòmente os cães, mas os pastores?

E o

E o grande curral seguro & forte
Do alto monte Athlas, não ouuiste,
Que com sanguinolenta & fera morte
Despouoado foy por caso triste?
ô caso desastrado, ò dura sorte,
Contra quem força humana não resiste,
Qu'alli tambem da vida foy priuado
Tionio meu, ainda em flor cortado.

Vmb. *De lagrimas me banha todo o peito*
Desse caso terribel a memoria,
Quando vejo quam sabio, & quão perfeito,
E quam merecedor de longa historia
Era esse teu pastor, que sem direito
Deu ás Parcas a vida transitoria:
Mas não bahi quem d'erua o gado farte,
Nem do juuenil sangue o fero Marte.

Porem, se te não for muito pesado,
(Ia qu'esta triste morte me lembraste)
Cantares desse caso desastrado
Aquelles brandos versos que cantaste
Quando ontem recolhendo o manso gado
De nosoutros pastores t'apartaste:
Qu'eu tambem, qu'as ouelhas recolhia
Não te podia ouuir como queria.

Frõ. Como ques que renoue ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desuentura?
Porque spalhar sospiros vãos ao vento,
Pera os que tristes sãõ he falsa cura:
Mas pois tambem te moue o sentimento
Da morte de Tionio triste & oscura,
Eu porey teu desejo em doc'effeito,
S'a dor me não congella a voz no peito.

Vmb. Canta agora pastor, qu'o gado pasce
Antr'as humidas heruas sossegado,
E lâ nas altas serras, onde nasce
O sacro Tejo, a sombra recostado,
Com seus olhos no chão, a mão na face,
Estâ pera t'ouuir aparelhado,
E com silencio triste stão as Nymphas,
Dos olhos estillando claras lymphas.

O prado, as flores brancas & vermelhas,
Estâ suauemente apresentando,
As doces & sollicitas abelhas
Com hum brando susurro vão voando:
As mansas & pacificas ouelhas,
Do comer esquecidas, inclinando
As cabeças estão ao som diuino
Que faz passando o Tejo cristallino.

O ven-

O vento d'entre as aruores respira,
Fazendo companhia ao claro rio,
Nas sombras a aue garrula sospira
Suas magoas espalhando ao vento frio:
Toca Frondelio toca a doce lyra,
Que daquelle verde alamo sombrio
A branda Philomela entristecida
Ao saudoso canto te conuida.

Canta Frondelio.

Aquelle dia as agoas não gostarão
As mimosas ouelhas, & os cordeiros
O campo encherão d'amorosos gritos,
Não se dependurarão dos salgueiros
As cabras de tristeza, mas negarão
O pasto a si, & o leite aos cabritos:
Prodigios infinitos
Mostraua aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste:
E tu tambem (ô coruo) o descubriste
Quando da mão dircita em voz escura
Voando, repetiste
A tyrannica ley da morte dura.

Tionio meu, ò Tejo cristallino,
E as aruores que ja desamparaste,
Chorão o mal de tua ausencia eterna,
Não sey porque tão cedo nos deixaste?
Mas foy consentimento do destino,
Por quem o mar & a terra se gouerna:
E a noite sempiterna,
Que tu tão cedo viste,
Cruel, acerba, & triste,
Se quer de tua idade não te dera
Que logras a fresca primauera?
Não vsara com nosco tal crueza,
Que, nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.

Os Faunos certa guarda dos pastores
Ia não seguem as Nymphas na spessura,
Nem ás Nymphas aos ceruos dão trabalho
Tudo como vês, he cheo de tristura,
Aas abelhas o campo nega as flores
E âs flores a aurora nega o orualho,
Eu, que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que sobia
Mouer as altas aruores tangendo,

Se

Se me vay de triſteza enrouquecendo,
Que tudo vejo triſte neſte monte,
E tu tambem correndo
Manas enuolta & triſte (ô clara fonte.)

As Tagides no rio, & n'aſpereza
Do monte, as Oreadas, conhecendo
Quem t'obrigou ao duro & fero Marte,
Como geral ſentença vão dizendo
Que não pode no mundo auer triſteza
Em cuja cauſa amor não tenha parte,
Porque aſsi deſt'arte
Nos olhos ſaudoſos,
Nos paſſos vagaroſos,
No roſto, qu'o amor & a fantaſia
Da pallida viola lhe tingia,
A todos de ſi daua ſinal certo
Do fogo que trazia
Que nunqua ſoube Amor ſer incuberto.

Ia diante dos olhos lhe voauão
Imagẽs, & fantaſticas pinturas,
Exercicios do falſo penſamento,
E pellas ſolitarias eſpeſſuras,
Entr'es penedos sôs que não fallauão,

Falaua

Falaua & descubria seu tormento.
Num longo esquecimento
De si todo embebido,
Andaua tão perdido,
Que quando algum pastor lhe perguntaua
A causa da tristeza que mostraua,
Como quem para penas sô viuia,
Sorrindo lhe tornaua,
Se não viuesse triste morreria.

Mas como este tormento o assinalóu,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendido muy bem do pay sesudo,
Porque do pensamento lho tirasse,
Longe da causa delle o apartou,
Porqu'em fim longa ausencia acaba tudo:
Mas ô falso Marte rudo,
Das vidas cubiçoso,
Qu'aonde o generoso
Peito resuscitaua em tanta gloria
De seus antecessores a memoria,
Alli fero & cruel he destruiste
Por injusta vittoria
Primeiro qu'o cudado a vida triste.

Pareceme Tionio que te vejo
Por tingires a lança cobiçoso,
Naquelle infido ſangue Mauritano
No Hiſpano ginete bellicoſo,
Qu'ardendo tambem vinha no deſejo
De derrubar por terra o Tingitano:
ô confiado engano,
ò incurtada vida,
Qu'a virtude opprimida
Da multidão forçoſa do inimigo,
Não pode defenderſe do perigo,
Porqu'aſsi o deſtino o permitio,
E aſsi leuou conſigo
O mais gentil paſtor qu'o Tejo vio.

Qual o mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As iras da ſoberba & dura guerra,
Do criſtallino roſto a cor mudando,
Cujo purpureo ſangue derramado
Pellas aluas eſpaldas tinge a ſerra,
Que como flor qu'a terra
Lhe nega o mantimento,
Porqu'o tempo auarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,

O collo inclina languido & cansado;
Tal te pinto Tionio dando o esprito,
A quem to tinha dado,
Qu'este he somente eterno & infinito.

Da boca congelada a alma pura
Co nome juntamente da ininiga,
E excellente Marfida derramaua.
E tu gentil senhora não t'obriga
A pranto sempiterno, a morte dura,
De quem por ti somente a vida amaua:
Por ti aos eccos daua
Accentos numerosos,
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deu do fero Marte,
E tu ingrata, o amor ja noutra parte
Porâs, como acontece ô fraco intento,
Qu'em fim em fim dest'arte
Se muda o feminino pensamento,

Pastores deste valle ameno & frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereis nas altas serras que se cante:
Hum tumulo de flores adornado,

Lh'edificai ao longo deſte rio:
Qu'a vella enfree ao duro nauegante,
E o Laſſo caminhante
Vendo tamanha magoa,
Arraſe os olhos d'agoa,
Lendo na pedra dura o verſo eſcritto,
Que diga aſsi: Memoria ſou que grito
Para dar teſtemunho em toda a parte
Do mais gentil eſprito
Que tirarão do mundo Amor & Marte.

Vmbrano.

Qual o quieto ſono aos canſados
Debaixo d'algũa aruore ſombria,
Ou qual aos ſequioſos & encalmados,
O vento reſpirante, & a fonte fria,
Tais me forão teus verſos delicados,
Teu numeroſo canto & melodia:
E ainda agora o tom ſuaue & brando,
Os ouuidos me fica adormentando.

Em

Em quanto os peixes humidos tiuerem,
As areosas couas deste rio,
E correndo estas agoas conhecerem
Do largo mar o antigo senhorio,
E em quanto estas heruinhas pasto derem
Ás petulantes cabras, eu te fio
Qu'em virtude dos versos que cant'ste
Sempre viua o pastor que tanto amaste.

Mas ja que pouco a pouco o sol nos falta,
E dos montes as sombras s'acrecentão,
De flores mil o claro cêo s'esmalta,
Que tão ledas aos olhos s'apresentão,
Leuemos pello pè desta serra alta.
Os gados, que jagora se contentão
Do que comido tem, Frondelio amigo,
Anda, qu'ate o outeiro irei contigo.

Frõd. Antes por este valle, amigo Vmbrano
Se t'aprouuer, leuemos as ouelhas,
Que se eu por acerto não m'engano
D'aqui me soa hum ecco nas orelhas,
O doce accento não parece humano,
E se tu neste caso m'aconselhas,
Eu quero ver daqui que couza seja,
Qu'o tom m'espanta, & a voz me faz inueja.

Vmb. Contigo vòu, que quanto mais m'achego
Mais gentil me parece a vos que ouuiſte,
Peregrina, excellente, & não te nego
Que me faz cá no peito a alma triſte,
Ves como tem os ventos em ſoſſego?
Nenhum rumor da ſerra lhe reſiſte,
Nenhum paſſaro vòa, mas parece
Que do canto vencido lhe obedece.

Porem irmão melhor me parecia
Que não ſoſſemos lá, que ſtoruaremos:
Mas ſubidos neſta arnore ſombria
Todo o valle d'aqui deſcubriremos;
Os currões & cajados toda via
Neſte comprido tronco penduremos,
Para ſubir fica homem mais ligeiro,
Deixame tu Frondelio yr primeiro.

Eſperà aſſi, dart'ei de pê ſe queres,
Subirâs ſem trabalho, & ſem ruido,
E depois que ſubido là eſtiueres,
Darm'as a mão de cima, qu'he partido:
Mas primeiro me dize, ſe puderes
Ver, donde nace o canto nunqua ouuido,
Quem lança o doce accento delicado
Falla, que ja te vejo eſtar paſmado.

Vmb. Couſas não coſtumadas na ſpeſſura,
Que nunqua vi, Frondelio, vejo agora;
Fermoſas Nymphas vejo na verdura,
Cujo diuino geſto o cêo namora.
Hũa de deſuſada fermoſura,
Que das outras parece ſer ſenhora,
Sobre hum triſte ſepulchro, não ceſſando
Eſtâ perlas dos olhos diſtillando.

De todas eſtas altas ſemideas,
Qu'em torno eſtão do corpo ſepultado,
Hũa regando as humidas areas
De flores tem o tumulo adornado:
Outras queimando lagrimas Sabeas
Enchem o ar de cheiro ſublimado,
Outras em ricos pannos mais auante,
Enuoluem brandamente hum nouo infante.

Hũa que dantre as outras ſe apartou,
Com gritos qu'a montanha entriſtecerão,
Diz que depois qu'a morte a flor cortou,
Qu'as eſtrellas ſômente merecerão,
Qu'eſte penhor chariſſimo ficou
Daquelle a cujo imperio obedecerão
Douro, Mondego, Tejo, & Guadiana,
Té o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que s'encontrar êste minino
A noite intempestiua amanhecendo,
Qu'o Tejo agora claro & cristallino
Tornará a fera Alcêto em vulto horrendo;
Mas se for conseruado do destino,
Qu'as estrellas benignas promettendo
Lhe stão o largo pâsto d'Ampelusa,
Co monte qu'em mao ponto vio Medusa.

Este prodigio grande a Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita,
Mas qual a eclypsada clara strella,
Qu'entre as outras o cèo primeiro habita;
Tal cuberta de negro vejo aquella
A quem sò n'alma toca a gran desdita,
Dà cà Frondelio a mão, & sobe a ver
Tudo o mais qu'eu de dor não sey dizer.

Frõd.Ô triste morte, esquiua, & mal olhada,
Qu'á tantas fermosuras injurias,
D'aquella Deosa bella & delicada,
Se quer algum respeito ter deuias.
Esta he por certo Aonia filha amada
Daquelle gran pastor, qu'em nossos dias
Danubio enfrea, & manda o claro Ibero,
E spanta o morador do Euxino fero.

Mor-

Morrèolhe o excellente & poderoſo,
(Qu'a iſſo eſtá ſogeitá a vida humana)
Doce Aonio, d'Aonia charo eſpoſo,
Ah ley dos fados aſpera & tyranna:
Mas o ſom peregrino, & piadoſo
Com qu'a fermoſa Nympha a dor engana,
Eſcuta hum pouco, nota, & vè Vmbrano,
Quam bem que ſoa o verſo Caſtelhano.

Aonia.

Alma y primero amor del alma mia,
Spiritu dichoſo, en cuya vida
La mia eſtuuo en quanto Dios queria.
Sombra gentil, de ſu priſion ſalida,
Que del mundo a la patria te boluiſte
Donde fuiſte engendrada, y procedida.
Reſcibe allâ eſte ſacrificio triſte,
Que t'offreſcen los ojos que te vieron,
Si la memoria dellos no perdiſte.
Que pues los altos cielos permittieron,
Que no t'acompañaſſe en tal jornada,
Y para ornarſe ſolo a ti quiſieron,
Nunqua permittirân qu'acompañada
De mi no ſea eſta memoria tuya,

Que

Que stâ de tus despojos adornada.
Ni dexarán, por mas qu'el tiempo huya
D'estar en mi con sempiterno llanto,
Hasta que vida y alma se destruya.
Mas tu gentil spiritu entretanto
Que otros campos y flores vas pisando,
Y otras campoñas oyes, y otro canto,
Aora enbeuescido estés mirando
Allâ enel Empyreo aquella Idea
Qu'el mundo enfrena y rige con su mando.
Aora te possuya Scytharea,
En su tercero assiento, o porque amaste,
O porque nueua amante allà te sea.
Aora el sol te admire, si mirâste
Como va por los signos encendido,
Las tierras alumbrando que dexaste.
Si en ver estos milagros no has perdido
La memoria de mi, o fue en tu mano
No passar por las agoas del oluido?
Buelue vn poco los ojos a este llano,
Verâs vna qu'ati con triste lloro
Sobre este marmol sordo llama en vano.
Pero si entraren en los signos de oro,
Lagrimas y gemidos amorosos,
Que mueuan el suppremo y santo choro,

La lumbre de tus ojos tan hermosos
Yo la vere muy presto, y podrè verte,
Que a pesar de los hados enojosos
Tambien para los tristes vuo muerte.

EGLOGA II.

Almeno, & Agrario, pastores.

AO longo do sereno
Tejo, suaue & brando,
Num valle d'altas aruores sombrio,
Estaua o triste Almeno
Suspiros spalhando
Ao vento, & doces lagrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a sperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentàra a vida tantos annos
Num'amorosa & branda confiança,
Que quem tanto queria
Parece que não erra se confia.

A noite escura daua
Repouso aos cansados

Animais, eſquecidos da verdura,
O valle triſte ſtaua
C'hũs ramos carregados
Qu'a noite fazião mais eſcura:
Moſtraua a ſpeſſura
Hum temeroſo ſpanto,
As roucas rãs ſoauão
Num charco d'agoa negra, & ajudauão
Do paſſaro nocturno o triſte canto.
O Tejo com ſom graue
Corria mais medonho que ſuaue.

Como toda a triſteza
No ſilencio conſiſte,
Parecia qu'o valle ſtaua mudo,
E com eſta graueza
Eſtaua tudo triſte,
Porem o triſte Almeno mais que tudo:
Tomando por eſcudo
De ſua doce pena
Para poder ſoffrella,
Eſtar imaginando a cauſa della,
Qu'em tanto mal, he cura bem piquena,
Mayor he o tormento,
Que toma por alivio hum penſamento.

Ao rio ſe queixaua,
Com lagrimas em fio,
Com que crecião as ondas outro tanto,
Seu doce canto daua
Triſtes agoas ao rio,
E o rio triſte ſom ao doce canto;
Ao canſado pranto,
Qu'as agoas refreaua,
Reſponde o valle vmbroſo,
Da manſa voz o accento temeroſo,
Na outra parte do rio retumbaua,
Quando da fantaſia
O ſilencio rompendo, aſſi dizia.

Corre ſuaue & brando
Com tuas claras agoas,
Saidas de meus olhos (doce Tejo)
Fè de meus males dando,
Para que minhas magoas
Sejão caſtigo igoal de meu deſejo,
Que pois em mim não vejo
Remedio nem o ſpero,
E a morte ſe deſpreza
De me mattar, deixandome â crueza
Daquella por quem meu tormento quero,

Saiba

Saiba o mundo meu dano
Porque se desengane em meu engano.

Ia que minha ventura,
Ou quem m'a causa ordena,
Querpor paga da dor tome soffrella;
Serâ mais certa cura
Pàra tamanha pena
Desesperar de auer ja cura nella:
Porque se minha estrella
Causou tal esquiuança,
Consinta meu cuidado
Que me farte de ser desesperado,
Para desenganar minha esperança,
Que para isso naci,
Para viuer na morte, & ella em nũ.

Não cesse meu tormento
De fazer seu officio,
Qu'aqui tem hũa alma ao jugo attada,
Nem falte o soffrimento,
Porque parece vicio,
Para tão doce mal faltarme nada,
ô Nympha dilicada,
Honra da natureza,

Como

Como pode iſto ſer,
Que de tão peregrino parecer
Podeſſe proceder tanta crueza?
Não vem de nenhum geito
De cauſa diuinal contrario effeito.

Pois como pena tanta
He contra a cauſa della?
Fôra he de natural minha triſteza:
Mas a mi que me eſpanta,
Não baſta ô Nympha bella,
Que podes preuerter a natureza;
Não he a gentileza
De teu geſto celeſte
Fora do natural;
Não pode a natureza fazer tal:
Tu meſma (bella Nympha) te fizeſte;
Porem porque tomaſte
Tão dura condição ſe te formaſte?

Por ti o alegre prado
Me he peſado & duro,
Abrolhos me parecem ſuas flores,
Por ti do manſo gado
Como de mim, não curo,

Por

Por não fazer offensa a teus amores.
Os jogos dos pastores,
As lutas entr'a rama,
Nada me faz contente,
E sou ja do que fuy tão differente,
Que quando por meu nome alguem me chama
Pasmo quando conheço
Q'inda comigo mesmo me pareço.

O gado q'apacento
São n'alma meus cudados,
E as flores que no campo sempre vejo
São no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com q'estou enganando meu desejo,
As agoas frias do Tejo
De doces se tornârão
Ardentes & salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturarão,
Como quando mistura
Hyppanis co Exampêo su'agoa pura.

Se ahi no mundo ouuesse
Ouuiresme algũa hora

Assen-

Assentada na praya deste rio,
E de arte te disseſſe
O mal que passo agora,
Que podesse mouerte o peito frio,
ò quanto desuario
Que stou afigurando:
I'agora meu tormento
Não pode pedir mais ao pensamento,
Qu'este fantasiar que imaginando
A vida me reserua,
Querer mais de meu mal serâ soberba.

Ia a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto,
Da sombra qu'as montanhas encubria,
Descansa frauta agora,
Que meu cansado canto
Naõ merece que veja o claro dia:
Naõ canse a fantasia
D'estar em si pintando
O gesto dilicado,
Em quanto tras ao pasto o manso gado
Este pastor que la sô vem falando:
Calarmeei sòmente,
Que meu mal nem ouuirse me consente.

Agrario paſtor.

Fermoſa manhã clara & deleitoſa,
Que como freſca roſa na verdura
Te moſtras bella & pura, marchetando
As Nymphas eſpalhando ſeus cabellos
Nos verdes montes bellos, tu só fazes
Quando a ſombra desfazes, triſte & eſcura,
Fermoſa a ſpeſſura, & freſca a fonte,
Fermoſo o alto monte, & o rochedo,
Fermoſo o arvoredo, & deleitoſo,
Em fim tudo fermoſo co teu roſto,
D'ouro & roſas compoſto & claridade.
Trazes a ſaudade ao penſamento,
Moſtrando num momento o roxo dia,
Co a doce armonia nos cantares,
Dos paſſaros apares, que voando
Seu paſto andão buſcando nos raminhos,
Para os amados ninhos, que mantem.
ô grande & ſummo bem de natureza,
Eſtranha ſutileza de pintora,
Que matiza num'hora de mil cores,
O cêo, a terra, as flores, monte, & prado.
ô tempo ja paſſado, quam preſente
Te vejo abertamente na vontade,

Qua-

Quamanha ſaudade tenho agora,
Do tempo qu'a paſtora minha amaua,
E de quanto prezaua minha dor:
Então tinha o amor mayor poder,
Então num sô querer nos igualaua,
Porque quando hum chamaua a quem queria,
O ecco reſpondia d'affeição,
No brando coração da doce imiga.
Neſta amoroſa liga concertauão,
Os tempos que paſſauão com prazeres:
Moſtraua a flaua Ceres pollas eiras,
Das brancas ſementeiras ledo frutto,
Pagando ſeu tributo òs lauradorès,
E enchia aos paſtores tod'o prado
Pales, do manſo gado guardadora;
Zephiro, & a freſca Flora paſſeando
Os campos eſmaltando de boninas.
Nas agoas criſtallinas triſte ſtaua
Narciſſo, qu'inda olhaua n'agoa pura,
Sua linda figura delicada;
Mas ecco namorada de ſeu geſto
Com pranto manifeſto ſeu tormento,
No derradeiro accento lamentaua,
Alli tambem s'achaua o ſangue tinto
Do purpureo Iacintho, & o deſtroço

De Adonis lindo moço, morte fea,
Da bella Scytharea, tão chorada;
Toda a terra eſmaltada deſtas roſas.
Alli as Nymphas fermoſas pellos prados
Os Faunos namorados apos ellas,
Moſtrandolhe capellas de mil cores,
Que fazião das flores que colhião,
As Nymphas lhe fogião amedrentadas,
As fraldas leuantadas pellos montes,
A freſca agoa das fontes eſpalharſe.
Vertumo transformarſe alli ſe via,
Pomona que trazia os doces fruttos,
Alli paſtores muitos, que tangião,
As gaitas que trazião, & cantando
Eſtauão enganando ſuas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio.
Ouuiaſe Salicio lamentarſe
Da mudança queixarſe crua & fea,
Da dura Galathea tão fermoſa;
E da morte enuejoſa Nemoroſo
Ao monte cauernoſo ſe querella,
Que ſua Eliſa bella em pouco eſpaço
Cortára inda em agraço a dura ſorte;
ô immatura morte, qu'a ninguem
De quantos vida tem, nunca perdoas,

Mas

Mas tu tempo que voas apreſſado,
Hum deleitoſo eſtado quam aſſinha
Neſta vida meſquinha transfiguras,
Em mil deſauenturas, & a lembrança
Nos deixàs por herança do que leuas;
Aſſi que ſe nos ceuas com prazeres,
He para nos comeres no milhor.
Cada vez em peor te vas mudando,
Quanto vẽs inuentando, que oje aprouas,
Logo a manhã reprouas com inſtancia:
ô eſtranha inconſtancia, & tão profana,
De toda a couſa humana inferior,
A quem o cego error ſempre anda annexo,
Mas eu de que me quexo? ou que digo?
Viue o tempo comigo, ou elle tem
Culpa no mal que vem da cega gente?
Por ventura elle ſente, ou elle entende
Aquillo que defende o ſer diuino?
Elle vſa de contino ſeu officio,
Que ja por exercicio lhe he diuido,
Dãos fruto colhido na ſazão
Do fermoſo verão, & no inuerno,
Com ſeu humor eterno congelado,
Do vapor leuantado, co a quentura
Do ſol, â terra dura lhe dá aiento,

Para que o mantimento produzindo
Estê sempre comprindo seu costume,
Assi que não consume de si nada,
Nem muda da passada vida hum dedo,
Antes sempre stâ quedo no diuido,
Porque este he seu partido,& sua vsança,
E nelle esta mudança,he mais firmeza.
Mas quem a lei despreza,& pouco estima,
De quem dê lâ de cima está mouendo
O céo sublime & horrendo,o mundo puro,
Este muda o seguro & firme estado,
Do tempo não mudado da verdade,
Naõ foi naquella idade de ouro claro,
O firme tempo caro & excellente,
Viuia entaõ a gente moderada,
Sem ser a terra arada daua paõ,
Sem ser cauado o chão as fruttas daua,
Nem chuua desejaua,nem quentura,
Supria então natura o necessario,
Pois quem foi tão contrario a esta vida?
Saturno, que perdida a luz serena,
Causou que em dura pena desterrado
Fosse do céo deitado onde viuia,
Porque os filhos comia,que geraua,
Por isso se mudaua o tempo igual

Em

Em mais baixo metal, & assi decendo
Nos veo assi trazendo a este stado.
Mas eu desatinado adonde vou?
Para onde me leuou a fantasia?
Qu'estou gastando o dia em vãs palauras?
Quero ora minhas cabras ir leuando
Ao manso Tejo brando, porque achar
No mundo que emendar, não he d'agora,
Basta que a vida fora delle tenho,
Com meu gado me auenho, & estou contente,
Porem se me não mente a vista, eu vejo
Nesta praya do Tejo, estar deitado
Almeno, que enleuado em pensamentos,
As horas & momentos vay gastando,
Par'elle vou chegando, sô por ver
Se poderei fazer que o mal que sente
Hum pouco se lhe ausente da memoria.

Almeno sonhando.

Ô doce pensamento, ô doce gloria,
Saõ estes por ventura os olhos bellos
Que tem de meus sentidos a vittoria?
Saõ estas (Nympha) as tranças dos cabellos
Que fazem de seu preço o ouro alheo,

E a mim de mim mesmo, sô com vellos?
He esta a alua colũna, o lindo esteo,
Sustentador das obras mais que humanas,
Que eu nos braços tenho, & não o creo?
Ah falso pensamento, que menganas,
Fazesme pôr a boca onde não deuo,
Com palauras de doudo, & quasi insanas
Como alçarte tão alto assi m'atreuo?
Tais asas doutas eu, ou tu mas das?
Leuasme tu a mim, ou eu te leuo?
Não poderei eu yr onde tu vas?
Porem pois yr não posso onde tu fores
Quando fores, não tornes onde estâs.

Agrario.

ô que triste successo foy d'amores
O qu'a este pastor aconteceo,
Segundo ouui contar a outros pastores.
Que tanto por seu danno se perdeo,
Qu'o longo imaginar em seu tormento,
Em desatino amor lho conuerteo.
ô forçoso vigor do pensamento,
Que pôde noutra cousa star mudando,
A forma, a vida, o siso, o entendimento.
Estâse hum triste amante transformando

Na vontade daquella que tanto ama,
De si sua propria essencia trasportando.
E nenhũa outra cousa mais desama
Qu'a si, se vè qu'em si ha algum sentido,
Que deste fogo insano não s'inflama.
Almeno que aqui stá tão influido
No fantástico sonho, qu'o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido.
Estaselhe pintando d'enleuado
Que tem ja da fantastica pastora
O peito diamantino mitigado.
Em este doc'engano staua agora
Falando como em sonhos, mas achando
Ser vento o que sonhaua, grita, & chora.
Dest'arte andauão sonhos enganando
O pastor somnolento, qu'a Diana
Andaua entr'as ouelhas celebrando.
Dest'arte a nuuem falsa em forma humana
O vão pay dos Centauros enganaua,
(Qu'Amor quando contenta sempre engana.)
Como a este que consigo sò fallaua,
Cudando que fallaua d'enleuado,
Com quem lhe o pensamento figuraua.
Não póde quem quer muito ser culpado,
Em nenhum erro, quando vem a ser

O amor

O amor em doudice transformado.
Não he amor amor, se não vier
Com doudices, deshonras, discençoẽs,
Pazes, guerras, prazer, & desprazer.
Perigos, linguas más, murmuraçoẽs,
Ciumes, arroidos, competencias,
Temores, mortes, nojos, perdiçoẽs:
Estas saõ verdadeiras penitencias
De quem poem o desejo onde não deue,
De quem engana alheas innocencias.
Mas isto tem Amor, que não se screue
Senão onde he illicito & custoso,
E onde he mòr perigo mais s'atreue.
Passaua o tempo alegre, & deleitoso
O Troyano pastor, em quanto andaua
Sem ter alto desejo, & perigoso.
Seus furiosos Touros coroaua,
E nos alamos altos escreuia
Teu nome (Emmone) quando a ti sò amaua.
Crecião os altos alamos, crecia
O amor que te tinha sem perigo,
E sem temor contente te seruia.
Mas despois que deixou entrar comsigo
Illicito desejo, & pensamento,
De sua quietação tão inimigo,

A toda a patria pos em detrimento
Com morte de parentes, & de irmãos.
Com cru incendio, & grande perdimento.
Nisto fenecem pensamentos vãos,
Tristes serviços mal galardoados,
Cuja gloria se passa dantre as mãos.
Lagrimas & suspiros arrancados,
D'alma, todos se pagão com enganos,
E oxala fossem muitos enganados.
Andão com seu tormento tão vfanos,
Gastando na doçura d'hum cuidado
Apos hum'esperança tantos anos.
E tal ha taõ perdido namorado,
Tão contente co pouco, que daria
Por hum sò meüer d'olhos, todo o gado.
E em todo o povoado & companhia,
Sendo ausentes de si, estaõ presentes
Com quem lhe pinta sempre a fantasia.
C'hum certo não sei que andaõ contentes,
E logo hum nada os torna ao contrario
De todo o ser humano differentes.
ò tyrannico amor, ô caso vario,
Que obrigas hum querer que sempre seja
De si contino & aspero aduersario.
E outr'hora nenhũa alegre esteja,

Senaõ

Senão quando do seu despojo amado
Sua imiga estar triumphando veja.
Quero fallar com este, qu'enredado
Nesta cegeira está sem nenhum tento;
Acorda ja pastor desacordado.
Alm.ò porque me tiraste hum pensamento
Qu'agora staua os olhos debuxando,
De quem aos meus foy doce mantimento.

Agrario.

Nessa imaginação estâs gastando
O tempo & a vida Almeno? ô perda grande,
Não ves quam mal os dias vas passando?

Almeno.

Fermosos olhos, ande a gente & ande,
Que nunca vos ireis dest'alma minha,
Por mais qu'o tẽpo corra, & a morte o mande.

Agrario.

Quem poderá cuidar que tão asinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direita & justa linha?
Que sejas tão perdido por teu dano,
Almeno irmão, não he por certo auiso,
Mas muy grande doudice, & grand'engano.

Almeno.

ô Agrario, que vendo o doce riso,

E o roſto tão fermoſo, como eſquiuo,
O menos que perdi, foi todo o ſiſo.
E não entendo deſque fuy cattiuo,
Outra couſa de mim, ſenão que mouro
Nem iſto entendo bem, pois inda viuo.
A ſombra deſte vmbroſo, & verde louro,
Paſſo a vida, ora em lagrimas canſadas,
Ora em louuores dos cabellos d'ouro
Se preguntares porque ſaõ choradas,
Ou porque tanta pena me conſume,
Reuoluendo memorias magoadas.
Deſque perdi da viſta o claro lume,
E perdi a ſperança, & a cauſa della,
Não choro por razão, mas por coſtume.
Iamais pude co fado ter cautella,
Nem nunca ouue em mim contentamento,
Que não foſſe trocado em dura ſtrella.
Que bem liure viuia & bem iſento,
Sem nunca ſer ao jugo ſometido,
De nenhum amoroſo penſamento.
Lembrame (Agrario amigo) qu'o ſentido
Tão fora d'amor tinha, que me ria
De quem por elle via andar perdido.
De varias cores ſempre me veſtia,
De boninas a fronte coroaua,

Na

Nenhum pastor cantando me vencia.
A barba então nas faces m'apontaua,
Na luta, no correr, & em qualquer manha,
Sempre a palma antre todos alcançaua.
Da minha idade tenra em tudo estranha,
Vendo (como acontece) affeiçoadas
Muitas Nymphas do rio, & da montanha:
Com palauras mimosas & forjadas
Da solta liberdade, & liure peito,
As trazia contentes, & enganadas.
Mas não querendo amor que deste geito
Dos corações andasse triumphando,
Em quem elle criou tão puro effeito:
Pouco & pouco me foi de mim leuando,
Dissimuladamente ás mãos de quem
Tod'esta injuria agora está vingando.

Agrario.

Deste teu caso Almeno eu sei mui bem
O principio & o fim, que Nemoroso
Contado tudo isso, & mais me tem.
Mas querote dizer se o enganoso
Amor, he costumado a desconcertos,
Que nunca amando fez pastor ditoso.
Ia que nelle estes casos saõ tão certos,
Porqu'os estranhas tanto, que de magoa

Te chorão as montanhas, & os desertos?
Vejote star gastando em viua fragoa,
E juntamente em lagrimas vencendo
A gran Sicilia em fogo, o Nilo em agoa.
Vejo qu'as tuas cabras não querendo
Gostar as verdes heruas, s'emmagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos que co tempo reuerdecem,
Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo parece qu'entristecem.
Todos os teus amigos & parentes,
Que lâ da serra vem por consolarte,
Sentindo n'alma a pena que tu sentes.
Se querem de teus males apartarte,
Deixando a casa & gado, vas fugindo,
Como ceruo ferido, a outra parte.
Não ves qu'amor as vidas consumindo
Viue sò de vontades enleuadas,
No falso parecer d'hum gesto lindo?
Nem as heruas das agoas desejadas
Se fartão, nem de flores as abelhas,
Nem este amor de lagrimas cansadas.
Quantas vezes perdido entr'as ouelhas
Chorou Phebo de Daphne as esquiuancas
Regando as flores brancas & vermelhas.

Quan-

Quantas vèzes as aſperas mudanças
O namorado gallo tem chorado,
De quem o tinha enuolto em eſperanças.
Eſtaua o triſte amante recoſtado,
Chorando ao pè d'hum freixo o triſte caſo,
Qu'o falſo amor lhe tinha deſtinado,
Por elle o ſacro Pindo, & o gran Parnaſo
Na fonte d'Aganippe diſtillando,
O fazião de lagrimas hum vaſo.
Vinha o intonſo Apollo alli culpando
A ſobeja triſteza perigoſa,
Com aſperas palauras reprouando.
Gallo porque endoudeces, qu'a ferinoſa
Nympha que tanto amaſte, deſcubrindo
Por falſa a fè que daua & mintiroſa.
Pollas Alpinas neues vay ſeguindo
Outro amor, outro bem, outro deſejo,
Como inimiga em fim de ti fugindo.
Mas o miſero amante, qu'o ſobejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fè vergonha ou pejo,
Da falſifica Nympha não ſentia
Senão qu'o frio do gelado Rheno
Os delicados pès lh'offenderia.
Ora ſe tu ves claro, amigo Almeno,

Que

Que d'amor os desastres saõ de sorte
Que para mattar basta o mais piqueno,
Porque não pões hum freo a mal tão forte,
Que em estado te poem, que sendo viuo
Ia não s'entende em ti vida nem morte?

Almeno.

Agrario, se do gesto fugitiuo
Por caso da fortuna desastrado
Algum'hora deixar de ser cattiuo,
Ou sendo para as Vrsas degradado.
Aonde Boreas tem o Occeano,
Cos frios Hyperboreos congelado,
Ou onde o filho de Clymene insano,
Mudando a cor das gentes totalmente,
As terras apartou do tratto humano
Ou se por qualquer outro accidente
Deixar este cudado tão ditoso,
Por quem sou, de ser triste, tão contente.
Este rio, que passa deleitoso,
Tornando para tras, irâ negando
A natureza o curso presuroso.
As feras pello mar irão buscando
Seu pasto, & andars'hão polla spessura
Das heruas os delphins apacentando.
Ora se tu ves n'alma quão segura

Tenho esta fé, & amor, para qu'insistes
Nesse conselho, & prattica tão dura?
Se de tua perfia não desistes
Vai repastar teu gado a outra parte,
Que he dura a companhia para os tristes.
Hũa só cousa quero encomendarte,
Para repouso algum de meu engano,
Antes qu'o tempo em fim de mim te aparte.
Que se esta fera qu'anda em trajo humano,
Vires polla montanha andar vagando,
De meu despojo rica, & de meu dano,
Com os vivos spritos inflamando
O ar, o monte, & a serra, que consigo
Continuamente leua namorando.
Se queres contentarme como amigo,
Passando, lhe dirás, gentil pastora
Não ha no mundo vicio sem castigo.
Tornada em duro marmore não fora
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrâra o rosto angelico algũ hora.
Foy bem justo o castigo riguroso,
Porem quem t'ama, Nympha, não queria
Noda tão fea em gesto tão formoso.

Agrario.

Tudo farei Almeno, & mais faria,

Por

Por te ver algum'hora descansado,
Se se acabão trabalhos algum dia.
Mas bem vés como Phebo ja impinado
Me manda, que da calma iniqua & crua
Recolhe em algum valle o manso gado.
Tu nessa fantasia falsa & nua
Para engano mayor de teu perigo
Não queres companhia senão a sua.
Voume daqui, & fique Deos contigo,
E ficarâs melhor acompanhado.

Almeno.

Elle contigo va, como comigo
Me fica acompanhando meu cudado.

ECLOGA III.

De Almeno, & Belisa, continuando com a passada.

PAssado ja algum tempo qu'os amores
D'Almeno por seu mal erão passados.
Porque nunca amor cumpre o que promete,
Entr'hũs verdes vlmeiros apartados,
Regando pello campo as brancas flores,

Em lagrimas cansadas se derrete:
Quando a linda pastora que compete
Co monte em aspereza,
Co prado em gentileza,
Por quem o triste Almeno endoudecia,
Pella praya do Tejo discurria
A lauar a beatilha, & o trançado,
Ia o sol consentia
Que saisse da sombra o manso gado.

E acordado ja do pensamento
Que tão desacordado o sempre teue,
Vio por acerto o bem que incerto tinha:
E porque onde amor a mais s'atreue
Alli mais enfraquece o entendimento,
Não lhe soube dizer o que conuinha:
Como homem qu'â aprazada briga vinha
A quem de fora engana
A confiança humana,
E depois vendo o rosto a quem resiste,
Treme, teme o perigo, & não insiste
Ia s'arrepende, a audacia lhe fallece;
Dest'arte o pastor triste
Ousa, arrecea, esforça, & enfraquece.

E tendo assi atonito o sentido,
Cometteo com furor desatinado
E tirou da fraqueza coração;
Comettimento foy desesperado;
Qu'hũa sô saluação tem hum perdido,
Perder toda a sperança á saluação,
As magoas que passarão se dirão,
Mas as qu'ella dizia,
Lembrandolhe que via
As agoas murmurar do Tejo amenas,
Remeto a vos, ô Tagides Camenas,
Que de magoa não posso dizer tanto,
Porque em tamanhas penas
Me cansa a pena, & a dor m'impede o canto.

Belisa pastora.

Qu'alegre campo, & praya deleitosa,
E quam saudosa faz esta spessura
A fermosura angelica & serena,
Da tarde amena, & quam saudosamente
A sésta ardente abranda sussirando
De quando em quando o vento alegre & frio;
No fundo rio os mudos peixes saltão,
No ar s'esmaltão os céos d'ouro & verde,
E Phebo perde a força da quentura,

Polla ſpeſſura leuão paſſeando
O gado brando, ao ſom das camphoninas,
Piſando as finas & fermoſas flores,
Os guardadores, que cantando o geſto
Fermoſo & honeſto, das paſtoras qu'anão,
Ao ar derramão mil ſoſpiros vãos,
Hum louua as mãos, & outro os olhos bellos,
Outro os cabellos douro em ſom ſuaue,
A amoroſa aue leua o contraponto,
Mas ò que conto, & ſaudoſa hiſtoria
Que na memoria aqui ſe m'offerece:
Se não me eſquece, ja neſte lugar
Ouui ſoar nos valles algum dia,
E reſpondia o'ecco o nome em vão
Num coração, Beliſa retumbando:
Eſtou cudando como o tempo paſſa,
E quão eſcaſſa he toda alegre vida,
E quão comprida, quando he triſte & dura.
Neſta eſpeſſura longo tempo amei,
Se m'enganei com quem do peito amaua,
Não me peſaua de ſer enganada,
Fui ſalteada em fim d'hum penſamento,
Qu'hum mouimento tinha caſto & ſão,
Conuerſação foy fonte deſte engano,
Que por meu dano entrou com falſa cõr,

Por-

Porqu'o amor na Nympha qu'he ſegura
Entra em figura de vontade honeſta.
Mas que me preſta agora dar diſculpa
Se ahi ouue culpa pola o firme amor,
Sô num paſtor que nunca o ſol nem lua
Ou ſerra algũa, deſd'o Ibero ao Indo,
Outro tão lindo virão, & tão manhoſo,
Neſte amoroſo ſtado, & fé que tinha,
Qua n'alma minha tão ſecretamente,
Viui contente amando & encubrindo,
Elle fingindo mintiroſos dannos,
Que ſaõ enganos que não cuſtão nada,
Tendo alcançada ja no entendimento
A fé & intento meu sò nelle poſto,
Que logo o roſto moſtra os coraçõeſ,
E as affeiçõeſ cos olhos ſe pratticão,
Que mais publição muito que palauras,
Com ſuas cabras ſempre â parte vinha
Ond'eu mantinha os olhos & o deſejo.
Tu manſo Tejo, & tu florido prado,
Do mais paſſado em fim qu'aqui não digo,
Sereis m'obrigo teſtemunho certo,
Que deſcuberto vos foi tudo & claro,
ô tempo auaro, ô ſorte nunca igual,
Camanho mal quereis á humana gente,

Porque hum contente ſtado aſſi trocaſtes?
Vos me tiraſtes do meu peito iſento,
O penſamento honeſto, & repouſado,
Ia dedicado ao coro de Diana,
Vos nũa vfana vida me puſeſtes,
E alli quiſeſtes que gozaſſe o dano
Do doce engano, que ſe chama amor,
Com cujo error paſſaua o tempo ledo,
E vos tão cedo me tirais hum bem,
Q'amor ja tem impreſſo n'alma minha,
Depois qu'a tinha enuolta em eſperanças,
E com lembranças triſtes me deixais,
Mal me pagais a fé que ſempre tiue:
Mas aſſi viue quem ſem dita nace,
Mas ja qu'a face alegre o ſol eſconde,
E não reſponde alguem a tantas magoas,
Senão as agoas que dos olhos ſaem,
As ſombras caem, & vãoſe as alimarias
Das eruas varias ſartas, ſeu caminho,
Buſcando o ninho os paſſaros ſem dono
Ia pello ſono eſquecem o comer,
Quero eſquecer tambem tão doce hiſtoria,
Pois he memoria que traz môr cudado,
Iſto he paſſado, & ſe me deu paixão,
Os dias vão gaſtando o mal & o bem,

E não

E não conuem quererme magoar,
Do que emendar não posso ja com magoas,
Nas claras agoas deste rio brando,
Que vão regando o campo matizado,
Este trançado lauar quero em fim,
Que ja de mim m'esqueço coa lembrança
Desta mudança, qu'esquecer não sei
Bem qu'eu virei mudar a opinião,
Qu'em fim homēs sāo, a qu'o esquecimento
Depressa faz mudar o pensamento.

Almeno.

Se a vista não m'engana a fantasia,
Como ja m'enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me soffria,
Pareceme que vejo estar lauando
Hūa Nympha hum véo no claro Tejo,
Que se m'estâ Belisa affigurando.
Não pode ser verdade isto que vejo,
Que facilmente aos olhos s'affigura
Aquillo que se pinta no desejo.
ò acontecimento qu'a ventura
Me dâ pera môr danno: esta he certo,
Que não he doutrem tanta fermosura.
Se poderei fallarlhe de mais perto?

Mas

Mas fugirmeha: não pode ser, qu'o rio
Par'acolâ não tem caminho aberto.
Ô temor grande, ô grande desuario,
Qu'a voz m'impide, & a lingoa negligente
Dest'arte estâ tornando o peito frio.
De quanto me sobeja estando ausente,
Que pera lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente.
Ô aspeito suaue & peregrino,
Pois como tão asinha a si s'esquece
Hũa fé verdadeira, hum amor fino?

Belisa.

Ô altas semideas, pois padece
Em vosso rio a honra delicada,
De quem tamanha força não merece,
Ou seja por vos (Nympha) reseruada,
Ou n'algũa aruore alta ou pedra dura
Seja por vos asinha transformada.

Almeno.

Ah Nympha, não te mudes a figura,
Nem vos Deosas queirais qu'eu seja parte
De se mudar tamanha fermosura.
Porqu'a quem falta a voz para falarte,
E a quem fallece a lingoa & ousadia,
Tambem faltarão maõs para tocarte.

Belisa.

Que me quieres Almeno, ou que porfia
Foy a tua tão aſpera comigo,
Minha vontade não to merecia.
Se com o amor o fazes, eu te digò,
Qu'amor que tanto mal me faz em tudo,
Não pòde ſer amor, mas enemigo.
Não es tu de ſaber tão falto & rudo,
Que tão ſem ſiſo amaſſes, como amaſte,

Almeno.

Onde viſte tu Nympha amor ſeſudo?
Porque te não alembra que folgaſte
Com meus tormentos triſtes, & algũ hora
Com teus fermoſos olhos ja me olhaſte?
Como t'eſquece ja (gentil paſtora)
Que folgauas de ler nos freixos verdes
O que de ti eſcriuia cada hora?
Como tão prèſtes a memoria perdes
Do amor que moſtrauas, qu'eu não digo
Se o vos ò altos montes não diſſerdes?
Porque te não alembras do perigo
A que sô por me ouuir t'auentuauas
Buſcando horas de ſèſta, horas d'abrigo?
Coa maçãa de diſcordia me tirauas

Que

Que a Venus que aganhou por fermoſura
Tu como mais fermoſa lha ganhauas.
E eſcondendote entre a ſpeſſura,
Hias fogindo como vergonhoſa
Da namorada & doce traueſſura.
Não era eſta a maçã d'ouro fermoſa,
Com que encuberta aſsi de aſtucia tanta
Cedipe s'enganou de cubiçoſa.
Nem a que o curſo teue d'Athalanta
Mas era aquella com que Galathea
O paſtor cattiuou como elle canta.
Se mâs tenções poſerão nodoa fea
Em noſſo firme amor de inueja purᵃ
Porque pagarei eu a culpa alhea?
Quem deſta fé, quem deſte amor não cura
Nunca teue ſogeito o coração,
Qu'o firme amor coa'lma eterna dura.

Beliſa.

Mal conheces Almeno hum'affeição
Que ſe eu deſſe amor tenho eſquecimento
Meus olhos magoados to dirão.
Mas teu ſobejo & liure atreuimento
E teu pouco ſegredo, diſcudando
Foy cauſa deſte longo apartamento.

Ves as Nymphas do Tejo que mudando
Me vão ja pouco a pouco o claro geſto
Noutra forma mais dura traſpaſſando.
Hum ſó ſegredo meu te manifeſto,
Que te quis muito em quanto Deos queria,
Mas de pura affeição, & amor honeſto.
E pois teu mao cudado & ouſadia
Cauſou tão dura & aſpera mudança
Folgo que muitas vezes to dizia.
Ficate embora, & perde a confiança
Que mais me vão veras como ja viſte
Qu'aſſi ſe deſengana hum'eſperança.

Almeno.

ò duro apartamento, ô vida triſte
ô nunca acontecida deſuentura,
Pois como, Nympha, aſſi te deſpidiſte?
Aſſi ſe ha de yr tornando ſem ter cura
Neſſa ſilueſtre & aſpera rudeza,
Tão branda & excellente fermoſura?
Tua nunca entendida gentileza,
E teus membros aſſi ſe transformarão,
Negandoſelhe a propria natureza?
Deſt'arte teus cabellos ſe tornarão,
Deixando ja ſeu preço ao ouro fino,
Em folhas qu'a cor tem do que negarão?

Se

S'este consentimento foy diuino,
Consintame tambem què perca a vida,
Antes qu'a mais ni'obrigue o desatino.
Que se a fortuna dura embrauecida
Tanto em meu tormento se desmede,
Não viua mais hum'alma tão perdida.
E vos feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartai ja de meu sangue vossa sede.
E vos pastores rudos deste outeiro,
Porqu'a todos em fim se manifeste
Que cousa he amor puro & verdadeiro,
Ao pé deste funereo acipreste
Me fareis hum sepulchro sem arreo
De boninas qu'o prado ameno veste.
Com desusadas musicas d'Orpheo
Que me vos cantareis, & desta sorte
Não auerei inueja ao Mausoleo,
E porque minha cinza se conforte
Em vossos metros doces & suaues,
As exequias fareis de minha morte.
Alli responderão as altas aues
Não modulas no canto, nem lasciuas,
Mas de dor hora roucas, hora graues.
Não correrão as agoas fugitiuas

Alegres por aqui, mas saudosas,
Que pareção que vem dos olhos viuas.
Nacerão pellas prayas deleitosas
Os asperos abrolhos em lugar
Dos roxos lirios, das pudicas rosas,
Não trarão as ouelhas a pastar
Darredor do sepulchro os guardadores
Que não comerão nada de pesar.
Virão os Faunos, guarda dos pastores
Se morri por amores preguntando,
Responderão os eccos, por amores.
Dos que por aqui forem caminhando,
Hum epitaphio triste se lerâ
Que esteja minha morte declarando:
E no tronco d'hum'aruore estarâ
Numa ruda cortiça pendurado
Escritto c'hũa fouce, assi dirà.
Almeno fui pastor de manso gado,
Em quanto consintio minha ventura
De Nymphas & pastoras celebrado.
S'algũa hora por dita na espessura
Se perder o amor & a affeição,
Tirem a pedra desta sepultura,
E em figura de cinza os acharão.

Eclo-

ECLOGA IIII

Frondoso, & Duriano, Pastores.

CAntando por hum valle docemente
Decião dous Pastores quando Phebo
No reino de Neptuno se escondia,
De idade cada hum era mancebo,
Mas velho no cudado & descontente
Do que lhe elle causaua parecia:
O que cada hum dizia
Lamentando seu mal, seu duro fado
Naõ sou eu taõ ousado,
Que o ouse a cantar sem vossa ajuda,
Porque se a minha ruda
Frauta, deste fauor vosso for dina
Posso escusar a fonte Caballina.

Em vos tenho Helicon, tenho Pegaso,
Em vos tenho Caliope, & Thalia,
E as outras sette irmãs do fero Marte
Em vos perde Minerua sua valia,
Em vos estão os sonos de Parnaso,

Das

Das Pierides em vos s'encerra a arte,
Co a mais piquena parte
Senhora, que me deis da ajuda voſſa,
Podeis fazer qu'eu poſſa
Eſcurecer ao ſol reſplandecente,
Podeis fazer qu'a gente
Em mim do gran poder voſſo s'eſpante,
E que voſſos louuores ſempre cante.

Podeis fazer que creça d'hora em hora,
O nome Luſitano, & faça inueja
A Smirna, que de Homero ſe engrandece;
Podeis fazer tambem qu'o mundo veja
Soar na ruda frauta o que a ſonora
Cithara Mantuana ſó merece,
I'agora me parece
Que podem começar os meus paſtores,
Trattar de ſeus amores,
Porque inda que preſentes não eſtejaõ
As que elles ver deſejão
Mudança do lugar menos de ſtado,
Não muda hum coraçaõ de ſeu cuidado.

Ia deixaua dos montes a altura
E nas ſalgadas ondas s'eſcondia

O sol, quando Frondoso & Duriano
Ao longo de hum ribeiro que corria
Polla mais fresca parte da verdura,
Claro, suaue, & manso todo o ano
Lamentando seu dano,
Vinha ja recolhendo o manso gado,
E hum estando calado,
Em quanto hũ pouco o outro se queixaua,
Apos elle tornaua
A dizer de seu mal o que sentia,
E em quanto elle fallaua, o outro ouuia.

Vinhão se assi queixando aos penedos,
Aos silvestres montes, & aspereza,
Que quasi de seus males se doião;
Alli as pedras perdião sua dureza,
Alli os correntes rios estar quedos,
Prontos a suas queixas parecião,
E sô as que podião
Estes males curar que ellas causauão,
O ouuido lhe negauão
Por perderem de todo a sperança,
Mas elles que mudança
D'amor com tantos males não fazião,
Fallando inda com ellas lhe dezião.

Frondoso.

Isto he o que aquella verdadeira
Fé, com que te amei sempre merecia,
Sem nunca te deixar hum sô momento,
Como (cruel Belisa) t'esquecia
Hum mal cuja esperança derradeira
Em ti sô tinha posto seu assento?
Não vias meu tormento?
Não vias tu a fé com que t'amaua?
Porque não t'abrandaua
Este amor, que me tu tão mal pagaste?
Mas pois ja me deixaste
Co a esperança de ti toda perdida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Se os males que por ti tenho soffrido,
(ô Siluana em meus males tão constante)
Quiseras que algũ'hora te dissera
Ainda que de duro diamante
Fora teu cruel peito endurecido,
Creo qu'a piedade te mouera,
Pagora em branda cera
Os montes saõ tornados, & os penedos,
E os rios que stão quedos,
Sentirão meus sospiros minhas queixas,

Tu sô (cruel) me deixas
Qu'es mais que montes & penedos dura,
E fugitiua mais qu'a agoa pura.

Frondoso.

Onde ſtâ aquella falla, que ſoîa
Sô com ſeu doce tom, que me chegaua
Auiuarme os ſpiritos canſados?
Onde ſtâ o olhar brando, que cegaua
O ſol reſplandecente ao meo dia?
Onde ſtão os cabellos dilicados,
Qu'ao vento eſpalhados
O ouro eſcurecião, & a mim mattauão?
E a quantos os olhauão
Cauſauão tambem nouos accidentes?
Porque cruel conſentes
Que goze outro a gloria a mim deuida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Nhum bem vejo qu'a meu mal eſpere,
Senão ſe he ſperar que morte dura
Em fim me venha dar tua ſaudade,
Vejo faltarme a tua fermoſura,
A vontade me diz que deſeſpere,
Contradizme a razão eſta vontade,
Diz que nũa beldade

Em quem mostrou o cabo a natureza
Não ha tanta crueza
Que hum tão firme amor desprezar queira,
E hũa fé verdadeira
Mas tu que de razão nunca curaste
Porqu'era darme a vida, ma tiraste.

Frondoso.

A quem (Belisa ingrata) t'entregaste?
A quem déste (cruel) a fermosura
Que sò a meu tormento se deuia?
Porque hũa fé deixaste firme & pura?
Porque tão sem respeito me trocaste,
Por quem sô nem olharte merecia?
E o bem que te queria,
Que nunca perderei senão por morte,
Não he de mayor sorte
Que quanto a cega gente estima & preza?
Sô a tua crueza
Foi nisto contra mim endurecida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Leuaste-me meu bem num sô momento,
Leuaste-me com elle juntamente
De cobrallo jamais a confiança,
Deixaste-me em lugar delle sômente

Hũa continua dor, & hum tormento,
Hum mal de que não póde auer mudança,
Tu qu'eras a ſperança
Dos males que me tu cruel cauſaſte,
De todo te trocaſte,
Com Amor conjurada em minha morte,
Porem ſe minha ſorte
Conſente que por ti ſeja cauſada,
Morte não foi mais bemauenturada.

Froudoſo.

Não naceſte d'algũa pedra dura,
Não te gerou algũa tigre Hircana,
Naõ foi tua criação entre a rudeza,
A quem (cruel) ſaiſte deshumana?
No cêo formada foi tua fermoſura,
Onde a meſma brandura he natureza,
Eſta tua dureza
Donde teue principio, ou a tomaſte?
Porque dura engeitaſte
Hum verdadeiro amor que tu bem vias?
Hũa fé que conhecias,
Por outra de ti nunca conhecida?
Perca quem te perdeo tambem á vida.

Doriano.

Vaiſe co ſeu paſtor o manſo gadó,

Por-

Porque d'amor entende aquella parte
Qu'a natureza irracional lh'enſina,
O ruſtico leão ſem nenhũ'arte
Do inſtinto natural sô inſinado,
Aonde ſente amor alli s'enclina,
E tu que de diuina
Não tès menos que Venus & Cupido,
Porque ſe quer co ouuido
Hum amor verdadeiro não ſocorres?
Ou porque te não corres
Que te vença o leão em piedade,
Se Venus não te vence na beldade?

Frondoſo.

A mim não me faltaua o que ſe preza
Entre os celeſtes Deoſes, que formárão
A tua mais que humana fermoſura,
Em mim os voluntarios céos faltârão;
Em mim ſe preuerteo a natureza
D'hũa cruel fermoſa criatura,
Mas pois Beliſa dura,
Que do mais alto céo a nos vieſte,
Em teu peito celeſte
Hum tal contrario pode apoſentarſe,
Não he contrario acharſe
Tamanha fé, tão mal agradecida,

Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Por ti a noite escura me contenta,
Por ti o claro dia me auorrece,
Abrolhos para mi saõ frescas flores,
A doce philomela m'entristece,
Todo o contentamento m'atormenta
Com a contemplação de teus amores:
As festas dos pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza,
Em mim tua crueza
Faz que o mal cad'hora va dobrando
ò cruel, atê quando
Durarâ em ti hum tal auorrecimento?
E a vida em mim, que soffre tal tormento?

Frondoso.

Fugiste d'hum amor tão conhecido
Fugiste d'hũa fé tão clara & firme,
E seguiste a quem nunca conheceste,
Não por fugir d'amor, mas por fugirme,
Que bem vias que tinha merecido
O amor que tu a outrem concedeste;
A mim não me fizeste
Nenhũa sem rezão, que bem conheço
Que tanto não mereço,

Fizeste a âquelle bem firme & sincero,
Que sabes que te quero
Em lhe tirar a gloria merecida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Crece cad'hora em mim mais o cudado,
E vejo qu'em ti crece juntamente
Cad'hora mais de mim o esquecimento,
ô Syluana cruel porque consente
O teu feminil peito delicado,
Esquecerlhe hum tão aspero tormento?
Tal auorrecimento
Merece hum capital teu inimigo,
Não j'eu que sò contigo
Estou contente, & nada mais desejo,
S'algũa hora te vejo
Tu es hum sò bem meu hũa sô gloria,
Que nunca se me aparta da memoria.

Frondoso.

Olhos que viraõ ja tua fermosura
Vida que sô de verte se sostinha,
Vontade que em ti era transformada,
Hum'alma qu'a tua em si sò tinha,
Taõ vnida comsigo, quanto a pura

Alma

Alma co debil corpo está liada:
E agora apartada
Te vê de si com tal apartamento,
Qual será seu torniento?
Qual será aquelle mal que tem presente?
Mayor he qu'o que sente
O triste corpo na vltima partida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Regendo noutro tempo o manso gado
Tangendo minha frauta nestes vales,
Passaua a doce vida alegremente,
Não sentia o tormento destes males,
Menos sintia o mal deste cudado,
Que tudo então em mim era contente,
Agora não somente
Desta vida suaue m'apartaste,
Mas outra me deixaste
Qu'ao duro mal que sinto ca no peito
Me tem ja tão affeito,
Que sinto ja por gloria minha pena,
Por natureza o mal que me condena.

Frondoso.

Iuntamente viuer compridos anos,

Os fados te cõcedão, que quiserão
Ajuntarte com tal contentamento,
Pois para ti os bẽs todos nacerão,
Mormentos para mim, males & danos,
Logra tu sò teu bem; eu meu tormento,
Nenhum apartamento
Beliſa, me fara deixar d'amarte,
Porque em nenhũa parte
Poderas nunca ſtar ſem mim hum'ora,
Conſente pois agora
Qu'em pago deſta fé tão conhecida
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Vejate eu (crua) amar quem te deſame,
Porque ſaibas que couſa he ſer amada,
De quem tu auorreces & deſprezas,
Vejate eu ſer ainda deſprezada
De quem tu mais deſejas que te ame,
Porque ſintas em ti tuas crueзas,
Sintas tuas durezas,
E quanto pôde o ſeu cruel effeito,
Num coração ſogeito,
Porqu'em ſintindo o mal qu'eu ſinto agora,
Eſpero qu'algum'hora
Faça o teu proprio mal de mim lembrarte,

Ia que não pode o meu nunca abrandarte

Frondoso.

Mil annos de tormento me parece
Cada hora que sem ti, & sem esperança
Viuo de poder mais tornar a verte,
Sustentame esta vida tua lembrança,
A vida sobre tudo me entristece,
A vida antes perdera que perderte,
Mas eu se por quererte,
Hum bem que em ti sò tem seu firme assento
Padeço tal tormento,
Que inda espera de ti quem te desama,
Ou ao menos te ama,
Com algum falso amor, ou fé fingida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Entaõ (cruel) verâs se te merece
Com tamanho desprezo ser trattada,
Hum'alma que de amarte sô se preza:
Mas como podes tu ser desprezada,
Se o menos qu'em ti fôra se parece
Abrandar pode montes & aspereza?
Porque se a natureza
Em ti o remate pos da fermosura,

Qual

Qual ſerâ a pedra dura
Qu'a teu vallor reſiſta brandamente?
Quanto mais fraca gente
Qu'ao humano parecer não ſe defende,
E a meſma Venus Deoſa ao teu ſe rende.

Frondoſo.

E pois fé verdadeira, amor perfeito.
Tormento deſigual, & vida triſte,
Iunta com hum continuo ſoffrimento,
E hum mal em que todo o mal conſiſte,
Não poderão mouer teu duro peito,
A amoſtrares ſe quer contentamento
De veres meu tormento,
Mas antes iſto tudo deſprezaſte,
E a outrem te entregaſte,
Por me não ficar nada em que ſperaſſe,
Senão quando acabaſſe
A vida, qu'a meu mal he tão comprida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Longo curſo de tempo, & apartado
Lugar, a hum coração que ſtâ entregue
Não podem apartar de ſeu intento
Porque foges (cruel) a quem te ſegue?

Não

Não ves quẽ teu fugir he escusado?
Que sem mim nunca stâs hum sô momento,
Nenhum apartamento
(Inda qu'a alma do corpo se m'aparte,)
Poderá ausentarte
Dest'alma triste, que continuamente
Em si te tem presente,
Torna cruel, não fujas a quem t'ama,
Vem dar a morte ou vida a quem te chama.

A noite escura, triste, & tenebrosa,
Que ja tinha estendido o negro manto,
D'escuridade a terra toda enchendo,
Fez pôr a estes pastores fim ao canto,
Qu'ao longo da ribeira deleitosa,
Vinhão seu manso gado recolhendo.
Se aquillo qu'eu pretendo
Deste trabalho hauer, qu'he todo vosso,
Senhora alcançar posso,
Não será muito hauer tambem a gloria,
E o lauro da victoria,
Que Virgilio procura, & hauer pretende,
Pois o mesmo Virgilio a vos se rende.

ECLOGA V.

Feita do Autor na sua puericia.

A Quem darei queixumes namorados,
Do meu pastor queixoso namorado?
A branda voz, sospiros magoados,
A causa porque n'alma he magoado,
De quem serão seus males consolados,
Quem lhe fará diuido gasalhado,
Sò vos senhor fermoso & excellente,
Especial em graças entre a gente?

Por partes mil lançando a fantasia,
Busquei na terra estrella que guiasse
Meu rudo verso, em cuja companhia
A santa piedade sempre andasse
Luzente & clara como a luz do dia,
Qu'o rude engenho meu m'alumiasse,
Em vossas perfeições grão senhor vejo
Ainda alem comprido o meu desejo.

A vos

A vos se dem a quem junto se ha dado
Brandura, mansidão, engenho, & arte,
D'hum sprito diuino acompanhado,
Dos sobre humanos hum em tod'a parte,
Em vos as graças todas se hão juntado,
De vos em outras partes se reparte,
Sois claro rayo, sois ardente chama,
Gloria & louuor do tempo, azas da fama.

Em quanto aparelho hum nouo sprito,
E voz de cisne tal qu'o mundo espante,
Com que de vos, senhor, em alto grito
Louuores mil em tod'a parte cante,
Ouui o canto agreste em tronco escrito,
Entre vacas & gado petulante
Que quando tempo for em milhor modo
Ha de me ouuir por vos o mundo todo.

As vãs querellas brandas, & amorosas,
Sejão de vos trattadas brandamente,
Verdades d'alma pouco venturosas,
Saidas com sussiro viuo, & ardente,
Qu'em vossas mãos s'entregão valerosas,
Para despois viuerem entre a gente,
Chorando sempre a antiga crueldade,
E os corações mouerem a piedade.

Ia declinaua o ſol contra o Oriente,
E o mais do dia ja era paſſado,
Quando o paſtor co graue mal que ſente,
Por dar aliuio em parte a ſeu cudado,
Se queixa da paſtora docemente,
Cudando de ninguem ſer eſcutado,
Eu que o ouui num'aruore eſcreuia
As magoas que cantou, & aſſi dizia.

Ou tu do monte Pindaſo es nacida,
Ou marmor te pario fermoſa & dura,
Que não pode ſer ſeja concebida
Dureza tal de humana criatura,
Ou es quiça em pedra conuertida,
E tẽs da natureza tal ventura,
Porem não fez em ti boa impreſſaõ,
Sò de marmore tornarte o coração.

Ia eſta minha voz rouca & choroſa,
A gente mais remota moueria,
E ſe ſoltaſſe a vea lagrimoſa,
Os tigres em Hircania amanſaria,
Se não foras cruel quanto fermoſa,
Meu longo ſuſpirar te abrandaria,
Mas ſuſpirar por ti, & bem quererte,
Que fazem ſenão mais endurecerte?

Se deixâras vencer a crueldade
De tua tão perfeita fermoſura,
Hum pouco viras bem minha vontade,
E viras eſta fé tão limpa & pura,
Por ventura qui'ouueras piedade
E tiuera eu quiça melhor ventura
Mas nunca achou igoal tua belleza,
Senão ſe foy em ti tua dureza.

Ia hum peito abrandara que naõ ſente
Meu duro & graue mal ſegundo heſorte,
Se decera ao inferno ſero & ardente
Mouera a piedade a meſma morte.
Se hũa gotta de agoa brandamente
Torna brando hum penedo duro & forte,
Tantas lagrimas minhas não farão
Hum piqueno final num coração?

Na teſta tenho hũa fonte viua dagoa,
Que por meus olhos triſtes ſe derrama,
No peito eſtâ de fogo hũa viua fragoa,
Que tudo em ſi conuerte & tudo inflama,
A mor ao derredor por mayor magoa
Voando mais acende a ardente chama,
E ſe ques ver ſe ardentes ſaõ ſeus tiros,
Olha ſe ſaõ ardentes meus ſuſpiros.

Quando grita,& rumor grande se sente,
Que se acende algum fogo em casa, ou torre,
De pura compaixão vay toda a gente
Gritando agoa ao fogo,& cada hum corre,
Assi anda meu peito em chama ardente
E co a agoa dos olhos se socorre,
Que quem m'abrasa outra agoa me defende,
Porque com esta o fogo mais se acende.

Quando vemos que sae lâ no Oriente
O Sol, seu antigo curso começando,
Fermoso,intenso, puro,& refulgente,
O monte,campo, mar,tudo alegrando,
Quando de nos s'esconde no Ponente
E noutras terras sae alumiando
Sempre em quanto vai dando ao mundo giro
Por ti meus olhos chorão, & eu sospiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
Vem acabado a noite em que descança,
Trabalha na tormenta o mareante,
Goza o dia sereno & de bonança
Recobra o anno fertil, & abundante
Na terra o laurador se nella cança,
Mas eu de meu trabalho, & mal tão forte,
Tormento espero em fim, & crua morte.

De ouuir meu mal as roſas matutinas,
Com dô de mim ſe cerrão & emmurchecem,
Com meu ſuſpiro ardente, as cores finas
Perdem o crauo, & lirio, & não florecem,
Co a roxa aurora as pallidas boninas
Em vez de ſe alegrarem ſe entriſtecem
Deixa ſeu canto Progne & Philomena,
Que mais lhe doe qu'a ſua a minha pena.

Reſponde o monte concauo a meus ais,
E tu como aſpide cerraslhe o ouuido,
As aruores do campo, os animais,
Moſtraõ ſentir meu mal ſem ter ſentido,
E a ti as minhas dores deſiguais
Não mouem eſſe peito endurecido:
Por mais & mais que chamo, não reſpondes,
E quanto mais te buſco, mais t'eſcondes.

Naquella parte adonde coſtumauas
Apacentar meus olhos, & teu gado,
Alli onde mil vezes me moſtrauas
Ser eu de ti o paſtor mais deſejado,
Mil vezes te buſquei por ver ſe dauas
Ainda algum deſcanſo a meu cudado,
No campo em vão te buſco, & buſco o monte,
Qual o ferido ceruo buſca a fonte.

Este lugar de ti desamparado,
Com cujas sombras frias ja folgaste,
Agora triste & escuro he ja tornado,
Que todo o bem contigo nos leuaste:
Tu eras nosso sol mais desejado,
Não temos luz despois que nos deixaste,
Torna meu claro sol, vem ja meu bem,
Qual he o Iosue que te detem?

Depois que deste valle te apartaste,
Não pace o branco gado com secura,
Secouse o campo desque lhe negaste
Dos teus fermosos olhos a luz pura,
Secouse a fonte donde ja te olhaste,
Quando meros que agora aspera, & dura,
Nega sem ti a terra dando gritos,
Pasto ás cabras, & leite aos cabritos.

Sem ti doce cruel minha inimiga,
A clara luz escura me parece,
Este ribeiro, quando amor m'obriga,
Com meu chorar por ti continuo cresce,
Não ha fera qu'a fome não persiga,
Nem o campo sem ti ja não florece,
Cegos estão meus olhos, ja não vem,
Pois que não podem ver meu claro bem.

O campo como d'antes não se esmalta
De boninas azues, brancas, vermelhas,
Não choue ao pasto, & sentẽ da agoa a falta,
As mansas & pacificas ouelhas
Tambem cruel contigo o céo lhe falta,
Não achão flor as melissuas abelhas,
Com lagrimas que manão dos meus olhos,
A terra nos produz duros abrolhos.

Torna pois ja pastora a este prado,
E restituirás esta alegria,
Alegrarás o monte, o campo, o gado,
Alegrarâs tambem a fonte fria,
Torna, vem ja meu sol tão desejado,
Faras a noite escura claro dia
E alegra ja esta magoada vida,
Em tua ausencia toda consumida.

Vem como quando o rayo transparente
Deste nosso Orizonte, que escondido
Deixa hum certo temor â mortal gente,
Que causa ver o Orbe escurecido,
E quando torna a vir claro & luzente
Alegra o mundo todo entristecido,
Assi he para mim tua luz pura,
Claro sol, & a ausencia noite escura.

Tu esquecida ja do bem passado,
E do primeiro amor que me mostraste,
Teu coração de mim tens apartado,
E tambem o lugar desamparaste:
Não te quero eu ati mais qu'a meu gado?
Não sou eu mesmo aquelle que tu amaste?
Pois onde mereci tão grão desuio?
Ouueme, pois me ves ja morto & frio.

Bem ves que por amor se moue tudo,
E não ha quem d'amor se veja isento;
O animal mais simples, baixo, & rudo,
O de mais leuantado pensamento,
Atê debaixo d'agoa o peixe mudo
Là tem d'amor tambem seu mouimento,
A aue, que no ar cantando voa
Tambem por outra aue se affeiçoa.

A musica do leue passarinho
Que sem concerto algũ solta & derrama,
Dum raminho saltando a outro raminho,
Cantando com amor sussira & chama,
Em quanto no amado & doce ninho
Não acha aquelle a quem sò busca & ama,
Não cessa do trabalho que tomara
Tendo sò seu descanso em quem achâra.

A fera que he mais fera, & o lião,
Sempre acha outro leão, & outra fera,
Em quem possa empregar hũa affeição,
Que lhe a conuersação no peito gera,
Tambem sabe sentir sua paixão,
Tambem suspira, morre, & desespera,
Acena, salta, brada, ferue, & geme,
E não temendo nada, amor sô teme.

O ceruo que escondido & emboscado
Temendo o cubiçoso caçador,
Está na selua, monte, bosque, ou prado,
Alli onde anda & viue, viue amor,
D'amor & de temor acompanhado,
Com justa causa amor tem, & temor,
Temor de quem alli ferillo vinha,
E amor a quem ja ferido o tinha.

Se o animal insensiuel que não sente
Tambem sente d'amor a frecha dura,
Porque te não abranda o fogo ardente
Que procede de tua fermosura,
Porque escondes a luz do sol â gente?
Que nesses olhos trazes bella & pura,
Mais bella, mais suaue, & mais fermosa,
Que lirio, que Iasmin, que crauo, & rosa.

Pode,

Pôde ser se me virás, que sintiras,
Ver desfazer hum peito em triste pranto,
E bem pouco fizeras se me viras,
Ia que eu sò por te ver suspiro tanto,
As magoas & suspiros que me ouuirás,
Te poderão mouer a grande espanto,
A dor, a piedade, a sentimento,
E a mais que para mais he meu tormento.

Os pensamentos vãos, que o vento leue
O suspirar em vão tambem ao vento,
O esperar â calma, â chuua, â neue,
E não te poder ver hum sò momento,
Tormento he que sômente a ti se deue,
E se pode inda hauer mayor tormento,
Quem te vio, & se vé de si ausente
Muito mais passará mais leuemente.

Faz mossa a pedra dura em sua dureza,
Co agoa que lhe toca brandamente,
Abranda o ferro forte a sortaleza
Se lhe toca tambem o fogo ardente,
Sò em ti não conheço a natureza,
Qu'a ser de pedra, ferro, ou de serpente,
Ia teu peito cruel fora desfeito
Do fogo, & das lagrimas que deito.

Quan-

Quando a fermoſa Aurora moſtra a fronte
Alegre toda a terra vendo o dia,
Quando Phebo aparece no Orizonte,
Manifeſta tambem grande alegria:
Contente come o gado ao pé do monte,
Alegre vay beber à fonte fria;
Tudo contente eſtá, alegre tudo,
Eu sò, sô, penſativo, triſte, & mudo.

Se da alma & do corpo tẽs a palma,
E do corpo ſem alma não tẽs dô,
Ha dô do corpo sò que eſtá ſem alma,
Pois ſem alma não viue o corpo sô
Na chama, no ardor, no fogo, & calma,
Na affeição, no querer, eu ſou hum sô,
Não acharás vontade mais cattiua,
Nem outra como a tua tão eſquiua.

Se te apartas por não ouuir meu rogo,
Onde eſtiueres te ei de importunar,
Poſto que vas por agoa, ferro, ou fogo,
Contigo em toda a parte m'has de achar
q̃ o fogo em q̃ arſo, & a agoa em q̃ me afoge,
Em quanto eu viuo for ha de durar,
E o nô que me tem preſo he de tal ſorte,
Que não ſe ha de ſoltar em vida ou morte.

Neſte

Neſte meu coraçaõ ſempre eſtarás
Em quanto a alma eſtiuer com elle vnida,
Meu ſpiritu tambem poſſuirás
Deſpois qu'a alma do corpo for partida;
Por mais & mais que faças, não faras
Que não te ame neſta & na outra vida,
Impoſſiuel ſerá que eternamente
Eſtés de mim auſente eſtando auſente.

Cá me acompanhará tua memoria,
Se o rio que ſe diz do eſquecimento
Da minha não borrar taõ longa hyſtoria,
Taõ graue mal, tão duro apartamento;
Até que quando te veja entrar na gloria,
Viuirei num continuo ſentimento,
E inda então ſer á (ſe iſto ſer poſſa)
Eſta minh'alma lá ſeruir a voſſa.

Aqui com graue dor, com triſte accento,
Deu o triſte paſtor fim a ſeu canto,
Co roſto baixo, & alto o penſamento
Seus olhos começaraõ nouo pranto,
Mil vezes fez parar no ar o vento,
E apiadou no céo o coro ſanto,
As circunſtantes ſeluas ſe abaixarão,
De dô das triſtes magoas que eſcutárão.

Com

Com hũa mão na face, & encoſtado,
Em ſua dor tão enleuado eſtaua,
Que como em graue ſonno ſepultado
Não vio o ſol que já no mar entraua:
Berrando anda em roda o manſo gado,
Qu'o ſeguro curral já deſejaua,
Nas couas as raposas, & em ſeu ninhos
Se recolhem os ſimples paſſarinhos.

Ia ſobre hum ſecco ramo eſtaua poſto
O mocho com funeſto & triſte canto,
A cujo ſom o paſtor ergueo o roſto,
E vio a terra envolta em negro manto,
Quebrando então o fio a ſeu goſto,
Mas não quebrando o fio a ſeu pranto,
Para melhor cudar em ſeu cudado,
Leuou para os currais o manſo gado.

ECLOGA VI.

AO DVQVE DAVEIRO.

Alicuto pescador. Agrario pastor.

A Rustica contenda desusada
Entre as Musas dos bosques, das areas,
De seus rudos cultores modulada
A cujo som atonitas & alheas
Do monte as brancas vaccas estiuerão,
E do rio as saxatiles lampreas,
Desejo de cantar; que se mouerão
Os troncos as auenas dos pastores,
E os silueſtres brutos soſpenderão:
Não menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do alto pego,
E fez ouuir os mudos nadadores.
E se por sustentarse o moço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflama,
O que he mais proprio no ocio, & no soſſego.
Mais marauilhas dando a voz da fama
No mesmo mar vndoso, & vento frio,
Brasas roxas acende a roxa flama.
Vos (ô ramo de hum tronco alto & sombrio)

Cuja

Cuja frondente coma ja cubrio
De Luſo todo o gado & ſenhorio.
E cujo ſaõ madeiro ja ſalo
A lançar a forçoſa & larga rede,
No mais remoto mar qu'o mundo vio.
E vos cujo valor tão alto excede
Que a cantalo em voz alta & diuina
A fonte de Parnaſo moue a ſede.
Ouui da minha humilde canſonina,
A armonia que vos aleuantais
Tanto, que de vos meſmo a fazeis dina.
E ſe agora que affabil me eſcutais
Não ouuirdes cantar com alta tuba
O que vos deue o mundo que dourais,
Se os Reis anôs voſſos, que de luba
Os Reinos deuaſtárão, não ouuis,
Que nas azas do verſo excelſo ſuba,
Se não ſabem as frautas paſtoris
Pintar de Toro os campos, ſemeados
De armas, corpos fortes, & gentis,
Por hum moço animoſo ſuſtentados,
Contra o indomito pay de toda Eſpanha,
Contra a fortuna vãa, & injuſtos fados.
Hum moço cujo eſforço, animo, & manha
Fez decer do Olympo o duro Marte,

E dar-

E darlhe a quinta Esphera qu'acompanha.
Se não sabem cantar a menos parte
Do sapiente peito, & gran conselho
Que pòde (ô Reino illustre) descansarte,
Peito qu'o douto Apollo fez vermelho,
Deixar o sacro monte & às noue irmãs,
Diz qu'a elle se affeitem como a espelho:
Saberão sò cantar as suas vãs
Contendas, de Alicuto vil & Agrario,
Hum d'escamas cuberto, outro de lãs.
Vereis (Duque sereno) o estillo vario,
A nòs nouo, mas noutro mar cantado,
D'hum que sô foi das Musas secretario.
O pescador sincero, que amansado
Tem o pego de Pocrita co canto,
Pollas sonoras ondas coinpassado.
Deste seguindo o som que pòde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos nouo estillo, & nouo espanto.
Partirase do monte Agrario infano,
Para onde a força sô do pensamento,
Lhe encaminhana o lasso peso humano;
Embebidò num longo esquecimento
De si, & do seu gado, & pobre fato,
Apos hum doce sonho, & fingimento.

Rom-

Rompendo as ſiluas horridas do mato,
Vai por cima de outeiros & penedos,
Fugindo em fim de todo humano trato.
Ante os ſeus olhos leua os olhos ledos,
Da branca Diamene, que enuerdece
Sô co meneo os valles & rochedos.
Ora ſe ri conſigo quando tece
Na fantaſia algum prazer fingido,
Hora falla, hora mudo s'entriſtece.
Qual a tenra nouilha, que corrido
Tem montanhas fragoſas, & eſpeſſuras,
Por buſcar o cornigero marido,
E canſada nas humidas verduras,
Cair ſe deixa ao longo do ribeiro,
Ia quando as ſombras vem decendo eſcuras.
E nem coa noite, ao valle ſeu primeiro,
Se lembra de tornar como ſoia,
Perdida pello bruto companheiro.
Tal Agrario chegado em fim ſe via,
Onde o gran pego horriſono ſuſpira,
Nũa praya arenoſa, humida & fria.
Tanto qu'ao mar eſtranho os olhos vira,
Tornando em ſi de longe ouuio tocarſe
De douta mão, não viſta, & noua lyra.
Fello o ſom deſuſado deſuiarſe,

Para

Para onde mais ſoaua deſejando
De ouuir & conuerſar, & de prouarſe,
Não tinha muto eſpaço andado, quando
Nũa concauidade de hum penedo
Que pouco & pouco fora o mar cauando,
Topou c'hum peſcador que pronto & quedo
Nũa pedra aſſentado brandamente
Tangendo, fazia o mar ſereno & ledo.
Mancebo era de idade florecente,
Peſcador grande do alto, conhecido
Pello nome de toda a humida gente.
Alicuto ſe chama, que perdido
Era pella fermoſa Lemnoria,
Nympha que tem o mar ennobrecido.
Por ella as redes lança noite & dia,
Por ella as ondas tumidas deſpreza,
Por ella ſoffre o ſol & a chuua fria.
Co ſeu nome mil vezes a braueza
Dos ventos feros amanſou co verſo,
Que remoue das rochas a dureza.
E agora em ſom de voz ſuaue & terſo
Eſtâ ſeu nome aos eccos enſinando
Por eſtillo do agreſte ſom diuerſo:
Do qual Agrario atonito afloxando
Da fantaſia hum pouco ſeu cudado,

Suſpenſo eſteue, os numeros notando:
Mas Alicuto vendoſe eſtroiado
Pêllo paſtor da muſica diuina
Aleuantando o roſto ſoſſegado,
Lhe diz aſsi: Vaqueiro da campina
Que vês buſcar âs arenoſas prayas,
Ond'a bella Amphitrite sô domina?
Que razão ha paſtor porque te ſayas
Para o noſſo eſcamoſo, & vil terreno;
Dos mui floridos myrthos, & altas fayas?
Que ſe agora o mar vês brando & ſereno,
E eſtenderemſe as ondas pella area
Amanſadas das agoas com que peno,
Logo veras ò como deſenfrea
Eolo o vento pello mar vndoſo,
De ſorte que Neptuno o arrecea.
Reſponde Agrario: ò muſico & amoroſo
Peſcador, eu não venho a ver o lago
Brauo e quieto, ou o veñto brãdo, & iroſo.
Mas o meu penſamento, com que apago
As flambas ao deſejo, me trazia
Sem ouuir & ſem ver ſuſpenſo & vago.
Até qu'a tua Angelica armonia
Me acordou, vendo o ſom com qu'aqui cantas
A tua perigoſa Lemnoria.

Mas se de verme ca no mar t'espantas,
Eu m'espanto tambem do estillo nouo
Com que as ondas horrisonas quebrantas:
O qual posto que certo louuo & prouo
Desejo de prouar contra o silueſtre
Antigo pastoril, qu'eu mal renouo.
E tu que no tocar pareces meſtre,
Podes julgar se he clara a differença
Entre o canto maritimo & o campeſtre.
Não ha (disse Alicuto) em mim detença,
Mas antes aluoroço, inda que veja
Que essa tua confiança sò me vença.
Mas porque saibas que nenhũa inueja
Os pescadores temos aos pastores,
No som que pello mundo se deseja,
Toma a lira na mão que os moradores
Do vitreo fundo vejo ja juntarse,
Para ouuir nossos rusticos amores.
E bem ves pella praya apresentarse
Nas conchas varia cor à vista humana,
E o mar vir por antr'ellas, & tornarse.
Sossegado do vento a furia insana,
Encrespa brandamente o ameno rio
Que seu licor aqui mestura & dana.
Este penedo concauo & sombrio,

Que de caingrejos ves estar cuberto,
Nos dâ abrigo do sol quieto & frio.
Tudo nos mostra em fim repouso certo,
E nos conuida ao canto com que os mudos
Peixes saem ouuindo ao ar aberto.
Assi se desafião estes rudos
Poetas, nos officios discrepantes,
Nos engenhos porèm sotis & agudos.
E ja mil companheiros circunstantes
Estauão para ouuir & aparelhauão
Ao vencedor os premios semelhantes.
Quando ja às lyras subito tocauão
Agrario começaua & da armonia
Os pescadores todos se admirauão,
E desta arte Alicuto respondia.

Agrario.

Vos semicapros Deoses do alto monte,
Faunos longeuos, Satyros, Syluanos,
E vos Deosas do bosque & clara fonte,
Ou dos troncos que viuem largos anos,
Se tendes pronta hum pouco à sacra fronte,
A nossos versos rusticos & humanos,
Ou me dai ja a coroa de loureiro,
Ou penda a minha lyra dum pinheiro.

Ali-

Alic. *Vos humidas Deidades deste pego,*
Tritões cerúleos, Proteo, com Palemo,
E vos Nereidas do sal em que uanego,
Por quem do vento as furias pouco temo.
Sè âs vossas ricas aras musica nego,
O congro nadador na pá do remo,
Não consintais qu'a musica marinha
Vencida seja aqui na lyra minha.

Agra. *Pastor se fez huni tempo o moço louro,*
Que do sol as carretas moue & guia,
Ouuio o rio Amphriso a lyra douro,
Qu'o seu sacro inuentor alli tangia:
Io foy vacca, Iupiter foy touro,
Mansas ouelhas junto da agoa fria
Guardou o fermoso Adonis, & tornado
Em bezerro Neptuno foy ja achado.

Alic. *Pescador ja foy Glauco, o qual agora*
Deos he do mar, & Protheo Phocas guarda
Naceo no pego a Deosa que he senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda:
Se foi bezerro o Deos qu'o mar adora
Tambem ja foy Delphin, & quem resguarda
Verà qu'os moços pescadores erão
Qu'o escuro enigma ao vate derão.

Agra. Fermoſa Dinamene, ſe dos ninhos
Os implumes penhores ja furtei
A doce philomela, & dos mortinhos
Para ti (fera) as flores apanhei,
E ſe os creſpos medronhos nos raminhos
Ati com tanto goſto apreſentei,
Porque não das a Agrario deſditoſo
Hum ſò reuoluer d'olhos piadoſo?

Alic. Para quem trago d'agoa em vaſo cauo
Os curuos camarões vinos ſaltando?
Para quem as conchinhas ruiuas cauo?
Na praya os brancos buzios apanhando?
Para quem de mergulho no mar bràuo
Os ramos de coral venho arrancando?
Senão pera a fermoſa Leonoria,
Que c'hum ſò riſo a vida me daria?

Agr. Quem vio o deſgrenhado & creſpo inuerno
D'altas nuuẽs veſtido, horrido, & feo,
Ennegrecendo a viſta o céo ſuperno,
Quando os troncos arranca o rio cheo,
Rayos, chuuas, troões, hum triſte inferno,
Moſtra ao mundo hum pallido receo,
Tal he o amor cioſo a quem ſoſpeita
Que outrem de ſeus trabalhos ſe aproueita.

Alic.

Alic. Se alguem vio pello alto o sibilante
Furor, deitando flamas & bramidos,
Quando as pasmosas serras traz diante
Horrido aos olhos, horrido aos ouuidos,
Abraços derrubando o ja nutante
Mundo, cos Elementos destruidos:
Assi me representa a fantasia
A desesperação de ver hum dia.

Agra. Minh'alua Dinamene, a Primauera
Qu'os campos deleitosos pinta & veste,
E rindose hũa cor aos olhos gera
Com que na terra vem o arco celeste,
O cheiro, rosas, flores, a verde era,
Com toda a fermosura amena, agreste,
Não he para meus olhos tão fermosa,
Como a tua que abate o lirio & rosa.

Alic. As conchinhas da praya que apresentão
A cor das nuuens, quando nace o dia,
O canto das Sirenas, qu'adormentão
A tinta que no murice se cria,
Nauegar pellas agoas que s'assentão
Co brando bafo quando a sesta he fria,
Não podem Nympha minha assi aprazerme,
Como verte hũa hora alegre verme,

Agrario.

A Deosa que na Lybica a lagoa
Em forma virginal apareceo,
Cujo nome tomou que tanto soa,
Os olhos bellos tem da cor do céo,
Garços os tem, mas hũa qu'a coroa
Das fermosas do campo mereceo
Da cor do campo os mostra gracioſos,
Quem diz que não saõ eſtes os fermoſos?

Alicuto.

Perdoemme as deidades, mas tu diua
Que no liquido marmol es gerada,
A luz dos olhos teus celeſte & viua
Tès por vicio amoroſo atraueſſada,
Nos petos lhe chamamos, mas quem priua
De luz o dia baixa & ſoſſegada,
Traz a dos ſeus nos meus qu'o não nego,
E com tudo iſſo ainda aſsi eſtou cego.

Aſsi cantauão ambos os cultores
Do monte & praya, quando os atalhárão
A hum paſtores, a outro peſcadores,
E quaisquer a ſeu vate coroarão
De capellas idoneas & fermoſas,
Qu'as Nymphas lhe tecerão & ordenárão.

A Agra-

A Agrario de mortinhos & de rosas
A Alicuto de hum fio de torcidos
Buzios, & conchas ruiuas & lustrosas.
Estauão n'agoa os peixes embebidos,
Co as cabeças fora, & quasi em terra,
Os musicos delphins estão perdidos.
Inlgauão os pastores que na serra
O cume & preço está do antigo canto,
Que quem o nega contra as Musas erra.
Dizem os pescadores que outro tanto
Tem da sonora frauta quanto teue.
O campo pastoril do antigo Manto.
Mas ja ô pastor de Admeto o carro leue
Molhaua n'agoa amara, & compellia
A recolher a roxa tarde & breue,
E foy fim da contenda o fim do dia.

ECLOGA VII.

Intitulada dos Faunos.

AS doces cantilenas, que cantauão
Os semicapros Deoses amadores,
Das Napeas, qu'os montes habitauão:

Can-

Cantando escreuerei, que fé os amores
Aos siluestres Deoses maltratàraõ
Li ficão desculpados os pastores.
Vos (senhor dom Antonio) aonde achârão
O claro Apollo & Marte hũ ser perfeito
Em quem suas altas mentes assinarão,
Se meu ingenho he rudo & imperfeito,
Bem sabe onde se salua, pois pretende
Leuantar co a causa o baixo effeito.
Em vos minha fraqueza se desende,
Em vos instilla a fonte de Pegasó,
O que meu canto pello mundo estende.
Vedes que as altas Musas do Parnaso
Cantando vos estão na doce lyra,
Tomandome das maõs taõ alto caso?
Vedes o louro Apollo, que me tira
De louuar vossa stirpe, & escurece
O que em vosso louuor meu canto aspira.
Ou por me auer inueja me fallece,
Ou por não ver soar na frauta ruda
O que a sonora cithara merece.
Pois sei, senhor, dizer, qu'a lingoa muda
Em quanto progne triste o sentimento,
Da corrompida irmã co pranto ajuda.
E em quanto Galathea ao manso vento

Sol-

Solta os cabellos louros da cabeça
E Tityro nas sombras faz assento.
E em quanto flor aos campos não falleça,
(Se não recebeis isto por affronta)
Farâ qu'o Douro & o Ganges vos conheça.
E ja qu'a lingoa nisto fica promta,
Consenti qu'a minha Ecloga se conte
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.
No cume do Parnaso duro monte,
De silvestre arvoredo rodeado,
Nace hũa crystallina & clara fonte,
Donde hum manso Ribeiro diriuado,
Por cima d'aluas pedras, mansamente
Vay correndo suaue & sossegado.
O murmurar das ondas excellente,
Os passaros excita, que cantando,
Fazem o monte verde mais contente.
Taõ claras vaõ as agoas caminhando
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem hũa & hũa estar contando.
Não se verão ao redor pisadas
De fera qu'de pastor qu'alli chegasse,
Porque do espesso monte saõ vedadas.
Herua se não vera, qu'alli criasse
O monte ameno, triste, ou venenosa,

Senaõ que la no centro as igualaſſe.
O roxo lirio apar da branca roſa,
A cecem branca, & a flor q̃ dos amantes
A cor tem magoada, & ſaudoſa.
Alli ſe vem os myrthos circunſtantes,
Que a criſtallina Venus encubriraõ,
Da companhia dos Faunos petulantes.
Ortelã, manjarona, alli reſpiraõ,
Onde nem frio inuerno, ou quente eſtio.
As murcharão jamais, ou ſeccas viraõ.
Deſt'arte vay ſeguindo o curſo o rio,
O monte inhabitado, & o deſerto,
Sempre com verdes aruores ſombrio.
Aqui hũa linda Nymphà por acerto
Perdida da fragueira companhia,
A quem eſte alto monte era encuberto,
Canſada ja da caça vindo hum dia,
Quis deſcanſar â ſombra da floreſta,
E tirar nas mãos aluas da agoa fria.
E vendo a nouidade manifeſta
Do ſitio, & como as aruores co vento
As calmas defendião da alta feſta,
Das aues o laſciuo mouimento,
Que em ſeus modulos verſos occupadas
As aſas daõ ao doce penſamento.

Tendo

Tendo notado tudo, ja passadas
As horas da grãn sésta se tornou
A buscar as irmãs no sentro amadas.
Depois que largamente lhes contou
Do não visto lugar que perto staua,
Que tanto por estremo à namorou.
Qu'ao outro dia fossem lhes rogaua
A lauarse naquella fonte amena,
Que tão fermosas agoas distillaua,
Ia tinha dado hum giro a luz serena
Do grãn pastor de Admeto, & ja nacia,
Aos ditosos amantes noua pena,
Quando as fermosas Nymphas a porfia
Para o lugar do monte caminhauão;
Rompendo a manhã roxa, alegre & fria.
D'hũa os cabellos louros se espalhauão,
Pello fermoso collo sem concerto,
Com dous mil nós suaues s'enlaçauão.
Outra leuando o collo descuberto,
Por mais despejo em tranças os atâra,
Auendo por pesado o desconcerto.
Dinamene, & Ephire a quem topâra,
Nuas Phebo num rio, & encubrirão
Seus delicados corpos n'agoa clara,
Sirene, & Nise, que das mãos fugirão

Do Tegeo Pan, Amanta & mais Elysa,
Destras nos arcos, mais que quantas tirão.
A linda Daliana, com Belisa,
Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhũa tão formosa as ervas pisa.
Todas estas Angelicas donzellas,
Pello vicoso monte alegres hião,
Quais no ceo largo as nitidas estrellas.
Mas dous silvestres Deoses que trazião
O pensamento, em duas occupado,
A quem de longe mais qu'a si querião.
Não lhe ficaua monte, valle, ou prado,
Nem arvore por onde quer que andauão,
Que não soubesse delles seu cudado.
Quantas vezes os rios que passauão
Detiuerão seu curso, ouvindo os danos,
Qu'ate os duros montes magoauão.
Quantas vezes amor de tantos anos
Abrandára qualquer vontade isenta,
S'em Nymphas corações ouuesse humanos?
Mas quem de seu cudado se contenta,
Offereça de longe a paciencia,
Qu'amor de alegres mágoas se sustenta.
Qu'o moço Idalio quis nesta sciencia
Que se compadecessem dous contrarios,

Di-

Digao quem tiuer delle experiencia.
Indo os Deoſes emfim por montes varios,
Exercitando os olhos ſaudoſos,
Ao criſtallino rio tributarios,
Topârão dos pés aluos & mimoſos
As piſadas na terra conhecidas,
As quais forão ſeguindo preſuroſos.
Mas encontrando as Nymphas, que deſpidas
Na clara fonte eſtauão, não cudando
Que d'alguem foſſem viſtas, ou ſentidas,
Deixarãoſe eſtar quedos, contemplando
As feições nunca viſtas, de maneira
Que viſſem ſem ſer viſtos, eſpreitando.
Porem a eſpeſſa mata, menſageira
Da futura cilada, co rugido
Dos raminhos d'hũa aſpera anelleira,
Moſtrando a hum dos Deoſes eſcondido,
Todas tamanha grita alleuantárão,
Como ſe foſſe o monte deſtruido.
E logo aſsi deſpidas ſe lançárão
Pella eſpeſſura tão ligeiramente,
Que mais então qu'os ventos anoarão.
Qual o bando das pombas, quando ſente
A fermoſa Aguia cuja viſta pura
Não obedece ao ſol reſplandecente.

Em-

Empreſtalhe o temor da morte dura
Nas aſas noua força, & não parando
Cortão o ar, & rompem a eſpeſſura.
Deſt'arte vão as Nymphas, que deixando
De ſeu deſpojo os ramos carregados
Nuas por entre as ſiluas vão voando.
Mas os amantes ja deſeſperados,
Que para as alcançar em fim ſe vião
Nada dos pès caprinos ajudados.
Com amoroſos brados as ſeguião,
Hum ſò, qu'o outro ainda não tomaua
Folego algum da preſſa que trazião,
Mas déſpois deſcanſado ſe queixaua.

Primeiro Satyro.

Ah Nymphas fugitiuas,
Que sò por não vſar humanidade,
Os perigos dos matos não temeis,
Para que ſois eſquiuas,
Qu'inda de nos não peço piedade,
Mas deſſas aluas carnes qu'offendeis?
Ah Nymphas não vereis
Que Eurydice fugindo déſſa ſorte
Fugio do amante, & não da fera morte?

Tam-

Tambem assi Eperie foi mordida
Da bibora escondida,
Olhay a serpe Nymphas na herua verde
Quem a condição naõ perde perde a vida.

Que tigre, ou que leão,
Que peçonhenta fera, venenosa,
Ou que inimigo em fim vos vay seguindo?
D'hum brando coraçaõ,
Que preso dessa vista rigurosa,
De si para vos foge, andais fugindo?
Olhay qu'em gesto lindo,
Não se consente peito taõ disforme,
Se não quereis que tudo se conforme:
Posto que bellas n'agoa vos vejais,
Á fonte não cresis,
Que vos traz enganada por vingança,
Desta nossa esperança qu'enganais.

Mas ah que naõ consinto
Que nem pallaura minha vos offenda,
Posto que me desculpa a magoa pura,
Nymphas digo que minto,
Que não pôde auer nunca quem pretenda
De desfazer em vossa fermosura,

Se amor de tanta dura
Por tanto mal tão pouco bem merece,
Não eſtranheis minh'alma,qu'endoudece,
Que ſe falla doudices de improuiſo,
Sem tento nem auiſo,
Queira Deos que dureza tão crecida
Que me não tire a vida alem do ſiſo.

Couſas grandes & eſtranhas
Tem pello mundo feito & faz natura,
Qu'a quẽ vos não vio(Nymphas) muto eſpantãõ;
Nas Lybicas montanhas
As Scitales ſaõ feras, de pintura
Tão ſingular; que sò co a viſta encantão,
As Hienas leuantão
A voz tão natural â voz humana,
Qu'a quem às ouue facilmente engana,
E vos(ô gentis feras) cujo áſpeito
O mundo tem ſogeito
Tendes de natureza juntamente
A viſta, & voz de gente, & fero o peito.

Das amoroſas leis
Com que liga natura os corações
Andais fugindo (Nymphas)na eſpeſſura,

Como

Como não vos correis
Que em vos aja tão duras condições,
Que possão mais qu'a prouida natura?
Se vossa fermosura
He sobrenatural, não he forçado
Qu'assi tenha tambem o peito irado:
Mas antes ao amor em cuja mão
Os corações estão
Por vossa gentileza tão fermosa,
Lhes deueis amorosa condição.

Amor he hum brando affeito,
Que Deos no mundo pos & a natureza,
Para aumentar as cousas que criou,
D'amor está sogeito
Tudo quanto possue a redondeza,
Nada sem este affeito se gerou;
Por elle conservou
A causa principal o mundo amado,
Donde o pay famulento foy deitado,
As causas elle as atta & as conforma,
Com o mundo, & reforma
A materia, quem ha que não o veja?
Quanto meu mal deseja sempre forma?

Entre as hervas dos prados
Naõ ha machos & femeas conhecidas
E junto hũada outra permanece?
Naõ estão carregados
Os vlmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?
Não vedes que padece
Tanta tristeza a rola pella morte
Da sua amada & vnica conforte?
Pois lá no Olympo a quantos cattiuou
Cupido, & maltrattou?
Milhor qu'eu o dirá a sutil donzella;
Que lá na sua tella o dibuxou.

Ah caso grande & graue,
Ah peitos de diamante fabricados,
E das leis absolutas naturais,
Aquelle poder alto, que forçados
Aquelle amor suaue,
Os Deoses obedecem desprezais?
Pois quero que saibais
Que contra o fero amor nunca ouue escudo;
O seu costume he vingança em tudo,
Eu vos verei deitar em hum momento,
Sospiros mil ao vento,

Lagrimas triſtes prantos, noua dor,
Por quem tenha outro amor no penſamento.

Mais quiſera dizer
O deſditoſo amante, que ajudado
Se via então da magoa & da triſteza,
Mas foilho defender
O outro companheiro como irado,
Com taõ diſforme & aſpera dureza,
Aquillo que a rudeza
E a ſciencia agreſte lh'enſinára
Imaginando como que acordára
D'algum ſonho arrancando d'alma hũ grito.
O mais q'alli foi dito,
Vos montes o direis, & vos penedos,
Qu'em vſſos aruoredos anda eſcrito.

Satyro ſegundo.

Nem vos nacidas ſois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamaſtes,
Mas d'algũa diſforme fera Hircana,
Là na Caucaſo monte vos criaſtes,
Daqui tomaſtes a aſpereza inſana,
Daqui o frio peito congelaſtes,
Sois Sphinges nos geſtos naturais,
Qu'o roſto sò de humanos amoſtrais.

Se vos foſtes criadas na eſpeſſura,
Onde não ouue couſa que ſe achaſſe
Animal, erua verde, ou pedra dura,
Que em ſeu tempo paſſado não amaſſe,
Nem a quem a affeição ſuaue & pura
Neſſa preſente forma não mudaſſe.
Porque não deixareis tambem memoria
De vos, em namorada, & longa hiſtoria?

Olhai como na Arcadia ſoterrando
O namorado Alpheo ſua agoa clara
La na ardente Sicilia vay buſcando
Por debaixo do mar a Nympha chara,
Aſsi meſmo vereis paſſar nadando
Acis, que Galathea tanto amara,
Poronde do Ciclople a grande magoa
Conuerteo do mancebo o ſangue em agoa.

Virai os olhos (Nymphas) a Erycina
Eſpeſſura vereis alli mudarſe
Egeria, & em fonte clara & criſtallina,
Pella morte de Numa deſtillarſe:
Olhai qu'a triſte Biblis vos enſina
Com perderſe de todo & transformarſe
Em lagrimas que em fim poderão tanto
Que acrecentarão ſempre o verde manto.

Se

E ſe entre as claras agoas ouue amores,
Os penedos tambem foraõ perdidos,
Olhay os dous conformes amadores,
No monte Ida em pedra conuertidos,
Lethea por cayr em vaõs errores,
De ſua fermoſura procedidos,
Oleno porque a culpa em ſi tomaua,
Por não ver caſtigar quem tanto amaua.

Tomay exemplo, & vede em Cypro aquella
Por quem Iphis no laço pos a vida,
Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
Cuja voz foi por Iuno conſumida,
E ſe queixar ſe quer de ſua eſtrella,
A voz extrema sò lhe he concedida,
E tu tambem (ô Daphnis) que trouxeſte
Primeiro ao monte o doce verſo agreſte.

Tamanho amor lhe tinha a branda amiga,
Que em inimiga emfim ſe foi tornando,
Que porque Nympha eſtranha outra o ſogiga
Suas magicas eruas vay buſcando
Olhay a crua dor a quanto obriga,
Que por vingar ſua ira, transformando
Foi em pedra, o dura confuſaõ,
Depois lhe peſaria, mas em vão.

Olhai (Nimphas) as arvores alçadas,
A cuja sombra andais colhendo flores,
Como em seu tempo forão nomoradas,
Que ainda agora o tronco sente as dores,
Vereis tambem, se fordes alembradas,
Como a cor das amoras he de amores,
O sangue dos amantes na verdura
Testemunha de Tisbe a sepultura.

E lá pella odorifera Sabea,
Não vedes que de lagrimas daquella
Que com seu pay se ajunta & se recrea,
Arabia se enriquece & viue della?
Vede mais a verde arvore Tenea,
Que foi ja noutro tempo Nympha bella,
E Cyparisso angelico mancebo,
Ambos verdes com lagrimas de Phebo.

Está o moço de Phrigia dilicado
No mais alto arvoredo conuertido,
Que tantas vezes fere o vento irado
Galardão de seus erros merecido,
Que da alta Bericinthia sendo amado,
Por hũa Nympha baixa foi perdido,
E a Deosa a quem perdeo do pensamento,
Quis que tambem perdesse o entendimento.

O su-

O ſubito furor lhe afigurana
Que o monte, as caſas, & arnores cahião,
Ia dos pudicos membros ſe priuaua,
Qu'a Deoſa & a furia grãde o conſtrangião.
Ia no indino monte ſe lançaua,
De ſua morte as feras ſe doiaõ:
Deſt'arte perdeo Athis na eſpeſſura
Deſpois de tantas perdas a figura.

Lembrevos quando as gentes celebrauaõ
Em Grecia as grandes feſtas de Lyeo,
Onde as fermoſas Nymphas ſe juntauaõ
E os ſacros moradores do Lyceo,
Todos em doce ſono ſe occupauão
Pello monte depois que anouteceo,
Mas o Deos do Heleſponto não durmia,
Que hum nouo amor o ſono lhe impedia.

Mas ella em fim os braços eſtendendo,
Em ramos ſe lhe forão transformando,
Em rayzes os pès ſe vão torcendo,
E o nome Lotho sô lhe vay ficando.
Vede Napeas eſte caſo horrendo,
Que vos eſtâ de longe ameaçando,
Que aſſi tambem daquella a quem ſeguia
O ſacro Pan, a forma ſe perdia.

E que

E que direis de Philis, que perdida
Da saudosa dor em que viuia,
A desesperaçaõ emfim trazida
Do comprido esperar de dia em dia,
Por desatar do corpo a triste vida
Ataua ao colo a cinta que trazia,
Mas o tronco sem folha pello monte
Rhodope, abraça o lento Demophonte.

Nas boninas tambem vereis Iacintho,
Por quem Phebo de si se queixa em vaõ,
Vereis o monte Idalio em sangue tinto,
Do neto de seu pai, da mãy irmão,
Chora Venus a dor do moço extinto,
Maldiz o cëo & a terra com razaõ,
A terra porque logo naõ se abrio,
O céo porque tal morte permittio.

E tu constante Clycie, a quem fallece
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante que de ti se esquece,
Se esquecem os teus olhos saudosos,
Nenhum alegre stado permanece,
Que saõ do mundo os gostos mintirosos,
E à tua clara luz por quem suspiras
Ainda agora em herua a folha viras.

Trago

Trago vos estas cousas â lembrança,
Porque se estranhe mais vossa crueza,
Com ver qu'a criação & a longa vsança
Vos não preuerte & muda a natureza,
Dou as lagrimas minhas em fiança
Qu'em tudo quanto está na redondeza
Cousa d'amor isenta, se atentais,
Em quanto vos não virdes não vejais.

Ia disse que d'amor sempre tiuerão
As cousas insensiueis pena & gloria,
Vede as sensiueis como se perderão,
E dirvos ey das aues larga hystoria,
Qu'as penas que em sua alma se soffrerão,
Nas asas lhe ficarão por memoria
E aquelle altiuo, & leue mouimento,
Lhe ficou do voar do pensamento.

O doce roxinol, & a andorinha,
De donde ellas se forão transformando,
Senão do puro amor qu'o Thracio tinha
Qu'em Poupa ainda â amada anda chamando?
Clama sem culpa a mísera auezinha,
Que na area de Phasis habitando
Do rio toma o nome, & assi se vay,
Chamando a mãy cruel, & injusto o pay.

Vede

Vede a que engeitou Pallas por falar,
Que dos amores he mayor defeito,
E aquella que ſucede em ſeu lugar
Ambas aues d'amor vſado effeito.
Hũa porque fugia ao Deos do mar,
Outra porque tentara o patrio leito,
E Scylla qu'a ſeu pay pos em perigo,
Sô por ſer muito amiga do enemigo.

E Pico a quem ficârão ainda as cores
Da purpura Real que ter ſoîa
E Eſaco que o ſeguir de ſeus amores
O trouxe a ver tão cedo o eſtremo dia:
Ou vede os dous tão firmes amadores,
Qu'amor aues tornou na praya fria,
Do Rey dos ventos era genro o triſte,
Mas contra o fado em fim nada reſiſte.

Eſtaua a triſte Alcyone eſperando
Com longos olhos o marido auſente,
Mas os irados ventos aſſoprando,
Nas agoas o afogarão triſtemente,
Em ſonhos ſe lhe eſtá repreſentando
Que o coração preſago nunca mente,
Sô do bem as ſoſpeitas mintirão,
Qu'as do mal futuro certas ſão,

Ao pranto os olhos seus a triste ensaya,
Buscando o mar com elles hia & vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praya,
Sem alma o corpo achou, que n'alma tinha,
Nereidas do Egeo consolaya,
Pois este triste officio vos conuinha;
Consolaya, sabi das vossas agoas,
Se consolação ha em grandes magoas.

Mas ò nescio de mim, qu'estou fallando
Das auezinhas mansas, & amorosas,
Se tambem teue amor poder & mando
Entre as feras monteses venenosas,
O leão & a leoa, como ou quando
Tais formas alcançârão temerosas,
Sabeo da Deosa Dindymene o templo,
E a qu'o deu a Adonis por exemplo.

Quem fosse a mansa vacca diloia,
Mas o gran Nilo o diga qu'a adora,
Que forma teue a Vrsa saber sebia
Do Polo Boreal donde ella mora:
O caso de Acteon tambem diria
Em cerno transformado, & milhor fora
Que dos olhos perdera a vista pura
Que escolher nos seus galgos sepultura.

Tudo

Tudo iſto Acteon vio na fonte clara,
Onde a ſi de improuiſo em ceruo vio,
Que quem aſsi deſta arte alli o topâra,
Que ſe mudaſſe em ceruo permittio,
Mas como o triſte amante em ſi notâra
A deſuſada forma, ſe partio,
Os ſeus qu'o não conhecem, o vão chamando,
E eſtando alli preſente o vão buſcando.

Cos olhos & co geſto lhes fallaua,
Qu'a voz humana ja mudada tinha,
Qualquer delles por elle então chamaua,
E a multidão dos cães contra elle vinha;
Que vieſſe ver hum ceruo lhe gritaua,
Acteon aonde eſtâs acude aſsinha,
Que tardar tanto he eſte, (lhe dizia)
He eſte, he eſte, o ecco reſpondia.

Quantas couſas em vão eſtou fallando,
(ô eſquiuas Napeas) ſem que veja
O peito de diamante hum pouco brando,
De quem meu danno tanto sô deſeja,
Pois por mais que de mim me andeis tirando,
E por mais longa em fim qu'a vida ſeja,
Nunca em mim ſe verâ tamanh. dor,
Qu'amor a não conuerta em mais amor.

Aqui (ò Nymphas minhas) vos pintei
Todo d'amores hum jardim ſuaue,
Das aues, pedras, agoas vos contei,
Sem me ficar bonita, fera, ou aue:
Se eſte amor que no peito apoſentei
Que dos contentamentos tem a chaue,
Por dita em tempo algum determinaſſe
Que de tão longos dannos vos peſaſſe.

Quanto mais de vagar vos contaria
De minha larga hiſtoria, & não alhea,
E com quanta mais agoa regaria
De contente, qu'o rio a branca area,
Nouo contentamento me ſeria
Formar de meu cudado a noua idea,
E vos goſtando deſte ſtado vfano,
Zombarieis então de voſſo engano.

Mas com quem fallo, ou que ſtou gritando,
Pois não ha nos penedos ſentimento?
Ao vento eſtou palauras eſpalhando,
A quem as digo corre mais qu'o vento,
A voz, & a vida, a dor me ſtà tirando,
E não me tira o tempo o penſamento,
Direi em fim as duras eſquiuanças,
Que ſò na morte tenho as eſperanças.

Aqui

Aqui o triſte Satyro acabou,
Com ſoluços qu'a alma lhe arrancauão,
E os montes inſenſiueis qu'abalou
Nas vltimas repoſtas o ajudauão,
Quando Phebo nas agoas s'encerrou,
Cos animais qu'o mundo alumiauão,
E co luzente gado appareceo
A celeſte paſtora pello céo.

ECLOGA VIII.

Piſcatoria.

ARde por Galathea branca & loura,
Sereno peſcador pobre, forçado
D'hũa eſtrella cruel, que quer à mingoa moura.
Os outros peſcadores tem lançado
No Tejo as redes, elle sô fazia
Eſte queixume ao vento deſcudado.
Quando virâ (fermoſa Nympha) o dia
Em que te poſſa dar a conta eſtreita,
Deſta doudice triſte, & vão porfia?
Não ves que me foge a alma, & q̃ m'engeita,
Buſcando num sô riſo da tua boca,
Nos teus olhos azues manſa colheita?
Se a eſſe ſpiritu algũa magoa toca,
Se d'amor fica nella hũa pégada,

Que

Que te vay, Galathea, nesta troca?
Dart'ei minh'alma, la ma tẽs roubada,
Naõ ta demandarei, dame por ella
Hũa sò volta d'olhos descuidada.
Se muto te parece, & minha estrella
Naõ consentir ventura tão ditosa,
Doute as asas do amor perdidas nella.
Que mais te posso dar Nympha famosa,
Inda que o mar dalji so far me cubrira
Toda esta praya leda & graciosa?
Amansaõ as ondas, quebra o vento a ira,
Minha tormenta triste não sossega,
O peito arde em vão, em vaõ sospira.
Ao romper d'alua anda a neuoa cega
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto a elles a luz do sol não chega.
Eu vejo aparecer outros fermosos
Rayos, qu'a graça & cor ao céo roubârão,
Ficão meus olhos cegos mais saudosos.
Quantas vezes as ondas se encresparão,
Com meus suspiros, quantas com meu pranto
Se parârão com magoa, & m'escutârão.
Se na força da dor a voz leuanto,
E ao som do remo qu'a agoa vay ferindo,
Perante a lũa meu cuidado canto.

Os mansos delphins me stão ouuindo,
A noite sossegada, o mar calado
Só Galathea foges, & vas rindo.
Estranhas por ventura o mar cercado
Da fraca rede, a barca ao vento solta,
E hum pobre pescador aqui lançado?
Antes que dè no céo o sol hũa volta,
Se pode melhorar minha ventura,
Como acontece aos outros n'agoa emuolta,
Igoal preço não he da fermosura
Area d'ouro, qu'o rico Tejo espraya,
Mas hum amor que para sempre dura.
Vejão teus olhos (bella Nymphа) a praya
Verás teu nome na nimosa area,
Nunca sobre elle o mar com furia saya.
Vento ou ar até gorá a não falta,
Tres dias ha que scritto aqui o deixou
Amor, guardandoo a toda a força alhea.
Elle com suas mãos mesmo ajudou,
Escolher estas conchas, que guardando,
Para ti hũa, & hũa sò ajuntou.
Hum ramo te colhi de coral brando,
Antes qu'o ar lhe desse, parecia,
O que de tua boca stou cudando,
Ditoso se o soubesse inda algum dia.

Re-

REDONDILHAS
DE LVIS DE CAMÕES,

A algũs propositos onde se contem glosas,&voltas,amotes seus,& alheos.

SObolos rios que vão
Por Babylonia m'achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Syão,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foy manado,
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Syão ao tempo passado.

Alli lembranças contentes
N'alma se representârão,
E minhas cousas ausentes,
Se fizerão tão presentes
Como se nunca passarão.
Alli depois de acordado,
Co rosto banhado em agoa,
Deste sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não he gosto,mas he mágoa.

E vi que todos os danos
Se causauão das mudanças,
E as mudanças dos anos,
Onde vi quantos enganos,
Faz o tempo âs esperanças.
Alli vi o mayor bem,
Quão pouco espaço que dura,
O mal quão depressa vem,
E quam triste stado tem
Quem se fia da ventura.

Vi aquillo que mais val,
Qu'então se entende milhor
Quando mais perdido for;
Vi o bem suceder mal,
E o mal muito pior.
E vi com muto trabalho
Comprar arrependimento

Vi nenhum contentamento,
E vejome a mim, q'espalho
Tristes palauras ao vento.

Bem são rios estas agoas,
Com que banho este papel,
Bem parece ser cruel,
Variedade de magoas,
E confusão de Babel.
Como homem q̃ por exẽplo
Dos trances em q̃ se achou,
Despois qu'a guerra deixou,
Pellas paredes do templo
Suas armas pendurou.

Assi despois qu'assentei
Que tudo o tempo gastaua,
De tristeza que tomei
Nos salgueiros pendurei
Os orgãos co que cantaua.
Aquelle instrumento ledo,
Deixei da vida passada,
Dizendo, musica amada
Deixovos neste arvoredo
A memoria consagrada.

Frauta minha que tangendo
Os montes fazeis vir
Pera onde estaueis, correndo
E as agoas que hião decendo
Tornauão logo a subir,
Inmais vós não ouuirão
Os tigres que se amansauão,
E as ouelhas que pastauão,
Das heruas se fartarão,
Que por vós ouuir deixauão.

Ia não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos
Na ribeira florecente,
Nem poreis freo á corrente
E mais se for dos meus olhos.
Não moereis a espessura,
Nem podereis ja trazer
Atras vós a fonte pura,
Pois não podestes moner
Desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida
A fama que sempre vella,
Frauta de mim tão querida,

Por-

Porque mudandose à vida
Se mudaõ os gostos della:
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados,
E logo a mayor idade
Ia sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.

Hũ gosto que oje se alcãça,
A manhã ja o naõ vejo,
Assi nos iraz a mudança,
De sperança em esperança,
E de desejo em desejo.
Mas em vida taõ escassa
Que esperança sera forte!
Fraqueza da humana sorte,
Que quanto da vida passa
Está recitando a morte.

Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade,
Naõ cude a gente futura
Que sera obra da idade
O que he força da ventura.
Que idade, tempo, o espanto
De ver quam ligeiro passe,
Nunca em mĩ poderaõ tãto
Que posto que deixe o canto,
A causa delle deixasse.

Mas em tristezas & nojos
Em gosto & contentamento
Por sol, por neue, por vẽto,
Terne presente alos ojos
Por quiẽ muero tan contẽto.
Orgaõs & frauta deixaua,
Despojo meu tão querido,
No fulgueiro qu'alli estaua
Que para tropheo ficaua
De quem me tinha vencido.

Mas lembrãças da affeição
Que alli cattiuo me tinha,
Me preguntaraõ então
Qu'era da musica minha,
Qu'eu cantaua em Syão?
Que foy daquelle cantar
Das gentes tão celebrado,
Porque o deixaua de vsar,
Pois sempre ajuda a passar

Qualquer trabalho passado.

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso,
Por antr'o espesso aruoredo
E de noite o temeroso
Cantando refrea o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando,
Canta o segador contente,
E o trabalhador cantando
O trabalho menos sente.

Eu q'estas cousas senti
N'alma de magoas tão chea,
Como dirà, respondi,
Quem tão alheo estâ de si
Doce canto em terra allhea?
Como poderâ cantar
Quẽ em choro banha o peito?
Porquẽ se quem trabalhar
Canta por menos cansar
Eu sô descansos engeito.

Que não parece razão
Nem seria cousa idonia,
Por abrandar a paixão
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Sião.
Que quãdo a muta grauezа
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes moura de tristeza
Que por abrandala cante.

Que se o fino pensamento
Sô na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormẽto
Que morrer de puro triste
Que mayor contentamento?
Nem na frauta cantarei
O que passo & passei ja,
Nem menos o escreuerei,
Porque a penna cansarâ,
E eu não descansarei.

Que se vida tão pequena
S'acrecẽta em terra estranha
E se amor assi o ordena,
Razão he que canse a pena,

De

De escreuer pena tamanha.
Porem se pera assentar
O que sente o coraçaõ
A pena já me cansar,
Naõ cause para voar,
A memoria em Sião.

Terra bemauenturada,
Se por algum mouimento
D'alma me fores mudada,
Minha pena seja dada
A perpetuo esquecimento.
A pena déste desterro
Qu'eu mais desejo esculpida,
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouuida,
Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quiser,
Em Babylonia fogeito,
Hierusalem sem te ver,
A voz quando a mouer
Se me congele no peito.
A minha lingoa se apege
Ás fauces, pois te perdi,
Se em quanto viuer assi
Ouuer tempo em que te negue
Ou que me esqueça de ti.

Mas ô tu terra de gloria,
Se eu nunca vi tua essencia,
Como me lébras na ausencia?
Naõ me lébras na memoria,
Senaõ na reminiscencia.
Qu'a alma he taboa rasa,
Que com a escrita doutrina
Celeste, tanto imagina,
Que voa da propria casa,
E sobe á patria diuina.

Naõ he logo a saudade
Das terras onde naceo
A carne, mas he do céo,
Daquella santa cidade,
Donde est'alma descendeo.
E aquella humana figura,
Que cá me pode alterar,
Naõ he quem s'ha de buscar,
He rayo da fermosura,
Que só se deue de amar.

Qu'os olhos & a luz q̃ atea
O fogo que cá sogeita,
Não do sol, mãs da candea,
He sombra daquella idea
Qu'è Deos està mais perfeita.
E os que cá me cattiuárão
Sãõ poderosos affeitos,
Qu'os corações têm sogeitos,
Sophistas que m'ensinárão
Maos caminhos por direitos.

Destes o mando tirano,
Me obriga com desatino,
A cantar ao som do dano
Cantares d'amor profano
Por versos d'amor diuino.
Mas eu lustrado co santo
Rayo na terra de dor,
De confusões & d'espanto,
Como ei de cantar o canto
Que sò se deue ao Senhor?

Tanto póde o beneficio,
Da graça que dá saude,
Qu'ordena qu'a vida mude,
E o que tomei por vicio
Me faz grao pera a virtude.
E faz qu'este natural
Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ò a real
Da particular belleza,
Para a belleza gêral.

Fique logo pendurada
A frauta com que tangi,
ô Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada,
Para sò cantar de ti.
Não cattiuo & ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,
E cá desta a ti leuado,
Patria minha natural.

E se eu mais der a cruiz
A mundanos accidentes,
Duros, tirannos, & vrgentes,
Risque se quanto ja fiz
Do gran liuro dos viuentes.
E tomando ja na mão

A ly-

A lyra santa & capaz,
Doutra mais alta inuenção,
Caleſe eſta confuſaõ,
Canteſe a viſaõ de paz.

Ouçame o paſtor, & o Rey,
Retumbe eſte accento ſanto,
Mouaſe no mundo eſpanto,
Que do que ja mal cantei
A palynodia ja canto.
A vos sò me quero ir,
Senhor & gran capitão,
Da alta torre de Syão,
A qual não poſſo ſubir
Se me vos não dais a mão.

No gran dia ſingular
Que na lyra o douto ſom
Hieruſalem celebrar,
Lembrainos de caſtigar
Os roins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vão
No pobre ſangue innocente,
Soberbos co poder vão,
Arraſayos igualmente,
Conheçaõ que humanos ſaõ.

E aquelle poder tão duro
Dos affeitos com que venho,
Qu'encêdẽ alma & engenho,
Que ja me entrârão o muro
Do liure arbitrio que tenho.
Eſtes que tão furioſos
Gritando vêm á eſcallarme,
Maos ſpiritus dannoſos,
Que querem como forçoſos
Do alicerce derrubarme.

Derrubayos, fiquem sos,
De forças fracos, imbelles,
Porque não podemos nôs,
Nem com elles ir á vos,
Nem ſem vos tirarnos delles.
Não baſta minha fraqueza,
Para me dar defenſaõ,
Se vos ſanto capitão
Neſta minha fortaleza
Não poſerdes guarnição.

E tu, ò carne, que encantas

Filha

Filha de Babel tão fea,
Toda de miserias chea,
Que mil vezes te leuantas,
Contra quem te fenhorea.
Beato só pode ser
Quem coa ajuda celeste
Contra ti preualecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste.

Quem com disciplina crua
Se ferè mais qu'hũa vez,
Cuja alma de vicios nua,
Faz nodoas na carne sua,
Que ja a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos resentes,
E em nacendo os afogar,
Por não virem a parar
Em vicios graues & vrgẽtes.

Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer,
Na pedra que veo a ser
Em fim cabeça do canto.
Quem logo quando imagina
Nos vicios da carne vil,
Os pensamentos declina,
Aquella carne diuina,
Que na cruz estene ja.
Quem do vil contentamento
Cà deste mundo visuel
Quanto ao homẽ for possuel
passar logo o entendimento
Para o mundo intelligiuel.

Alli achará alegria
Em tudo perfeita & chea,
De tão suaue armonia,
Que nem por pouca recrea,
Nem por sobeja enfastia.
Alli verá tão profundo
Mysterio na summa alteza,
Que vencida a natureza
Os mores faustos do mundo
Iulgue por mayor baixeza.

ô tu diuino aposento,
Minha patria singular,

Se

Se só com te imaginar
Tanto sobe o entendimento,
Que fara s'em ti se achar?
Ditoso quem se partir
Para ti, terra excellente,
Tão justo, & tão penitente,
Que despois de ati subir
La descanse eternamente.

Carta a hũa dama.

Querendo escreuer hum dia,
O mal que tanto estimei,
Cudando no que poria,
Vi amor que me dizia
Escreue, qu'eu notarei.

E como para se ler
Não era hystoria pequena
A que de mim quis fazer,
Das asas tirou a pena,
Com que me fez escreuer.

E logo como a tirou
Me disse, atiina os espritos,
Que pois em teu fauor sou,
Esta pena que te dou
Fara voar teus escritos.
E dandome a padecer
Tudo o que quis que pusesse,
Pude em fim delle dizer
Que me deu com q̃ escreuesse
O que me deu a escreuer.

Eu q̃ este engano entendi,
Disselhe, que escreuerei?
Respondeo, dizendo assi,
Altos affeitos de ti;
E daquelle a quem te dei.
E ja que te manifesto
Todas minhas estranhezas,
Escreue pois que te prezas
Milagres d'hum claro gesto,
E de quem o vio tristezas.

Ah senhora em quẽ s'apurd
A fe de meu pensamento,
Escutai & estai a tento,
Que com vossa formosura
Igualai amor meu tormento.
E posto que tão remota

Este-

Eſtejais de me eſcutar,
Por me não remedear,
Ouui, que pois amor nota,
Milagres ſaõ de notar.

Eſcreuem varios autores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Viuem do cheiro das flores
Que nacem naquelle monte.
Se os ſentidos podem dar
Mantimento ao viuer,
Não he logo d'eſpantar,
Se eſtes viuem de cheirar,
Que viua eu de vos ver.

Hũa aruore ſe conhece,
Que na geral alegria
Ella tanto s'entriſtece,
Que como he noite florece,
E perde as flores de dia.
Eu q̃ em veruos ſinto o preço
Que em voſſa viſta conſiſte,
Em a vendo me entriſteço,
Porque ſei que não mereço
A gloria de verme triſte.

Hum Rey de grande poder
Com veneno foy criado,
Porque ſendo coſtumado,
Não lhe podeſſe empecer,
Se depois lhe foſſe dado.
Eu que criei de piquena
A vida a quanto padece,
Deſta ſorte me acontece,
Que não me faz mal a pena,
Senão quando me fallece.

Quem da doença Real
De longe enfermo ſe ſente
Por ſegredo natural,
Fica ſaõ vendo ſòmente
Hum volatil animal.
Do mal q̃ amor em mi cria,
Quando aquella Fenix vejo,
São de todo ficaria,
Mas ficame hydropeſia,
Que quãto mais, mais deſejo.

Da bibora he verdadeiro

Se

Se a consorte vay buscar;
Que em se querendo juntar,
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lhe impede o gérar.
Assi quando me apresento
A vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento
Deixo a parte, porque dana
Tamanho contentamento.

Querendo amor sustentarse
Fez hũa vontade esquiua,
D'hũa statua namorarse,
Despois por manifestarse
Conuerteo a em molher viua.
De quem me irei queixando,
Ou que direi que m'engana,
Se vou seguindo & buscando
Hũa imagẽ que de humana
Em pedra se vay tornando?

D'hũa fonte se sabia,
Da qual certo se pronuua
Que quem sobr'ella juraua,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegaua.
Vos que minha liberdade
Senhora tyranizais,
Injustamente mandais
Quando vos fallo verdade
Que vos não possa ver mais.

Da palma se escreue & cãta
Ser tão dura, & tão forçosa,
Que peso não a quebranta,
Mas antes de presunçosa,
Com elle mais se leuanta.
Co peso do mal que dais,
A constãcia qu'em mim vejo
Não somente ma dobrais,
Mas dobra se meu desejo,
Cõ que então vos quero mais.

Se alguem os olhos quiser
As andorinhas quebrar,
Logo a mãy sem se deter
Hũa cruz lhe vay buscar,
Que lhe faz outros nacer.
Eu qu'os olhos tenho a tanto
Nos vossos que estrellas são,

Ce-

Cegaõse os do entendimento,
Mas nacemme os da razão,
De folgar cõ meu tormento.

Lá para onde o sol sae
Descubrimos nauegando
Hum nouo rio admirando,
Q'i'o lenho que nelle cae
Em pedra se vay tornando.
Não se espantẽ disto as gẽtes
Mais razão será q'espante,
Hum coraçaõ tão possante,
Que com lagrimas ardentes
Se conuerte em diamante.

Pode hum mudo nadador
Na linha & cana influir
Tão venenoso vigor
Que faz mais não se bulir
O braço do pescador.
Se começão de beber
Deste veneno excellente,
Meus olhos sem se deter,
Não se sabem mais mouer
A nada que se apresente.

Isto saõ claros sinaes
Do muito q'em mi podeis,
Nem podeis desejar mais,
Que se vemos desejais,
Em mi claro vos vereis.
E quereis ver a que fim
Em mi tanto bem se pos,
Porque quis amor assim
Que por vos verdes a vos,
Tambem me visseis a mim.

Dos males que me ordenais
Q'inda tenho por pequenos,
Sabei se mos escutais,
Que ja não sei dizer mais,
Nẽ vos podeis saber menos.
Mas ja q'a tanto tormento,
Não se acha quem resista,
Eu senhora me contento,
De terdes meu soffrimento,
Por aluo de voss a vista.

Quantos contrarios consente
Amor por mais padecer,
Que aquella vista excellente

Que

Quê me faz viuer contente
Me faça tão triſte ſer.
Mas dou eſte entendimento
Ao mal que tanto m'offende,
Como na vella ſe entende,
Que ſe ſe apaga co vento,
Co meſmo vento ſe accende.

Exprimentouſe algum'hora
D'aue que chamão Camão,
Que ſe da caſa onde mora
Vê adultera a ſenhora,
Morre de pura paixão.
A dor he tão ſem medida,
Que remedio lhe não val,
Mas ô ditoſo animal,
Que pôde perder a vida
Quando vê tamanho mal.

Nos goſtos de vos querer
Eſtaua agora enleuado,
Senão fora ſalteado,
Das lembranças de temer
Ser por outrem deſamado.
Eſtas ſoſpeitas tão frias,
Com qu'o penſamento ſonha,
Saõ aſſi como as Harpyas,
Qu'as mais doces igoarias
Vão conuerter em peçonha.

Faz m'eſte mal infinito
Não poder ja mais dizer,
Por não vir a corromper
Os goſtos que tenho eſcrito,
Cos males qu'ey de ſcreuer.
Não quero que ſe apregoe
Mal tanto para encubrir,
Porq̃ em quãto aqui ſe ouuir
Nenhũa outra coiſa ſoe,
Qu'a gloria de vos ſeruir.

Outras.

Dama d'eſtranho primor,
Se vos for
Peſada minha firmeza,
Olhai não me deis triſteza,
Porqu'a conuerto em amor.
Se cudais
De me matar quando vſais
D'eſquiuança,

Irei

Irei tomar por vingança
Amar-vos cada vez mais.

Porém vosso pensamento
Como isento,
Seguirá sua tenção,
Crendo qu'em tanta affeição
Não aja accrecentamento.
Não creais
Que dest'arte vos façais
Inuencivel,
Qu'amor sobre o impossivel
Amostra que pode mais.

Mas ja da tenção que sigo
Me desdigo,
Que se ha tanto poder nelle
Tambē vos podeis mais qu'elle,
Neste mal que vsais comigo.
Mas se for
O vosso poder mayor,
Antre nós,
Quem poderá mais que vos,
Se vos podeis mais qu'amor?

Despois que dama vos vi
Entendi
Que perdera amor seu preço,
Pois o fauor que lh'eu peço
Vos pode elle para si.
Nem duuido
Que não pode de sentido
Resistir,
Pois em vez de vos ferir
Ficou de vos ver ferido!

Mas pois vossa vista he tal,
Em meu mal,
Que posso de vos querer?
Que mal poderei valer
Onde o mesmo amor não val.
Se atentar,
Nenhum bem posso esperar,
& oxalâ
Que vos alembrasse já,
Se quer para me matar!

Mas nem com isto creais
Que façais
Meus seruiços mais pequenos,
por-

Porq̃ eu quãdo ſpero menos,
Sabei que entã̃o quero mais.
Nada eſpero,
Mas de mĩ crede eſte fero,
Que em ſer voſſo,
Vos quero tudo o que poſſo,
E não poſſo quanto quero.

Sò por eſta fanteſia
Mereſcia
De meus males algũ fruto,
Para o muito que queria.
Dem meira,
Que não he na derradeira
Grande eſpanto,
Que quẽ dama vos quer tãto
Que outro tãto devos queira.

A hũas ſoſpeitas.

Soſpeitas que me quereis,
Que eu vos quero dar lugar,
Que de certas me matcis,
Se a cauſa de que naſceis
Vos quiſeſſe confeſſar.

Que ḋ nã lhe achar deſculpa
A grande magoa paſſada
Me tem a alma tão canſada
Que ſe me confeſſa a culpa
Telaey por deſculpada.

Ora vede que perigos
Tem cercado o coração,
Que no meo da oppreſsão,
A ſeus proprios enemigos
Vay pedir a defenſão.
Que ſoſpeitas eu bem ſei
Como ſe claro vos viſſe,
Que he certo o que ja cudei,
Que nunca mal ſoſpeitei,
Que certo me não ſaiſſe.

Mas queria eſta certeza
Daquella que me atormẽta,
Porq̃ em tamanha eſtreiteza
Ver que diſſo ſe contenta,
He deſcanſo da triſteza.
Porque ſe eſta sò verdade
Me confeſſa limpa & nua
De cautella & falſidade,

Não pode à minha vontade
Desconforme da sua

Por segredo namorado,
He certo estar conhescido,
Que o mal de ser engeitado
Mais atormenta sabido
Mil vezes, que sospeitado.
Mas eu sò em quẽ se ordena
Nouo modo de querella,
De medo da dor pequena
Venho achar na mayor pena
O refrigerio para ella.

Ia nas iras me inflamei
Nas vinganças nos furores,
Que ja doudo imaginei,
E ja mais doudo jurei
D'arrãcar dalma os amores.
Ia determinei mudarme
Para outra parte com ira,
Despois vim a concertarme,
Que era bom certificarme
No q̃ mostrana a mintira.

Mas despois ja de cansadas
As furias do imaginar,
Vinha em fim arrebentar
Em lagrimas magoadas,
E bem pera magoar.
E deixandòse vencer
Os meus fingidos enganos,
De tão claros desenganos,
Não posso menos fazer,
Que contentarme cos danos.

E pedir que me tirasseis
Este mal de sospeitar,
Que me vejo atormentar,
Inda que me confessassem
Quanto me pode mattar.
Olhai bem se me trazeis,
Senhora posto no fim,
Pois neste estado, a que vim
Para que vòs confessseis,
Se dão os tratos amim.

Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
Tal justiça lhe conuinha,

Porque

Porque da culpa q̃ he voſſa
Venha ſer a morte minha.
Iuſtiça tão mal olhada,
Olhay com que cor ſe doura,
Que quer no fim da jornada,
Que vos ſejais confeſſada
Para qu'eu ſeja o q̃ moura.

Pois confeſſaiuos jàgora,
Inda que tenho temor,
Que nem neſta vltima hora
Me ha de perdoar amor
Voſſos peccados. ſenhora.
E aſsi vou deſeſperado,
Porque eſtes são os coſtumes
D'amor, q̃he mal empregado
Do qual vou ja condenado
Ao inferno de ciumes.

Labarinto do autor queixandoſe do mundo.

Corre ſem vela, & ſem leme
O tempo deſordenado
D'hum grande vento leuado,
O que perigo nam teme,
He de pouco eſprementado.

As redeas trazem na mão
Os que redeas nam tiuerão,
Vendo quanto mal fizeram
A cubiça & ambiçam
Diſfraçados ſe acolherão.
A não que ſe vay perder
Diſtrue mil eſperanças,
Vejo o mao que vem a ter.
Vejo perigos correr
Quẽ nã cuda q̃ ha mudãças?

Os q̃ nũca em ſella andarão
Na ſella poſtos ſe vem,
De fazer mal não deixaram,
De demonios habito tem
As que o juſto profanarão.
Que poderá vir a ſer
O mal nunqua refreado?
Anda por ſerto enganado
Aquelle que quer valer,
Leuando o caminho errado.

He pera os bõs confiança,

Ver que os maos perualecerã,
Posto que se detiueram
Com esta simulação,
Sempre castigos tiueram
Nam porque gouerne o leme
Em mar emuolto, & turbado
Que tem seu remo mudado
Se merece grita, & geme
Em tempo desordenado.

Terem justo galardão,
E dor dos que merecerão
Sempre castigos tiueram
Sem nenhũa redempçao
Posto que se detiueram.
Na tormenta se vier
Desespere na bonança,
Quem manhas nam sabe ter
Sem que lhe valha gemer,
Vera falçar a balança.

Os que nunca trabalharam,
Tendo o que lhe nam conuẽ,
Se ao innocente enganaram
Perderão o eterno bem,
Se do malnani se apartarão.

Cõuite que Luis de Camões fez na India, a certos fidalgos, cujos nomes aqui vão.

¶ A primeira iguaria foi posta a Vasco d'Attaide, entre dous pratos, & dizia,

Se não quereis padecer
Hũa ou duas horas tristes,
Sabeis que aueis de fazer,
Bolueros por do vẽistes,
Que aqui não ha que comer.
E posto que aqui leais
Trouinha que vos enleas,
Corrido não estejais,
Porque por mais que corrais
Não eis d'alcançar a cea.

A segũda foi posta a Dõ Frãcisco Dalmeida, & dezia.

Heliodo-

Heliogabalo zombaua
Das peſſoas conuidadas,
E de ſorte as enganaua,
Que as iguarias que daua,
Vinhão nos pratos pintadas.

Não temais tal traueſſura,
Pois ja não pode ſer nouta;
Que a cea eſtâ ſegura
De vos não vir em pintura,
Mas ha de vir toda em trouta

¶ A terceira foi poſta a Eitor da Sylueira, & dezia.

Cea não a papareis,
Com tudo porque não minta
Para beber achareis
Não Caparica, mas tinta,
E mil couſas que papeis.
E vos torceis o focinho,
Com eſta amphibologia?
Pois ſabei que a Poeſia
Vos dá aqui tinta por vinho,
E papeis por iguaria.

Aquarta foi poſta a Ioão Lopez Leitão, a quem o autor mandou hũ mote que vai adiante, ſobre hũa peça de cacha, que mandou a hũa dama.

Porque os q̃ vos conuidârão
Voſſo eſtamago não danem,
Por juſta cauſa ordenârão
Se trouas vos enganârão,
Que trouas vos deſenganem.
Vos tereis iſto por tacha,
Conuerter tudo em trouar,
Pois ſe me virdes zombar,
Nã cudeis ſeñor qu'he cacha
Que aqui não ha cachar.

Finge que reſponde Ioã Lopez Leitão.

Peſar ora não de ſaõ,
Eu juro pello céo bento
Se de comer me não dão

Que eu não soù Camaleão
Que mʼei de manter do vẽto.

Finge que reſponde o Autor.

Senhor não vos agaſteis,
Porque Deos vos prouera
E ſe mais ſaber quereis,
Nas coſtas deſte lereis
As iguarias que ha.

Vira o papel, que dizia aſsi.

Tendes nẽ migalha aſſada,
Couſa nenhũa de mólho,
E nada feito em empada,
E vento de tigellada,
Picár nõ dente em repolho.
De fumo tendes taſſalhos,
Aues da pena que ſente
Quem de fome anda doente,
Bocejar de vinho & dalhos,
Manjar em branco excellẽte.

A quinta & derradeira, foi poſta a Franciſco de Mello, & dezia.

Dʼhum homem q̃ teuʼo ceitro
Da vea marauilhoſa,
Não foi couſa diuidoſa,
Que ſe lhe tornaua em metro
O que hia a dizer em proſa.

De mim vos quero apoſtar
Que faça couſas mais nouas,
De quanto podeis cudar,
Eſta cea que he manjar,
Vos faça na bóca em trouas.

Redondilhas mandadas ao Viſorei, com o mote adiante.

Conde, cujo illuſtre peito
Merece nome de Rey,
Do qual múito certo ſei,
Que lhe fica ſendo eſtréito
O cargo de Viſorei.

Seruirdas

Seruirdes vos de occuparme,
Tanto contra meu planeta,
Não foi senão asas darme
Cõ às quaisvou a queimarme
Como faz a borboleta.

E se eu a pena tomar,
Que tão mal cortada tenho,
Sera para celebrar
Vosso valor singular,
Dino de mais alto engenho.

Que se o meu vos celebrasse,
Necessario me seria,
Que osolhos d'Aguia tomase
Sò para que não cegasse
No sol de vossa valia.

Vossos feitos sublimados,
Nas armas dinos de gloria,
São no mundo tão soados,
Qu'em vos devossospassados
Se resucita a memoria.

Pois aquelle animo estranho,
Pronto para todo effeito,
Espanta todo o conceito,
Como coração tamanho
Vos pôde caber no peito.

A clemencia que asserena
Coração tão singular,
S'eu nisso puseſſe a pena,
Seria encerrar o mar
Em coua muito pequena.

Bem basta senhor, q̃ agorà
Vos siruais de me occupar,
Que assi fareis aparar
A pena com que algũa horà
Vos vereis ao céeo voar.

Assi vos irei louuando,
Vos a mim do chão erguẽdo,
Ambos o mundo espantando
Vos co a espada cortando,
Eu co a pena escreuendo.

Mote que lhe mãdou o Visorei na India, pera lhe fazer hũas voltas.

Muto sou meu enemigo,
Pois que não tiro de mi
Cudados com que nasci,
Que poem a vida em perigo,
Oxalâ que fora assi.

Voltas do autor.

Viuer eu sendo mortal
De cudados rodeado,
Parece meu natural,
Que a peçonha não faz mal
A quem foi nella criado.
Tanto sou meu inimigo
Que por não tirar de mi
Cudados com que nasci,
Porei a vida em perigo,
Oxalâ que fora assi.

Tanto vim a acrescentar
Cudados, q̃ nunqua almãsaõ,
Em quanto a vida durar,
Que canso ja de cudar
Como cudados não cansaõ.
Se estes cudados, que digo
Dessem fim a mim, & a si,
farião pazes comigo,
Que por a vida em perigo,
O bom fora para mim.

Trouas a hũa dama que lhe mãdou pedir algũas obras suas.

Senhora se eu alcançasse
No tempo, que ler quereis,
Que a dita dos meus papeis
Polla minha se trocasse,
E por ver
Tudo o que posso escreuer
Em máis breue relação,
Indo eu onde elles vão,
Por mim sò quisesseis ler:

Depois de ver hum cudado
Tão contente de seu mal,
Vereis o natural.
Do que aqui vedes pintado,
Que o perfeito
Amor, de que sou sogeito,
Vereis aspero & cruel
Aqui

A qui com tinta, & papel,
Em mĩ co ſangue no peito.

Que hum contino imaginar
Naquillo, que Amor ordena,
He pena, q̃ emfim por pena
Se não pòde declarar,
Que s'eu leuo
Dentro n'alma quanto deuo,
De trasladar em papeis,
Vede qual melhor lereis,
Se a mĩ, ſe aquillo q̃ eſcreuo.

Outras a hũa ſenhora, a quem derão pera hũa filha ſua hum pedaço de cetim amarello, de quem ſe tinha ſoſpeita.

Se deriuais da verdade
Eſta palaura, Sitim,
Achareis ſem falſidade,
Que apos o ſi, tem o tim,
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo que me entendeis,
Mas porque nã falle em vão
Sabei que a eſta nação
Tanto que o, ſi, concedeis,
O Tim, logo eſtâ na mão.

È quem da fama ſe arreda,
Que tudo vay deſcubrir,
Deue ſempre de fugir
De Sitĩs, porque da ſeda
Seu natural he rugir.
Mas pano fino, & delgado
Qual araxa, & outros aſſi,
Dura, aquenta, & he calado,
Amoroſo, & da de ſi,
Mais que ſitim, nẽ barcado.

Mas eſtes que ſedas ſão,
Cõ quẽ s'enganão mil damas
Mais vos tomão do que dão,
Promettem, mas naõ daraõ,
Senaõ nodas para as famas.
E ſe naõ me quereis crer,
Ou tomais outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
Quando

Quando la virdes arder
A casa d'algum vezinho.

Ô feminina simpreza,
Donde estão culpas á pares,
Que por hũ dom de nobreza,
Deixão dões de natureza,
Mais altos & singulares.
Hum dõ q̃ anda enxeritado
No nome, & nas abras não,
(fallo como exprimentado,)
Que sitim desta feição
Eu tenho muito cortado.

Dizemme que era amarello,
A quem assi o quis dar,
Sô para me Deos vingar,
Se vem â mão amarelo,
O que eu não posso cudar.
Porque quem sabe viuer
Por estas artes manhosas,
(Isto beni pode não ser,)
Dà a mininas fermosas
Sõmente pollos fazer.

Quem vos isto diz senhora,
Seruio nas vossas armadas
muito, mas anda ja fora,
E pode ser, que inda agora
Traz abertas as frechadas.
E posto que disfauores
O tirão de seruidor,
Quer vos ventura melhor,
Que dos antigos amores
Inda lhe fica este amor.

A hũa senhora, que esta ua rezando por hũas contas

Peçouos que me digais
As orações que rezastes,
Se saõ pellos que mattastes
Se por vos que assi mattais
Se são por vos, são perdidas
Que qual será a oração,
Que seja satisfação
Senhora de tantas vidas;

Que se vedes quantos vem
A sò vida

A sò vida vos pedir,
Como vos ha Deos de ouuir,
Se vos não ouuis ninguem?
Não podeis ser perdoada
Cõ maõs a mattar tã prõtas
Que se nhũa trazeis contas,
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encomendando
Os que mattastes andais,
Se rezais por quẽ máttais,
Para quẽ mattais rezando?
Que se na força do orar
Leuantais as mãos aos cẽos;
Não as ergueis para Deos;
Ergueias para matar.

E quando os olhos cerrais
Toda enleuada na fee,
Cerraõse os de quem vos vẽ,
Pera nunqua verem mais,
Pois se assi forem tratados
Os que vos vẽ, quando orais
Essas horas que rezais,
São as horas dos finados.

Pois logo sesois ferũda,
Que tãtos mortos não sejão,
Não rezeis onde vos vejão,
Ou vede para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males que causastes,
Resucitai quem matastes,
Não tereis por quem rezar.

Esparsa a hũa dama que lhe deu hũa pena.

Se n'alma, & no pensamento
Por vosso me manifesto,
Não me pesa do que sento
Que senão soffrer tormento,
Faço offença a vosso gesto.
E pois quanto amor ordena,
E quanto esta alma deseja
Tudo â morte me condena,
Não quero senão que seja
Tudo pena, pena, pena.

Esparsa a hũa dama que lhe chamou cata, sem olhos.

Sem olhos vio mal claro
Que dos olhos se seguio:
Pois cára sem olhos vio
Olhos que lhe custão caro.
D'olhos não faço menção
Pois quereis qu'olhos nã sejã
Vendouos, olhos sobejão;
Não vos vêdo, olhos não são.

Disparates seus na India.

Este mundo es el camino;
A do ay dozientos vaos
O por onde, bons, & maos
Todos somos del mesmo.
Mas os maos são de teor;
Que des que mudão a cor
Chamãlogo ael Rey cõpadre
E em fim dexaldos mimadre
Que sempre tem hum sabor
De quem torto nace tarde se
endireyta.

Deixay a hum que se abone,
Diz logo de muto sengo
Villas & castilles tengo,
Todos a mi mandar sone,
Então tu que estou de molho
Com a lagrima no olho,
Pollo virar do en vez
Digolhe tu ex illis es,
E por isso não to olho.
Pois honra & proueito não
cabem num saco.

Vereis hũs que no seu seyo
Cudaõ que trazem Paris;
E querem com dous seitis
Fender anca pello meyo
Vereis mancebinhos darte
Com espada entalabarte
Não ha mais Italiano:
A este direis meu mano
Vos sois galante que farte.
Más pan & vino anda el
camino, que no moço
garrido.

Outros em cada theatro
Por officio lhe ouvireis,
Que se

Que se matarancontres
Y lo mismo harã con quatro,
Prezãose de dar repostas
Com palauras bem cõpostas,
Mas se lhe meteis a mão;
Na paz mostrão coração
Na guerra mostrã as costas
Porque aqui troce a porca
orabo.

Outros vejo por aqui
A que se acha mal o fundo
Que andã emendãdo omũdo,
E não se emendão a si,
Estes respondem aquem
Delles não entende bem.
El dolor que estâ secreto.
Mas porem quẽ for discreto
Responderlhe ha muito bem.
Assi entrou o mundo, assi
ha de sair.

Achareis rafeyro velho
Que se quer vẽder por galgo,
Diz q̃ o dinheiro he fidalgo,
Que o sãge todo he vermelho
S'elle mais alto o dissera
Este pellote pusera,
Que o seu echo lhe responda,
Que su padre era de Ronda,
E su madre de Antequera;
E quer cubrir o ceo com a
joeyra.

Fraldas largas graue aspeito
Para senador Romano
O que grandissimo engano
q̃ Momo lh'abrisse o peito,
Consciencia, que sobeja,
Siso com que o mundo reja,
Mansidão outro que si
Mas que lobo esta em ti
Metido em pelle de oueja.
E sabem no poucos.

Guardaiuos d'ũs meus sñores
Que ainda cõprão & vendẽ,
Hũs que he certo q̃ descẽdẽ
Da geraçam de pastores,
Mostranse vos bõs amigos,

Mas

Mas se vos vem em perigos
Escarrãuos nas paredes
Que de fora dormiredes,
Irmão que he tempo de figos
Porque de rabo de porco
Nunca bom virote.

(uhas
Que dizeis d'hũs qu'a sentra
Lhe estão ardẽdo em cubiça
E se tem mando, ajustiça
Fazem de teas d'aranhas?
Com suas hypocresias
Que saõ denossas espias;
Para os pequenos hũs Neros
Para os grandes tudo feros
Pois tu paruo não sabias
Que la vão leys,
Onde querem cruzados?

Mas tornãdo aũs enfadonhos
(cujas cousas são notorias,
Huns q̃ contão mil historias
Mais desmãcebadas q̃ sonhos
Huns mais paruos q̃zãboas
Qu'estudão palauras boas,

Estes paguem por justiça
Que tem morto mil pessoas
Por vida de quanto quero.

A donde tienen las mentes
Huns secretos trouadores,
Que fazem cartas d'amores
De que ficão muy contentes?
Não querem sair apraça
Trazem trova por negaça,
E se lha gabais qu'heboa,
Diz qu'hè de certa pessoa:
Hora que quereis que faça,
Se não irme por esse mundo?

O tu como me atarracas
Escudeiro de Solia,
Com bocaes de fidalguia
Trazidos quasi com vacas!
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes que cheirão ja:
Voto atal que mè fara
Hum destes nunqua falar
Mais cõ viua alma.

Huns

Huns que falão muto vi
De que quisera fugir,
Huns qu'em fim sem se sentir
Andão falando entresi:
Porfiosos sem rezão,
E desquetomão amão,
Falão sem necessidade,
E se algũs hora he verdade,
Deue ser na confissão
Porque quem não mente,
Ia me entendeis,

O vos quemquer q̃ me ledes
Qu'aueis de ser auisado,
Quedizeis â namorádo
Que caça vento com redes?
Iura por vida da Dama,
Falla consigo na cama,
Passa de noite; & escarra,
Por falsete na guitarra.
Poem sempre, viua quẽ ama;
Porq̃ calça a seu proposito.

Mas deixemos se quiserdes
Por hũ pouco as trauessũras,
Porq̃ entre quatro maduras
Leueis tambem cinco verdes
Deitemonos mais ao mar
E se algũm se arrecear,
Passe tres ou quatro trouas,
E vos tomais cores nouas?
Mas não he pera espantar,
Que quẽ pescos ha menos,
Em cada mouta lhe rocão.

O vós que soes secretarios
Das conciencias Reais,
Qu'entre os homens estais
Por seus borões ordinarios;
Porque não pondes hum freo
Ao roubar q̃ vay sem meyo
Debaixo de bom gouerno?
Pois hum pedaço d'inferno
Por pouco dinheiro alheo
Se vende a Mouro,
E a Iudeo?
Porque amente officiosada
Sempre â Real dignidade
Vos faz julgar por bondade
A malicia descalpada?

Mote

Moue a presença Real
Hũa affeição natural
Que logo inclina no Luiz
A seu fauor; & não diz
Hum rifão muyto geral
Que o Abbade donde canta,
Daly janta;
E vos bailhaes a esse som?
Por isso gentis pastores,
Vos chama a vos mercadores
Hum que só foi pastor bom.

¶ Mote, a Ioão Lopez Leitão, sobre hũa peça de cacha q̃ elle mandou ahũa dama na India, q̃ se lhe fazia dõzella: o qual Ioão Lopez Leitão, he o que elle conuidou no banquete atrás.

Mote.

Se vossa dama vos dá
Tudo quanto vos quisestes,
Dizei para que lhe destes
O que vos ella faz já.

Sendo os restos inuidados
E vos de cachas mil contos,
Sabeis cõ quã poucos põtos?
Que lhos sachastes quebrados.
Se o que tem isso vos dá,
Vos mal bẽ lhõ merestestes;
Porquẽ se a cacha lhe destes,
Tinha a rola feita já.

A dona Francisca d'Aragão, mandandolhe esta regra que lha glosasse.

MOTE.

Mas porẽ a q̃ cuidados.

Tanto mayores tormentos
Forão sempre os que soffri,
Daquillo que cabe em mim,
Que não sei que pensamẽtos
São os para que nacis.
Quando vejo este meu peito
A perigos arriscados
Inclinado, bem sospeito,
Que a

Que a cudados sou sogeito,
Mas porem a que cudados.

Outra ao mesmo.

Què vindes èm mim buscar,
Cudados, que sou cattiuo,
Eu não tenho que vos dar?
Se vindes à mè maltar,
Ia ha muito, que não viuo.
Se vindes porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu que sempre soffri mais,
Não digo que não venhais,
Mas porem a que cudados?

Outra ao mesmo.

Se as penas qu'amor me deu
Veni por tão suaues meos,
Não ha que temer receos,
Que val hum cudado meu
Por mil descansos alheos.
Ter nũs olhos tão fermosos
Os sentidos enleuados,
Bẽ sey qu'em baixos estados
Saõ cudados perigosos,
Mas porem, ah que cudados.

Carta que o Autor mandou a dona Franciſca de Aragão, com a gloſa acima.

Senhora.

Deixeime enterrar no eſquecimento de v.m. crendo me ſeria aſsi mais ſeguro: mas agora que he ſeruida de me tornar a reſuſcitar, por moſtrar ſeus poderes, lembrolhe que hũa vida trabalhoſa he menos de agradecer que hũa morte deſcansada. Mas ſe eſta vida q̃ agora de nouo me da, for para me tornar a tomar, ſeruindoſe della, não me fica mais que deſejar, que poder acertar com eſte mote de v.m. ao qual dei tres entendimẽtos, ſegundo as palauras delle poderão ſoffrer: ſe forem bõs, he o mote de v.m. ſe maos, ſaõ as gloſas minhas.

Glosas do Autor.

Mote alheo.

Campos bemauenturados
Tornaiuos agora triſtes,
Qu'os dias, em que me viſtes
Alegre, já ſão paſſados.

Gloſa.

Campos cheos de prazer,
Vos qu'eſtais reuerdecendo
Ia me alegrei com vos ver,
Agora venho a temer,
Qu'entriſtecais em me vêdo.
E pois a viſta alegrais,
Dos olhos deſeſperados,
Não querò que me vejais,
Para que ſempre ſejais
Campos bemauenturados.

Porem ſe por accidente
Vos peſar de meu tormento
Sabereis qu'amor conſente,
Que tudo me deſcontente,
Senão deſcontentamento.

Por iſſo vos, aruòredos,
Que ja nos meus olhos viſtes
Mas alegrias que medos,
Se mos quereis fazer ledos,
Tornaiuos agora triſtes.

Ia me viſtes ledo ſer,
Mas deſpois qu'o falſo amor,
Tão triſte me fez viuer,
Ledos folgo de vos ver,
Porque me dobreis a dor.
E ſe eſte goſto ſobejo
De minha dor me ſentiſtes,
Iulgai quanto mais deſejo
As horas que vos não vejo,
Qu'os dias em que me viſtes.

O tempo qu'he deſigual,
De ſeccos verdes vos tem,
Porque em voſſo natural
Se muda o mal pera o bem,
Mas o meu pera miôr mal.
Se preguntais verdes prados,
Pellos tempos differentes,
Que d'Amor me forão dados,

Tri-

Triſtes aqui ſaõ preſentes,
Alegres ja ſaõ paſſados.

Mote alheo.

Trabalhos deſcanſarião
Se para vos trabalhaſſe,
Tempos triſtes paſſarião,
S'algũa hora vos lembraſſe.

Gloſa propria.

Nunca o prazer ſe conhece
Senão depois da tormenta,
Taõpouco o bem permanece,
Que ſe o deſcanſo florece,
Logo a trabalho arrebenta.
Sempre os bẽs ſe lograrião,
Mas os males tudo atalhão,
Porem ja qu'aſſi porfião,
Onde deſcanſos trabalhão
Trabalhos deſcanſarião.

Qualquer trabalho me fora
Por vos gran contentamẽto,
Nada ſentira ſenhora,
Se vira diſto algum'hora
Em vos hum conhecimento.
Por mal q̃o mal me trattaſſe
Tudo por bem tomaria,
Poſto qu'o corpo canſaſſe
A alma deſcanſaria,
Se para vos trabalhaſſe.

Quem voſſas cruezas ja
Soffreo, a tudo ſe pòs,
Coſtumado ficará,
E muito melhor ſerà
Se trabalhar para vos.
Triſtezas eſquecerião,
Poſto que mal me tratârão,
Annos não me lembrarião,
Que como eſtoutros paſſarão
Tempos triſtes paſſarião.

Se ſoſſe gãlardoado
Eſte trabalho tão duro,
Não viuera magoado.
Mas não o foi o paſſado,
Como o ſerâ o futuro?
De canſar não canſaria,
Se quiſeres que canſaſſe,

Cauar, morrer, falobia,
Tudo emfim eſqueceria,
Se algũa hora vos lẽbraſſe.

Mote alheo.

Triſte vida ſe me ordena,
Pois quer voſſa condição
Que os males q̃ dais por pena
Me fiquem por galardão.

Gloſa propria.

Depois de ſempre ſoffrer
Senhora voſſas cruezas,
A peſar de meu querer,
Me quereis ſatisfazer
Meus ſeruiços com triſtezas.
Mas pois embalde reſiſte
Quẽ voſſa viſta condena,
Preſtes eſtou pera a pena,
Que de galardão tão triſte
Triſte vida ſe m'ordena.

De contente do meu mal
A tão grande eſtremo vim,
Que conſinto em minha fim,
Aſſi que vos & mais eu,
Ambos ſamos contra mĩ.
Mas que ſoffra meu tormẽto
Sem querer mais galardão,
Não he fora de razão,
Que queira meu ſoffrimẽto,
Pois quer voſſa condiçaõ.

O mal que vos dais por bem,
Eſſe ſenhora he mortal,
Que o mal q̃ dais como mal,
Em muito menos ſe tem,
Por coſtume natural.
Mas porem neſta vittoria,
Que comigo he bem pequena,
A mayor dor me condena
A pena que dais por gloria,
Q'os males q̃ dais por pena.

Que mór bem me poſſa vir,
Que ſeruiruos, não o ſei,
Pois que mais quero eu pedir,
Se quanto mais vos ſeruir
Tanto mais vos deuerei?
Se voſſos merecimentos

De

De tão alta estima saõ,
Assaz de saubr me daõ,
Em querer q̄ meus tormẽtos
Me fiquem por galardaõ.

Mote alheo.

Ia não posso ser contente,
Tenho a esperança perdida,
Ando perdido entre a gente,
Nẽ mouro, nem tenho vida.

Glosa propria.

Depois que meu cruel fado,
Destruîo hũa sperança;
Em que me vi leuantado,
No mal fiquei sem mudança,
E do bem desesperado,
O coraçaõ que isto sente,
A sua dor não resiste,
Porque vé mui claramente,
Que pois nasci para triste,
Ia não posso ser contente.

Por isso, contentamentos,
Fugi de quem vos despreza,
Ia fiz outros fundamentos,
Ia fiz senhora a tristeza
De todos meus pensamentos,
O menos que lhe entreguei
Foi esta cansada vida?
Cuido que nisto acertei,
Porque de quanto esperei
Tenho a esperança perdida.

Acabar de me perder
Fora ja muito melhor:
Teuera fim esta dor,
Que não podendo mòr ser,
Cada vez a sinto môr.
De vos desejõ esconderme,
E de mi principalmente,
Onde ninguem possa verme,
q̄ pois me ganho em perderme
Andо perdido antr'a gente.

Gostos de mudanças cheos,
Não me busqueis, nẽvos q̄ro,
Tenhovos por tão alheos,
Que do bem que não espero,
Inda me ficaõ receos.

Em pena tão sem medida,
Em tormento tão esquino,
Que moura ninguẽ duuida,
Mas eu se mouro, ou se viuo,
Nem mouro, nem tenho vida.

Mote, & gloſa do autor, a hũa dama que ſe cha maua Ana.

A morte pois que ſou voſſo,
Não na quero, mas ſe vem,
A de ſer todo meu bem.

Gloſa.

Amor que em meu penſamẽto
Com tanta fé ſe fundou,
Me tem dado bum regimẽto,
Que quando vir meu tormẽto
Me ſalue com cujo ſou,
E com eſta defenſão,
Com que tudo vencer poſſo,
Diz a cauſa ao coraçaõ,
Não tem em mim jurdiçaõ,
A morte, pois que ſou voſſo,
Por eſprimentar hũ dia
Amor ſe m'achaua forte,
Neſta fee como dizia,
Me conuidou com a mortẽ,
Sô por ver ſe a tomaria.
E como elle ſeja a couſa,
Onde eſtâ todo meu bem,
Reſpondilhe (como quem
Quer dizer mais, e não ouſa)
Naõ a quero, mais ſe vem.

Não diſſe mais porque entaõ
entendeo, quanto me toca,
E ſe tinha ditto o não,
Muitas vezes diz a boca
O que nega o coração.
Toda a couſa defendida
Em mais eſtima ſe tem,
Por iſſo he couſa ſabida,
Que perder por vos a vida,
Ha de ſer todo meu bem.

Mote alheo.

Vejoa n'almia pintada,
Quando ma pede o deſejo.

Ana

A natural que não vejo.

Glosa propria.

Se só no ver puramente
Me transformei no que vi,
De vista tão excellente
Mal poderei ser ausente,
Em quãto o não for de mim.
Porque a alma namorada
Atraz tão bem debuxada,
E a memoria tanto voa,
Que se a não veja em pessoa,
Vejoa n'alma pintada.

O desejo que se estende
Ao que menos se concede
Sobre vos pede & pretende,
Como o doente que pede
O que mais se lhe defende.
Eu q̃ em ausencia não vejo,
Tenho piedade & pejo,
De me ver tão pobre estar,
Que então não tenho q̃ dar,
Quando me pede o desejo,
Como aquelle que cegou
He cousa vista & notoria,
Que a natureza ordenou
Que se lhe dobre em memoria
O que em vista lhe faltou.
Assi a mim que não rejo,
Os olhos no que desejo.
Na memoria & na firmeza
Me concede a natureza
A natural que não vejo.

Mote alheo.

Sem vos com meu cudado,
Olhay com quem, & sem quẽ.

Glosa propria.

Vendo Amor, q̃ com vos ver
Mais leuemente soffria
Os males, que me fazia,
Não me pode isto soffrer,
Conjurouse com meu fado,
Hum nouo mal me ordenou,
Ambos me leuaõ forçado
Naõ sei onde, pois que vou
Sem vos, & cõ meu cudado.

Nã sei qual he mais estrãno
Destes dous males, que sigo,
Se não vos ver, se comigo
Leuar imigo tamanho,
O que fica & a que vem,
Hum me mata, outro desejo,
Com tal mal, & sem tal bẽ,
Em tais estremos me vejo,
Olhai com quem, & sem quẽ.

Outra sua, ao mesmo mote.

Amor cuja prouidencia
Foi sempre que não errasse,
Porque n'alma vos leuasse,
Respeitãdo o mal de ausencia
Quis q̃ ẽ vos me trãsformasse
E vendome ir maltratado,
Eu & meu cudado sòs,
Proueo nisso d'attentado,
Por não me ausentar de vos,
Sem vos, & cõ meu cudado.

Mas est'alma q'eu trazia
Porque vos nella morais,
Deixame cego & sem guia,
Que ha por melhor cõpanhia
Ficar onde vos ficais.
Assi me vou de meu bem,
Onde quer a forte estrella,
Sem a alma que em si vos tẽ,
Co mal de viuer sem ella,
Olhai com quẽ, & sem quem,

Mote alheo.

Sem ventura he por demais.

Glosa propria.

Todo o trabalhado bem
Promette gostoso fruito;
Mas os trabalhos que vem
Para quem dita não tem,
Valẽ pouco, & custão muito;
Rompem todo a pedra dura,
Faz os homẽs immortais,
O trabalho, quando atura,
Mas querer achar ventura
Sem ventura, he por demais.

Mote alheo.

Minh'alma lẽbraiuos della.

Glo-

Glosa propria.

Pois o veruos tenho ẽi mais
Que mil vidas que me deis,
Assi como a que me dais,
Meu bem, ja que mo negais
Meus olhos não mo negais.
E se a tal estado vim,
Guiado de minha estrella,
Quando ouuerdes dò de mî
Minha vida dailhe a fim,
Minh'alma, lembrainos della.

Outro mote alheo.

Tudo pode hũa affeição.

Glosa propria.

Tem tal jurdição Amor,
N'alma donde se aposenta,
E de que se faz senhor,
Qu'a liberta & isenta
De todo o humano temor.
E com mui justa razão
Como senhor soberano,
Qu'amor não consente dãno,
E pois me soffre tenção,
Gritarei por desengano,
Tudo pode hũa affeição.

Troua de Boscão.

Iusta fue mi perdicion,
De mis males soy contento,
Ya no espero galardon,
Pues vuestro merecimiento
Satisfizo a mi passion.

Glosa propria.

Despues qu'Amor me formò
Todo de amor, qual me veo,
En las leyes que me dio,
El mirar me consintio,
Y defendeome el desseo.
Mas el alma como injusta,
En viendo tal perficion,
Dio al desseo occasion,
Y pues quebré ley tan justa
Iusta fue mi perdicion.

Mostrandoseme el Amor
Mas benigno que cruel,

Sobre

Sobre tyranno traydor,
De celos de mim dolor
Quiso tomar parte enel.
Yo que tan dulce tormento
No quiero dallo aũq̃ pecco,
Resisto, y no lo cõsiento,
Mas si me lo toma a trueco,
De mis males soy contento.

Señora ved lo que ordena
Este Amor tan falso nuestro,
Por pagar a costa agena,
Mãda q̃ de vn mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.
Mas vos para que veais
Tan engañosa reticion,
Aunque muerto me sintais
No mireis, que si miràis,
Ya no espero galardon.

Pues que premio (me direis)
Esperas, que será bueno,
Sabed si no lo sabeis,
Que es lo mas delo que peno
Lo menos que mereceis.

Quien haze al mal tãvfano,
I tan libre al sentimento?
El desseo? no, ques vano,
El amor? no ques tyranno,
Pues vuestro merescimiento.

No pudiedo amor robarme
De mis tan charos despojos,
Aunq̃ fue por mas hõrarme,
Vos sola para mattarme,
Le prestastes vuestros ojos.
Mattaronme ambos a dos,
Mas a vos con mas razon
Deue el la satisfacion,
Que a mi, por el y por vos,
Satisfizo mi passion.

A hũa Dama com quem
bueria andar da-
mores.
Mote.

Minina fermosa, & crua,
Bem sey eu
Quem deixára de ser seu,
Se vos quizereis ser sua.

Vol-

Volta.

Minina mais que na ydade,
Se para me querer bem
Vos não vejo ter vontade,
He porque outrem vola tem,
Temuola & fazvola crua,
Porem eu
Ia tomarà não ser meu,
Se vos não foreis tão sua.

Nos olhos & na feição
Vos vi, quando vos olhaua,
Tanta graça que vos daua
De guaça este coração;
Não o quisestes de crua,
Por ser meu.
Se outrem vos dera o seu
Pode ser foreis mais sua.

Menina tende maneira,
Que ainda não venha a ser
Pois não quereis, quẽ vos quer
Que queirais quẽ vos nã quirà
Olhay não me sejais crua,
Que pois eu
Quero ser vosso, & não meu
Sede vos minha & não sua.

Mote a hũ dama que estàua doente.

Da doença, em que ardeis,
Eu fora vossa mezinha,
Soo com vos serdes à minha.

He muito para notar
Cura tão bem acertada:
Que podereis ser curada
Somente com me curar
Se quereis dama trocar,
Ambos temos à mezinha,
Eu a vossa, & vos a minha.

Olhay que não quer amor,
(Porque fiquemos iguoais)
Pois meu ardor não curais,
Que se cure vosso ardor:
Eu ca sinto vossa dor,
E se vos sintis a minha,
Day & tomay a mezinha.

Ou-

Outro a outra dama que estaua tambem doente.

Deu senhora por sentença
Amor que fosseis doente,
Para fazerdes â gente
Doce, & fermosa a doença.

Não sabendo amor curar
Foi a doença fazer
Fermosa para se ver,
Doce para se passar,
Então vendo a differença,
Que ha de vos a toda a gente;
Mandou que fosseis doente,
Para gloria da doença.

E digovos de verdade,
Que a saude anda enuejosa,
Por ver estar tão fermosa
Em vos essa infirmidade.
Não façais logo detença
Senhora em estar doente
Porque adoecerâ a gente
Com desejos da doença.

Qu'eu por ter, fermosa dama
A doença que em vos vejo
Vos confesso, que desejo
De cair com vosco em cama,
Se consentis que me vença
Este mal, não ouue gente
Da saude tão contente,
Como eu serey da doença.

Estancias, a outra dama doente.

Olhai que dura sentença,
Foi amor dar contra mim,
Que porque em vos me perdi,
Em vos me busca a doença.
Claro estâ
Que em vos sò me acharâ;
Que em mi, se me vẽ buscar,
Não poderâ mais achar,
Que a forma do que fuí já.

Que se em vos Amor se pos,
Senhora he forçado assi,
Qu'o mal que me busca a mi
Que vos faça mal a vos;

Sem

Sem mintir,
Amor me quis destruir,
Por modo nunqua cudado,
Pois ha de ser forçado,
Pesaruos de vos seruir.

Mas sois tão desconhecida,
E saõ meus males de sorte
Que vos ameaça a morte,
Porque me negais a vida:
Se por boa
Tal justiça se pregoa,
Quando desta sorte for,
Auei vos perdão d'Amor,
Qu'a parte ja vos perdoa.

Mas o que mais temo emfim,
He, que nesta differença,
Que se não torne a doença,
Se me não tornais a mim:
De verdade,
Que ja vossa humanidade
De que se queixe não tem,
Pois para as almas taõbem,
Fez Amor infirmidade.

A hũa dama que estaua vestida de dò.

Mote.

D'atormentado & perdido,
Ia vos não peço, senão,
Que tenhais no coração
O que tendes no vestido.

Voltas.

Se de dò vestida andais
Por quem ja vida não tem,
Porque não no aueis de quẽ
Vos tantas vezes mattais,
Que brado sem ser ouuido
E nunca vejo senaõ
Couezas no coração,
E grande dò do vestido.

Outro a dona Guiomar de Blasfe, queimandose com hũa vella no rosto.

Mote.

Amor que todos offende

Teue

Teue, ſenhora, por goſto,
Que ſentiſſe o voſſo roſto
O que nas almas acende.
Volta.
Aquelle roſto que traz
O mundo todo abraſado
Se foy da flama tocado,
Foy porque ſinta o que faz.

Bẽ ſey qu'Amor ſe lhe rende,
Porem o ſeu preſoppoſto
Foy, ſentir o voſſo roſto,
O que nas almas acende.

A hũa molher q̃ foy açoutada por hum homẽ que chamauaõ foão Coreſma na India.

Naõ eſtejais agrauada,
Senaõ ſe for de vos meſma,
Porq̃ a molher qu'he errada
Com razaõ polla Coreſma
Deue ſer diſciplinada.
Volta.
Querer des profano amor
Em coreſma, he conſciencia,
Açoutes, & penitencia.
Vos eſtâ muito milhor.

Naõ fiqueis diſto affrõtada,
Pois a culpa he voſſa meſma
Que molher q̃ tão maluada
He bem, que polla coreſma
Seja bem diſciplinada.

Se a penitencia vos val,
Muy bem açoutada eſtais,
Pois por coreſma pagais
Voſſos vicios do carnal.
Naõ torneis a ſer errada.
Nẽ condeneis a vos meſma,
Pois eſtais ja emendada,
E não fereis por coreſma
Outra vez diſciplinada.

Eſparſa a hũ fidalgo na India, que lhe tardaua com hũa camiſaga lante que lhe prometteo.

quem

Quem no mundo quiſer ſer
Auido por ſingular,
Para mais ſe engrandecer,
A de trazer ſempre o dar
Nas ancas do prometter.

E ja quẽ, voſſa mercé,
Largeza tem por diuiſa,
Como todo mundo vé,
Ha miſter que tanto dé
Que venha dar a camiſa.

Mote a hũa dama q̃ lhe chamou diabo, por nome foã dos Anjos.

Mote.

Senhora pois me chamais
Taõ sẽ razão tão mao nome,
Inda o diabo vos tome.

Volta.

Quem quer q̃ vio, ou que leo,
Terâ por nouo & moderno,
Ter quem viue no inferno
O penſamento no ceo.
Mas ſe a vos vos pareceo
Que me eſtaua bẽ tal nome,
Eſſe diabo vos tome,

Perdido mais quẽ ninguem
Confeſſo, ſenhora ſer:
Mas o diabo não quer
Aos Anjos tamanho bem,
Pois logo naõ me conuem,
Ou ſe me conuem tal nome,
Serà pera que vos tome.

Se vos benzeis com cautella
Como D'anjo, & não de luz,
Mal pôde fugir da Cruz
Quem vos tendes poſto nella:
Mas ja q̃ foy minha eſtrella,
Ser diabo, & ter tal nome,
Guardaiuos q̃ vos não tome.

Ia que chegais tanto aò cabo,
Com as mãos poſtas aos ceos,
Vou ſempre pedindo a Deos,
Que vos leue eſte diabo,
Eu ſenhora naõ me gabo,
Mas pois q̃ me dais tal nome,

Tomo

Tomo para que vos tome.

A hum seu amigo a quẽ não podia encontrar.

Mote.

Qual tera culpa de nos
Neste mal que todo he meu?
Quando vindes não vou eu,
Quando vou não vindes vos.

Reinãdo Amor ẽ dous peitos
Tece tantas falsidades,
Que de conformes vontades
Faz desconformes effeitos
Igualmente viue em nos,
Mas por desconcerto seu
Vos leua se venho eu,
Me leua se vindes vos.

Mote seu.

Descalça vay polla neue,
Assi faz quem amor serue.

Voltas.

Os preuilegios qu'os Reys
Não podem dar, pode Amor
Que faz qualquer amador
Liure das humanas leys,
Mortes, & guerras, crueis,
Ferro frio, fogo, & neue.
Tudo soffre quem o serue.

Moça fermosa desprezа
Todo o frio, & toda a dor,
(Olhay quanto pode amor
Mais q̃ a propia natureza?)
Medo, nem delicadeza
Lh'empede, que passe a neue,
Assi faz quem amor serue.

Por mais trabalhos que leue
A tudo s'offreceria,
Passa pella neue fria
Mais alua qu'a propria neue,
Com todo o frio s'atreue;
Vede em que fogo ferue
O triste qu'o Amor serue?

Outro alheo.

A dor qu'a minh'alma sente
Não na sabe toda a gente.

Vol-

Voltas próprias

Qu'estranho caso de amor,
Que desejado tormento,
Que venho a ser auarento
Das dores de minha dor
Por me nam tratar pior
Se se sabe, ou se se sente,
Nã na digo a toda a gente.

Minha dor, & causa della
De ninguem a ouso fiar,
Que seria auenturar
A perderme, ou a perdella,
E pois soo com padecella.
A minha alma está contente,
Não quero q̃ o sayba a gente.

Ande no peito escondida,
Dentro nalma sepultada,
De mi soo seja chorada,
De ninguem seja sentida,
Ou me matte, ou me de vida,
Ou viua triste, ou contente,
Não ma sayba toda a gente,

Otro seu.

D'alma, & de quanto tiuer
Quero que me despojeis,
Com tanto que me dexeis
Os olhos pera vos ver.

Volta.

Cousa este corpo nam tem,
Que ja não tenhais rendida.
Depois de tirarlhe a vida,
Tiraylhe a morte tambem:
Se mais tenho que perder
Mais quero que me leueis,
Com tanto que me deixeis
Os olhos pera vos ver.

Mote alheo.

Amores de hũa casada
Que eu vi pollo meu mal.

Voltas proprias.

Nũa casada fuy por
Os olhos de si senhores,
Cuidey que fossem amores,

Elles fizeraõſe amor,
Fazſe o deſejo mayor
Donde o remedio nam val
Em perigo de meu mal.

Nam me pareceo que Amor
Podeſſe tanto comigo,
Que dõde entra por amigo
Se leuante por ſenhor;
Leuame de dor em dor,
E deſinal em ſinal,
Cada vez para mòr mal.

Outro ſeu.

Enforquei minha eſperança,
Mas amor foy tão madraço,
Que lhe cortou o baraço.

Voltas.

Foy à eſperança julgada
Por ſentença da ventura,
Que pois me teue à pindura,
Que foſſe depindurada,
Vem Cupido coa eſpada
Cortalhe cerceo o baraço,
Cupido foſte madraço.

Outro ſeu.

Pus o coração nos olhos,
E os olhos pus no chão
Por vingar o coração,

Volta.

O coração enuejoſo
Como dos olhos andaua,
Sempre remoques me daua,
Que não era o meu mimoſo
Venho eu de piadoſo,
Do ſenhor meu coração
Boto os meos olhos no chaõ.

Outro ſeu.

Pus meus olhos n'hũa funda,
E fiz hum tiro com ella,
As grades de hũa janella.

Voltas.

Hũa dama de maluada,
Tomou ſeus olhos na mão,
E tiroume hũa pedrada

Com

Com elles ao coração,
Armei minha funda então
E pus os meus olhos nella,
Trape, quebrou'a janella.

Alheo.

De piquena tomey amor
Porque o não entendi,
Agora que o conheci
Mattame com disfauor.

Voltas proprias.

Vio moço, & pequenino,
E a mesma idade ensina,
Que se encline hũa menina,
As mostras de hum menino.
Ouuilhe chamar amor,
Pello nome me venci,
Nunqua tal engano vi,
Nem tamanho desamor.

Creſceome de dia em dia
Com a idade a affeição,
Porque amor de criação
Nalma & na vida se cria,
Crioſe em mim este amor
E senhoreouſe de mim,
Agora que o conheci;
Mattame com disfauor.

As flores me torna abrolhos,
A morte me determina
Quem eu trouxe de minina
Nas mininas dos meus olhos.
Desta magoa, & desta dor
Tenho sabido em fim,
Por amor me perco a mim,
Por quẽ de mi perde o amor.

Parece ser caso estranho
O qu'amor em mim ordena,
Qu'em idade tão pequena
Aja tormento tamanho.
Sejão milagres d'Amor,
Ey os de soffrer assi
Até que aja dò de mim
Quem entender esta dor.

Cantiga velha.

Apartarãose os meus olhos.

De mim tão longe,
Falsos amores
Falsos maos enganadores.

Voltas proprias.

Trattarãome com cautella
Por m'enganar mais azinha,
Deilhe posse d'alma minha
Forãome fogir com ella.
Não ha vellos, nem ha vella
De mi tão longe,
Falsos amores
Falsos maos enganadores.

Entregueilhe a liberdade,
E em fim da vida o melhor
Foraõse, & do desamor
Fizerão necessidade,
Quem teue a sua vontade
De mim tão longe.
Falsos amores
Erão crueis matadores.

Não se pòs terra nem mar
Entre vos que forão em vão,
Pozse vossa condição,
Que tão doce he de passar
Soo ella vos quis leuar
De mim tão longe
Falsos amores,
E o xala enganadores.

Outra cantiga velha.

Falso caualeiro ingrato
Enganaisme:
Vos dizeis que eu vos mato,
E vos mataisme.

Voltas proprias.

Costumadas artes saõ
Para enganar innocencias
Piadosas apparencias
Sobre yzento coraçaõ:
Eu vos amo, & vos ingrato
Magoaisme,
Dizendo que eu vos matto
E vos mattaisme.

Vede agora qual de nos
Anda mais perto do fim:

Que

Qu'a justiça faz se em nim
E o pregão diz que sois vós?
Quando mais verdade tratto
Leuantaisme,
Que vos defamo e vos matto,
E vos mataisme.

Proprio.

Se de meu mal me contento,
He, porque para vos vêjo
Em todo o mundo desejo,
E em ninguẽ merecimento.

Voltas proprias.

Para quem vos soube olhar
Tão impossiuel foy ser,
O poderuos merecer,
Como o não vos desejar.
Pois logo a meu pensamento
Nenhum remedio lhe vêjo,
Senão se der o desejo
Azas ao merecimento.

Outro alheo.

Vos senbora tudo tendes
Senão q̃ tẽdes os olhos verdes.

Voltas proprias.

Dotou em vos natureza
O summo da perfeiçaõ,
Qu'o que em vos he senaõ,
He em outras gentileza:
O verde naõ se despreza,
Qu'agora que vos o tendes,
Saõ bellos os olhos verdes.

Ouro & azul he a milhor
Cor porque a gente se perde,
Mas a graça desse verde
Tira a graça de toda cor,
Fica agora sendo a flor
A cor que nos olhos tendes,
Porque saõ vossos, & verdes.

Outro Mote alheo.

Para que me dan tormento
Aprouechando tan poco,
Perdido mas no tan loco
Que discubra lo que siento.

Voltas proprias.

Tiempo perdido es aquel

Que se passa en darme affan,
Pues quanto mas me lo dan,
Tanto menos siento del.
Que descubra lo que siento?
No lo hare, que no es tan poco
Que no puede ser tan loco
Quien tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda amor,
Que de tan dulce querella,
A nadie de parte della,
Porque la fuerça mayor.
Es tan dulce mi tormiento
Que aun se mantoja poco
Y se es mucho que lo loco
De gusto de lo que siento.

Outro moté alheo.

De vuestros ojos centellas,
Qu'encienden pechos de vello,
Suben por el ayre al cielo
Y en llegando son estrellas.

Voltas proprias.

Falsos loores os dan
Qu'essas centellas tan raras,
No son nel cielo mas claras,
Qu'en los ojos donde estan.
Porque quando miro en ellas
De como alumbran al cielo.
No se que seran nel cielo
Mas, se aca son estrellas.

Ni se puede presumir,
Que al cielo subas señora
Que la libre qu'en vos mora,
No tiene mas que subir,
Mas pienso que dan querellas
A Dios nel octauo cielo,
Porque son aca en el suelo,
Dos tan hermosas estrellas.

Outro alheo.

De dentro tengo mi mal
Que de fora no ay señal.

Voltas proprias.

Mi nueua, y dulce querella,
Es inuisible a la gente,
Et alma sola la siente,

que

Qu'el cuerpo no es dino della
Como la viua sentella
S'encubre en el pedernal
De dentro tengo mi mal.

Outro mote alheo.

Amor loco, amor loco,
Yo por vos, y vos por otro.

Voltas proprias.

Diome amor tormentos dos,
Para que pene doblado,
Vno es verme desamado,
Otro es manssilla de vos,
Ved q̃ ordena Amor en nos?
Porque me vos hazeis loco,
Que seais loca por otro.

Trattais amor de manera
Que porque assi me trattais,
Quiere q̃ pues no me amais,
Qu'ameis otro, q̃ no os quiera
Mas con todo fino os viera
De todo loca por otra
Com mas razon fuera loco,
Y tan contrario viuiendo
Al fin al fin conformamos,
Pues ambos a dos buscamos
Lo que mas nos va huyendo.
Voy tras vos siempre siguiẽdo,
Y vos huyendo por otro
Andais loca, y me hazeis loco.

Mote alheo.

Todo es poco lo possible.

Glosa propria.

Ved qu'engaños señorea
Nuestro juyzio tan loco,
Que por mucho que se crea,
Todo el bien que se desea.
Alcançado queda poco,
Vn bien de qualquiera grado
Se de a verse es impossible,
Queda mucho desseado,
Mas para mucho alcansado,
Todo es poco lo possible.

Outra.

Possible es a mi cuidado

Poderme hazer satisfecho,
Si fuera posible al hado
Hazer no hecho lo hecho
I futuro lo passado.
Si oluido pudiera auer,
Fuera remedio sufrible:
Mas ya que no puede ser
Pora contento me hazer,
Todo es poco lo posible.

Mote alheo.

Vede bem se nos meus dias
Os desgostos vi sobejos,
Pois tenho medo a desejos,
E quero mal à alegrias.

Voltas proprias.

Se desejos fuy ja ter,
Seruiram de atormentarme,
Se algũ bem pode alegrarme
Quisme antes entristecer,
Passey annos passey dias,
Em desgostos tam sobejos,
Que soo por não ter desejos,
Perderey mil allegrias

Mote seu.

Pois he mais vosso que meu
Senhora, meu coração,
Eu vosso captiuo sam,
Meus olhos, lembrenos eu.

Volta.

Lembrenos minha tristeza,
Que ja mais nũca me deixa,
Lembrenos cõ quãta queixa
Se queixa minha firmeza.
Lembrenos que nam he meu
Este triste coraçaõ,
E pois ha tanta rezão
Meus olhos, lembrenos eu.

Outro mote seu.

Senhora, pois minha vida
Tendes em vosso poder,
Por serdes della senhora,
Não queirnes que destruida
Possa ser.

Volta.

Isto nam por me pesar
De morrer se vos quiseres,
Que milhor me he acabar
Mil vezes que soportar
Os males que me fizerdes,
Mas soo por serdes sirtida,
De mi em quanto viuer,
Vos peço que minha vida
Não queirais que distruyda
Possa ser.

Outro seu a hũa dama.

Pois me faz dano olharuos
Não quero por não qeruos,
Que ninguẽ me veja veruos.

Volta.

De veruos a não vos ver
Ha dous estremos mortais,
E fam elles em si tais,
Que hũ por hũ me faz morrer
Mas antes quero escolher,
Que possa viuer sem veruos
Minhalma por nã perdernos

Deste tamanho perigo,
Que remedio posso ter?
Se viuo soo com vos ver
Se vos nam vejo perigo,
Quero acabar comigo
Que ninguẽ me veja vernos,
Senhora, por nam perdernos.

Mote a tres damas que lhe diziam que o amauão.

Nã sey se m'engana Helena,
Se Maria, se Ioana,
Não sei quál dellas mẽgana?

Volta.

Hũa diz, que me quer bem,
Outra jura que mo quer,
Mas em jura de molher
Quem crerá, se ellas não crem.
Não posso nã crer a Helena:
A Maria, nem Ioana,

Mas

Mas nã sei qual mais mẽgana
Hũa faz me juramentos,
Que só meu amor estima,
A outra diz que se fina,
Ioana que bebe os ventos,
Se cudo que mente Helena,
Tambem mintira Ioana,
Mas quẽ mẽte não m'engana.

Outro seu a hũa dama mal empregada.

Menina não sey dizer,
Vendouos taõ acabada,
Quão triste stou por vos ver,
Fermosa, & mal empregada.

Voltas.

Quem taõ mal vos empregou,
Pouco de mi se doya,
Pois naõ vio quanto me hia
Em tirarme o que tirou,
Obrigaõ o primor que tem
Lindeza taõ estremada,
Que digaõ quantos a vem
Fermosa, & mal empregada.

Tomastes da fermosura
Quanto della desejastes,
E com ella me guardastes
Para taõ triste ventura,
Mattaueis sendo solteira,
Mattais agora em casada,
Mattais de toda a maneira,
Fermosa, & mal empregada.

Outro a hũa foã Gonçalues.

Mote.

Com vossos olhos Gonçalues
Senhora captiuo tendes
Este meu coração mendez.

Volta.

Eu sou boa testemunha,
Qu'amor tem por cousa mà,
Qu'olhos que saõ homẽs ja,
Se nomeem sem alcunha.

Pois

Pois o coraçaõ apanha,
E diz olhos pois vos tendes
Chamaime coraçaõ mendes.

Outro seu.

De que me serue fugir
De morte, dor, & perigo
Se me eu leuo comigo?

Voltas.

Tenhome persuadido
Por razão conueniente,
Que naõ posso ser contente
Pois que pude ser nacido,
Anda sempre tão vnido
O meu tormento comigo
q̃ eu meſmo sou meu perigo.

E se de mi me liuraſſe,
Nenhum gosto me seria:
Que naõ sendo eu naõ teria
Mal que eſſe bem me tiraſſe;
Força he logo que aſsi paſſe,
Ou com deſgosto comigo,
Ou sem gosto, & sem perigo.

A hũa dama que lhe juraua sempre pellos seus olhos.

Quando me quer enganar
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar
O que quer certificar,
Pellos seus olhos me jura.

Como meu contentamento
Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento
Que se faz agrauo a elles,
Não crer tão graõ juramẽto.

Porem como em caſos tais
Ando ja viſto, & corrente
Sem outros certos ſinais
Quanto m'ella jura mais,
Tanto mais cudo que mente.

Então vendolhe offender
Hũs tais olhos como aq̃lles,
Deixome antes tudo crer

Sô

Sò pella não constranger,
A jurar falso por elles.

Mote.

Vos teneis mi coraçon.

Glosa propria.

Mi coraçon me arrobado
Y Amor viendo mis enojos,
Me dixo, fuete llenado
Por los mas hermosos ojos,
Que des que vino he mirado.
Gracias sobre naturales,
Te lo tienen en prision,
Y si amor tiene razon
Señora, por las señales
Vos teneis mi coraçon.

Mote alheo.

Ha hũ bẽ que chega, & foge
E chamase este bem tal
Ter bem para sentir mal.

Volta propria.

Quem vineo sempre num ser
Inda que seja em pobreza
Não vio o bem da riqueza,
Nem o mal de empobrecer
Não ganhou pera perder,
Mas ganhou com vida igual
Não ter bẽ nem sentir mal.

Ontras a hũa dama que lhe virou o rosto.

Olhos não vos mereci
Que tenhais tal condiçaõ
Taõ liberais pera o chaõ
Taõ iroſos pera mi.

Voltas proprias.

Baixos & honestos andais
Por vos negardes a quem
Não quer mais, q̃ aquelle bẽ
Que vos no chaõ espalhais.
Se pouco vos mereci
Nã m'estimais mais q̃o chão
A quem vos o galardaõ
Dais, & mo negais a mi.

Mote

Mote do Autor.

Venceome Amor, naõ onego
Tem mais força qu'eu aſsaz
Que como he cego, & rapaz,
Dame porrada de cego.

Volta.

Sô por qu'he rapaz roim,
Deilhe hũ bofete zombando:
Dizme; ò mao eſtaisme dãdo
Porque ſois mayor que mim?
Pois ſe vos eu descarrego;
Hem dizendo iſtò, chaz.
Tornam'outra: tâ rapaz
Que dâs porrada de cego.

Eſparſa ſua ao deſconcerto do mundo.

Os bons vi ſempre paſſar
No mundo graues tormẽtos:
E para mais m'eſpantar,
Os maos vi ſempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar aſsim
O bem taõ mal ordenado,
Fuy mao, mas fuy caſtigado:
Aſsi que sò para mim
Anda o mundo concertado.

A hũa dama perguntandolhe quem o matauã.

Mote.

Perguntaiſme quẽ me mata?
Não quero reſponder nada,
Por vos não fazer culpada.

Voltas.

E ſe a pena não m'atiça
A dizer pena tão forte,
Querome entregar â morte,
Antes que vos â juſtiça.
Porem ſe tendes cubiça
De vos verdes tão culpada,
Direi quẽ não ſinto nada.

Mote.

Eſconjuroteé Domingas
Pois me dâs tanto cuidado,

Qu

Que me digas se te vingas
Viuirei menos penado.

Voltas.

Iuranaſme que outras cabras
Folgauas d'apaſcentar,
Eu por não me magoar,
Fingia qu'erão palauras.
Agora d'arte tè vingas
D'algũ meu doudo peccado,
Qu'inda queiras Domingas,
Não poſſo ſer enganado.

Qualquer coiſa buſca o ſeu
A fonte vay para o Tejo,
E tu para o teu deſejo,
Por te vingares do meu,
De mi te eſqueces Domingas
Com'eu faço do meu gado:
Praza a Deos q̃ ſe te vingas,
Que moura deſeſperado.

Na fantaſia te pinto,
Falote, reſponde o monte,
Buſco o rio, buſco a fonte,
Endoudeço, & não o ſinto
Domingas no valle brado,
Reſponde o ecco Domingas.
E tu inda te não vingas
De me ver doudo tornado.

Alheo.

Se alma ver ſe naõ pôde
Onde penſamentos ferem,
Que farei para me crerem?

Voltas ſuas.

N'alma huã ſò ferida
Faz na vida mil ſinais,
Tanto ſe deſcobre mais,
Quanto he mais eſcondida.
S'eſta dor taõ conhecida
Me naõ vem, porq̃ naõ querẽ,
Que farey para ma crerem?

Se ſe pudeſſe bem ver
Quanto callo, & quãta sẽto,
Deſpois de tanto tormento
Cuidaria alegre ſer.
Mas ſe não me querem crer

Olhos

Olhos que tão mal me ferem,
Que farei para me crerem?

Alheo.

Vosso bem querer senhora,
Vosso mal melhor me fora.

Voltas suas.

Ia agora certo conheço
Ser melhor todo tormento,
Onde o arrependimento
Se compra por justo preço.
Enganoume hum bõ começo
Mas o fim me diz agora:
Qu'o mal melhor me fora.

Quando hũ bẽ he tão danoso
Que sendo bem, dá cuidado,
O danno fica obrigado
A ser menos perigoso.
Mas se a mim por desditoso,
Co bem me foi mal, senhora,
Co vosso mal bem me fora.

Alhea.

Se me desta terra for,
Eu vos leuarei amor.

Voltas suas.

Se me for, & vos deixar
(Ponho por caso que possa)
Est'alma minha qu'he vossa
Conuosco m'ha de ficar.
Assi que sô por leuar
A minh'alma, se me for
Vos leuarei meu amor.

Que mal pode maltratarme
Que conuosco seja mal?
Ou que bem pode ser tal
Que sẽ vos possa alegrarme?
O mal não pode enojarme,
O bem me será mayor
Se vos leuar meu amor.

Alhea.

Pequenos contentamentos
Hi buscar quem contenteis
Qu'a mim não me conheceis.

Voltas do Autor.

Os gostos que tantas dores

Fize-

Fizeraõ ja valer menos,
Naõ os aceita pequenos
Quem nunca teue mayores.
Bem parecem vaõs fauores
Pois taõ tarde me quereis,
Qu'inda me naõ conheceis.

Offereceisme alegria
Tendome ja cego, & mouco,
He baixeza aceitar pouco
Quem tanto vos merecia.
Ideuos por outra via
Pois o bem que me deueis
Nunqua mo satisfareis.

Alhea.

Perdigaõ perdeo a pena
Naõ ha mal q̃lhe naõ venha.

Voltas suas.

Perdigaõ que o pensamento
Sobio em alto lugar,
Perde a pena do voar,
Ganha a pena do tormento.
Naõ tem no âr nẽ no vento
Asas com que se sostenha
Naõ ha mal q̃lhe naõ venha.

Quis voar a hũa alta torre
Mas achouse desasado,
E vendose depenado,
De puro penado morre
S'a queixumes se socorre,
Lança no fogo mais lenha
Naõ ha mal q̃lhe naõ venha.

A hũas senhoras q̃ auiaõ de ser tereeiras para com hũa dama sua.

Pois a tantas perdiçoes
Senhoras quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida
Que tem taes cerurgiões:
Pois ventura
Me sobio a tanta altura
Que me sejais valedoras,
Ditosa seja a tristura
Que se cura
Por vossos rogos senhoras.

Ser

Ser minha pena mortal:
Ia qu'entendeis qu'he assim,
Não quero fallar por mi,
Que por mim falla meu mal.
Sois fermosas,
Aueis de ser piadosas
Por ser tudo d'hũa cor;
Que pois amor vos fez rosas
Milagrosas,
Fazei milagres d'amor.

Pedi a quem vos sabeis,
Que saiba de meu trabalho,
Não pello qu'eu nisso valho,
Mas pello que vos valeis:
Qu'o valer
De vosso alto merecer
Com lho pedir de giolhos,
Fará qu'em meu padecer
Possa ver
O poder que tem seus olhos.

Vossa muita fermosura
Co a sua tanto val,
Que me rio de meu mal
Quãdo cuido ẽ quẽ mo cura.
A meus ays
Peçouos que lhe valhais
Damas d'amor tão validas,
Que nunqua tal dor sintais
Que queirais
Onde naõ sejais queridas.

Endechas, a hũa cattiua com qué andaua d'amores na India, chamada Barbora.

Aquella cattiua,
Que me tem cattiuo,
Porque nella viuo,
Ia não quer que viua,
Eu nunqua vi rosa
Em suaues molhos,
Que para meus olhos
Fosse mais fermosa.

Nem no ceo estrellas,
Nem no campo flores,
Me parecem bellas,

Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos sossegados,
Pretos & cansados
Mas não de mattar.

Hũa graça viua,
Que nelles lhe môra,
Para ser senhora
De quem he cattiua,
Pretos os cabellos,
Onde o pouo vaõ
Perde opiniaõ
Qu'os louros saõ bellos.

Pretidão d'amor,
Tão doce a figura,
Qu'a neue lhe jura
Que trocára a cor.
Leda mansidão
Qu'o siso acompanha,
Bem parece estranha
Mas Barbora não.

Presença serena
Qu'a tromenta amansa
Nella em fim descansa
Toda a minha pena.
Esta he cattiua
Que me tem cattiuo:
E pois nella viuo
He força que viua.

Outra.

Quem ora soubesse
Onde o amor nasce,
Qu'o se me asse.

D'amor, & seus danos
Me fiz laurador,
Semeaua amor,
E colhia enganos:
Não vi em meus annos
Homem que apanhasse
O que semeasse.

Vi terra florida
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos,
Duros para a vida,
Mas a rez perdida

Que

Que tal herua pasce
Em forte hora nasce.

Com quanto perdi
Trabalhaua em vaõ,
Se semeey graõ,
Grande dor colhi:
Amor nunca vi
Que muito durasse
Que não magoasse.

Alheo.

Se me leuaõ agoas,
Nos olhos as leuo.

Proprias.

Se de saudade
Morrerey, ou naõ,
Meus olhos diraõ
De mim a verdade.
Por elles m'atreuo
Alcançar as agoas,
Que mostrem as magoas
Que nesta alma leuo.

As agoas qu'em vaõ
Me fazem chorar,
Se ellas saõ do mar
Estas d'amar saõ.
Por ellas releuo
Todas minhas magoas,
Que se forçá d'agoas
Me leua, eu as leuo.

Todas m'entristecem,
Todas saõ salgadas;
Porem as choradas
Doces me parecem.
Correy, doces agoas,
Que se em vos m'enleuo,
Naõ doem as magoas
Que no peito leuo?

Outro alheo.

Menina dos olhos verdes
Porque me naõ vedes?

Proprias.

Elles verdes saõ,
E tem por vsança

Na cor esperança,
E nas obras não:
Vossa condiçaõ
Naõ he d'olhos verdes,
Porque me não vedes?

Isenções a molhos,
Que elles dizem terdes
Naõ saõ d'olhos verdes
Nem de verdes olhos:
Sirvo de giolhos,
E vos naõ me credes,
Porque me não vedes?

Auiaõ de ser
Porque possa vellos,
Qu'hũs olhos taõ bellos
Naõ se haõ d'esconder:
Mas fazeis me crer
Que ja naõ saõ verdes,
Porque me naõ vedes?

Verdes naõ o saõ
No que alcanço delles,
Verdes saõ aquelles,
Que esperança daõ:
Se na condiçaõ
Estâ serem verdes,
Porque me naõ vedes?

Outro alheo.

Trocai o cudado
Senhora comigo,
Vereis o perigo
Qu'he ser desamado.

Voltas proprias.

Se trocar desejo
O amor entre nòs,
He para que em vos
Vejais o que vejo.
E sendo trocado,
Este amor comigo,
Servosha castigo,
Terdes meu cudado.

Tendes o sentido
D'amor liure, & isento,
E cudais que he vento
Ser taõ mal querido.

Naõ

Não seja o cudado
Tão vosso inimigo
Que quero o perigo
De ser desamado.

Mas nunca foi tal
Este meu querer,
Que quem tanto quer
Queira a tanto mal,
Seja eu maltrattado,
E nunca o castigo
Vos mostre o perigo,
Que he ser desamado.

Outra à tençam de Miraguarda.

Ver, & mais guardar
De ver outro dia
Quem o acabaria?

A lindeza vossa,
Dama quem a vé,
Impossiuel he
Que guardar se possa.
Se faz tanta mossa,
Veruos hum sò dia
Quem se guardaria?

Milhor deue ser
Neste aueiturar,
Ver, & não guardar,
Que guardar de ver,
Ver, & defender
Muito bom seria,
Mas quem poderia?

Mote.

Irme quiero madre
Aquella galera,
Con el marinero
A ser marinera.

Voltas proprias.

Madre si me fuere
Dó quiera que vò
No lo quiero yo,
Quel amor lo qüere,
Aquel niño fiero
Haze, que me muera,
Por vn marinero,

A ser marinera.

El que todo puede,
Madre, no podrá,
Pues el alma vâ
Que el cuerpo se quede,
Con el por quien muero,
Vay porque no muera;
Que si es marinero,
Sere marinera.

Es tyranna ley,
Del niño señor,
Que por vn amor
Se deseche vn Rey:
Pues desta manera
Quiere, yo me quiere,
Por vn marinero
A ser marinera.

Diſid, ondas, quando
Viſtes vos donzella,
Siendo tierna y bella,
Andar nauegando?
Mas no se eſpera
Daquel niño fiero,
Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

Outra cantiga velha.

Saudade minha
Quando vos veria?

Volta propria.

Eſte tempo vão,
Eſta vida eſcaſſa
Para todos paſſa
Soo para mim naõ,
Os dias ſe vão,
Sem ver eſte dia
Quando vos veria?

Vede eſta mudança,
Se eſtâ bem perdida,
Em tam curta vida
Tam longa eſperança,
Se eſte bem ſe alcança,
Tudo ſoffreria,
Quando vos veria.

Sau-

Saudosa dor,
Eu bem vos entendo:
Mas nam me deffendo,
Porque offendo amor.
Se fosseis mayor.
Em mayor valia:
Vos estimaria.

Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direy eu
Tamanha verdade?
Na minha vontade
De noite, & de dia
Sempre vos teria.

Outra alhea.

Vida da minh'alma
Nam vos posso ver,
Isto nam he vida
Para se soffrer.

Voltas proprias.

Quando vos eu via
Esse bem lograua
A vida estimaua
Mais então viuia,
Porque vos seruia,
Soo para vos ver,
La que vos nam vejo,
Para que he viuer?

Viuo sem rezão
Porque em minha dor
Nam a pos amor,
Que enimigos sam
Muy grande treyçam,
Me obriga a fazer
Que viua senhora
Sem vos poder ver.

Nam me atreuo ja
Minha tam querida,
A chamaruos vida
Porque a tenho ma,
Ninguem cuidará
Que isto pode ser
Sendome vos vida,
Nam poder viuer.

Coyfa de Beirame nambrou Ioane.

Voltas proprias.

Por couſa tão pouca
Andas namorado?
Amas atoucado,
E não quem o touca?
Ando cega & louca
Por ty meu Ioane,
Tu pello beirame.

Amas o veſtido
Es falſo amador
Tu não ves qu'amor
Se pinta diſpido?
Cego & perdido
Andas por Beirame
E eu por ti Ioane.

Se alguem te vir,
Que dira de ti?
Que deixas a mim
Por couſa tão vil?
Terà bem que'rir
Pois amas beirame
E a mim não Ioane.

Quem amà aſsi
A de ſer àmada,
Ando maltratada
D'amores por ti
Amame a mim
E deixa ò beirame
Que he rezão Ioane.

A todos encanta
Tua paruoice,
De tua doudice
Gonçalo ſe eſpanta,
E zombando canta
Coyfa de beirame
Namorou Ioane.

Eu não ſey que viſte
Neſte meu toucado,
Que tão namorado
Delle te ſentiſte
Não te veja triſte:

Ama-

Amame Ioane
E deixa o beirame.

Ioane gimia,
Maria chorava.
Assi lamentava
O mal que sentia.
Os olhos fria;
E não o beirame
Que mattou Ioane.

Não sey de que vem
Andares vistido
Que o mesmo Cupido
Vistido não tem
Sabes de que vem
Amares beirame,
Vem de ser Ioane.

Motes seus.

Se Helena apartar
Do campo seus olhos,
Nascerão abrolhos.

Voltas.

A verdura amena
Gados, que pasceis,
Sabei que a deueis
Aos olhos d'Helena:
Os ventos serena,
Faz flores d'abrolhos
O âr de seus olhos.

Faz serras floridas;
Faz claras as fontes:
S'isto faz nos montes,
Que fará nas vidas?
Tralas suspendidas
Como eruas em molhos
Na luz de seus olhos.

Os corações prende
Com graça inhumana,
De cada pestana
Hum'alma lhe pende.
Amor se lhe rende,
E posto em giolhos
Pasma nos seus olhos.

Alheo.

Verdes são os campos.

De

De cor de limão,
Assi saõ os olhos
Do meu coração.

Com rosas, & flores
Moças que as regaõ
Matãome d'amores.

Voltas suas.

Campo que te estendes
Com verdura bella,
Ouelhas que nella
Vosso pasto tendes;
D'hervas vos mantendes
Que traz o verão,
E eu das lembranças
Do meu coração.

Entre estes penedos
Que daqui parecem,
Verdes hervas crecem,
Altos arvoredos.
Vay destes rochedos
Agoa com que as flores
D'outras saõ regadas
Que matão d'amores.

Gado que pasceis
Co contentamento,
Vosso mantimento
Não o entendeis:
Isso que comeis
Não saõ hervas, não,
Saõ graças dos olhos
Do meu coraçaõ.

Co a agoa que cay
Daquella espessura,
Outra se mestura
Que dos olhos say;
Toda junta vay
Regar brancas flores
Onde ha outros olhos
Que matãõ d'amores.

Alheo.

Verdes saõ as hortas
Celestes jardins,
As flores estrellas,

Hor-

Horteloas dellas
Saõ hũs Seraphins:
Roſas,& jazmins
De diuerſas cores,
Anjos que as regaõ
Matãome d'amores.

Alhea.

Menina fermoſa
Dizei de que vem
Serdes riguroſa
A quem vos quer bem?

Voltas porprias.

Naõ ſei quem aſſella;
Voſſa fermoſura
Que quem hẽ taõ dura
Naõ póde ſer bella.
Vos ſereis fermoſa,
Mas a rezaõ tem,
Que quem he yroſa
Naõ parece bem.

A moſtra hẽ de bella,
As obras ſaõ cruãs:
Pois qual deſtas duas,
Ficarà na ſella?
Se ficar iroſa,
Naõ vos eſtà bem
Fique antes fermoſa
Que mais força tem.

O amor fermoſo
Se pinta, & ſe chama
Se he amor, ama,
Se ama, he piadoſo:
Diz agora a groſa
Que eſtè texto tem,
Que quem he fermoſa,
Ha de querer bem.

Auei dô menina
Deſſa fermoſura
Que ſ'a terra he dura,
Secaſſe a bonina.
Sede piadoſa
Naõ veja ninguem
Que por riguroſa
Percaes tanto bem.

Alhea.

Tendeme mão nelle

qu'hum

Qu'hum real me deue. *Qu'hum real me deue.*

Voltas proprias.

C'hum real d'amor,
Dous de confiança,
E tres de esperança
Me foge o trêdor,
Falso desamor,
S'encerra naquelle
Qu'hum real me deue.

Pediome empreſtado
Não lhe quis penhor,
He mao pagador
Tendemo offerrado.
C'hum cordel attado
Ao tronco ſe leue
Qu'hum real me deue.

Por eſta traueſſa
Se vay acolhendo,
Eylo vay correndo
Fugindo a graõ preſſa.
Neſta mão, & neſſa
O falſo s'atreue

Compromme amor
Sem lhe fazer preço,
Eu não lhe mereço
Darme diſfauor.
Da me tanta dor,
Qu'ando apos elle
Pello que me deue.

Eu de cá bradando,
Elle vay fugindo,
Elle ſempre rindo,
Eu ſempre chorando,
De quando em quando
No amor s'atreue
Como que não deue.

A falar verdade,
Elle ja pagou,
Mas inda ficou
Deuendo a metade
Minha liberdade
He a que me deue
Sò nella ſe atreue.

Car-

CARTA I MANDADA DA INDIA A HVM AMIGO.

DEsejei tanto hũa vossa, que cudo que pella muito desejar, a não vi. Porque este he o mais certo costume da fortuna, consentir que se deseje o que mais presto ha de negar. Mas porque outras Naos me não façaõ tamanha offensa, como he fazerem me sospeitar que vos não lembro; determinei de vos obrigar agora com esta: na qual pouco mais, ou menos vereis o q̃ quero que me escreuais dessa terra. Em pago do qual, d'ante mão vos pago com nouas desta, que não serão mâs no fundo de hũa arca para auiso de algũs auenturciros, que cudão que todo o mato he ouregãos, & não sabem que cá, & lá màs fadas ha.

Despois que dessa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas speranças dera de comer ate então, com pregaõ publico por falsificadoras de moeda. E desenganei esses pensamentos que por casa trazia, porque em mim não ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado que me não via senão por entre lusco, & fusco, as derradeiras palauras que na Nao disse, forão as de Scipião Africano: Ingrata patria non possidebis ossa mea. Porque quando cu-

do

do que sem peccado, que me obrigasse a tres dias de Purgatorio, passei tres mil de mâs lingoas, peores tenções, danadas vontades, nascidas de pura enueja, de verem su amada yedra de si arrancada, & em outro muro asida, da qual tambem amizades mais brandas que cera se ascendião em odios que demanda sperauão, & o lume que me deitaua mais pingos na fama que os couros de hum leitão. Então ajuntouse a isto acharemme sempre na pelle a virtude de Achiles, que não podia ser cortado senão pellas solas dos pés, as quaes de mas não verem nunqua, me fez ver as de muitos, & não engeitar conuersações da mesma impressão, a quem fracos punhão mao nome, vingando com a lingoa o que não podião com o braço. Em fim, senhor, eu não sei com que me pague saber tambem fugir a quantos laços nessa terra me armauão os acontecimentos, senão com me vir para esta, onde viuo mais venerado, q̃ os touros da Merciana, & mais quieto que a cela de hum frade Pregador. Da terra vos sei dizer que he mãy de vilões roins, & madrasta de homês honrados. Porque os que se câlanção a buscar dinheiro, sempre se sostentão sobre a agoa com bexigas. Mas os que sua opinião deita, a las armas Mouriscote, como marè corpos mortos â praya. Porque sabei que antes que amadureção se secão. Ia estes que tomauão esta opinião de valẽtes âs costas crè de que nunqua riberas del Duero arriba caualgarão

Çamoranos, quẽ roncas de tal soberbia entre si fuessen hablando, & quando vem ao effeito da obra saluãose com dizerem, que se nã o podem fazer tamanhas duas cousas como he prometer, & dar. Informado disto, veo a esta terra Ioaõ Toscano, que como se achaua em algũ magusto de rofiões verdadeiramente, que alli era su comer las carnes crudas, su beber la bina sangre. Calisto de Siqueira se veo cá mais humanamente, porque assi o prometteo em hũa tormẽta grande em que se vio. Mas hum Manoel Serrão, que sicut & nos manqueja de hũ olho, se tẽ cà prouado arrezoadamente. Porq̃ fui tomado por juiz de certas palauras de q̃ elle fez desdizer a hũ soldado, o qual polla postura de sua pessoa, era cá tido em boa conta. Se das damas da terra q̃reis nouas; as quais saõ obrigatorias a hũa carta, como marinheiros â festa de saõ F. Pero Gonçalues: sabei q̃ as Portuguesas todas caẽ de maduras, q̃ nã o ha cabo q̃ lhe tenha os põtos se lhe quiserem lançar pedaço. Pois as que a terra dà, alem de serem derrala, fazeime m. que lhe saleis algũs amores de Petrarca, ou de Boscão, respondem vos. hũa lingoagem meada de eruilhaca, que traua na garganta do entendimento, aqual vos lãça agoa na seruura da mòr quentura do mũdo. Hora julgai señor o que sentirà hum estamago costumado a resistir as falsidades de hũ rostinho de tauxia de hũa dama Lisbonense, que chia como pucarinho nouo com a agoa, vendose

agora entre esta carne de selé, que nenhum amor dà de si, como não chorarà las memorias de in illo tempore? Por amor de mim, que ás molheres dessa terra digais de minha parte, que se querem absolutamente ter alçada com baraço, & pregaõ, que não receem seis meses de mà vida por esse mar; que eu as espero, com procissaõ, & paleo reuestido em pontifical, adonde estoutras senhoras lhe irão entregar as chaues da cidade, & reconheceràm toda a obediencia a que por sua muita ida de saõ ja obrigadas. Por agora não mais senão que este Soneto que aquì vay, que fiz à morte de dõm Antonio de Noronha, vos mando em final de quanto dellà me pesou. Hũa Egloga fiz sobre à mesma materia, a qual tambem tratta algũa cousa da morte do Principe, que me parece melhor que quantas fiz. Tambem vola mandara para a mostrardes lá a Miguel Diaz, que pella muita amizade de Dom Antonio folgaria de a ver, mas a occupação de escréuer muitas cartas para o Reyno me não deu lugar. Tambem là escreuo a Luis de Lemos, em reposta doutra que vi sua, se lhà não derão, saiba que he culpa da viagem na qual tudo se perde. Vale.

Em flor vos arrancou de então crecidà
Ah senhor Dom Antonio, a dura sorte!
Donde fazendo andaua o braço forte

A fa-

A fama dos antigos esquecida.
Hũa sò razão tenho conhecida
Com que tamanha magoa se conforte;
Que pois no mundo auia hõrada morte,
Que não podieis ter mais larga vida.
Se meus humildes versos podem tanto
Que co engenho meu se iguãle a arte,
Especial materia me sercis.
E celebrado em triste,& doce canto;
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes viuireis.

CARTA II. A OVTRO AMIGO.

ESta vay com a candea na mão morrer nas de v.m. & se dahi passar seja em cinza, porque não quero que do meu pouco, comão muitos. E se toda via quiser meter mais mãos na escudela, mandelhe lauar o nome, & valha sem cunhos.

La mar en medio, y tierras he dexado,
Y quanto bien cuitado yo tenia:
Mas quan vano imaginar, quã claro engaño
Es darme yo a entender que con partirme,
De mim se a de partir hum mal tamanho.
Quão mal està no caso quem cuda que a mudança do

lugar, muda a dor do sentimento. E senão digão quien dixo que l'ausencia causa oluido. Porque em fim la tierra queda, & o màis a alma acompanha. Ao aluo destes cudados jogaõ meus pensamentos a barreira, tendome ja pello costume tão contente de triste, que triste me faria ser contente; porq̃ o longo vso dos annos se conuerte em natureza. Pois o que he para mòr mal, tenho eu para mòr bem. Ainda que para viuer no mũdo, me debruo doutro pano, por não parecer curuja entre pardais, fazẽdome hum para ser outro, sendo outro para ser hum: mas a dor dissimulada dara seu fruito, que a tristeza no coraçaõ, he como a traça no pano: & por tão triste me tenho, que se sentisse alegria, de triste não viuiria. Porque a tal sorte vim, que não vejo bem algũ em quanto vejo, que não naceo para mim, & por não sentir nenhum, nenhum desejo. Porque cousas impossiueis he melhor esquecelas que desejalas: E por isso.

Sò tristeza ver queria
Pois minha ventura quer
Que sò ella
Conheça por alegria;
E que se outra quiser,
Morra por ella.

Pouco sabe da tristeza quem (sem remedio para ella) dizeao triste que se alegre. Pois não vè que alheos con-

tenta-

tentamentos a hum coração descontente, não lhe remedeando o que sente, lhe dobrão o que padece. Vós, se vem â mão esperareis de mim palaurinhas jueiradas, enforcadas de bõs propositos. Pois desenganainos que desque professei tristeza, nunca mais soube jugar a outro sito. E porq̃ não digais q̃ não sou gẽte fora do meu bairro, vedes vai hũa volta feita â este mote, q̃ escolhi na manada dos ẽgeitados. E cudo q̃ não he tão dẽdo queimado, q̃ não seja dos q̃ el Rey mãdou chamar: o qual falla assi.

Não quero, não quero
Iubão amarelo,

Se de negro for
Tambem me parece,
Quanto m'aborrece
Toda a alegre cor:
Cor que mostra dor
Quero, & não quero
Iubão amarelo.

Pareceuos q̃ se póde dizer mais? não me respondais quem gabara a noiua, porque assentai que foy comẽdo, & fazendo, ou asoprando, que não he tão pequena abilidade. E porque vós não pareça que foy mais acertar, que querelo fazer: vedes vay outra do mesmo jaez com tanto que se não vâ a pasmar.

Perdigão perdeo a pena,
Não ha mal que lhe não venha.

Em hum mal ontro começa
Que nunqua vem sò nenhum;
E o triste que tem hum,
A sofrer outro s'offereça:
E sò pello ver conheça,
Que basta hum sò que tenha,
Para que outro lhe venha.

Que graça serà esperardes de mim propositos em cousas q̃ os não tem pera comigo, pois ainda q̃ queira, naõ posso o que quero; que hum sentido remontado de não pòr pé em ramo verde, tudo lhe sucede assi: & cada hũ acòde ao que lhe mais doy. E mais eu que o que mais me entristece he contentamento ter, pois fujo delle, que minb'alma o aborrece, que lhe lembra que he virtude de viuer sem elle. Porque ja sabeis que magoa he veloâs, & não o paparàs. Por fugir destes inconuenientes.

Toda a cousa descontente
Contentarme sò conuinha
De meu gosto,
Que o mal de que sou docnte,
Sua mais certa mezinha
He desgosto.

Ia ouuirieis dizer, Mouro o que não podes auer, dão pel la tua alma: O mal sem remedio, o mais certo que tem, he fazer da necessidade virtude: quanto mais se tudo tão pouco dura, como o passado prazer. Porq̃ em fim, Allegados son iguales, los que biuẽ por sus manos, &c. A este proposito, pouco mais, ou menos, se fizerão hũas voltas a hum mote denchemão, q̃ diz por sua arte zombando, mais que não de sizo (que toda a galantaria he tirala donde senão espera) o qual crede, que tem mais que roer do que ham praguento: Por tanto recuerde el alma adormida, & mande escumar o entendimento, que doutra maneira, De fuera dormiredes pastorzico. E o meu senhor diz assi.

Daualhe o vento no chapeiraõ
Quer dè, quer naõ.
Bem o pode reuoluer
Que o vento não tras mais fruito
E mais vento he sentir muito,
O que em fim, fim a de ter:
O melhor, he melhor ser,
Que o vento no chapeiraõ,
Quer lhe dè, quer naõ.

Hũa cousa sabei de mim, q̃ queria antes o bem do mal, que o mal do bẽ, porq̃ muito mais se sentio por vir, q̃ o passado. E a morte até matar, mata. Não sei se sereis

marca de voar tão alto? porque para tomar a palha a esta materia, saõ necessarias asas de nebri? Mas vos sois homem de prol, & desculpame a conta em que vos tenho. E á que de mim vos sei dar be.

Que esperança me despede,
Tristeza naõ me fallece,
E tudo o mais m'aborrece.
Ia que mais naõ mereceo
Minha estrella,
Sò a tristeza conheço,
Pois que para mim nasceo,
E eu para ella.

No mundo não tẽ boa sorte, senaõ quem tem por boa a q̃ tem. E daqui me vem cõtentarme de triste. Mas olhai de que maneira viuo assi ao reues, tomando por certa vida, certa morte, com que folgo em q̃ me pes, pois minha sorte he seruida, de tal sorte. Hũa cousa sabei, q̃ o mal inda que às vezes o vejais louuar, não ha quẽm o louue com a boca, que o não tache com o coração.

Ajudaime a sofrer,
Vida taõ sem sofrimento;
E taõ sem vida:
Ver que em fim, fim a de ter
Desgosto, & contentamento
Hũa medida.

Aten-

Atentai que não saõ maos confeitos de enforcado para os que estão com o baraço na garganta, cudar q̃ o bem, & o mal ainda que sejaõ differentes na vida, saõ conformes na morte: porque vemos que não ha tão alta sorte, nem ventura taõ subida, ou desestrada, a quem não asopre a morte, não sopre o fogo da vida. A seu fim todas as cousas vão correndo. Nem ha cousa a que o tẽpo naõ consumma, nem vida que de si tanto presuma, que se naõ veja nada, em se vendo, que o mais certo que temos, he nada termos certo, cá na terra, pois para seus naõ nascemos, se o seu nos dà incerto, nada erra. Quero uos dar conta de hum Soneto sem pernas, que se fez a hum certo recontro, que se teue com este destruidor de bõs propositos, & não se acabou, porque se teue por mal empregada a obra. Cujo teor he o seguinte.

Forçoume Amor hum dia que jugasse
Deu as cartas, & douros leuantou,
E sem respeitar mão, logo trunfou,
Cudando que o metal que m'enganasse.
Dizendu, pois trunfou, que triunfasse
A hũa cota douros que jugou;
Eu entaõ por burlar quem me burlou,
Tres paos juguei: & disse que ganhasse.

Principes de condiçaõ, ainda que o sejão de sangue,

faõ mais enfadonhos que a pobreza, fazem com sua fidalguia, com que lhe cauemos, fidalguias de seus auòs: onde naõ ha trigo tão jueirado, que não tenha algũa erzilhaca. Ia sabeis que basta hum frade roim, para dar que fallar a hũ conuento. Tres cousas naõ se sofrẽ sem discordia. Companhia, namorar, mandar villaõ roim sobre cousa de seu interesse. Não se pode ter paciẽcia com quem quer que lhe façaõ o que não faz. Desaguar decimentos de boas obras, destruem a vontade para naõ fazellas a amigo, que tem mais conta com o interesse, que com a amizade, rezai delle q̃ he dos cà nomeados. Grande trabalho he querer fazer alegre rosto, quãdo o coraçaõ està triste: pano he q̃ não toma nunca bẽ esta tinta, q̃ a lũa recebe a claridade do sol, & o rosto do coraçaõ. Nada dà quem naõ dà honra no q̃ dà. Naõ tem que aguardecer, quẽ no q̃ recebe a não recebe: porque bem comprado vai, o que com ella se cõpra. Nada se dà de graça, o que se pede muito. Està certo quẽ não tem hũa vida, tem muitas. Onde a razaõ se gouerna pella vontade, ha muito que praguejar, & pouco que louuar. Nenhũa cousa homezia os homẽs tanto consigo, como males de que se não guardaraõ, podendo. Não ha alma sem corpo, que tantos corpos faça sem almas, como este purgatorio, a que chamais honra, donde muitas vezes os homẽs cudaõ que à ganhaõ, ahi à perdem. Onde

de ha inueja, não ha amizade, nem a pode auer em desi gual conuersação. Bem merecco o engano, quem creo mais o que lhe dizem, q̃ o que vio. Agora ou se a de viuer no mundo sem verdade, ou com verdade sem mũdo. E para muito pontual perguntai lhe donde vem: vereis que algo tiene en el cuerpo que le duele. Hora temperaime la esta gaita, que nẽ assi, nem assi achareis meo real de descanso nesta vida; ella nos tratta somente como alheos de si, & com razão, pois somente nos he dada pora ganharmos nella, o que sabemos: se se gasta mal gastada, juntamẽte com perdela, nós perdemos. Em fim esta minha senhora, sendo a cousa porq̃ mais fazemos, he a mais fraca alfaya de que nos seruimos. E se que remos ver quão breue he, ponderemos, & vejamos, que ganhamos em viuer, os que nacemos: veremos que não ganhamos, senão algum bem fazer, se o fazemos. E por que respeitando, que o por vir tal será, enbesouremos, porque não sabemos, quando a morte nos pedirâ, que lhe paguemos. Nunca vi cousa mais para lembrar, & menos lembrada, que a morte; sendo mais aborrecida que a verdade, teni se em menos conta que a virtude. Mas com tudo com seu pensamento, quando lhe vem â vontade a carreta mil pensamentos vãos, que tudo para com ella he hum lume de palhas. Nenhũa cousa me enche tão as medidas, para com estes que viuem á mor

bo-

bonança como ella. Porque quando lhe menos lembra, então lhe arranca as amarras, dando com os corpos â costa, & se vem â mão com as almas no inferno, que he bem roim guasalhado.

E pois todos isto temos
Naõ nos engane a riqueza
Porque tanto esmorecemos
E tras que vamos,
Ia que temos por certeza
Que quando mais a queremos,
A deixamos.

Gastamos em alcançala
A vida, & quando queremos
Vsar della,
Nos tira a morte lograla
Assi que a Deos perdemos,
E a ella.

Porque ja ouuirieis dizer ninho feito, pega morta. Que me dizeis ao contentamento do mundo, que toda a dura delle està em quanto se alcança? porque acabado de passar, acabado de esquecer. E com razão, porque acabado de alcãçar he passado, & mayor saudade deixado que he o contentamento que dea. Esperai por me fazer m.q̃ lhe quero dar hũas palaurinhas de proposito.

Mun-

Mundo se te conhecemos
Porque tanto desejamos,
Teus enganos?
E se assi te queremos,
Muy sem causa nos queixamos,
De teus danos.

Tu não enganas ninguem
Pois a quem te desejar,
Vemos que danas,
Se te querem qual te vem;
Se te querem enganar,
Ninguem enganas.

Vejãose os bẽs que tiuerão
Os que mais em alcançarte
Se esmerarão,
Que hũs viuendo, não viueraõ
E outros sò com deixarte,
Descansarão.

Se esta tão clara fè
Te aclara teus enganos,
Desengana,
Sobejamente mal vè;

Quem

Quem com tantos desenganos
Se engana.

Mas como tu sempre mores
No engano em que andamos
E que vemos,
Naõ cremos o que tu podes,
Senaõ o que desejamos
E queremos.

Nada te pode estimar
Quem bem quiser conhecerte,
E estimarte,
Que em te perder, ou ganhar
O mais seguro ganharte
He perderte.

E quem emfim determina
Descanso poder achar
Saiba que erra;
Que sendo a alma diuina
Naõ a pode descansar
Nada da terra.

Nascemos pata morrer,

Morremos para ter vida
Em ti morrendo;
O mais certo he merecer
Nos a vida conhecida
Cá viuendo.

Em fim mundo, es eſtalagem
Em que pouſaõ noſſas vidas
De corrida;
De ti leuaõ de paſſajem
Ser bem, ou mal recebidas
Na outra vida.

A fueia a fuera Rodrigo, que eu ſe muito for por eſte caminho, darei em ẽnfadonho. Ainda que me parece ja me não liurarâ preuilegio de cidadão do Porto. E pois me vẽdo a vos ſofreime com meus encargos. E porque não digais que ſou hereje de Amor, & q̃ lhe não ſei oraçoes: vedes vay hũa, Di Iuan de q̃ murio Blas? com hũ pẽ à Portugueſa, & outro â Caſtelhana, & naõ vos eſpanteis da librè, que eu em qualquer palmo deſta materia perco o norte. E os ſupricantes dizem aſſi.

Di, Iuan, de que murio Blas,
Tan niño, y tan mal logrado?
Gil murio de deſamado.

Dime

Dime Iuan, quien le engaño
Que con amor ſe engañaſſe
Penſando que el bien hallaſſe,
Adonde el mal cierto hallò.
Deſpues que el engaño vio
Que hizo deſcngañado?
Gil morio de deſamado.

Trauou com elle pendença
Em ter razão confiado
Mas amor como he letrado,
Ouue contr'elle a ſentença:
E co aquella differença
Diſſe entre ſi o coitado,
Gil morreo de deſamado.

Quem tem razão tão cerrada
Que não ſaiba, ſendo rudo
E ſem teſpeito,
Que ſem Deos he tudo nada,
E nada com elle tudo
Sem defeito?

E ſendo iſto tão certo,
Como todo confeſſamos,

E sabemos,
Não demos pello incerto
O em que tão certo estamos
Pois o vemos.

A tudo isto podeis responder, q̃ todos morremos do mal de Phaetão, porq̃ del dicho al hecho, va gran trecho. E de saber as cousas, & passar por ellas, ha mais differença, q̃ de consolar a ser consolado: mas assi entrou o mũdo, & assi ha de sair; muitos a reprendelo, & poucos a emendalo. E com isso amaino, bejando essas poderosas maõs hũa quatrinqua de vezes, cuja vida & reverendissima pessoa, nosso Senhor, &c.

Zombaria que fez sobre algũs homẽs a que não sabia mal o vinho: fingindo, que em Goa nas festas que se fizeraõ a soceſſaõ de hum gouernador, sairão a jugar as canas estes certos galantes com diuisas nas bandeiras, & letras conformes suas tenções, & inclinações.

E hũ q̃. bebia excessiuamente tiroù por diuisa hũ Morcego, aue em q̃ foy conuertĩda Alcithoe cõ as irmãs, por desprezarẽ os sacrificios de Baco. E como aquelle q̃ se em tal erro caisse, nã q̃ria ser cõuertido em tã baixo animal, & tã nojoso, dizia a sua letra assi em Castelhano

Si

Si yo desobedeciere
A tu deidad santa y pura,
En almudes mi figura.

Algũs pragmentos quiserão dizer, que esta letra era malicioſa, & que não queria dizer tanto, que deſejar. eſte galante de ſer mudado em al, como deſejaua alma des deſte licor. Mas he muito grande falſidade, que ſendo a letra aſſi feita, a caſo acertou de ſair aquella palaura com q̃ molhaua as ſuas, quẽ tiraua a diuiſa. Do q̃ o inocente autor deſpois ficou para ſe enforcar. Mas outro galante que de fino bebedo ja paſſaua os limites do bom, & coſtumado beber, tirou por hũa diuiſa hũa palmeira aruore, que entre os antigos ſignificaua vitto ria, & ao pẽ della algũs ramos de vides, & de parreiras piſadas, & dizia a letra aſſi.

Ficai vencidas ſem gloria
Vos vides, & vos parreiras;
Porque os ramos das palmeiras,
Saõ os que tem a vittoria.

Tambem aqui não faltarão pragmentos, que quiserão dizer, o vinho q̃ eſte deuoto deixando ja atras de Portugal, cometia com valeroſo animo: Orracas, & Fullas, tẽdo em ponco Caparicas, & Seixais. Mas quem ha que fuja de mas lingoas? ou de mal coſtumadas gargantas? Outro galante a quem fazia mal ao eſtamago beber

o vinho aguado, tirou por diuisa hũa peça de chamalote sem aguoas, que lhe apresentaua Deos Bacco: & dizia a letra como por parte do mesmo Bacco.

Sem aguoas, senhor, leuayo
Se for bom,
Que las aguas de Moncayo
Frias son.

Aqui não tiuerão, praguentos, que dizer, por ser opinião de fisica, serem melhores os mantimentos simples, que compostos.

Outro que no beber lançaua a barra, inda mais alem que os acima escritos, tirou por diuisa hũa salmandria, passeando por cima de hũas brazas de fogo, & a letra dizia.

En el fuego biuo yo.

Mas o pintor errando as letras acertou de pôr. De fuego la beuo yo. Donde os praguentos quiserão adiuinhar, que este galante bebia Orraca de fogo. O demonio foy fazer tal erro, para delle sayr tamanho acerto. Outro deuoto, que desque estaua quente, dizia dos companheiros quaesquer que fossem, o que de cada hum sabia sem respeito: tirou por diuisa hum demoninhado, lançando os olhos em aluo, escumando, & apontando com o dedo para hum frasco de vinho, & dizia a letra.

Se fallar demaliado

Não mo tachem, porque em fim
Aquella alma falla em mim.

Sendo até qui introduzidos os religiosos de Bacco, pedirão dous doutra religião, que cambeos ouvissem jugar as canas, & que elles tirarião vaidiuisa, com que se tirasse a limpo sua abilidade. & sendo entrados ambos juntos por certa conformidade, que naa entre ambos, trouxerão pintados nas bandeiras, cada hum seu par de pombas. & dizia a letra.

Se como vós hahi par,
Vos o podereis julgar.

Certo que até qui chegou a malicia dos homẽs, porque tão sutilmente quiserão interpetrar a innocencia desta letra, que tomarão a derradeira sillaba da primeira regra, & ajuntaraõ na com a primeira da derradeira, que vem a dizer paruos, & disserão que juntos significauão isso aquelles dous inocentes. Mal pecado tão errada anda a maldade humana, que logo tem por paruos aos que sabem pouco.

Outro homẽ entrou tambem por aderencia nas canas, o qual dizem que tinha partes maravilhosas, porque era tão perfeito em suas cousas, que o seu comer auia de ser o melhor temperado, & mais suaue do mundo. E os seus vestidos erão sempre dos mais finos panos, & setins que se podessem descobrir. & esta per-

feição ate nos amores, & amizades se lhe estendia. Por que com os amigos sempre tinha sutilezas de conuersação, & com as amigas hum fingir, que queria o que não queria. E em fim ate no jugar vsaua daquellas manhas, todas as que para ganhar erão necessarias. E tinha mais hum reues da sortuna recebido, que se lhe estendia desde a ponta do nariz atẽ hũa orelha. Este senhor tirou por diuisa hũa camisa toda laurada de pontinhos, lauor antigo, & a letra dizia assi.

Pontos de honrado, & sesudo
Sempre na vida quis ter,
Apontado no viuer,
Apontado mais que tudo
Em meu vestir, & comer:
Pontos sutis no meu gosto,
Mais sutis no conuersar
Tanto me vim apontar,
Que apontado trago o rosto,
E as cartas para jugar.

Muitos outros homẽs illustres quiserão ser admitidos nestas festas, & cantas, & que se fizera memoria delles, conforme suas calidades, mas infinita escriptura fora, segũdo todos os homẽs da India são assinalados, & por isto estes bastem, para seruirem de amostra do que ha nos mais. FINIS.

TABOADA
SONETOS.

A Alma minha gentil que te partiſte. 5
Aquella triſte & leda madrugada. 7
Alegres campos, verdes arvoredos. 11
Amor coa ſperança ja perdida. 13
Apollo, & as nove Muſas diſcantando. 13
Apartavaſe Niſe de Montano. 14
Amor que o geſto humano n'alma eſcreve. 3
Amor he hum fogo que arde ſem ſe ver. 21
Aquella fera humana que enriquece. 19
A perfeição, a graça o doce geito. 23
Aquella que de pura caſtidade. 24
B Buſca amor novas artes, novo engenho. 4
Bem ſei amor que he certo o que receo. 20
C Clara minha enemiga em cuja mão. 6
Como fizeſte Porcia tal ferida. 16
Com grandes eſperanças ja cantei, 1
Como quando do mar tempeſtuoſo. 21
Converſação domeſtica affeiçoa. 22
D Doces lembranças da paſſada gloria. 5
De vos me aparto ô Nymphas em tal mudança. 6
Depois de tantos dias mal gaſtados. 14
De tão divino accento, & voz humana. 16
Debaixo deſta pedra eſtá metido. 16

Dai-

	Daime hũa ley senhora de querervos.	18
	Despois que quis amor que eu só passasse.	2
	Ditoso seja aquelle que somente.	19
	Dos illustres antigos que deixarão.	22
E	*Em quanto quis fortuna que tivesse.*	1
	Eu cantarei de amor tão docemente.	ibidem.
	Em flor vos arrancou de então crecida.	4
	Espanta crecer tanto o Crocodilo.	6
	Em fermosa Lethea se confia.	7
	Estase a Primauera trasladando.	8
	Estâ o lasciuo, & doce passarinho.	8
	Em prisoẽs baixas foy hum tempo atado.	2
	Esforço grande igual ao pensamento.	23
F	*Fermosos olhos que na idade nossa.*	10
	Fermosura do ceo a nos decida.	17
	Ferido sem ter cura perecia.	18
	Fiouse o coração de muito isento.	26
	Foi ja num tempo doce cousa amar.	22
G	*Gran tempo ha que soube da ventura.*	12
H	*Hum mouer d'olhos brando & piadoso.*	9
I	*Ia a saudosa aurora destoucaua.*	18
L	*Lindo & sutil trançado que ficaste.*	11
	Lembranças saudosas se cudais.	14
	Leda serenidade deleitosa.	20

M Males que contra mim vos conjuraſtes. 7
Mudaõſe os tempos mudaõſe as vontades. 15
N Num jardim adornado de verdura. 4
Num boſque que das Nymphas ſe habitaua. 6
Não paſſes caminhante, quem me chama. 10
Nayadas vos que os rios habitaes. 15
Na metade do ceo ſubido ardia. 18
No tempo que de amor viuer ſoya. 2
No mundo quis hum tempo que ſe achaſſe. 23
No mundo poucos annos, & canſados. 26
O Os Reynos, & os Imperios poderoſos. 6
O fogo que na branda cera ardia. 10 38
O ciſne quando ſente ſer chegada. 11
O como ſe me alonga de anno em anno. 13
O culto diuinal ſe celebraua. 20
Ondados fios de ouro reluzente. 22
Os veſtidos Eliſa reuoluia. 25
O quam caro me cuſta o entenderte. 25
O rayo criſtallino ſe eſtendia. 25
P Paſſo por meus trabalhos taõ iſento. 3
Pedeme o deſejo dama que vos veja. 8
Porque quereis ſenhora que offereça. 9
Pellos eſtremos raros que moſtrou. 12
Pois meus olhos não canſaõ de chorar. 17

Pensamentos que agora nouamente. 24
Q Quem ve senhora claro, & manifesto. 5
Quando da bella vista & doce riso. ibidem.
Quando o sol encuberto vay mostrando. 9
Quantas vezes do fuso se esquecia. 11
Quando vejo que meu destino ordena. 14
Quem jaz no grão sepulchro que descreue. 15
Quem pode liure ser gentil senhora. 16
Que vençais no Oriente tantos Reys. 17
Quando de minhas magoas a comprida. 19
Quem fosse acompanhado juntamente. 20
Que leuas cruel morte? hum claro dia. 21
Que poderei do mundo ja querer. 24
Que me quereis perpetuas saudades. 26
Quem quizer ver de amor hũa excellencia. 27
R Rezaõ be ja que minha confiança. 2
S. Se quando vos perdi minha esperança. 7
Sete annos de pastor Iacob seruia. 8
Se tanta pena tenho merecida, 9
Se algũa hora em vos a piedade. 12
Se as penas com que amor taõ mal me trata. 15
Soſpiros inflamados que cantais. 19
Se pena por amaruos se merece. 21
Se tomar minha pena em penitencia. 24

	Se despois de esperança tão perdida.	25
T	*Tanto de meu estado me acho incerto.*	3
	Transformase o amador na cousa amada.	3
	Todo animal da calma repousaua.	4
	Tomoume vossa vista soberana.	10
	Tomaua Deliana por vingança.	12
	Tempo he ja que minha confiança.	13
V	*Vossos olhos senhora que competem.*	17
	Verdade, amor, razão, merecimento.	26
	Vos que de olhos suaues, & serenos.	23
	Vos Nymphas da Gangetica espessura.	27

Canções.

A	*A instabilidade da fortuna.*	29
C	*Com força desusada.*	36
F	*Fermosa, & gentil dama quando vejo.*	27
I	*Ia a roxa manhã clara.*	31
	Iunto de hum seco fero, & esteril monte.	42
M	*Mandame amor que cante docemente.*	39
S	*Se este meu pensamento.*	34
T	*Tomey a triste pena.*	41
V	*Vão as serenas agoas.*	33
	Vinde cá meu tão certo secretario.	45

Sextina.

F	*Fogem e pouco a pouco a curta vida.*	68

Odes

TABOADA.

Odes.

A *A quem darão de pindo os moradores.* 61
Aquelle vnico exemplo. 63
Aquelle moço fero. 66
D *Detem hum pouco Musa o largo pranto.* 50
F *Fermosa fera humana.* 56
Fogem as neues frias. 64
N *Nunca manhã suaue.* 58
P *Pode hum desejo immenso.* 59
S *Se de meu pensamento.* 54
T *Taõ suaue, taõ fresca, & taõ fermosa.* 53

Elegias.

A *Aquella de amor descomedido.* 74
O *O Poeta Simonides falando.* 69
O Sulmonense Ouuidio desterrado. 76

Terceto.

Despois que Magalhaës teue tecida. 78

Capitulo.

A *Aquelle mouer de olhos excellente.* 81

Oitaua Rima.

C *Como nos vossos hombros tão constantes.* 87
M *Muy alto Rey, a quem os ceos em sorte.* 90
Q *Quem pode ser no mundo tão quieto.* 82

Eclo-

TABOADA.

Eclogas.

A *Ao longo do ſereno.* 102
A quem darei queixumes namorados. 128
A ruſtica contenda deſuſada. 135
As doces cantilenas que cantauão. 141
Arde por galathea branca, & loura. 152
C *Cantando por hum valle docemente.* 120
P *Paſſado ja algum tempo que os amores.* 114
Q *Que grande variedade vão fazendo,* 92

Taboada das Redondilhas, Motes, Spartſas, & Gloſas.

A *A morte pois que ſou voſſo.* 171
Amor que todos offende. 175
A dor que minha alma ſente. 176
Amores de hũa caſada. 177
Aquella cattiua. 185
Apartarãoſe os meus olhos. 178
Amor loco, amor loco. 180
Amor cuja prouidencia. 172
C *Conde cujo illuſtre peito.* 163
Campos bemauenturados. 169
Corre ſem vela, & ſem leme. 162
Com voſſos olhos Gonçalues. 181

Coyfa de Beyrame. 188
D Dama de eſtranho primor. 160
Da doença em que ardeis. 174
Deu ſenhora por ſentença. 174
De atormentado & perdido. 175
Deſcalça vay pola nene. 176
D'alma, & de quanto tiuer. 177
De pequena tomey amor. 178
De vueſtros ojos centellas. 179
De dentro tengo mi mal. 179
De que me ſerue fogir. 182
E Enforquey minha eſperança. 177
Eſſes alfinetes vão. 180
Eſte mundo es el camino. 166
Eſconjurote Domingas. 183
F Falſo caualeiro ingrato. 178
H Ha hum bem que chega, & foge. 182
I Ia não poſſo ſer contente. 171
Iuſta fue mi perdicion. 173
Irme quiero madre. 187
M Mas porem a que cudados. 168
Muito ſois meu enemigo. 164
Minha alma lembraiuos della. 172
Menina fermoſa, & crua. 173

	Menina dos olhos verdes.	186
	Menina não sey dizer.	181
	Menina fermosa.	190
N	*Não estejes agrauada.*	175
	Não sey se me engana Elena.	181
O	*Olhay que dura sentença.*	174
	Olhos não vos mereci.	182
	Os bõs vi sempre passar.	183
P	*Peçouos que me digaes.*	165
	Pus o coraçāo nos olhos.	177
	Pus meus olhos nũa funda.	177
	Para que me dão tormentos.	179
	Pois he mais vosso que meu.	180
	Pois me faz dano olharuos.	181
	Posśible es a mi cudado.	180
	Perguntaisme quem me mata.	183
	Pequenos contentamentos.	184
	Perdigão perdeo a pena.	184
	Pois a tantas perdições.	188
Q	*Querendo escreuer hum dia.*	158
	Quem no mundo quizer ser.	176
	Qual tera culpa de nos.	176
	Quem ora soubesse.	185
	Quando me quer enganar.	182

S Sobre os rios que não. 154
Soſpeitas que me quereis. 161
Se deriuais de verdade. 165
Se não quereis padecer. 162
Se voſſa dama vos dá. 168
Sem vos, & com meu cudado. 172
Sem ventura he por demais. 172
Senhora ſe eu alcançaſſe. 164
Senhora pois me chamais. 176
Se me leuaõ aguas. 186
Se de meu mal me contento. 179
Saudade minha. 187
Senhora pois minha vida. 180
Se n'alma, & no penſamento. 166
Sem ventura he por demais. 172
Se alma verſe não pode. 183
Se me deſta terra for. 184
Se Helena apartar. 189
T Tendeme mão nelle. 190
Trabalhos deſcanſarião. 170
Triſte vida ſe me ordena. 170
Tudo pode hũa affeição. 173
Trocay o cudado. 186
Todo es poco lo poſsible. 180

Veja n'alma pintada. 171
Ver, & mais guardar. 187
Vos senhora tudo tendes. 179
Vida da minha alma. 188
Vede bem se nos meus dias. 180
Vos teneis mi coraçon. 182
Vay o bem fugindo. *ibidem.*
Venceome amor não no nego. 183
Vosso bem querer senhora. 184
Verdes saõ os campos. 189
Verdes saõ as hortas. 189

FINIS.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA